

---

# OS DESAFIOS DA TEOLOGIA NOS DIAS ATUAIS

---

CARLOS ANDRÉ DOS SANTOS SILVA  
ORGANIZADOR

---

# OS DESAFIOS DA TEOLOGIA NOS DIAS ATUAIS

---

CARLOS ANDRÉ DOS SANTOS SILVA  
ORGANIZADOR



# **EDITORA ENTERPRISING**

**Direção** Nadiane Coutinho

**Gestão de Editoração** Antonio Rangel Neto

**Gestão de Sistemas** João Rangel Costa

**Conselho Editorial**

- Antonio Augusto Teixeira Da Costa, Phd – Ulht – Pt
- Eraldo Pereira Madeiro, Dr – Unitins – Br
- Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello, Dra. UFSM;
- Luama Socio, Dra. - Unitins - Br
- Ismael Fenner, Dr. - Fics – Py
- Francisco Horácio da Silva Frota, Dr. UECE;
- Tânia Regina Martins Machado, Dra. - Unitins – Br;
- Agnaldo de Sousa Barbosa, Dr. UNESP.

Copyright © 2024 da edição brasileira.

by Editora Enterprising.

Copyright © 2024 do texto.

by Autores.

Todos os direitos reservados.



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade do(s) autor(es). Obra sob o selo Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

<b>Diagramação</b>	João Rangel Costa
<b>Design da capa</b>	Nadiane Coutinho
<b>Revisão de texto</b>	Os autores



**EDITORA ENTERPRISING**

[www.editoraenterprising.net](http://www.editoraenterprising.net)

E-mail: [contacto@editoraenterprising.net](mailto:contacto@editoraenterprising.net)

Tel. : +55 61 98229-0750

CNPJ: 40.035.746/0001-55

**CARLOS ANDRÉ DOS SANTOS SILVA  
(ORGANIZADOR)**

# **Os desafios da Teologia nos dias atuais**

**Volume 1**



**Brasília - DF**

---

S586d

Os Desafios da Teologia nos dias Atuais Volume 1 / Carlos André dos Santos Silva (Organizador) - Brasília: Editora Enterprising, 2024.

(Os Desafios da Teologia nos dias Atuais. Volume 1)

Livro em PDF

142p., il.

ISBN: 978-65-84546-80-6

DOI: 10.29327/5424767

1. Teologia Contemporânea. 2. Desafios Teológicos. 3. Reflexão Crítica. 4. Prática Ministerial. I. Silva, Carlos André dos Santos. II. Título.

CDD: 260

---

*Acreditamos que o conhecimento é a grande estratégia de inclusão e integração, e a escrita é a grande ferramenta do conhecimento, pois ela não apenas permanece, ela floresce e frutifica.*

Equipe Editora Enterprising.

# Sumário

APRESENTAÇÃO	→	07
	<i>Carlos André dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 1:	<b>A ESSÊNCIA DE UM AUTÊNTICO AVIVAMENTO</b>	08
	<i>Sandra Mara Rodrigues Carneiro da Silva</i>	
CAPÍTULO 2:	<b>SETAD - MACAPÁ: CAPACITANDO OBREIROS PARA A SEARA</b>	26
	<i>Mara Rubia Moraes Teixeira</i> <i>Maria Rosa Moraes Teixeira</i>	
CAPÍTULO 3:	<b>IGREJA E FAMÍLIA: UMA ESTREITA RELAÇÃO COM OS PROJETOS DE DEUS PARA A HUMANIDADE</b>	49
	<i>Rodrigo Lima Júnior</i>	
CAPÍTULO 4:	<b>O ENSINO TEOLÓGICO DO SEMINÁRIO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DE MACAPÁ E O DESAFIO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA</b>	62
	<i>Weverton Gleison Mendes Costa</i>	
CAPÍTULO 5:	<b>MINISTÉRIO COM CRIANÇAS: REFLEXÕES MISSIOLÓGICAS</b>	81
	<i>Waldirene dos Santos Cancela Bruce</i>	
CAPÍTULO 6:	<b>EVANGELHO DE JOÃO: UMA ABORDAGEM PARACLETOLÓGICA</b>	100
	<i>Kleyzer Coughlan de Alencar Bruce</i>	
CAPÍTULO 7:	<b>EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DO DILÚVIO BÍBLICO UM TESTEMUNHO PLANETÁRIO</b>	121
	<i>Waldir Marques Gibson</i>	
CAPÍTULO 8:	<b>PASTORAL E RELACIONAMENTO FAMILIAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS</b>	145
	<i>Jardel França</i>	
CAPÍTULO 9:	<b>INTEGRAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS NOVOS CONVERTIDOS NO NOVO TESTAMENTO</b>	159
	<i>Weld Nunes dos Santos</i>	
CAPÍTULO 10:	<b>A GLOSSOLALIA NO CONTEXTO DO PENTECOSTES: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA E HISTÓRICA</b>	178
	<i>Irenilda Monção de Oliveira Lima</i>	

# Apresentação

É com grande alegria que apresentamos o primeiro volume do e-book "**Os desafios da Teologia nos dias atuais**", fruto do trabalho dedicado dos autores do **Seminário Teológico Assembleia de Deus — SETAD**. Esta coletânea de pesquisas foi concebida com a intenção de oferecer uma análise abrangente sobre os principais desafios enfrentados pela teologia no contexto contemporâneo. **A obra reúne contribuições valiosas de ex-alunos, pastores e professores da área, cada um trazendo uma perspectiva única e enriquecedora.**

O e-book é destinado a um público diversificado, como estudantes de teologia, pastores, professores, membros da igreja e a comunidade em geral. **O nosso objetivo é refletir sobre as questões teológicas atuais e incentivar um diálogo produtivo.** Consideramos que a compreensão dos desafios contemporâneos pode contribuir para a prática e o estudo da teologia, fornecendo novas ferramentas e abordagens para lidar com as complexidades.

Cada capítulo deste e-book **visa analisar um aspecto específico dos desafios teológicos, que abrange desde questões acadêmicas até práticas ministeriais.** Os autores, por meio de sua experiência e conhecimento, oferecem visões valiosas que não apenas iluminam os desafios enfrentados, mas também sugerem caminhos possíveis para superá-los. **A variedade de abordagens apresentadas enriquece o debate e proporciona uma compreensão mais ampla das questões em discussão.**

Agradecemos a todos os colaboradores, incluindo a **direção do SETAD** (Pr. Rodrigo e Pra. Irene Lima), os pastores, professores e os ex-alunos que depositaram a sua confiança neste projeto de **EXPANSÃO TEOLÓGICA VOLUME 1**. Cremos que "**Os desafios da Teologia nos dias atuais**" contribuirá para uma compreensão e prática mais eficientes da teologia, apoiando, dessa forma, **a missão de transformar vidas através da Palavra de Deus.**

**"Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; [...]"**. (Romanos 1.16)

Em breve, lançaremos um segundo volume. Apresente a sua pesquisa teológica para todos os que amam a Palavra de Deus.

**Que Deus nos abençoe!**

**Pr. Prof. Carlos André dos Santos Silva.**



# *Capítulo 1*

---

## **A ESSÊNCIA DE UM AUTÊNTICO AVIVAMENTO**

Sandra Mara Rodrigues Carneiro da Silva



## A ESSÊNCIA DE UM AUTÊNTICO AVIVAMENTO

*Sandra Mara Rodrigues Carneiro da Silva<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este trabalho procura entender o que é o autêntico avivamento do ponto de vista bíblico. Assim, é necessário analisarmos a sua essência e qual o real significado na vida de um cristão. Entender que o avivamento pressupõe o conhecimento das diretrizes bíblicas e que devem ser levadas em conta pelo cristão com autoridade e diretrizes das Escrituras Sagradas. Assim, o avivamento promove uma transformação autêntica e eficaz na vida do cristão, tornando-o uma pessoa melhor. É a partir da necessidade de se conhecer a essência do autêntico avivamento no evangelho cristão que se buscará desmitificá-lo e, nesse sentido, deve-se buscá-lo de forma constante e comprometida para gerar uma renovação espiritual na vida da pessoa. Esse trabalho busca analisar a essência de um verdadeiro avivamento, suas características e a essência, definindo-o do ponto de vista cristão para contribuir de forma decisiva com a transformação da vida espiritual.

**Palavras-chave:** avivamento, essência, cristão, escrituras sagradas.

### ABSTRAT

This work seeks to understand what authentic revival is from a biblical point of view. Thus, it is necessary to analyze its essence and what is the real meaning in the life of a Christian. Understand that revival presupposes knowledge of biblical guidelines and that they must be taken into account by the Christian with authority and guidelines from the Holy Scriptures. Thus, revival promotes an authentic and effective transformation in the Christian's life, making him a better person. It is from the need to know the essence of authentic revival in the Christian gospel that one will seek to demystify it and, in this sense, it must be sought in a constant and committed way to generate a spiritual renewal in the person's life. This work seeks to analyze the essence of a true revival, its characteristics and essence, defining it from a Christian point of view to contribute decisively to the transformation of the spiritual life.

**Keywords:** revival, essence, christian, holy scriptures.

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho procura entender o que é um autêntico avivamento. Avivamento tem sido usado para designar cruzadas de evangelização, campanhas de santidade, reuniões onde se realizam curas e expulsões de demônios, ou pregações fervorosas. Para muitos, avivamento é sinônimo de louvor, dançar no Espírito, ministração de louvor, show gospel. Alguns pensam em horas de oração, muito barulho, milagres e movimentos. Tudo isso pode até fazer parte do avivamento, mas um autêntico

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário da Assembleia de Deus – SETAD. E-mail: carneirosandramarasilva@gmail.com

avivamento vai além das palavras, emoções e momentos específicos. Para responder o que é um avivamento genuíno é necessário analisarmos qual a essência, o que o caracteriza e qual o seu real efeito na vida do cristão.

Uma pessoa que foi avivada pelo Espírito de Deus vivencia uma mudança no seu caráter, no comportamento e tem um coração quebrantado que almeja está com Deus não por suas bênçãos, mas porque sente necessidade de viver de acordo com a escrituras bíblicas. Isto é um dos verdadeiros frutos do avivamento. Esse anseio se concretiza na oração, na comunhão, no amor, nas práticas sociais, no estudo da palavra e nas ações evangelísticas da Igreja. Por isso é indispensável e essencial na vida de qualquer cristão.

O avivamento é o ato de avivar, isso significa que tem como objetivo tornar mais ativo, despertado e vivo. De modo geral, quando a palavra é usada no contexto religioso dá ideia de renovação espiritual.

Às vezes, a visão do que é o avivamento é distorcida. Logo, não é autêntico o avivamento que não tenha nascido como resultado da autoridade das diretrizes das Escrituras Sagradas, que não promova uma transformação autêntica e eficaz na vida da pessoa. É a partir da necessidade de se conhecer a essência do autêntico avivamento no evangelho cristão que se buscará desmitificá-lo.

Por essa razão é necessário analisar qual o fundamento do autêntico avivamento e entender que ele é essencial na vida do crente, renovando a sua vida espiritual. Por isso, deve-se buscá-lo de forma constante, comprometida para que se tenha renovação espiritual e transformação eficaz em sua vida.

O trabalho tem como objetivo analisar as características e a essência de um autêntico avivamento cristão. Para tanto, busca-se defini-lo do ponto de vista cristão, identificar suas características e qual a contribuição para a transformação espiritual de forma mais efetiva, possibilitando ao leitor um relacionamento mais íntimo, vivo, pessoal, e de maior comunhão com Deus.

## 2. AVIVAMENTO

### 2.1. Conceito

Para o entendimento correto sobre o assunto em estudo é preciso conhecer os termos conceituais que a literatura utiliza quando trata do tema. Dessa forma, adquire-se melhor resultados na compreensão acerca do autêntico avivamento.

Segundo Roberts, em seu livreto *Avivamento e seus Frutos*, referindo-se ao avivamento de 1762, no País de Gales, assim o define:

Avivamento, por definição, é o próprio princípio de vida da igreja. O poder que produz a vida é o próprio princípio de sua vida. O poder que traz à vida é o poder que sustém a vida. A igreja como um corpo de crentes permanece numa contínua necessidade do vivificante Espírito de Deus. (ROBERTS, 2012, p.3).

É importante atentarmos para esse conceito porque vivemos um período de frieza espiritual que tem levado a igreja à esterilidade espiritual e, conseqüentemente, o evangelho não tem tido nenhum sucesso eminente por falta do conhecimento do autêntico avivamento. As conversões têm sido raras e muitas vezes duvidosas. Por isso, os corações dos cristãos já não estão tão cheios de vida, levando-se ao fracasso as conversões e refletindo-se de forma negativa no estado da Igreja na terra atualmente.

Portanto, o cristão deixou de avivar-se com um princípio de vida e da própria Igreja, como definiu o ator acima citado.

Para Pereira<sup>2</sup>, citando Lloyd-Jones “Do Temor à Fé” esclarece que:

O verbo hebraico *hyh* (avivar) tem o significado primário de "preservar" ou "manter vivo". Porém, "avivar" não significa somente preservar ou manter vivo, mas também purificar, corrigir e livrar do mal. Esta é uma conseqüência natural toda vez que Deus aviva. Na história de cada avivamento, dentro ou fora da Bíblia, lemos que Deus purifica, livra do mal e do pecado, tira a escória e as coisas que estavam impedindo o progresso da causa. O verbo "avivar", em suas várias formas, é usado mais de 250 vezes no Antigo Testamento, das quais 55 vezes estão em um grau chamado “piel”, um verbo na forma do piel expressa uma ação ativa intensiva no hebraico. Neste sentido, o avivamento é sempre indicado como uma obra ativa e intensiva de Deus.

Avivamento é um o ato de se avivar, isto é, de se tornar mais vivo, mais ativo, mais intenso, despertado e nítido. É um termo bastante usado no âmbito religioso para se referir ao período de renovação espiritual. O avivamento espiritual consiste no reforço da fé em Deus pelos cristãos. De acordo com o cristianismo, o avivamento seria uma bênção concedida às pessoas que creem fervorosamente no Divino Espírito Santo. Desta forma, o ato de se avivar despertaria uma intensa felicidade e paz interior.

Ainda segundo Pereira<sup>3</sup>:

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Josivaldo de França. “O Padrão Bíblico de Avivamento”, disponível em [http://www.monergismo.com/textos/avivamento/avivamento\\_padrao.htm](http://www.monergismo.com/textos/avivamento/avivamento_padrao.htm). Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>3</sup> PEREIRA, Josivaldo de França. **O Padrão Bíblico de Avivamento**, disponível em [http://www.monergismo.com/textos/avivamento/avivamento\\_padrao.htm](http://www.monergismo.com/textos/avivamento/avivamento_padrao.htm). Acesso em 12 de nov. 2021

Encontramos no Novo Testamento grego um conjunto de palavras que expressam o conceito básico de avivamento. São elas: 'egeíro', 'anastáso', 'anázoē' e 'anakaínoo'. Outras palavras gregas comparam o avivamento ao reacender de uma chama que se apaga aos poucos (cf. anazopyréo em 2ª Tm.1.6) ou uma planta que lança novos brotos e "floresce novamente" (cf. anaphálo em Fp.4.10).

No Novo Testamento grego as palavras supracitadas aparecem, no contexto de avivamento, apenas sete vezes, embora a ideia básica de avivamento seja sugerida com mais frequência. Uma possível explicação para o uso escasso dos termos, em comparação ao Antigo Testamento, é que o Novo Testamento cobre apenas uma geração durante a qual a igreja cristã desfrutou, na maior parte do tempo, um grau incomum de vida espiritual.

Avivamento é algo que acontece exclusivamente no meio do povo de Deus quando Espírito Santo renova, reaviva e desperta a igreja sonolenta. É a revitalização onde já existe vida. Ou, como disse Robert Coleman<sup>4</sup>, é "o retorno de algo à sua verdadeira natureza e propósito".

Segundo a obra de Jonathan Edwards (1703-1758), em sua clássica obra *A Treatise Concerning Religious Affections (Tratado sobre Afeições Religiosas)*, o autor nos fala sobre a atuação do Espírito Santo, dando grande atenção à experiência pessoal<sup>5</sup>. O anseio de Edwards em diferenciar a experiência religiosa verdadeira da falsa resultou de sua preocupação pastoral no contexto do avivamento. Ele pregou uma série de sermões sobre 1ª Pedro 1.8 tratando do assunto, em 1742-1743. O *Tratado* resultou da revisão do texto desses sermões para publicação em 1746.

Nessa obra, Edwards argumentou que o cristianismo verdadeiro não se evidencia pela quantidade ou intensidade das emoções religiosas, mas por um coração transformado que ama a Deus e busca o seu prazer. Ele faz uma análise rigorosa das diferenças entre a religiosidade carnal e a verdadeira espiritualidade, que toca o coração com a visão da excelência de Deus e liberta o homem do egocentrismo. Edwards lutou em duas frentes: contra os adversários do avivamento e contra os extremistas; contra o perigo de extinguir o Espírito e contra o perigo de deixar-se levar pela carne e ser iludido por Satanás.

Este artigo entende que o avivamento é um ato de avivar-se, torna-se mais vivo, mais intenso, despertado e nítido. No âmbito religioso, o avivamento consiste em uma renovação e transformação espiritual onde há o reforço da fé em Deus pelos cristãos. Todavia, o verdadeiro avivamento só ocorre quando é seguido as diretrizes da Bíblia Sagrada, utilizando-se o estudo da palavra, a oração e o arrependimento para alcançá-lo. Por esses motivos, o avivamento seria uma bênção concedida às pessoas que creem fervorosamente no Divino Espírito Santo, despertando uma

---

<sup>4</sup> ROBERT, Coleman, a chegada do avivamento mundial (São Paulo: CPAD, 1996), p. 18.

<sup>5</sup> Jonathan Edwards. **A Genuína Experiência Espiritual**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993, 116pp

intensa felicidade e paz interior.

### 3. O QUE NÃO REPRESENTA UM AUTÊNTICO AVIVAMENTO

Antes de iniciar o que se entende por um autêntico avivamento, é preciso saber que não o representa. São aqueles movimentos ou ação que não tenha diretrizes baseadas nas Escrituras Sagradas e que não busquem a constante renovação espiritual ou o amor de Deus.

Um autêntico avivamento do Espírito produzirá alguns efeitos que atestam a veracidade dessa experiência espiritual. Ao analisar os avivamentos bíblicos e históricos, "saltam aos nossos olhos" uma gama de resultados práticos desse movimento espiritual.

Jonathan Edwards, norte americano que viveu no século XVIII é um dos maiores estudiosos do avivamento. Ele contribuiu sobre vários aspectos para entender o que seria o verdadeiro avivamento cristão. A respeito do tema escreveu que<sup>6</sup>:

Nenhum avivamento ou experiência religiosa é genuína se não realçar esse Deus sublime em sua soberania, graça e amor. O critério principal é este: se quem está no centro das atenções é Deus ou o ser humano. Para que Deus esteja no centro é necessário, em primeiro lugar, que haja nos corações um profundo senso de incapacidade, de dependência de Deus, e de convicção da nossa pecaminosidade. Além disso, é preciso que haja a consciência de que toda genuína experiência religiosa é fruto da atuação do Espírito de Deus, que transforma e santifica os pecadores, capacitando-os a amar e honrar a Deus em suas vidas. Portanto, todas as teorias de salvação que dão ênfase às obras humanas ou à capacidade humana só desmerecem a grandeza do amor de Deus revelado a nós em Cristo Jesus e tornado real em nossos corações somente pela iluminação do Espírito Santo.

Edwards advertiu contra dois grandes erros no avivamento<sup>7</sup>. O primeiro o erro é o emocionalismo: os avivalistas podem simplesmente excitar as emoções das pessoas e produzir falsas conversões. Emoções intensas não são evidências clara acerca de uma experiência religiosa. Edwards, no seu grande tratado sobre as Afeições Religiosas, delineou cuidadosamente testes bíblicos quanto a uma experiência religiosa genuína; eles incluíam uma ênfase na obra graciosa de Deus, doutrinas consistentes com a revelação bíblica, e uma vida marcada pelos frutos do Espírito.

O segundo erro é dar ênfase não a Deus, mas a respostas humanas, algo muito comum hoje com toda a celebração do eu, das experiências pessoais e dos testemunhos de autopromoção.

<sup>6</sup> Avivamento nos dias de Jonathan Edwards: Relevância atual. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/movimento-reformado-calvinismo/jonathan-edwards/avivamento-nos-dias-de-jonathan-edwards-relevancia-atual/>, Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>7</sup> D.M. Lloyd-Jones, Jonathan Edwards e a Crucial Importância de Avivamento, PES, p. 12-18.

Edwards afirma que a essência da verdadeira espiritualidade é ser dominado pela visão da beleza de Deus, é ser atraído para a glória das suas perfeições, é sentir o seu amor irresistível na pessoa do Espírito Santo.

Edwards acreditava na importância e necessidade do avivamento. Ele viu o grande despertamento como uma obra do Espírito de Deus, revitalizando e capacitando a igreja para a sua missão no mundo. Não obstante, ele estava consciente de desvios, excessos e manifestações que produziam excentricidades, descontrole emocional, ostentação e escândalos. Porém, ele entendia que tais problemas não invalidavam os aspectos positivos do avivamento e, mais ainda, que alguns dos “fenômenos” ou “manifestações”, ainda que inusitados, eram admissíveis diante das experiências profundas da graça de Deus que muitas pessoas estavam sentindo.

Pereira<sup>8</sup>, citando Hernandes Dias Lopes, no livro “Avivamento Urgente”, apresenta sete razões daquilo que não é o avivamento autêntico, a saber: 1) o avivamento não é programa agendado pela igreja; 2) o avivamento não é mudança doutrinária; 3) o avivamento não é mudança litúrgica; 4) o avivamento não é uma ênfase carismática unilateral; 5) o avivamento não é modismo; 6) o avivamento não é uma visão dicotomizada da vida e; 7) o avivamento não é uma campanha de evangelização.

Em vista do curto espaço para abordar todos os tópicos delineados por Lopes<sup>9</sup>, acerca daquilo que não é o avivamento, abordaremos apenas as três primeiras razões apresentadas pelo autor, usando-o de seus ensinamentos para abordar o tema.

### 3.1. Avivamento não é programa agendado pela igreja

Lopes entende que:

avivamento não é ação da igreja, mas de Deus. Avivamento é obra soberana e livre do Espírito Santo. A igreja não promove e nem faz avivamento. A igreja não é agente de avivamento. A igreja não agenda e nem programa avivamento. A igreja só pode buscar o avivamento e preparar o caminho da sua chegada. (LOPES, 2014, p. 27.)

Logo a avivamento não é uma ação da Igreja, mas obra de Deus, do Espírito Santos. Por outro lado, a Igreja pode preparar o caminho para a chegada do avivamento, mas não é um programa que a ser seguido.

---

<sup>8</sup> PEREIRA, Josivaldo de França. “O Padrão Bíblico de Avivamento”, disponível em [http://www.monergismo.com/textos/avivamento/avivamento\\_padrao.htm](http://www.monergismo.com/textos/avivamento/avivamento_padrao.htm). Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>9</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Avivamento Urgente**. Editora Betânia: Belo Horizonte. 2014, pp. 27-34.

### 3.2. Avivamento não é Mudança Doutrinária

Lopes também esclarece que o avivamento não requer uma mudança doutrinária, pois “incorrem em erro aqueles que, na busca do avivamento, descartam a teologia e desprezam a doutrina. Desprezar a doutrina é dinamitar os alicerces da vida cristã; é querer levantar um edifício sem lançar o fundamento” (LOPES, 2014, p. 28.).

Assim, a busca pelo avivamento exige que seja respeitado à doutrina, à teologia cristã para que seja evitado o misticismo ou experiencialismo personalista e antropocentrismo. Daí o porquê o avivamento deve ser pautado nas palavras cristãs, tendo como fundamentos Deus a fim de se evitar o emocionalismo subjetivista, norteado pela bíblia sagrada, evitando-se as relações subjetivistas advindas da carne.

### 3.3. Avivamento Não é Mudança Litúrgica

Considerando os ensinamentos de Lopes acerca daquilo que não é o autêntico avivamento, o autor afirma que o avivamento não se trata de uma mudança na liturgia como por exemplo a forma de culto animado, com coreografia e instrumentos. Embora entenda que o avivamento não é mudança de liturgia, ele traz transformações na liturgia ritualística, incorporando novas formas litúrgicas. Nas palavras do autor:

À luz destas coisas, é preciso dizer que avivamento não é mudança litúrgica, é mudança de vida. Avivamento não é histeria carnal, é choro pelo pecado. Deus não procura adoração. Ele procura adoradores.

Embora o avivamento não seja mudança de liturgia, todo avivamento interfere na liturgia - desinstala a liturgia ritualista, cerimonialista, formalista, fria e morta, e põe em seu lugar uma liturgia viva, alegre, ungida, onde há liberdade do Espírito, sem abandonar a ordem e a decência.

Em épocas de avivamento, a liturgia é desingessada e o povo com alegria e liberdade do Espírito adora a Deus, em espírito e em verdade, sem regras rígidas preestabelecidas. Cada culto é um acontecimento singular, novo, onde há abertura para o que Deus deseja falar e fazer com o seu povo. (LOPES, 2014, pp. 30-31.)

Portanto, o avivamento não representa mudança na liturgia da Igreja, mas reflete na forma de adoração. Isso porque são incorporados novos elementos na forma como são feitos o louvor, principalmente para se adaptar às novas realidades presentes na sociedade. Por isso, o autor fala que a liturgia é desingessada, sem regras rígidas preestabelecidas, mas sem esquecer que o avivamento deve seguir os preceitos das escrituras sagradas e louvor não é encenação, sendo que o principal destinatário é Deus.

#### 4. FUNDAMENTOS DO AUTÊNTICO AVIVAMENTO

Para Santos, a palavra “avivamento” surge no século XVII e firma-se no século seguinte quando se passou a associá-la a palavra à religião. Para o autor, “aqueles que o endossavam entendiam claramente que a doutrina era amplamente encontrada nas Escrituras e na história da Igreja. Por ‘avivamento’ pensava-se num ‘derramar incomum do Espírito Santo’<sup>10</sup>.

Vários períodos da história da Igreja foram marcados por grande despertar espiritual, mas no início do século XIX algo novo começava a ser notado. As manifestações emocionais e as expressões corporais ganharam uma nova dimensão. Passavam a ser não apenas sinais secundários ou adereços presentes, mas se tornavam praticamente a “essência” do avivamento.

O avivamento passou a ser um movimento terreno, uma programação da igreja, algo planejado e executado pelos homens. Nessa esfera de engano, as almas são manipuladas, porque não possuem uma percepção real do que é um autêntico avivamento<sup>11</sup>.

Como já foi explanado em outro momento neste artigo. É equívoca a ideia de que o avivamento é uma programação da Igreja, disso resulta a manipulação de almas, o engano, desvirtuando-se o real significado do avivamento.

Avivamento em sua essência está firmado em três fatores indispensáveis: estudo da Bíblia, oração e arrependimento:

Não podemos, porém, separar esses três pontos. Palavra sem oração pode resultar em intelectualismo e heresia. Oração sem arrependimento do pecado não produz nenhum efeito. E arrependimento, sem um confronto com a Palavra de Deus, é impossível, pois é a Bíblia que nos mostra nossas falhas, enquanto o Espírito Santo nos convence<sup>12</sup>.

Assim, pode-se dizer que o avivamento está assentado em três fundamentos: a Bíblia, a oração e o arrependimento. Eles são inseparáveis e buscam o resgate da renovação espiritual que estão abandonadas.

##### 4.1. O Avivamento e a Bíblia

Um dos fundamentos para o avivamento é a bíblia sagrada. No dicionário, não é à toa que a

---

<sup>10</sup> SANTOS, Gilson. Avivamento – As Perspectivas de Jonathan Edwards e Charles Finney. Disponível em <https://ministeriofiel.com.br/artigos/avivamento-as-perspectivas-de-jonathan-edwards-e-charles-finney/>, Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>11</sup> SANTOS, Gilson. Avivamento – As Perspectivas de Jonathan Edwards e Charles Finney. Disponível em <https://ministeriofiel.com.br/artigos/avivamento-as-perspectivas-de-jonathan-edwards-e-charles-finney/>, Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>12</sup> ANDRADE, Anísio Renato de. Três fatores para o avivamento. Disponível em <https://www.efatah.com/estudos-mensagens/tres-fatores-para-o-avivamento.html>, Acesso em 12 de nov. 2021.

origem da palavra avivamento vem da ação ou efeito de avivar ou avivar-se, torna-se mais vivo, que vem de vivo, que vem do Latim vivus, “vivo, rápido”<sup>13</sup>.

No dicionário bíblico a ideia é remetida à manifestação poderosa e visíveis de Deus, agindo de maneira grandiosa por meio do Espírito Santos. Porém, a ideia de avivamento pode acontecer de maneira diversa, ou seja, quando o despertamento ocorre dentro de uma só pessoa:

Avivamento significa em primeiro lugar que os crentes mornos, cansados, despertem para uma nova vida espiritual e entrem outra vez em contato com “rios de água viva”. Ou expressando-o com uma passagem bíblica: “... a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3.3). Esse é quase sempre o início de um avivamento. Mas nós pensamos sempre em acontecimentos espetaculares quando falamos em rios de água viva e em despertamento. Entretanto, o acontecimento maior e mais espetacular é quando filhos de Deus que estavam mornos e cansados espiritualmente se tornam outra vez ardorosos pelo Senhor; quando em suas vidas começam a jorrar outra vez os “rios de água viva”<sup>14</sup>.

Disso resulta que a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática. Somente ela pode dar a direção certa deste assunto. A relação entre a Bíblia e o avivamento é tão intrínseca, que é impossível haver um avivamento autêntico sem que a Bíblia faça parte dele. A autoridade da Palavra de Deus passa a ser algo extremamente forte. Não existe espiritualidade verdadeira sem a Bíblia.

Observando os avivamentos ocorridos na Bíblia e na história da igreja, notamos que os objetos do avivamento eram sempre persuadidos com e para a Bíblia. Avivamento onde a Bíblia não está presente não passa de um mero emocionalismo.

Qualquer verdadeiro avivamento tem como característica o retorno sincero à palavra de Deus. Todo avivamento autêntico está centrado em Cristo e em sua Palavra; “e perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor, e muitos prodígios e sinais eram feitos pelos apóstolos”<sup>15</sup> (At.2: 42, 43).

Para o Dr. Héber de Campos, o avivamento Bíblico, "é produto da obra do Espírito Santo na igreja, certamente tem sua ênfase naquilo que tem sido esquecido por muito tempo: a Palavra de Deus. A autoridade da Palavra de Deus passa ser algo extremamente forte num momento genuíno de reavivamento. A Bíblia passa novamente a ser honrada como a única Palavra inspirada de

<sup>13</sup> Avivamento, disponível em <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/avivamento-2/Um>, Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>14</sup> Dicionário Bíblico: Avivamento. Disponível em: <https://biblia.com.br/dicionario-biblico/>. Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>15</sup> BÍBLIA, Português. Bíblia de Estudo Pentecostal. CPAD. Revista e Corrigida. Edição 1995, p. 1634.

Deus”<sup>16</sup>.

Dessa forma, percebe-se que a Bíblia é a fonte do avivamento. É por meio dela que o cristão em comunhão com Deus buscar reavivar-se. Sabendo que toda fonte de inspiração vem da palavra que é resgatada.

#### 4.2. O Avivamento e a Oração

Santos entende que o avivamento é um ato da soberania divina, não obstante ser obra graciosa e soberana de Deus, o avivamento sempre vem através da oração. Oração intensa e persistente. A correta compreensão da doutrina da soberania de Deus não implica em passividade da parte do povo de Deus<sup>17</sup>.

Quando Deus tem algo muito grande para realizar em favor da sua igreja, a vontade dele é que isso seja precedido pelas orações extraordinárias do seu povo. Assim ora o salmista: “Vivifica-me, SENHOR, por amor do teu nome; por amor da tua justiça, tira da tribulação a minha alma”<sup>18</sup>. Sem oração não há avivamento, é a comunhão com Deus que desencadeia todo o processo de renovação espiritual.

O importante papel no reavivamento ocorrido ao tempo de Josias foi à oração e a redescoberta da palavra.

- a) o valor da oração. Importante papel no reavivamento ocorrido ao tempo de Josias foi a oração. Ainda jovem, ele começou a buscar ao Senhor, 2Cr 34:3. Consciente da idolatria existente em seu país, lutou contra esse pecado e destruiu todos os altares, v. 7
- b) A redescoberta da Palavra. Além da oração, a descoberta do Livro da Lei foi fundamental para implementação das reformas, 2 Cr 34:14-18. Ao ouvir a leitura da palavra do Senhor, o rei humilhou-se diante de Deus, v.19. Depois, reuniu todo o povo e leu diante da multidão a Lei do Senhor, v. 30. Isso trouxe grande avivamento espiritual<sup>19</sup>.

Disso resulta que a oração é essencial ao avivamento. Sem oração não há como se ter uma renovação espiritual em comunhão com Deus. Daí porque a oração está essencialmente ligada à palavra, à Bíblia Sagrada. A vida de oração da Igreja é o termômetro de sua espiritualidade.

---

<sup>16</sup> HÉBER C. Campos, CRESCIMENTO DA IGREJA: COM REFORMA OU COM REAVIVAMENTO? In Fides Reformata,

Vol I, Nº 1 (São Paulo: 1996), p45.

<sup>17</sup> SANTOS, Gilson. Avivamento – As Perspectivas de Jonathan Edwards e Charles Finney. Disponível em <https://ministeriofiel.com.br/artigos/avivamento-as-perspectivas-de-jonathan-edwards-e-charles-finney/>, Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>18</sup> Bíblia de Estudo Pentecostal CPAD; Revista e Corrigida, Edição de 1995, p920. Sl. 143.11.

<sup>19</sup> Avivamento: consequência do retorno à Palavra. Revista de Estudos Bíblicos Aleluia. Disponível em: [http://iprb.org.br/\\_ANTIGO/estudos\\_biblicos/estudos\\_1-50/estudos\\_26.htm](http://iprb.org.br/_ANTIGO/estudos_biblicos/estudos_1-50/estudos_26.htm), Acesso em 12 de nov. 2021.

### 4.3. O Avivamento e o Arrependimento

À luz do que se tem apresentado, é preciso dizer que avivamento não é mudança litúrgica, é mudança de vida, é choro pelo pecado. A igreja de hoje está correndo mais atrás de sinais do que de santidade. Quando há esse impacto de avivamento na vida da igreja, os resultados imediatos do avivamento são sentidos no povo de Deus: senso inequívoco da presença de Deus; oração fervorosa, louvor sincero e convicção de pecado na vida das pessoas.

Em um período de trezentos anos de liderança dos juízes mostra os israelitas de quando em quando, traindo o Senhor e servindo a outros deuses. O juízo de Deus é inevitável. Então, após longos anos de opressão, o povo se arrepende e clama ao Senhor (Jz 3.9,15; 4.3; 6.6,7; 10.10). Em cada ocasião Deus responde as orações, enviando-lhes um libertador que liberta o povo e dá vitória contra os inimigos. Um dos maiores movimentos avivalistas aparece no final desse período, sob a direção de Samuel (I Sm 7.1-17)<sup>20</sup>.

Aqui é necessário entender o que o arrependimento do ponto de vista bíblico consiste na ação de mudar de opinião ou de comportamento em relação ao que já aconteceu, ou seja, é a mudança de atitude em relação à palavra de Deus. Arrepende-se o cristão que passa a viver em comunhão com a palavra de Deus, seguindo os seus preceitos, seus ensinamentos.

Um coração avivado, iniciado pelo arrependimento genuíno é um coração arrependido que geram frutos para a glória de Deus, frutos de mudança que anunciam a graça do evangelho.

Todos os avivamentos na história passaram pelo caminho do arrependimento, frutos, virtudes do Espírito para uma vida de santidade, oração, leitura da Palavra e jejum.

O livro do profeta Joel há um relato dizendo que o Dia do Senhor está próximo e diz:

E há de ser que, depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões. E também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito. E mostrarei prodígios no céu, e na terra, sangue e fogo, e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém haverá livramento, assim como disse o Senhor, e entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar (Joel 2.28- 32)<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Os Frutos de um avivamento. Disponível em: <http://doutorteologia.blogspot.com/2008/11/os-frutos-de-um-avivamento.html>. Acesso em 12 de nov. 2021.

<sup>21</sup> BÍBLIA, Português. Bíblia de Estudo Pentecostal. Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Versão Revista e Corrigida. Edição 1995. Cap. 2, vers. 28- 32, p. 1290.

Curiosamente, as palavras que antecedem essas declarações de Joel dizem:

Ainda assim, agora mesmo diz o Senhor: Converti-vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, e com choro, e com pranto. E rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e converti-vos ao Senhor vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em benignidade, e se arrepende do mal. (Joel 2:12,13)<sup>22</sup>.

Na mesma linha iniciada no arrependimento anunciada até aqui o avivamento legítimo é o resgate de valores espirituais outrora abandonados.

Do ponto de vista apresentado, é imprescindível a ocorrência do estudo da bíblia, da oração e do arrependimento para que o avivamento possa renovar sua fé espiritual e transformar a vida do cristão.

Hoje, vivemos em uma época marcada pelo Marketing de Igreja, onde se busca mais a forma que o conteúdo. Existe um desvio de objetivos em muitas pregações, falta compromisso com o estudo da palavra, por consequentemente, muitos buscam a Igreja não entender a palavra, orar e se arrepender, mas para busca experiências terrenas baseadas no antropocentrismo.

Ao contrário da pregação baseada no homem, avivamento autêntico tem como característica um conteúdo que transforma e só pode ser efetuado por Deus, ou seja, no teocentrismo. Homens não produzem avivamentos. Somos agentes, instrumentos, servos e obreiros, mas não produtores de avivamentos.

É nesse sentido que Silva entende como a Igreja encontra-se nos dias atuais:

“Outro aspecto que também não pode deixar de ser observado é que, atualmente, a pregação expositiva perdeu o seu lugar para um estilo de pregação cujo foco é somente o que Deus pode fazer pelo homem, e não o que Deus requer do homem. A pregação não pode ser antropocêntrica como temos visto com muita frequência em nossos dias, mas sim, deve ser uma pregação teocêntrica, conforme nos ensina o catecismo de Westminster, dizendo que “a verdadeira pregação expositiva precisa anunciar e defender a doutrina de que o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-Lo para sempre, e não o contrário”<sup>23</sup>.

O autêntico avivamento não é resultado de um esforço humano, no sentido de depender dele. O Avivamento é produzido pelo Senhor da obra que o executa pelo Espírito Santo. É preciso que

---

<sup>22</sup> BÍBLIA, Português. Bíblia de Estudo Pentecostal. Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Versão Revista e Corrigida. Edição 1995. Cap. 2, vers. 12-13, p. 1289.

<sup>23</sup> Silva, Wagner Stand'Laus Rodrigues da. *Pregação Expositiva: um breve estudo na Bíblia, na História e nos dias atuais*. Disponível em: [https://monografias.brasilecola.uol.com.br/religiao/pregacao-expositiva-um-breve-estudo-na-biblia-na-historia-e-nos-dias-atuais.htm#indice\\_30](https://monografias.brasilecola.uol.com.br/religiao/pregacao-expositiva-um-breve-estudo-na-biblia-na-historia-e-nos-dias-atuais.htm#indice_30). Acesso em 15 de nov. 2021.

haja a consciência de que toda genuína experiência religiosa é fruto da atuação do Espírito de Deus, que transforma e santifica os pecadores, capacitando-os a amar e honrar a Deus em suas vidas.

## 5. CONTRIBUIÇÃO EFETIVA DE UM AVIVAMENTO EFICAZ

Uma igreja pode ter todos os dons sem ser uma igreja avivada. Avivamento não é conhecido apenas pelos dons do Espírito, mas pelo fruto do Espírito.

A igreja de Corinto possuía todos os dons, todavia, era uma igreja imatura espiritualmente. Naquela igreja profundamente carismática, havia divisões, cismas, brigas, partidos, contendas, imoralidade e irmãos levando outros irmãos aos tribunais injustos. Havia falta de compreensão acerca do casamento e da liberdade cristã. Naquela igreja a ceia do Senhor não estava sendo realizada para glória de Deus e sim para “sua própria condenação”, os dons estavam sendo usados erradamente, a ressurreição dos crentes estava sendo negada, e a cooperação financeira com os pobres negligenciada. É verdade que, em épocas de avivamento, os dons são buscados e exercidos para a glória de Deus e a edificação da igreja, mas a ênfase carismática não é sinônima de avivamento.

O Avivamento, mais do que a manifestação dos dons do Espírito na caminhada, passa inicialmente pela manifestação das virtudes do Fruto do Espírito, conseqüente ao arrependimento de entrega: “amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas virtudes não há Lei” (Gálatas 5.22-23). Contra essas virtudes não há condenação e não existe prova maior de um despertar intenso e vivo vindo do céu, o avivamento.

Em tempos de avivamento, a igreja passa a ter mais sede de Deus do que pelas coisas que Ele pode dar. Empenha-se totalmente na busca da intimidade e comunhão com Deus não se contentando com as bênçãos, mas desejando ansiosamente o próprio Deus. Isto é um dos verdadeiros frutos do avivamento. Esta sede se concretiza na oração, na comunhão, no amor, nas práticas sociais, no estudo da palavra e nas ações evangelísticas da Igreja.

À luz destas coisas, é preciso dizer que avivamento não é mudança litúrgica, é mudança de vida. Isto acontece porque, além da atuação soberana do Espírito Santo no mundo na igreja passa a existir uma conscientização profunda de sua missão. Segundo o Dr. Héber de Campos:

Os efeitos do reavivamento são muito mais perceptíveis nas mudanças morais que acontecem na região ou num país onde ele acontece. Ele não se limita simplesmente aos membros das igrejas atingidas pela obra de Deus. Ele causa impacto em toda a comunidade onde a igreja de Deus está inserida (CAMPOS, 1996, P 44).

As principais contribuições efetivas de um avivamento eficaz na igreja são: renovação do nosso entusiasmo pela obra de Deus, grande número de conversões, manifestações de dons espirituais, despertamento de novos ministérios, além de bênçãos pessoais diversas.

Que Deus derrame do seu Espírito sobre nós para que possamos como igreja e povo brasileiro experimentar mais uma vez daquele "fogo abrasador" que nos purifica e nos santifica para uma vida cristã de obediência à sua Palavra. Precisamos aceitar o avivamento como forma de despertar nos crentes um renovado interesse por viver as virtudes do Evangelho e de impor sobre seus ombros o dever imperativo de pregar o Evangelho que é "poder de Deus para salvação de todo o que crê" (Rm. 1:16).

Um avivamento eficaz proporciona aos salvos o poder e a graça para lutar e vencer a influência do pecado que tão de perto os rodeia. Somente um avivamento eficaz e genuíno pode preparar a Igreja para o maior evento da história que é o arrebatamento dos remidos de Cristo, espalhados por toda a terra.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo procurou apresentar o que é um autêntico avivamento do ponto de vista bíblico, sua importância, suas características e sua essência. Dessa forma, entende-se por avivamento o ato de avivar-se, isso significa que tem como objetivo tornar mais ativo, despertado e vivo, intenso, nítido.

De modo geral, quando a palavra é usada no contexto religioso dá ideia de renovação e transformação espiritual, levando a cabo a partir do estudo bíblico, da oração e do arrependimento.

Assim, chegou-se à conclusão de que nos dias de hoje a ideia do que seria um autêntico avivamento tem sido deturpada, pois muitas vezes não está se levando em conta a diretriz baseada na Bíblia. Para Muitos, o avivamento é sinônimo de louvor, de evangelização promovida pela igreja, campanhas de santidade, reuniões com cura e expulsões de demônios, pregações fervorosas, show gospel entre outras manifestações religiosas. Embora essas manifestações tenham características e façam parte de sua essência, o avivamento vai muito além de palavras, emoções ou momentos específicos.

Viu-se que o autêntico avivamento deve ser norteado pela Bíblia, pela oração e pelo arrependimento, ou seja, é uma conjugação de fatores que tem como objetivo a renovação e transformação espiritual o qual seu resultado é o amor em Deus indispensável na vida de qualquer cristão que o almeje.

Cumprido lembrar que o autêntico avivamento do espírito produz efeitos de veracidade na vida

espiritual do cristão.

É preciso ressaltar que na Bíblia há várias passagens que se referem ao avivamento e, em todas elas, o centro das atenções é Deus ou Espírito Santos enquanto os homens têm papel secundário nesse processo. Quem transforma e santifica os pecadores é Deus por meio da palavra, da oração e do arrependimento. Essas experiências dão conta de que o avivamento só existe se for seguido as diretrizes da Bíblia Sagrada, transformando e modificando espiritualmente os cristãos por meio do amor divino.

Após analisarmos qual a essência de um verdadeiro avivamento e sua importância na vida cristã, concluímos que avivamento genuíno transforma e santifica os pecadores, capacitando-os a amar e honrar a Deus em suas vidas. O autêntico avivamento é sempre indicado como uma obra ativa e intensiva de Deus. Nenhum avivamento pode ser genuíno se não realçar a soberania de Deus.

Os critérios que realmente indicam se as conversões e o despertar são: convicção de pecado, seriedade nas coisas espirituais, preocupação suprema com a glória de Deus, apego profundo às Escrituras, mudanças no comportamento ético, relacionamentos pessoais transformados e influência transformadora na comunidade.

Precisamos, portanto, aprender esta lição, mas antes precisamos nos posicionar como verdadeiros cristãos que desejam o genuíno avivamento em nossas cidades, Estado ou Nação. Necessitamos acima de tudo mudar nossos hábitos, nos arrependermos, nos convertermos e rasgar o nosso coração.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Anísio Renato de. **Três fatores para o avivamento**. Disponível em <https://www.efatah.com/estudos-mensagens/tres-fatores-para-o-avivamento.html>, Acesso em 12 de nov. 2021.

**Avivamento**, disponível em <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/avivamento-2/Um>, Acesso em 12 de nov. 2021.

**Avivamento: consequência do retorno à Palavra**. Revista de Estudos Bíblicos Aleluia. Disponível em: [http://iprb.org.br/\\_ANTIGO/estudos\\_biblicos/estudos\\_1-50/estudos\\_26.htm](http://iprb.org.br/_ANTIGO/estudos_biblicos/estudos_1-50/estudos_26.htm), Acesso em 12 de nov. 2021.

**Avivamento nos dias de Jonathan Edwards: Relevância atual**. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/movimento-reformado-calvinismo/jonathan-edwards/avivamento-nos-dias-de-jonathan-edwards-relevancia-atual/>, Acesso em 12 de nov. 2021.

**O Avivamento no Dias Atuais**. Revista de Estudos Bíblicos Aleluia, disponível em:

[http://iprb.org.br/\\_ANTIGO/estudos\\_biblicos/estudos\\_1-50/estudos\\_27.htm](http://iprb.org.br/_ANTIGO/estudos_biblicos/estudos_1-50/estudos_27.htm), Acesso em 12 de nov. 2021.

**BÍBLIA**, Português. Bíblia de Estudo Pentecostal. CPAD. Revista e Corrigida. Edição 1995.

**BÍBLIA**, Português. Bíblia de Estudo Pentecostal. Antigo e Novo Testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Versão Revista e Corrigida. Edição 1995

COLEMAN R., **a chegada do avivamento mundial** (São Paulo: CPAD, 1996), p. 18. HÉBER, C.

Campos, **CRESCIMENTO DA IGREJA: COM REFORMA OU COM REAVIVAMENTO?** In Fides Reformata, Vol I, Nº 1 (São Paulo: 1996).

Dicionário Bíblico: **Avivamento**. Disponível em: <https://biblia.com.br/dicionario-biblico/>. Acesso em 12 de nov. 2021.

D. M. Lloyd-Jones, **Do Temos à Fé**. 2ª ed. São Paulo: Editora Vida, 1987.

D. M. Lloyd-Jones, **Jonathan Edwards e a Crucial Importância de Avivamento**, PES, p. 12-18.

D. M. Lloyd-Jones, **Jonathan Edwards e a Crucial Importância de Avivamento** (São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas).

EMIYR, Roberts & R. Geraint Guffydd, *apud* John Armstrong. **Avivamento. O quê e por quê?** São Paulo: Editora Fiel, s.d. 2012.

EDWARDS, Jonathan. **A Genuína Experiência Espiritual**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993.

HÉBER, C. Campos, **CRESCIMENTO DA IGREJA: COM REFORMA OU COM REAVIVAMENTO?** In Fides Reformata, Vol I, Nº 1. São Paulo: 1996.

LOPES, Hernandes Dias. **Avivamento Urgente**. Editora Betânia: Belo Horizonte. 2014, pp. 27-34.

**Os Frutos de um avivamento**. Disponível em: <http://doutorteologia.blogspot.com/2008/11/os-frutos-de-um-avivamento.html>. Acesso em 12 de nov. 2021.

PEREIRA, Josivaldo de França. **O Padrão Bíblico de Avivamento**, disponível em [http://www.monergismo.com/textos/avivamento/avivamento\\_padrao.htm](http://www.monergismo.com/textos/avivamento/avivamento_padrao.htm). Acesso em 12 de nov. 2021.

SANTOS, Gilson. **Avivamento – As Perspectivas de Jonathan Edwards e Charles Finney**. Disponível em <https://ministeriofiel.com.br/artigos/avivamento-as-perspectivas-de-jonathan-edwards-e-charles-finney/>, Acesso em 12 de nov. 2021.

SILVA, Wagner Stand'Laus Rodrigues da. **Pregação Expositiva: um breve estudo na Bíblia, na História e nos dias atuais**. Disponível em: [https://monografias.brasilecola.uol.com.br/religiao/pregacao-expositiva-um-breve-estudo-na-biblia-na-historia-e-nos-dias-atuais.htm#indice\\_30](https://monografias.brasilecola.uol.com.br/religiao/pregacao-expositiva-um-breve-estudo-na-biblia-na-historia-e-nos-dias-atuais.htm#indice_30). Acesso em 15 de nov. 2021.

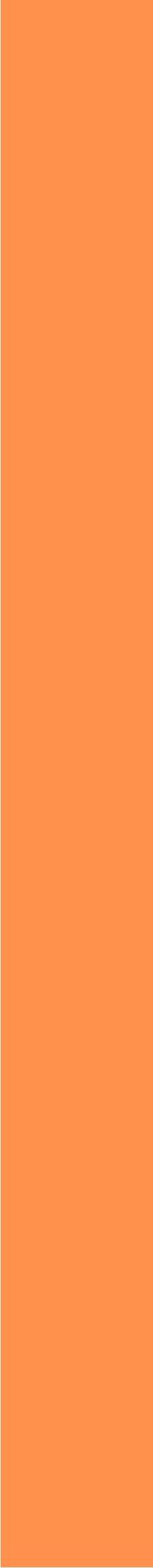


## *Capítulo 2*

---

# **SETAD - MACAPÁ: CAPACITANDO OBREIROS PARA A SEARA**

Mara Rubia Moraes Teixeira  
Maria Rosa Moraes Teixeira



## SETAD - MACAPÁ: CAPACITANDO OBREIROS PARA A SEARA

*Mara Rubia Moraes Teixeira<sup>1</sup>*

*Maria Rosa Moraes Teixeira<sup>2</sup>*

### RESUMO

A importância da teologia na vida do cristão é primordial para a compreensão dos acontecimentos que envolvem o Eterno. O presente artigo teve por objetivo salientar a importância do SETAD - Macapá, na formação ministerial e intelectual do cristão que atua na obra do Senhor Jesus. Foram entrevistadas pessoas responsáveis pela iniciação e continuidade do Seminário, foi aplicado questionários com alunos que evadiram dos cursos dentre 2019 a 2021 e outros cristãos. Verificou-se através dos resultados que os principais motivos da evasão são: questão financeira (50,00%), falta de tempo (33,33%), pandemia (16,67%). Os principais motivos do cristão não procurar o Seminário são: questão financeira (51,43%), falta de tempo (34,29%), desinteresse (14,29%). Conclui-se neste artigo que o cristão vem se preocupando em se qualificar através do estudo teológico, esse é um processo longo, porém a divulgação dos cursos oferecidos no Seminário atrai o cristão a procura.

**Palavras chave:** teologia; cristão; estudo.

### ABSTRACT

The importance of theology in the life of the Christian is primordial for the understanding of the facts and events that involve the Eternal. The objective of the present article was to highlight the importance of SETAD - Macapá, in the ministerial and intellectual formation of the Christian who acts in the Lord's work. People responsible for the initiation and continuity of the Seminary were interviewed, and questionnaires were applied with students who have dropped out of the courses between 2019 and 2021 and other Christians. The results show that the main reasons for dropping out are: financial issues (50,00%), lack of time (33,33%), pandemic (16,67%). The main reasons Christians don't go to the Seminary are: financial (51,43%), lack of time (34,29%), lack of interest (14,29%). This article concludes that the Christian has been worrying about getting qualified regarding the theological study, this is a long process, but the disclosure attracts the Christian to search for it.

**Keywords:** theology; Christian; study.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Assembleia de Deus – SETAD. E-mail: teixeiramara2021@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Assembleia de Deus – SETAD. E-mail: 53rosa.m@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O presente Artigo científico tem como título: SETAD - Macapá: Capacitando Obreiros para a Seara. Apresentado como forma de agradecimento a Deus por nos conceder esta oportunidade em estudar sua poderosa Palavra e seus maravilhosos feitos. Assim como, homenagear todos que se dedicam em ensinar a Palavra do Eterno com seriedade, amor e dedicação. O artigo científico surge por meio da necessidade em conhecer a finalidade e a importância que o SETAD - Macapá representa para o público evangélico, além de conhecer a estrutura e organização desta Instituição, sua historicidade a fim de ressaltar seu legado frente a sociedade amapaense evidenciando seu valor para capacitação do cristão.

Discorrer sobre o papel do SETAD- Macapá, salientando a importância na obra do Senhor é evidenciar o trabalho desenvolvido a fim de preparar obreiros, missionários, evangelistas, pastores, e os demais cargos ministeriais, e o acréscimo de conhecimento. A sociedade amapaense em especial a macapaense precisa conhecer e reconhecer o trabalho desenvolvido no SETAD – Macapá.

Teve por objetivo geral salientar a importância do SETAD - Macapá, na formação ministerial e intelectual do cristão no processo de preparação e valorização de homens e mulheres que atuam na obra do Senhor Jesus. Ressaltar a importância do estudo teológico, bem como, apresentar a historicidade do SETAD – Macapá ao longo de sua existência e ainda propõe evidenciar o estudo que o SETAD- Macapá oferece para seus alunos, pois este vai além de meras instruções, analisar os desafios e perspectivas enfrentados pelos alunos e professores.

O Seminário reaviva sonhos, resgata planos e valoriza vidas oferecendo mecanismos necessários para o crescimento e formação espiritual, pessoal, ministerial e intelectual do cristão. Por meio deste artigo pretende-se averiguar a problemática que envolve o cristão da Assembleia de Deus – A Pioneira e os fatores preponderantes que impedem na busca do estudo teológico ofertado no SETAD - Macapá, para se capacitar e estar preparado utilizando os estudos oferecidos por este Seminário, o qual visa promover o conhecimento da palavra de Deus.

A abordagem realizada nesta temática estimula a reflexão teológica, no concerne sobre a necessidade em se especializar, visto que ainda é possível observar o preconceito e a desaprovação por parte de alguns cristãos no que refere o estudo teológico, perpassando por esta realidade encontrada no meio religioso. Partiu do pressuposto de que o desinteresse social, em especial de cunho religioso ao avanço do conhecimento teológico é uma das possíveis hipóteses a ser refutada ou afirmada. Todavia, é provável que no decorrer da construção do artigo apareçam diferentes hipóteses.

No desenvolvimento do artigo foi utilizado como metodologia, questionários e entrevistas elaboradas de acordo com a necessidade em conhecer a realidade do Seminário e sua história, embasado em pesquisa de campo e também em pesquisa bibliográfica, quali e quantitativa, pois trata-se da historicidade de uma Instituição de Ensino.

O artigo científico abrange três seções que compõe sua estrutura de desenvolvimento. A pesquisa bibliográfica está embasada nos autores: Almeida (2001); Graham (2011); Lan (2012); Murdock; (2008) e outros. A pesquisa de campo está embasada nos relatos dos pastores: Rev. Oton Miranda de Alencar, pastor José Marques, pastor Rodrigo Lima Júnior. E o questionário respondido pela pastora Irene Lima.

A primeira seção aborda sobre a Importância do Estudo Teológico. Nesta seção, é possível analisar a importância que este estudo propõe na vida do cristão, além de tratar sobre viver com propósito, ainda discursa sobre o preparo que se dá através do estudo teológico, onde é possível reverter o quadro da ausência de conhecimento.

A segunda seção aborda sobre a historicidade do Seminário de Teologia da Assembleia de Deus - A Pioneira – SETAD – Macapá (Primeira Fase), nesta seção encontram-se as informações e os relatos dos pioneiros e discorre sobre SETAD – Macapá: um trabalho de amor.

A terceira seção aborda sobre a historicidade do Seminário de Teologia da Assembleia de Deus - A Pioneira – SETAD – Macapá (Segunda Fase). Ainda contém os dados coletados sobre a história da Instituição no decorrer dos anos desde o início até os dias atuais. Transcorrendo sobre a Estrutura da Coordenação geral e física do SETAD – Macapá, ressaltando tanto a primeira quanto a segunda fase do SETAD – Macapá, passando por suas mudanças e evoluções.

## **2. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO TEOLÓGICO**

Atualmente, o pensamento cujo discurso perpassa sobre a importância do estudo teológico, em especial na vida do cristão que exerce seu ministério desenvolvendo suas funções dentro e fora da igreja está cada vez mais presente em nosso cotidiano, salientando que este estudo é de suma importância para o crescimento espiritual, social, pessoal e intelectual do cristão.

Todavia, este estudo não se limita exclusivamente ao cristão que já desenvolve seu ministério dentro da congregação, o mesmo comina em aprendizado e conhecimento para os que se dedicam e se esforçam em compreender através do estudo os maravilhosos feitos do Mestre. Em Provérbios 3:13, enfatiza: “Feliz o homem e a mulher que acha a sabedoria, e o homem e mulher que adquire conhecimento.”

Nota-se que, este pensamento na verdade é mais antigo do que se imagina. Em 1 Timóteo 4:

13, observa-se: “Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá.” O estudo Bíblico é longínquo, foi através deste estudo que a igreja divulgou e continua a divulgar o evangelho, resgatando almas, fortalecendo a fé e ensinando o caminho do Pai. Lan (2012) discorre que:

De acordo com o conceito mais comum, pregamos o evangelho para ajudar as pessoas a serem salvas mediante a fé, ou seja, a crer que o Senhor Jesus derramou seu sangue para perdoar seus pecados diante de Deus. Essa é uma importante definição, mas ainda incompleta sob a perspectiva da intenção de Deus ao criar o homem. Por isso, para desempenharmos esse dom com maior eficácia, precisamos conhecer o evangelho de Deus à luz de Sua Palavra. (LAN, 2012, p. 78)

O cristão deve aplicar-se no estudo teológico a fim de conhecer e compreender o evangelho à luz da Escritura, para melhorar sua desenvoltura e estar apto a realizar o que o Senhor ordenou. Em 2 Timóteo 2: 15 relata: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.”

É importante dar sentido ao estudo teológico na vida do cristão, já que, estudar a Escritura Sagrada, conhecer a história da humanidade, as obras do Eterno, aprender sobre a verdade e seu amor por cada um de nós é indispensável. Como aclara em Provérbios 4: 13: “Apegue-se à instrução, não a abandone; guarde-a bem, pois dela depende a sua vida.”

Assim, Lan (2012) discorre:

Quanto mais desfrutamos do Espírito, mais nos alimentamos da vida de Deus, Assim nossa natureza é mudada para sermos verdadeiramente úteis a Ele. À medida que nos enchemos do Espírito, deixamos de ser teimosos ou resistentes em mudar de opinião, nos tornando flexíveis e submissos à vontade Daquele que nos governa. (LAN, 2012, p. 92- 93)

Entende-se que algumas pessoas possuem determinados tipos de resistência ao se tratar do estudo teológico, isso se dá por vários motivos, uma vez que por anos essa rejeição era drasticamente presente por parte de muitos. Hoje, ainda é possível detectar um certo desconforto por parte de algumas pessoas no que refere ao estudo teológico, porém, com menor frequência e influência.

Tais motivos certamente tem a ver com a falta de conhecimento entrelaçado sobre este assunto alegando que este por ora excluía a essência do cristianismo na vida de quem estuda teologia os deixando distantes da essência das igrejas pentecostais. Em Provérbios 13: 13, destaca-se: “O que despreza a palavra a ela se apenhora, mas o que teme o mandamento será galardoado.”

De acordo com Graham:

Deus declarou que as coisas não nos satisfazem; Deus é quem nos satisfaz! Este é o segredo para satisfazer a alma: deixar que ela se deleite com o que há de melhor. Portanto, tire os impedimentos, remova as barreiras e deixe a sua alma descobrir a plenitude dos seus desejos mais profundo na comunhão com Deus. (GRAHAM, 2011, p. 210)

Certos de que o quadro de pessoas desinteressadas com visão errônea a respeito do estudo teológico vem assumindo um novo papel, de tal modo, atualmente, vê-se a procura em se capacitar com mais frequência através dos estudos direcionados nos cursos de teologia confessional. Em 2 Timóteo 3: 16, 17 e 4: 1, 2 discorre:

Toda Escritura devidamente inspirada é proveitosa, para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra. Conjuro-te, pois diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino, que pregues a palavra, a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes com toda a longanimidade e doutrina. (2 TIMÓTEO, 2001, p. 1271-1272)

O estudo teológico é necessário e indispensável, pois, proporciona benfeitorias, como: o crescimento pessoal, espiritual e ministerial, além disso, este estudo é fundamental para instruir-se sobre a palavra do Eterno, porquanto fornece diferentes conhecimentos, como, cultura, costumes, tradições religiosas, crenças, ritos e seus contextos históricos.

Segundo Graham:

Fundamentarmo-nos na Bíblia. Nós cristãos só temos uma fonte de autoridade, uma bússola: a palavra de Deus... Comece o dia com este Livro, e quando o dia chegar ao fim, deixe que a palavra transmita à sua alma, a sabedoria que nela há. Permita que ela seja o firme fundamento sobre o qual sua esperança é edificada. (GRAHAM, 2011, p. 19)

Para obter conhecimento é necessário se dedicar ao estudo, investir em tempo nas coisas que edificam a vida. O cristão deve se tornar acessível a teologia, saber que esta prática requer de cada um o esforço além do esperado. Essa prática almeja não apenas mudar a rotina e sim transformar a vida, por conseguinte alcançar os que estão afastados da vontade do Eterno. De acordo com Warren:

Existem mais Bíblias impressas hoje em dia do que jamais houve no passado, mas de nada

vale uma Bíblia na estante. Milhões de fiéis são assolados pela anorexia espiritual, morrendo de fome com a alma subnutrida. Para se tornar um saudável discípulo de Jesus, alimentar-se da Palavra de Deus deve ser sua primeira prioridade. (WARREN, 2008, p. 164)

Compreender a fundamental importância do estudo teológico se dá através do entendimento de que a sabedoria vem do Senhor, trata-se dos estudos sobre Deus, seus feitos, sua essência, seus atributos. A teologia não se limita apenas na formação religiosa pessoal, segue ensinando sobre o caráter que o cristão deve ter, sobre o amor ao próximo e assuntos de profunda relevância do dia a dia.

O estudo teológico reforça, constrói ou desconstrói certos pensamentos e condutas à luz dos desafios atuais, portanto, o teólogo deve estar fundamentado na Escritura Sagrada para combater o falso ensino, pois quando se conhece o verdadeiro ensino não se deixa enganar com a falsa doutrina. Como se destaca em Provérbios 2: 6: “Porque o Senhor dá a sabedoria e da sua boca vem o conhecimento e o entendimento.”

### **2.1. Vivendo Com o Propósito**

Buscar o conhecimento sobre o propósito de Deus em sua vida é uma das metas a ser alcançada. Tal conquista só é possível através da dedicação nos estudos, através da leitura, pois a Palavra de Deus é eficaz e verdadeira. Em Provérbios 19: 21 remete: “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o conselho do SENHOR permanecerá.”

Em Romanos 12: 2 explana: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.” De acordo com Warren:

O propósito de sua vida é muito maior que a realização pessoal, a paz de espírito ou mesmo a felicidade. É muito maior que a família, a carreira ou mesmo os mais ousados sonhos e ambições. Se você quiser saber por que foi colocado neste planeta, deverá começar por Deus. Você nasceu por um propósito dele e para cumprir o propósito dele. (WARREN, 2008, p. 14)

Seguir os passos de Jesus é obedecer a vontade do Mestre e andar de acordo com seus preceitos, cumprir as tarefas designadas, os compromissos, as responsabilidades advindas do caráter do cristão obediente ao seu Senhor.

Fazer o que Ele mesmo nos deixou incumbidos a cumprir. Segundo Mateus 16, 15: “E disse-lhes: Vão pelo mundo todo e preguem o evangelho a todas as pessoas.” Nem sempre esta é

uma tarefa fácil, já que requer renúncias, no entanto, segui-lo é garantia para a vida eterna. Em João 5: 23, 24 e 30, comina:

Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou. Na verdade, na verdade vos digo que quem ouviu a minha palavra e crer naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida... Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; como ouço, assim julgo, e o meu juízo é justo, porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou. (JOÃO, 2001, p. 1077)

Estudar a Escritura Sagrada é o primeiro passo para quem anseia seguir os caminhos do Mestre. Primeiramente se faz necessário o desejo em compreender e trilhar os caminhos do Altíssimo, por isso, os cursos teológicos auxiliam e conduzem as descobertas e o aprendizado de quem almeja alcançar os propósitos de Deus.

Viver o propósito de Deus requer renúncias de práticas outrora realizadas, pois viver o evangelho é viver renúncias diárias. Em Eclesiastes 12: 13 enfatiza: “Agora que já se ouviu tudo, aqui está a conclusão: tema a Deus e obedeça aos seus mandamentos, porque isso é essencial para o homem.”

Viver este propósito é satisfazer a vontade Dele e não a sua própria vontade. Em Romanos 15: 4, relata: “Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança.”

A importância do estudo em busca do conhecimento sobre o propósito de Deus é crucial, sem ele as pessoas permanecem praticando o erro, em Deuteronômio 5: 29 profere: “Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!”

É intrínseco ao cristão tal estudo e dedicação, visto que a palavra de Deus é Sagrada, trata-se de um privilégio estudá-la, pois é através do estudo que se adquire o conhecimento sobre a verdade eterna que conduz o cristão para o propósito sublime de Deus.

A palavra de Deus é uma fonte de conhecimento e sabedoria, por isso é necessário que seja um alimento diário na vida do cristão, fortalecendo sua fé e sua convicção em Deus. Segundo Warren (2008, p. 200) “Você foi criado para acrescentar alguma coisa à vida neste mundo, não apenas para usufruir. Deus quer que você retribua com algo.” Em Provérbios 4: 20, 21, 22 e 23 comina:

Filho meu, atenta para as minhas palavras; as minhas razões inclinam o teu ouvido. Não as deixes apartar-se dos teus olhos; guarda-as no meio do teu coração. Porque são vida para os que as acham e saúde, para o seu corpo. Sobretudo o que deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida. (PROVÉRBIOS, 2001, p. 621)

O cristão tem a missão de entender sobre os acontecimentos divinos e as obras do Altíssimo, este processo só é capaz por meio do estudo, o qual possibilita a base sólida sobre Deus e aponta a Bíblia Sagrada como o livro completo que deve ser o livro de instrução para a humanidade. Assim, Lan (2012) discorre que:

Além disso, seu amor nos constringe a cumprir a incumbência que foi nos confiada por Ele: pregar o evangelho do reino em todo mundo. A fim de cumprirmos essa incumbência, o objetivo é tornar o evangelho do reino disponível e acessível, ao alcance de todos. (LAN, 2012, p. 55)

Deus continua chamando cada um para cumprir sua missão para a glória e o crescimento do seu Reino, não havendo desculpas para impedir o evangelismo, que cada vez se torna mais acessível. Todavia chegará um dia que não terá mais o livre acesso. Amós 8: 11 retrata: “Eis que vem dias, diz o Senhor JEová, em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do SENHOR.”

Que não se deixe para anunciar o evangelho quando somente se tornar difícil essa missão. A hora é agora! Deus está chamando por todos para que todo ser humano tenha a oportunidade de conhecer sua palavra e saber que ele é o Único Salvador. Para Warren (2008, p. 272): “Viver com propósitos é a única maneira de viver de verdade. Todo o resto é apenas existir.” De tal modo, Tiago 1: 5, 6 discursa:

E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça a Deus que a todos, dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe-á dada. Peça a, porém, com fé, não duvidando; porque o que dúvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte. (TIAGO, 2001, p. 1299)

Não se trata apenas de viver o propósito de Deus, é preciso que além de viver o propósito também seja possível ajudar outras pessoas que ainda não chegaram de fato a compreendê-lo. Segundo Graham (2011, p. 51): “Deus tinha um propósito ao cria-lo, e o primeiro deles era que tivesse comunhão com Ele. O homem estará perdido, confuso e sem direção senão tiver comunhão com o Senhor.”

Por meio do estudo teológico pode-se alcançar o conhecimento da verdade e abster-se das maldades e mentiras, das heresias e absurdos vistos em muitas ocasiões. Salienta-se a prática da leitura Bíblica, o estudo teológico, pois nota-se que nem todos apresentam o hábito da leitura e estudos sagrados.

Em Provérbios 4: 7 condiz: “A sabedoria é a coisa principal; adquira, pois, a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquira o conhecimento.” Quando o cristão não se prepara no estudo da palavra de Deus e nem se dedica em aprendê-la, se torna vulnerável a cometer erros causadores de destruição que o leva para longe da presença do Pai.

Tal problemática não é contemporânea, com base na Escritura Sagrada. Em Oséias 4: 6, 7:

O meu povo foi destruído, porque lhe faltou conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não seja sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos. Como eles se multiplicaram assim contra mim pecaram; eu mudarei sua honra em vergonha. (OSÉIAS, 2001, p. 846)

Dedicar-se ao estudo teológico é aceitar a verdade e a vontade do Eterno, uma vez que exige sair da zona do conforto. Sair dessa zona traz consigo certos desconfortos e até mesmo desânimo, visto que confronta a realidade vivenciada, onde o sofrimento do outro não afeta o estado emocional.

O que leva ao questionamento do motivo que muitos cristãos não conseguem se relacionar com o próximo com atitudes de respeito e amor. Como se aplica em João 15: 17: “Este é o meu mandamento amem-se uns aos outros.”

Como se destaca em Romanos 6: 12: “Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram.” É sobre essas questões complexas que se faz de extrema necessidade uma mudança e tal mudança é possível quando decido sair da zona do conforto e começar a seguir os propósitos de Deus.

### **3. A HISTORICIDADE DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO DA ASSEMBLEIA DE DEUS - A PIONEIRA – SETAD - MACAPÁ (PRIMEIRA FASE)**

O Seminário Teológico da Assembleia de Deus – SETAD - Macapá, situado na capital do Estado do Amapá, Macapá, na região norte do Brasil, localizado no centro da cidade, deu início no dia vinte e nove (29) de novembro (11) de mil novecentos e noventa e nove (1999), inicialmente

apenas com os cursos básico e médio em Teologia.

Trazido pelos pioneiros, com o objetivo de capacitar os obreiros para a seara do Mestre, uma vez que o SETAD – Macapá aplica a palavra de Deus como sendo vital para o relacionamento com Ele. Em Atos 5: 42 declara: “E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo.”

Os pioneiros foram: pastor Reverendo Oton Miranda de Alencar, pastor José Marques Ferreira e apóstolo Orley Miranda de Alencar e seus apoiadores, pastor Samuel Câmara que fornecia as apostilas para o curso e a pastora Jacilene Ferreira, esposa do primeiro diretor do SETAD - Macapá. Segundo Murdock:

Você precisa de gente boa ao seu redor. Precisa de gente inspirada a sua volta. Pessoas bem informadas. Jesus instruiu sua equipe. Ele motivava constantemente as pessoas que dirigia, mostrando-lhes o futuro do seu compromisso. Invista tempo para treinar outros. Jesus fez isso. Jesus instruía aqueles que mentoreava. (MURDOCK, 2008, p. 93)

Os pioneiros trouxeram a ideia do Seminário Teológico de Belém do Pará, quando no Estado do Amapá ainda não existia tal estudo, deste modo, sendo necessário o deslocamento das pessoas interessadas em estudar Teologia até o estado vizinho, assim, surgiu o projeto em realizar os estudos na capital macapaense, facilitando para os obreiros, que outrora deveriam se deslocar para outros estados.

Com a implementação do SETAD – Macapá, os obreiros se capacitavam sem precisar sair do estado, promovendo seus interesses em construir uma base com conhecimentos teológicos, estimando e valorizando o trabalho desenvolvido no Seminário e investindo no crescimento espiritual e intelectual. Em Romanos 10: 11, 14, 15: salienta:

Porque a escritura diz: Todo aquele que nele crer, não será confundido. Como, pois, invocarão aquele que não creram? E como crerão naquele de que não ouviram? E como ouvirão se não há quem pregue? E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam as coisas boas! (ROMANOS, 2001, p. 1164)

O SETAD - Macapá, teve inspiração pelo EETAD, uma vez que o SETAD – Macapá apresentou uma proposta diferenciada do EETAD, proporcionando aulas presenciais e sem o intuito de competir com o mesmo, que por ora era a primeira escola de educação teológica nas Assembleia de Deus – A Pioneira em Macapá. O SETAD – Macapá, nasceu em prol da ascensão do estudo teológico na capital Macapaense.

Inicialmente, o SETAD - Macapá oferecia apenas os cursos básico e médio em teologia, os pioneiros deste lindo projeto iniciaram as atividades com estudos teológicos na primeira turma composta somente por obreiros que já desenvolviam seus trabalhos dentro das igrejas tendo por finalidade a capacitação e o preparo dos mesmos. Visando o crescimento do curso e do cristão através do estudo e do preparo, habilitando-os para obrar na área ministerial, embasando-os profundamente em seu relacionamento com Deus e sua verdade eterna. Em Eclesiastes 12: 10, 11 discorre que:

Procurou o Pregador achar palavras agradáveis; e o escrito é a retidão, palavras de verdade. As palavras dos sábios são como agulhões e como pregos bem fixados, pelos mestres das congregações, que nos foram dadas pelo único Pastor. E, de mais disso, filho meu atenta: não há limite para fazer livros, e o muito estudar enfado é a carne. (ECLESIASTES, 2001, p. 653)

Os primeiros estudos foram realizados no ano de mil novecentos e noventa e nove (1999), no prédio do Templo Central, ainda com poucos recursos e mão de obra, porém já com o desejo da inclusão do curso teológico para a preparação do povo de Deus.

Na primeira fase do Seminário o corpo docente e o diretório do SETAD – Macapá eram composto por: pastor Oton Miranda de Alencar, pastor José Marques, pastor Miguel Roberto, pastor José Segundo (*in memoriam*), pastor Kleyzer Alencar, pastora Kátia Cabeça, pastor Eraldo Costa, missionária Meriane o qual era professora e secretária, irmã Iracema Santos que desempenhava o cargo de secretária e o pastor Ronildo Baldo.

A equipe de professores que o SETAD - Macapá dispunha inicialmente já era composta por professores devidamente capacitados e estudiosos da palavra de Deus, boa parte desses professores eram formados nos cursos de teologia em Belém do Pará. Para fornecer melhor conhecimento dos estudos teológicos os professores tiveram que se capacitar no estado vizinho e em outros lugares do Brasil.

Enfatizando as prioridades apropriadas na vida do cristão, analisando que está causa requer obreiros cuidadosos e responsáveis com a obra do Mestre. Em Colossenses 3: 23, 24 destaca: “E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo coração, como ao Senhor, e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo o Senhor, servis.” Assim, em Tiago 1: 22, 23 e 24, discorre:

E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não cumpridor é semelhante ao varão que contempla ao espelho do seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e foi-se e

logo se esqueceu de como era. (TIAGO, 2001, p. 1300)

Inicialmente, em meio aos desafios enfrentados para realizar o curso pode-se destacar a falta de mão de obra, ou seja, de mais professores qualificados para estarem somando neste projeto, embora esse não tenha sido o único desafio enfrentado pelos pioneiros. Segundo os relatos dos pastores Reverendo Oton Alencar e José Marques.

Outro desafio destacado era a falta de um espaço maior e climatizado, onde pudesse ter uma melhor organização e atender com eficácia os alunos, pois inicialmente foi cedido apenas uma sala que comportava toda a demanda que o SETAD - Macapá produzia.

Um dos maiores desafios era o enfrentamento da rejeição de alguns irmãos que não aceitavam o estudo teológico. Para isso, o SETAD – Macapá combateu essa problemática conduzindo seus trabalhos com seriedade e compromisso, encorajando o cristão a estudar, incentivando a permanência nos estudos e valorizando os alunos.

Certo de que, o mais importante não é quem critica ou quem aponta o suposto erro, o importante é aquele que luta por melhorias e principalmente se tratando da obediência para com as coisas do Reino de Deus. De acordo com Alsobrook:

É preferível arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfo e glória, mesmo expondo-se à derrota, a formar filas com os pobres de espírito, que nem gozam muito nem sofrem muito, pois vivem na penumbra cinzenta que não conhecem a vitória ou derrota. (ALSOBROOK, 2011, p. 15)

A iniciativa em fundar o SETAD - Macapá está embasada na necessidade de criar um Seminário teológico de acordo com as doutrinas existentes nas Sagradas Escrituras, a qual a Assembleia de Deus – A pioneira faz usufruto, o qual capacitaria seus obreiros, preparando-os para a seara do Senhor Jesus. Dessa maneira não sendo mais necessário o cristão procurar um curso teológico em outro estado.

O deslocamento onde outrora era necessário, desde sua fundação já não existia motivos para tal condição, já que isso acarretava diversas problemáticas como condição financeira, pois os obreiros ao se deslocar de sua cidade, contava com dificuldades, visto que muitos deixavam suas famílias e até mesmo sua congregação para poder se qualificar, além da questão financeira que nem sempre o obreiro dispunha.

Outro fator era o tempo disponível, pois o obreiro não possuía esse tempo para uma viagem e cursar um seminário por muitos meses. Este procedimento demandava planejamento e condições tanto físicos quanto psicológico e sem contar financeira. Ao inserir o SETAD – Macapá, muitas

dessas problemáticas foram resolvidas, vendo que o estudo teológico agora estava no alcance de todos e tendo qualidade.

No início da trajetória do SETAD – Macapá muitos alunos desistiram do curso, por diferentes motivos, um desses motivos eram: a rejeição desse estudo, a falta de recursos financeiros por parte dos alunos, a falta de professores e o local de funcionamento também contribuíram para a evasão. De acordo com Alsobrook:

Importante, na verdade, é o homem que está na arena, com a face coberta de poeira, suor e sangue; que luta com bravura, que fracassa repetidas vezes, porque não há esforço sem erros e fracassos, mas que realmente se empenha para realizar as tarefas; que sabe o que é ter grande entusiasmo e grande devoção, e que exaure suas forças em uma causa digna; é aquele que, na pior das hipóteses, se falhar, ao menos o fará agindo excepcionalmente. (ALSOBROOK, 2011, p. 15)

O maior objetivo que o SETAD - Macapá almejava alcançar era atingir o público-alvo que eram inicialmente os obreiros locais, em seguida abrangendo os membros das congregações e demais denominações, até chegar no nível bacharelado, que atualmente dispõe do curso livre de Bacharel em Teologia.

Inicialmente, o SETAD oferecia apenas uma apostila de acordo as disciplinas, tendo como modelo o material didático do curso de teologia de Belém do Pará, dando este suporte o pastor Samuel Câmara. O mesmo fornecia o material didático e o SETAD – Macapá adaptava para seus alunos.

### **3.1. SETAD – Macapá: Um Trabalho De Amor**

Uma das metas da vida é viver com amor, feliz é aquele que consegue conciliar o amor na hora de desenvolver seu trabalho. Em 1 Coríntios 16: 14 ensina: “Todas as vossas coisas sejam feitas com amor.” O curso natural para que as coisas possam fluir é o amor dedicado sobre todas as coisas, inclusive no trabalho.

Se tratando de trabalhar para a obra do Senhor Jesus, certamente este tende a ser contagiante e verdadeiro. O servo se alegra ao servir, se alegra em trabalhar para a seara do Mestre, mesmo que as vezes esteja pelejando, ele não deve desanimar, pois sabe que o seu galardão não está aqui nesta terra. De acordo com Efésios 2: 10: “Porque somos criação de Deus realizadas em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós praticarmos.” De acordo com Turner:

O desenvolvimento cristão é muito importante para o ministério da igreja. O ministério de ensino ajuda-nos a crescer e a amadurecer na fé. Também é muito útil para nos preparar e treinar, e nos envolver na evangelização para alcançar outras pessoas. Aproveitar melhor as oportunidades de se envolver no ensino de outras pessoas a respeito da fé cristã. (TURNER, 2007, p. 5)

O trabalho desenvolvido no SETAD - Macapá, primeiramente se dedica em obedecer a Deus, pode-se destacar alguns aspectos, tais: obedecer a Deus ao se dedicar nos estudos da Sagrada Escritura, ser obediente quando refere a paciência e o compromisso em ensinar a verdadeira doutrina, ser obediente em encorajar outras pessoas a compartilhar desse estudo, ser obediente em demonstrar o amor através desse ofício.

Pode se afirmar que esse estudo tende evidenciar o sentimento que o cristão manifesta por Deus, o qual deve ser o amor, pois quando se ama a Deus, ama-se também tudo que se refere a Ele, como argumenta em 1 João 4: 16: “Todo aquele que permanece em amor, permanece em Deus e Deus nele.”

Para conhecer o amor de Deus, é preciso se aprofundar no estudo bíblico, Segundo Keller (2019. p. 15): “Eu aceito e abraço a Bíblia como a palavra de Deus, inspirada e sem erro.” Nada mais correto do que se basear no amor maior, aquele que foi capaz de dar seu próprio filho, o filho unigênito em prol da nossa salvação.

Como Joao 3: 16 nos ensina: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” Como prova de amor maior Deus concedeu mais uma chance de nos redimir, então cabe a todos usar do amor para falar e viver as coisas de Deus.

Conforme Turner:

Sempre que você procurar ajudar as pessoas a crescerem espiritualmente e a se tornarem mais parecidas com Cristo, estará participando do ministério de desenvolvimento da vida cristã. E essa é uma prática de ministério compensadora, profundamente vinculada ao desígnio de Deus para a humanidade. (TURNER, 2007, p. 45)

É imprescindível assumir o compromisso de amar e cuidar uns aos outros, ensinar a ter qualidade de vida através do evangelho, resgatar concepções e valores, encorajar homens e mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos a caminhar para o bem, a fazer o bem, porque Deus é amor, e o amor procede de Deus.

Graham (2009 p. 15) discursa sobre o amor: “O verdadeiro amor não acaba. Ele ama apesar dos defeitos de personalidade, imperfeições físicas e opiniões contrária. O amor é profundo,

constante e eterno.”

O SETAD - Macapá se dedica a promover o conhecimento sobre a palavra do Eterno e capacitar o cristão a pregar o evangelho, colocar em prática o que foi aprendido na sala de aula do Seminário, uma vez que aplicar a palavra de Deus no cotidiano é uma parte vital para que o relacionamento com Deus seja perfeito. Assim, em 2 Timóteo 4: 3, 4 e 5, discorre que:

Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando as fábulas. Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério. (2 TIMÓTEO, 2001, p. 1272)

O SETAD - Macapá tem a missão de ensinar os alunos sobre as coisas divinas, conduzindo-os para o verdadeiro caminho a luz da escritura, desfazendo e reconstruindo conceitos e paradoxos distorcidos da real palavra do Mestre, contudo, resgatando vidas. Oferecendo a oportunidade de reescrever uma nova história. Segundo Baker (2009, p. 78): “A verdadeira religião fortalece a compaixão e a ligação com Deus e os outros.”

O cristão precisa guardar as palavras de Deus dentro do seu coração a fim de não se distanciar da verdade, pois as palavras do Mestre é vida para os que Nele crer, como o salmista afirma em Salmos 119: 11, 12: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti. Bendito és tu, ó SENHOR! Ensina-me os teus estatutos.”

De acordo com Turner:

A tarefa daqueles que se empenham em desenvolver o crescimento cristão é suprir o que for necessário para que haja um desenvolvimento espiritual normal e sadio. Afinal desenvolver o crescimento cristão diz respeito a ajudar o convertido a crescer na vida de Cristo até que a Sua natureza e o Seu caráter revelam em suas personalidades. (TURNER, 2007, p. 45)

Se faz necessário voltar a essência do evangelho onde não se procura riquezas, mas resgatar as vidas perdidas. Ter a consciência que a boa teologia não apenas fortalece a fé, mas alimenta o espírito e razão. Como relata em João 8: 32 “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.”

#### **4. A HISTORICIDADE DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO DA ASSEMBLEIA DE DEUS - A PIONEIRA – SETAD - MACAPÁ (SEGUNDA FASE)**

A história do SETAD – Macapá conta-se em duas fases: uma iniciada no dia vinte e nove

(29) de novembro (11) de mil novecentos e noventa e nove (1999), com os pioneiros do projeto, tendo uma pausa, onde não se pode estimar o tempo preciso deste período. Sabe-se que durante este período o SETAD – Macapá se manteve fechado, porém, sua a reabertura foi no ano de dois mil e treze (2013) já na atual gestão.

O fechamento do SETAD – Macapá se deu em decorrência da parceria realiza entre a Assembleia de Deus - A pioneira e a Assembleia de Deus do Avivamento. Mesmo sendo o SETAD - Macapá o órgão oficial de educação da Igreja Assembleia de Deus - A Pioneira por alguns anos ficou sem funcionamento.

Por meio do desejo vindo direto do coração de Deus ao coração dos responsáveis pela nova fase do Seminário, surgiu a possibilidade em dar continuidade no Seminário Teológico, que por ora encontrava-se desativado o qual desde o princípio ajudou muitos obreiros a construir o sonho de conquistar o estudo teológico voltado na Palavra do Altíssimo.

O pastor Rodrigo Lima Junior foi aluno do SETAD - Macapá ainda na primeira fase onde cursou o médio em teologia, com seu retorno de Pindamonhangaba (SP) onde cursou o Bacharel em Teologia, cursou já em Macapá a Licenciatura em Pedagogia, a fim de se preparar ainda mais para seu sonho em reativar o Seminário.

Quando o SETAD – Macapá foi restabelecido ao observar em sua pesquisa que uma média de aproximadamente de 90% dos pastores da Igreja Assembleia de Deus - A Pioneira não possuía nenhuma formação teológica, o que de fato refletia diretamente na qualidade do ensino e da gestão dentro das congregações, surgiu então a necessidade de treinar os obreiros para esta obra.

Segundo o relato do pastor Rodrigo, este número recentemente passou de 90% para aproximadamente 60% de pastores sem formação teológica. Ainda existe um longo desafio.

Pode-se afirmar que no decorrer dos anos o SETAD - Macapá tem se esforçado e investindo na qualidade de ensino para preparar os obreiros, inclusive grande parte dos pastores congregacionais recebem algum tipo de porcentagem de bolsa de pagamento como forma de incentivá-los.

É preciso que o cristão tenha a consciência de se preparar para o ministério pastoral. O SETAD - Macapá foi restabelecido para preparar pessoas a cumprir o seu ministério na igreja, pois a matriz curricular do Seminário é voltada para a confessional, sendo seu objetivo preparar as pessoas para pregar a palavra da verdade, para compreender a teologia bíblica e a cristã.

Até o presente momento o SETAD- Macapá não pretende lutar pelo reconhecimento através do Ministério da Educação (MEC) para a validação do curso teológico devido o desejo de não perder a característica confessional sem a pretensão delimitar o currículo do curso.

Dada estas conquistas pessoais de posse de formação pedagógica, o pastor Rodrigo foi ao

encontro do Reverendo pastor Oton Alencar propor a reabertura do SETAD – Macapá, através de reuniões e acertos, o pastor Rodrigo Lima Junior reorganizou e reativou os trabalhos outrora desenvolvidos no SETAD – Macapá.

Onde se reinicia o sonho do projeto em capacitar os obreiros para a seara. Dessa vez, expandindo os cursos, divulgando com mais intensidade, continuando a valorizar seus alunos e os envolvidos com este Seminário, e labutando para que a ideia do Seminário Teológico não se perdesse com o passar dos anos. Firmes, como em Isaías 41: 9, 10 e 13:

Tu, a quem tomei desde os confins da terra e te chamei dentre os seus mais excelentes e te disse: tu és o meu servo, a ti te escolherei e não te rejeitei; Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te esforço e te ajudo; e te sustento com a destra da minha justiça. Porque eu, o SENHOR, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: não temas, que te ajudo. (ISAÍAS, 2001, p. 695)

Os alunos que tinham estudado no Seminário já estavam atuando nas congregações, muitos já eram obreiros consagrados buscando aprender mais sobre a Palavra de Deus. Outros e capacitaram para iniciar seu ministério conforme seu dom.

Entende-se que os anos em que o SETAD – Macapá ficou fechado, foram anos em que os cristãos tiveram perdas, pois o Seminário Teológico tem seu valor inestimável para este público, em seu legado se percebe a competência em capacitar os alunos para estar aptos no trabalho da obra de Deus.

Assim como os dias de hoje, muitos alunos eram de outros ministérios, diferentes denominações, o público do Seminário nunca foi exclusivo das congregações da Assembleia de Deus – A Pioneira. Esses alunos vieram para o SETAD – Macapá procurando o aprendizado para se capacitar com base nas Sagradas Escrituras, na própria Palavra de Deus. Como nos ensina em Mateus 24: 14 “E será pregado este evangelho do reino por todo mundo.”

O retorno do SETAD – Macapá só foi possível quando o pastor Rodrigo Lima Junior reabriu as portas do Seminário e novamente a oportunidade para os cristãos se especializarem nos estudos devidamente aprofundados e embasados nas Sagradas Escrituras estava ao alcance de todos.

No processo de reabertura o pastor Rodrigo Lima que é o diretor executivo desde 2013 contou com o apoio de sua equipe que era composta inicialmente pelos pastores: pastora Irene Lima (Diretora Administrativa) desde 2013, Wilson Melo (Diretor Acadêmico), Osmar Gonçalves (Diretor Acadêmico) e pastora Alessandra Gonçalves, atualmente o Seminário conta com o pastor Weverton Costa como atual Diretor Acadêmico.

Desde o início deste maravilhoso projeto o SETAD – Macapá, tem sido o órgão oficial de

educação da Assembleia de Deus – A Pioneira, tendo como Reitor o Reverendo pastor Oton Miranda de Alencar e vice Reitor pastor Iaci Pelaes. Já esteve compondo a equipe como diretor pedagógico o pastor João Barroso, atualmente a diretora pedagógica é a pastora Elice Nobre. Segundo Graham:

Somos mordomos do evangelho. E o poder de proclamar as boas-novas no Céu e na Terra não foi dada aos anjos; foi dado aos homens redimidos. Isto foi direcionado a humildes leigos. Alguns acham que só os pastores podem pregar, mas isto está errado. Todo cristão deve ser uma testemunha; todo aquele que segue a Jesus deve pregar o evangelho. (GRAHAM, 2011, p. 280)

Nesses oito (8) anos à frente desta Instituição muitas são as experiências e os ensinamentos vivenciados por este casal de pastores que há muito vem se dedicando no ensino e aprendizagem dos cristãos. Firmados em Filipenses 1: 6: “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós a de completa-la até ao Dia de Cristo Jesus.”

Quando o pastor Rodrigo Lima juntamente com o Reverendo pastor Oton Miranda de Alencar decidiram dar continuidade neste lindo sonho, a estrutura do SETAD - Macapá estava nas condições da primeira fase que dispunha apenas de uma sala sem estrutura e melhores condições para comportar os alunos e desenvolver um trabalho com mais eficácia. Primeiramente, para o retorno das aulas, se fez necessário providenciar melhor estrutura física, um espaço para comportar os alunos e as atividades advindas do Seminário pensando no conforto e bem estar dos que usufruem desta Instituição. Além de selecionar professores altamente qualificados para completar a equipe.

Encorajar e incentivar o cristão ao estudo é inerente do Seminário, instigá-los a buscar o conhecimento é necessário, visto que muitos não se dedicam nesta área de extrema importância na vida das pessoas, o cotidiano com muitas tarefas faz com que o cristão deixe as coisas do Eterno em segundo plano. Porém, o Seminário vem combatendo essa questão ao longo dos anos. De acordo com Graham:

Todos os cristãos creem em Deus, mas muitos têm pouco tempo pra Ele. Estão muito ocupados com as tarefas do dia a dia para se dedicar à leitura bíblica, á oração, para se preocupar com seu semelhante. Estão tão ocupados que não tem lugar para Deus em sua vida. A Bíblia adverte que não se deve ser negligente com a própria alma. É possível endurecer seu coração e murchar a sua alma, até perder o apetite pelas coisas de Deus. (GRAHAM, 2011, p. 366)

A importância da continuidade SETAD - Macapá chega ser inenarrável, o desempenho do

Seminário conquista o conhecimento reavivando os sonhos como nos ensina em 1 Timóteo 4: 10: “Ora, é pra esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis.”

O SETAD – Macapá em sua peculiaridade possui alunos que se tornaram professores do Seminário. Como, o professor pastor Kleyzer Bruce que desde a primeira fase do Seminário é professor do SETAD – Macapá e até os dias de hoje fazendo parte do corpo docente do Seminário.

Bem como diversos outros professores que também foram alunos do SETAD – Macapá, aproximadamente 90% dos professores que atuam hoje ou que já atuaram foram alunos do Seminário.

#### **4.1. A Estrutura da Coordenação Geral e Física Do SETAD -Macapá**

A estatística realizada está num contexto geral, desde a primeira fase do SETAD- Macapá até os dias de hoje. Os dados coletados foram através de entrevistas e questionários destinados a pessoas específicas cuja as informações obtidas são procedidas do trabalho desenvolvido dentro do Seminário. Durante os vinte e dois (22) anos de existência o SETAD - Macapá já dispôs de 02 diretores executivos todos do sexo masculino, sendo em ordem crescente os respectivos pastores: José Marques Ferreira e pastor Rodrigo Lima Junior.

Também dispõe da diretora administrativa pastora: Irene Lima. O SETAD - Macapá já dispôs de diretores acadêmicos, os pastores em ordem crescente: Wilson Melo, Osmar Gonçalves e Weverton Costa. E diretores pedagógicos em ordem crescente, os respectivos pastores: João Barroso e Elice Nobre.

O SETAD - Macapá já dispôs de 05 secretárias acadêmicas, em ordem crescente: Meriane, Iracema da Silva Santos, pastora Alessandra Gonçalves, Jaqueline Silva e Cemira Higino. A equipe que atualmente compõe e os que já compuseram o corpo docente do Seminário totalizam aproximadamente 90% professores do sexo masculino e 10% de professoras.

No decorrer da historicidade do Seminário essas equipes compuseram e alguns ainda compõe o corpo técnico e o corpo docente do Seminário. Deixando seu legado e sua contribuição para com a sociedade cristã amapaense. Durante o período de existência, o SETAD - Macapá, totaliza: 30% dos alunos do sexo masculino que evadiram do curso Médio Teologia, 20% alunas que evadiram do curso Médio Teologia, 20% alunos do sexo masculino que evadiram do curso Bacharel Teologia, 30% de alunas que evadiram do curso Bacharel Teologia.

Na história do Seminário, é possível encontrar professores que outrora foram alunos desta Instituição. Hoje o SETAD – Macapá dispõe de aproximadamente 90% professores do sexo masculino que já foram alunos da Instituição, bem como 10% de professoras que já foram alunas da

mesma. No enfrentamento de uma terrível pandemia a Covid-19 o novo coronavírus SARS-CoV-2, o SETAD – Macapá desempenhou seu papel com seriedade e responsabilidade obedecendo as ordens de biossegurança. A priori, cancelou as aulas em virtudes dos decretos para evitar a aglomeração e também os decretos de lockdown.

Manteve as portas fechadas para o retorno das aulas presenciais e adotou o sistema de aula online, através da plataforma do google meet. Aos poucos as aulas foram retornando, porém sem aglomeração, evitando o contato de muitas pessoas num mesmo ambiente, este processo ainda está em fase de adaptação.

Em 1 João 2: 17 declara: “E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece pra sempre.” Até os dias de hoje, as aulas online, são ferramentas que contribuem com o avanço do curso e também se ajusta a necessidade de um público alvo com dificuldades de estar presente nas aulas presenciais. Pode-se afirmar que as aulas remotas ajudaram a combater a evasão dos alunos nos cursos oferecidos durante a pandemia. Além da preocupação de como seria adaptado o novo método de aula, logo se pensou em obedecer às exigências da Vigilância Sanitária em oferecer depósitos com álcool em gel, pias, aparelho medidor de temperatura, álcool líquidos, sabão liquido, lenços e papel toalha, além de manter o ambiente limpo e arejado. Ainda é exigido o uso da máscara, para maior proteção.

## **5. RESULTADOS**

Através dos dados coletados por meio de questionários e dos relatos de experiências pode-se compreender que os principais motivos para que leva o cristão da Assembleia de Deus a não procurar o SETAD – Macapá está relacionado com a questão financeira seguido da falta de tempo e também do desinteresse. Ou seja, a hipótese que partiu do pressuposto de que o desinteresse social, em especial de cunho religioso ao avanço do conhecimento teológico foi confirmada, entretanto não foi o único e nem o decisivo motivo que impede o cristão, foi encontrado pelo menos mais dois motivos considerados com mais relevância pelos entrevistados como sendo causadores desta problemática.

Sendo eles, a questão financeira e a falta de tempo disponível para ingressar no estudo. Também se observou que a problemática pode ser combatida por meio de maior divulgação contendo a realidade do proposito em preparar o cristão através dos ensinios oferecidos por este Seminário, o qual visa promover o conhecimento da palavra de Deus. Vale ressaltar, que é de extrema necessidade que o próprio cristão tenha a consciência de que precisa se preparar e se qualificar para ingressar na obra do Senhor Jesus, esse método de qualificação é ofertado no

SETAD – Macapá e, portanto, é acessível a qualquer pessoa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este artigo constatou-se que havia uma necessidade em conhecer a finalidade e a importância que o SETAD – Macapá representa para a sociedade amapaense, em especial para o público cristão, por isso se fez necessário estudar a historicidade do SETAD – Macapá e como este Seminário vem preparando os obreiros para a seara do Senhor.

Assim, teve seu objetivo geral confirmado sobre a importância do Seminário na formação e capacitação de seus obreiros nas formas ministerial e intelectual, onde constatou-se que o mesmo resgata e valoriza homens e mulheres dispostos a trabalharna obra do Mestre.

Bem como no decorrer do artigo averiguou-se que o primeiro objetivo específico o qual tratou sobre a importância do estudo teológico e a necessidade de viver com o propósito de Deus está claramente confirmada, baseados nas referências bibliográficas.

Assim como no segundo objetivo específico aonde tratou sobre a historicidade do SETAD – Macapá ainda na primeira fase confirmando as expectativas da história e do seu significado nos estudos teológicos. Da mesma forma, foi confirmado o terceiro objetivo específico cujo tratava sobre a segunda fase da historicidade do SETAD – Macapá e também sobre a estrutura da coordenação geral e física do Seminário, contendo as coletas de dados e estatística.

O artigo partiu da hipótese de que o desinteresse social, em especial de cunho religioso ao avanço do conhecimento teológico foi confirmado parcialmente. Através da pesquisa foi descoberto que outros fatores também contribuem para que o cristão da Assembleia de Deus – A Pioneira não procure os estudos ofertados no Seminário. A problemática foi respondida com sucesso. Foi analisada por meio de questionários de alunos que evadiram os cursos ofertados no Seminário e outros cristãos que ainda não fizeram parte do SETAD – Macapá.

No desenvolvimento do artigo foi utilizado como metodologia, questionários e entrevistas, sendo duas entrevistas presenciais, uma com o Reverendo pastor Oton Miranda de Alencar, na sua própria residência. Outra entrevista presencial com o pastor Rodrigo Lima na sala de aula do SETAD – Macapá. Uma entrevista via questionário enviado por e-mail ao pastor José Marques e um questionário enviado por e-mail a pastora Irene Lima.

O artigo está embasado em pesquisa de campo e também em pesquisa bibliográfica com diferentes autores, além de questionários realizados com alunos que evadiram dos cursos ofertados no Seminário e outros cristãos que ainda não fizeram parte do SETAD – Macapá. Diante desta metodologia aplicada, foi possível compreender que a pesquisa necessitava de mais

aprofundamento e dados mais concisos na primeira fase, visto que muitas informações e arquivos se perderam com o tempo.

Houveram algumas dificuldades e limitações na elaboração deste artigo, tais como: dificuldades em entrevistar os responsáveis por este projeto e coletar todos os dados, pois alguns dados não estavam disponíveis em arquivos ou em memórias de computadores.

Isso se deu por conta da falta de tempo e na entrevista com pastor José Marques e a pastora Jacilene Ferreira, uma das primeiras colaboradoras, também esposa do pastor José Marques não foi possível ser presencial devido à falta de tempo para se locomover para o Distrito de São Joaquim do Pacuí, pois os mesmos atualmente moram nesta localidade, aonde também pastoreiam.

Recomenda-se que para os futuros pesquisadores deste conteúdo, possam pesquisar com mais profundidade nos relatos dos pioneiros e dos que deram continuidade neste lindo projeto. Almejamos ter contribuído com a sociedade cristã amapaense e com esta Instituição de ensino.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo Plenitude**. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

ALSOBROOK, David. **A Incrível Revelação do Amor**/ David Alsobrook; tradução de Cristiane Bernadete de Jesus. – Belo Horizonte: Editora Atos, 2011.

BACKER, Mark W. **Jesus, o maior Psicólogo que já existiu**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

GRAHAM, Billy. **Dia a Dia com Billy Graham**: 366 Meditações Diárias. Compilados por Joan Winmill Brown. Traduzido por Roberto Alves – Curitiba/ PR: Produções Pão Diário. 2011.

KELLER, Katy. **Jesus, Justiça e Papéis de Gênero**: Mulheres no Ministério/Katy Keller; tradução de João Guilherme Anjos – Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

LAN, Dong Yu. **A Igreja é revelada**. 1ª edição. Março/2012. São Paulo – SP.

MURDOCK, Mike. **Os Segredos da liderança de Jesus**: Rio de Janeiro: 2008.

SILVA, Claudemir Pedroso da. **Dicionário e Estudos Bíblicos**. São Paulo: PAE, 2010.

TURNER, Dwayne E. **Educação Cristã**. Publicado no Brasil por ICI Brasil. Campinas – São Paulo. 2007.

WARREN, Rick: **Uma Vida com Propósitos**: Você não está aqui por acaso/ Rick Warren; tradução James Monteiro. – 2. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Editora Vida, 2008.



## *Capítulo 3*

---

# **IGREJA E FAMÍLIA: UMA ESTREITA RELAÇÃO COM OS PROJETOS DE DEUS PARA A HUMANIDADE**

Rodrigo Lima Júnior



## IGREJA E FAMÍLIA: UMA ESTREITA RELAÇÃO COM OS PROJETOS DE DEUS PARA A HUMANIDADE

*Rodrigo Lima Júnior<sup>1</sup>*

### RESUMO

A relação entre Igreja e Família é profundamente interligada nos projetos de Deus para a humanidade, visto que ambas desempenham papéis cruciais na formação integral do indivíduo e no fortalecimento da sociedade. A família é o primeiro ambiente onde os valores cristãos são ensinados e praticados, oferecendo uma base sólida para o desenvolvimento espiritual, moral e ético dos seus membros. Nesse contexto, a Igreja atua como uma extensão e um suporte vital para a família, fornecendo orientação doutrinária, apoio espiritual e um senso de comunidade que reforça os ensinamentos recebidos em casa. A interação entre Igreja e Família cria um ciclo virtuoso, onde a educação religiosa e a vivência dos valores cristãos são constantemente nutridos e ampliadas, contribuindo para a criação de uma sociedade que reflita os princípios do amor, da justiça, e da paz preconizados por Deus. Assim, ao fortalecer essa relação, a Igreja e a Família cooperam na realização dos planos divinos para a humanidade, promovendo um ambiente onde cada indivíduo pode crescer em fé e servir a comunidade de maneira mais plena e significativa.

**Palavras-chave:** Família; igreja; humanidade.

### ABSTRACT

The relationship between Church and Family is deeply intertwined in God's plans for humanity, since both play crucial roles in the integral formation of the individual and in the strengthening of society. The family is the first environment where Christian values are taught and practiced, offering a solid foundation for the spiritual, moral and ethical development of its members. In this context, the Church acts as an extension and a life support for the family, providing doctrinal guidance, spiritual support and a sense of community that reinforces the teachings received at home. The interaction between Church and Family creates a virtuous cycle, where religious education and living of Christian values are constantly nourished and expanded, contributing to the creation of a society that reflects the principles of love, justice, and peace advocated by God. Thus, in strengthening this relationship, the Church and the Family cooperate in the realization of divine plans for humanity, fostering an environment where each individual can grow in faith and serve the community more fully and meaningfully.

**Keywords:** Family; church; humanity.

---

<sup>1</sup> - Bacharel em Teologia pelo Instituto Bíblico das Assembleias de Deus-SP (2008) - Licenciado em Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá - IESAP – 2013 - Bacharel em Direito pela Faculdade de Macapá - FAMA – 2018 - Pós Graduado em Gestão Eclesiástica pela Faculdade de Ciências da Amazônia - FCA – 2019 - Pós graduando em Teologia Sistemática pela Faculdade Batista de Minas; - Pós graduando em Direito Público pela Escola Mineira de Direito; - Especialista em Hebraico Bíblico pelo Instituto de Estudos Bíblicos de Israel. E-mail drrodrigolimajunior@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A Igreja e a Família são instituições que foram estabelecidas por Deus para a execução dos Seus projetos eternos. Em determinados momentos da história humana, esta ligação é tão estreita que elas se confundem, pois, ambas foram criadas para cumprirem propósitos afins, de modo que uma é responsável pela manutenção da outra, e juntas funcionam como instrumentos de Deus para a realização dos seus planos.

Neste tópico pretendemos descrever a importância da família não apenas para o cumprimento dos projetos de Deus para a humanidade, mas, também sua relação direta, com o nascimento, desenvolvimento e manutenção da Igreja.

## 2. O PROJETO FAMÍLIA NO ÉDEN

Na eternidade Deus principia um dos mais belos projetos já estabelecidos, que tem o seu início com a criação de um universo físico, concreto, cheio de detalhes e com um planejamento que deveria ser cumprido à risca. Do nada Ele chamou a existência às coisas que agora vemos, participando das minúcias, dando um toque pessoal em cada ser criado, determinando pelo poder de sua palavra os limites e a organização do universo, fazendo separação entre o dia e a noite, entre a terra e as águas, entre as diferentes estações do ano, dentre outros.

Este projeto teve sua conclusão com a mais bela das criaturas, o ser humano, criado de forma distinta de todos os seres anteriores, pois, somente a este, Deus constituiu de características que lhe eram peculiares, criando-o a sua imagem e semelhança (Gn.1.26-28). As expressões hebraicas “tselem” “imagem” e “demût” “semelhança” indicam que da mesma forma que Deus, estes seres humanos são: espirituais, racionais, dotados de vontade própria e com a capacidade de se relacionar com as demais criaturas e criações. Para este ser, Deus construiu um jardim que recebeu o nome de Éden (Gn. 2.4-17) que lhe serviria de residência fixa, em meio a toda a extensão criada, pois, possuía todas as condições para que a coroa de sua criação pudesse viver de maneira feliz e harmoniosa.

O projeto regia que estes seres – Adão e Eva – fariam parte da primeira instituição estabelecida por Deus, a família, cuja função seria cooperar no cumprimento de outros seguimentos do plano original, tais como: funcionar como um meio capaz de promover a comunhão destes com o seu Criador, entre si e as demais criaturas; multiplicarem a sua espécie e serem responsáveis por administrar os recursos naturais criados para o seu benefício.

Vejam os de que modo e como esta fase do projeto foi colocada em prática, e de que maneira

a família contribuiu para a sua realização.

## 2.1. A Família Um Agente Divino Para A Promoção De Relacionamentos

De todas as instituições existentes na sociedade, sem nenhuma dúvida, a família é a primeira de todas, tanto no estabelecimento, quanto na importância. Dentro do plano estabelecido por Deus, a família é parte integrante no atendimento das necessidades relacionais do ser humano, em todos os seus aspectos, por essa razão fora planejada e instituída pelo próprio Criador (Gn. 2.18,21-25). Essa instituição foi estabelecida mediante a necessidade latente que o homem tem de se relacionar.

### 2.1.1 – A necessidade humana de Relacionamentos

Dentre as qualidades recebidas pelo homem no ato criatório de Deus, a necessidade de se relacionar aparece de forma evidente no cotidiano do ser humano, pois, tendo Deus o criado, colocou-o no belo jardim que havia feito, afim de que esse pudesse administrá-lo, cultivando-o e guardando-o (Gn. 2.15). Quando olhamos para tudo aquilo que estava à disposição do homem, poderíamos pensar que não lhe faltava nada, todavia, quando o homem experimentou, a solidão, um sentimento que ainda não lhe era peculiar, ficou evidente que algo lhe faltava, pois, tudo isso fazia parte de um processo de descobertas realizado diariamente.

Em sua eterna sabedoria e conhecendo o homem como ninguém, o Senhor declara: “Não é bom que o homem viva só” (Cf. Gn. 2.18 ARC ), contudo, para que o próprio homem pudesse chegar a essa conclusão, Deus o coloca diante dos animais para que este os nominasse, e percebesse que todos eles tinham uma correspondente fêmea, enquanto que para ele não havia nenhuma de sua espécie.

Após esta conclusão, Deus cria da matéria prima do próprio homem (Gn. 2.21-22) uma companheira que lhe correspondesse, para que de fato esta fosse considerada a parte que lhe faltava, e através dessa união o ser humano pudesse desenvolver o círculo de relacionamentos que lhe é vital e que se estende nos sentidos vertical (Com Deus e Consigo Mesmo) e horizontal (Com o Próximo e com a Criação). Esses quatro fios tecem uma teia de relacionamentos indispensáveis para que o ser humano viva com equilíbrio, harmonia e paz, pois, conseguem através destes suprir todas as suas necessidades físicas, afetivas, emocionais e espirituais.

### 2.1.2 A Família-Igreja como círculo de Relacionamento com Deus

O primeiro aspecto dessa teia de relacionamentos está ligado à necessidade que o homem tem de manter comunhão com o seu Criador, pois, foi criado para ser um instrumento de glorificação do Seu Nome (Sl.95.6-7; 145.21; 150.6). A família, por sua vez foi estabelecida para

proporcionar o ambiente favorável onde o relacionamento entre o homem e Deus pudesse se desenvolver, funcionando como “um núcleo pelo meio do qual as bênçãos divinas fluiriam e se espalhariam sobre a terra (Gn. 1.28) suprindo as necessidades espirituais dos seus componentes”. (BENTHO, 2006, p. 23,24)

Segundo Dias (1992), a expressão família-igreja é provavelmente a que melhor se encaixa nesse momento da história humana, pois, o círculo familiar pode ser considerado o primórdio da gestação da Igreja, não somente pelo fato de que nesse princípio os cultos, os sacrifícios e adoração eram feitos em um ambiente doméstico (Gn. 4.1-7), ou ainda, pelo fato do sacerdócio possuir nesta etapa um caráter estritamente patriarcal (Gn. 8.20-22), mas, também, pelo fato de prefigurar o relacionamento existente entre Cristo e sua Igreja (Ef. 5.22-33).

Portanto, podemos asseverar que é na família que temos as bases primordiais que constituiriam posteriormente, não apenas a Igreja do Antigo, como também a do Novo Testamento.

### 2.1.3 – A Família e o Relacionamento entre os indivíduos que a compõem

O segundo aspecto que envolve a família como agente promotora dos relacionamentos humanos, está vinculado ao fato de que o círculo familiar, além de ter sido instituído por Deus para ser um agente de promoção relacional entre a criatura e o Criador, também deve ser capaz de suprir as necessidades físicas, afetivas, intelectuais e emocionais daqueles que a compõem. Wright e Oliver (2000), apresenta o cumprimento de determinadas atribuições, que são:

- A) Satisfação das necessidades sexuais (Gn. 1.28; Gn. 2.24)
- B) Propagação do Gênero Humano (Gn. 1.28)
- C) Subsistência (II Co. 12.14)
- D) Educação (Dt. 6.5-9; Dt. 11.18-21; Pv. 22.6)
- E) Proteção (Ec. 4.12)
- F) Afeto (Ef. 5.25)

Ao cumprir essas atribuições, a família proporciona para aqueles que a compõem a oportunidade de se desenvolverem física, intelectual e emocionalmente, permitindo-lhes completar o seu ciclo vital. Por essa razão a família tornou-se um elemento indispensável para a concretização do plano divino e para manutenção da estrutura social.

## 3. O PECADO E SUA INTERFERÊNCIA NO PROJETO FAMÍLIA

O projeto estava em pleno andamento, às partes constituintes trabalhavam em perfeita

harmonia, até que Satanás não contente com o relacionamento existente entre o grande Criador do Universo e suas criaturas, principia o estabelecimento de um plano com o propósito de quebrar os laços de comunhão que haviam sido construídos. Ele sabia, que a única forma de impedir que o ser humano continuasse desfrutando dos benefícios do projeto de Deus, ou seja, da perfeição, livre acesso à sua presença, comunhão perfeita com Ele, ausência de sofrimento e da morte, seria levando-os a desobediência dos princípios que haviam sido requeridos para a sua permanência no jardim, dentre os quais o principal era: não comer do fruto do conhecimento do bem e do mal (Cf. Gn. 2.15-17), pois, o descumprimento desta ordenança constituía-se a escolha humana por sua própria vontade, em detrimento da vontade de Deus e implicava na perda de todos os benefícios, além da aplicação das penalidades estabelecidas (Cf. Gn. 2.17; 3.17-19; Rm. 3.23; 6.23).

O alvo principal de Satanás era desestabilizar a família, que conforme mencionamos anteriormente, havia sido instituída para promover a teia de relacionamentos indispensáveis para a vida do ser humano. Se ele conseguisse, não somente interromperia a comunhão do homem com Deus, pois, o pecado nos separa d'Ele (Cf. Is. 59.2), como também afetaria todas as dimensões dos seus relacionamentos.

Como bem disse Narramore (2000), o ser humano sem medir as consequências de suas escolhas decidiu desobedecer a Deus, comendo do fruto proibido, o que resultou em sua queda e expulsão do jardim, produzindo não somente uma desordem espiritual, emocional e natural como também uma desordem social (Cf. Gn. 3 e 4). Após sua expulsão do jardim, ficou evidente o quanto à família fora afetada pela desobediência humana, pois, a partir deste momento observamos o desenrolar de muitos problemas que afetaram as suas estruturas básicas e que fugiam completamente do ideal divino para esta instituição. Vejamos apenas aqueles que consideramos os principais problemas:

### **3.1. A Degradação Do Casamento (i Tm. 4.1-3)**

O casamento aparece como um dos primeiros aspectos relacionais do ser humano que fora afetado pelo pecado, passando ao longo da história humana por uma série de descaracterizações, principalmente pela introdução de ações que desvirtuavam este compromisso, tais como: a poligamia, o divórcio e a união entre pessoas do mesmo sexo.

#### **A) A poligamia**

O sistema matrimonial que era monogâmico passou a ser poligâmico, ainda que a monogamia não tivesse deixado de ser observada por muitos. O primeiro relato bíblico quanto a esta mudança é encontrado em Gênesis 4.19, quando Lameque tomou duas mulheres por esposa.

Temos também, o caso de Abraão que além de desposar a Sara, possuía uma concubina com a qual – com o consentimento se sua esposa – se deitou para estabelecer sua descendência (Cf. Gn. 16.1-4), o mesmo acontecendo com Jacó que teve duas esposas e duas concubinas (Cf. Gn. 29.21-35; 30.1-26), e com outros grandes nomes do Antigo Testamento (Cf. 1Sm. 18.27-28; 2Sm. 5.13; 1Rs. 11.1-3).

Apesar da agregação do conceito poligâmico na organização conjugal hebraica, podemos observar que essa não era uma prática recomendada por Deus, nem aceita por todos, como nos casos de Isaque (Gn. 25.19-23), José (Gn. 41.50-52), Moisés (Êx. 2.21-22). Além desses casos alguns estudiosos destacam que possivelmente a monogamia tenha sido restaurada após o Êxodo, pois, exceto em algumas situações onde estes casamentos eram meramente acordos políticos, como no caso de Salomão (Cf. 1Rs. 11.3), não se encontram muitos relatos que sustentem a manutenção dessa prática. Acerca desse fato.

Depois do Êxodo, a maioria dos casamentos hebreus foram monogâmicos; cada marido tinha somente uma esposa (Mc. 10.2-9). O livro de Provérbios nunca menciona a poligamia, muito embora toque em muitos aspectos da cultura hebraica. Os profetas sempre usaram o casamento monogâmico para descrever o relacionamento do Senhor com Israel. Tal casamento era o ideal de Deus da vida familiar. (PACKER, TENNEY; WHITE.1984, p.20)

Entretanto, é claro que essa era uma realidade presente apenas na comunidade hebraica que tinha um compromisso firmado com Deus, e com o cumprimento de sua Lei, quanto aos demais povos, esse contexto de vulgarização do casamento através da poligamia permaneceu, e ainda existe atualmente em algumas comunidades.

## B) O divórcio

A degradação do matrimônio tem sua sequência na prática do divórcio, que segundo o próprio Jesus passou a ocorrer devido à interferência do pecado no coração humano (Cf. Mt. 19.7-8), no entanto, o plano de Deus era para que o casamento fosse indissolúvel. Isso fica bem evidente diante do posicionamento Divino frente a essa prática (Cf. Mt. 2.15-16), onde o próprio Senhor declara que odeia o divórcio. É evidente que Deus permitiu que Moisés entregasse carta de divórcio devido a algumas situações insustentáveis (Cf. Mt. 19.9) e até mesmo para preservar os direitos sociais da mulher (Cf. Dt. 24.1-4).

C) O relacionamento entre pessoas do mesmo sexo (Rm 1.27-28)

O ápice da degradação do casamento ocorreu quando as pessoas resolveram alterar a ordem de relacionamentos estabelecida por Deus, que no princípio criou uma mulher para se relacionar com um homem (Cf. Gn. 2.18-25; Mt. 19.4-6). Devido a influência do pecado na vida diária do ser humano, essa ordem foi desrespeitada, e apesar de não sabermos qual a época precisa em que isso passou a ocorrer, a Bíblia nos informa que desde Sodoma e Gomorra (Cf. Gn. 19.5-9) os seres humanos passaram a se relacionar de forma homossexual, o que foi posteriormente condenado na Lei de Moisés (Lv. 18.22) e de acordo com o Apóstolo Paulo, os que tais pecados cometem, foram entregues por Deus às paixões infames para receberem sobre si a justa punição por causa dos seus erros (Rm. 1.24-27).

### **3.2. A Degradação Dos Valores Familiares Nos Dias De Hoje (II TM. 3.1-5; MC.13.12)**

Além da degradação do casamento que tem ocorrido como consequência da manifestação do pecado no círculo de relacionamentos do ser humano, temos também a degradação dos valores familiares que contribuem para a falência de muitas famílias, ocorrendo principalmente devido a dois fatores: a inversão dos papéis na família e a educação precária.

A) A inversão dos papéis na família

Apesar de muitas pessoas pensarem que isso se trata de um discurso machista, pode-se entender pela Escritura que quando Deus estabeleceu a família, Ele fez questão de definir com muita clareza os papéis que cada cônjuge deveria desempenhar dentro do relacionamento familiar. Enquanto ao homem foi-lhe dado à responsabilidade de ser o cabeça da família com o intuito de mantê-la e protegê-la (Cf. Gn. 3.19; II Co. 12.14) a mulher foi dado o papel de auxiliadora do marido (Cf. Gn. 2.18), além do privilégio de gerar filhos (Cf. Gn. 3.16) e de cooperar na administração do lar (Cf. Pv. 31) fatores indispensáveis para o crescimento e solidificação da família. Contudo, principalmente a partir da Revolução Industrial houve um verdadeiro êxodo das mulheres que saíram de seus lares em busca de estabilidade financeira e reconhecimento social, o que tem provocado uma inversão de valores e um verdadeiro caos na manutenção da família.

Sem dúvidas a mulher deve ser respeitada e ter o espaço que lhe é devido na sociedade, todavia, quando suas pretensões pessoais interferem em sua vida familiar, isto contraria os princípios estabelecidos por Deus para o bom funcionamento da Família.

B) Educação familiar precária

Para Prado (1989), como consequência da ausência dos pais dentro de seus lares, temos a

educação familiar precária, devido à terceirização desta responsabilidade, pois, para alcançarem seus objetivos pessoais, muitos pais relegam a responsabilidade de educar seus filhos a terceiros, de modo que a Família passou a perder determinadas funções para órgãos e indivíduos da sociedade. A função da educação religiosa dos filhos tem sido transferida unicamente para as Igrejas, mídia, dentre outras instituições, enquanto a educação intelectual tem sido terceirizada apenas as escolas, e a educação social as babás.

Tiba (2002), as crianças têm perdido os seus referenciais familiares e por essa razão vivemos um caos social tão intenso, que tem gerado indivíduos emergidos na violência, sexualmente precoces, e a superlotação dos centros de detenção para menores. É necessário que a Família volte a cumprir os seus papéis se quiser que tenhamos uma sociedade forte e uma Igreja forte, pois, educação familiar é um direito dos filhos e um dever dos pais.

#### **4. A FAMÍLIA E O PROJETO REDENÇÃO**

Mediante a queda do ser humano, esse Deus que é conhecido na Bíblia principalmente pela sua misericórdia (Cf. Lm. 3.22) e amor (Cf. Jo. 3.16; 1Jo. 4.7-21;) iniciou a execução do seu projeto eterno (Cf. Ap. 13.8; 1Pe. 1.18-20) para resgatá-lo. Esse plano possuía várias etapas, e todas elas tinham como ponto de partida a Família. Se satanás pensava que introduzindo o pecado através da família estava destruindo todas as dimensões relacionais do homem, Deus queria mostrá-lo que os seus planos não podem ser frustrados (Jó. 42.2; Is. 43.13), e utilizou a mesma instituição que tinha sido fadada ao fracasso pelo pecado, para ser a mola propulsora da restauração dos relacionamentos humanos. Vejamos o desenvolvimento do plano redentivo e suas principais etapas.

##### **4.1. O Pronunciamento Da Promessa (gn. 3.15)**

A primeira etapa foi justamente plantar no coração humano o desejo e a esperança pela redenção, isso ocorreu com o pronunciamento de uma promessa, que previa que da semente da mulher (Cf. Gn. 3.15; Is. 7.14; Mt. 1.20-23; Gl. 4.4), a mesma espécie que foi inicialmente ludibriada por satanás, nasceria aquele que destruiria todos os planos e obras do diabo (1Jo. 3.8) e resgataria o ser humano de sua condição pecaminosa. O ciclo de promessas se estendeu por todo Antigo Testamento, de modo que temos cerca de 332 promessas que falam dos vários aspectos do nascimento, vida e obra deste que foi esperado e chamado de Messias.

#### 4.2. A Escolha Da Descendência Pura De Onde Viria O Salvador (GN. 4.26)

Depois da profecia acerca do nascimento do menino, a etapa seguinte prescrevia que seria necessário escolher uma descendência da qual Ele procedesse, afinal de contas, o Redentor não poderia descender de qualquer árvore genealógica. Sendo assim, o Senhor inicia escolhendo um homem (Cf. Gn. 4.26), e deste uma Família (Cf. Gn. 6.8-9) que daria origem a um povo (Cf. Gn. 9.26) e desse povo uma grande nação (Cf. Gn. 10.24; 11.11-31; 12.1-9) de onde descenderia o Salvador da humanidade (Cf. Mt. 1.1-17; Lc. 3.23-38). Tudo transcorreu segundo a vontade do Eterno Deus, cumprindo em detalhes o seu grande plano.

#### 4.3. O Cumprimento Da Promessa

De acordo com tudo aquilo que havia sido previsto pelas profecias, o cumprimento da promessa teve sua execução no seio de uma família que pertencia à linhagem de Davi, tanto por parte de José (Cf. Mt. 1.1-17), quanto de Maria (Cf. Lc. 3.23-38). Esta pequena família, ainda em processo de formação tornou-se o instrumento de Deus para que Seu Filho tomasse a forma humana (Jo. 1.1, 14) e finalmente pudesse restituir aquilo que o pecado destruiu.

O menino nasceu em Belém, de acordo com a previsão de Miquéias (Mq. 5.2; Mt. 2.1), foi perseguido correndo risco de morte, conforme profetizado por Jeremias (Jr. 31.15; Mt. 2.16); fugiu para o Egito segundo a profecia de Oséias (Os. 11.1; Mt. 2.14); cresceu e no devido tempo iniciou seu ministério, cumprindo-o principalmente nas regiões da Galiléia (Cf. Is. 9.1-2; Mt. 4.12-16); escolheu seus discípulos (Cf. Mt. 10.1-15) dos quais um foi o seu traidor (Cf. Sl. 41.9; Mc. 14.10-11); e ainda de acordo com as profecias foi crucificado e morto (Cf. Is. 53.12; Mt. 27.38), mas, ao terceiro dia ressuscitou (Cf. Sl. 16.10; Mt. 28.9), onde depois de passar quarenta dias com os seus discípulos (Cf. At. 1.3), ascendeu ao céu (Cf. Sl. 68.18; Lc. 24.50-51) e está a destra do Pai intercedendo pelos seus servos (Cf. At. 7.55-56).

Como resultado deste grande projeto todas as dimensões dos relacionamentos humanos que haviam sido destruídas devido ao pecado, foram restauradas, a começar pelo seu relacionamento com Deus (Cf. Rm. 5.1-2), consigo mesmo (Cf. Mt. 11.28-30), com o próximo (Cf. 1Jo. 1.7) e com a criação (Cf. Is. 65.17-25), em Cristo todas as coisas foram reconciliadas.

### 5. IGREJA: O RESULTADO DO PROJETO DE RESTAURAÇÃO DA FAMÍLIA

O plano da redenção não foi finalizado com a morte, ressurreição e ascensão de Cristo aos céus, ainda faltava uma última etapa: a transmissão dessa boa nova para toda a humanidade. Pois, se o homem havia utilizado o livre-arbítrio no princípio para escolher sua própria vontade em

detrimento da vontade divina, o caminho inverso deveria ocorrer nos mesmos parâmetros, ou seja, o plano executado lhe é apresentado, e todo aquele que o reconhece e o aceita como instrumento de salvação é restaurado, não estando mais sujeito a condenação punitiva do pecado (Rm. 8.1), mas, passa a viver em novidade de vida (2Co. 5.17).

Para o cumprimento dessa tarefa o Senhor escolheu todo aquele que tendo aceitado o plano redentivo, tornou-se parte integrante do corpo místico de Cristo (Cf. 1Co.12.12-31), que o próprio Jesus denominou de Igreja (Cf. Mt. 16.18), e que apesar de ter tido os seus primórdios no Antigo Testamento (Cf. Dt. 4.10; Hb. 2.12; 12.1; 11.4-32), de acordo com Grudem, (1999, p.715) foi estabelecida para reunir “a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos”, com o propósito de promover comunhão entre o homem e Deus (Cf. Col. 3.16); trabalhar na manutenção espiritual dos novos crentes (Cf. Cl. 1.28); e levar as boas novas para a humanidade (Cf. Mt. 28.19; Mc. 16.15).

Por sua vez a família sempre esteve presente atuando no nascimento, desenvolvimento e manutenção da Igreja, como veremos a seguir, pois, como já mencionamos ambas foram instituídas com propósitos comuns, o que gera uma aliança que não pode ser quebrada.

### **5.1. A Família E O Nascimento Da Igreja**

Como mencionamos anteriormente, a Igreja teve suas bases estabelecidas no Antigo Testamento através da Família, que funcionava como um círculo social cujo objetivo principal era promover o ambiente necessário para o desenvolvimento relacional humano, em todas as dimensões, principalmente o divino. No princípio a Igreja do Antigo Testamento era estritamente familiar, tendo o patriarca como o sacerdote da família. Com o passar dos tempos, esse círculo tomou dimensões maiores alcançando toda a nação, de modo que surgiu um lugar de reunião e oferecimento de sacrifícios para todo o povo (Cf. Êx. 25 – 31; 1Rs. 6 – 8) e fora escolhida a tribo de Levi para o estabelecimento da linhagem sacerdotal (Cf. Lv. 8.1-36; 21.1-24).

Thompson (1997), o homem por sua vez institucionalizou a Igreja do Antigo Testamento, tornando-a uma religião nacionalista e legalista não cumprindo o propósito divino que havia sido estabelecido, que era alcançar os povos da terra. No entanto, esse desejo de Deus, foi cumprido através da obra de seu Filho que reestabeleceu a Igreja para finalmente cumprir esse propósito (Ef. 2.11-22). Como não poderia deixar de ser a Igreja do Novo Testamento tem o seu nascedouro no seio de uma família (At. 1 – 2), pois, considera-se o dia de Pentecostes, como o marco, a sua certidão de nascimento.

## 5.2. A Família E O Desenvolvimento Da Igreja Do Novo Testamento

O desenvolvimento ocorre seguindo o mesmo cronograma, ou seja, a família participando ativamente da execução do projeto, já que inicialmente essa Igreja não possuía templos, e por essa razão as casas eram os ambientes de reuniões dessa primitiva comunidade cristã. A Igreja de Jerusalém iniciou-se em um cenáculo que possivelmente pertencia a Maria, mãe de João Marcos (Cf. At. 4.23-31); o evangelho alcançou a família de Cornélio que estava em Cesaréia (Cf. At. 10.1-48); a Igreja de Filipos iniciou na casa de Lídia, uma vendedora de púrpura (Cf. At. 16.13-15; 40); a Igreja de Tessalônica na casa de Jason (Cf. At. 17.4-9); havia uma Igreja em Roma na casa de Priscila e Áquila (Cf. Rm. 16.3-5; 1Co. 16.19); os da família de Estéfanos eram as primícias da Acáia (Cf. 1Co. 16.15); havia uma Igreja em Laodicéia que possivelmente iniciou na casa de Ninfá (Cf. Cl. 4.15); a Igreja de Colossos estava congregada na casa de Arquipo (Cf. Fm.2).

Como se pode perceber a família novamente foi indispensável no desenvolvimento da Igreja do Senhor, que tem sido perpetuada ao longo dos séculos apesar das inúmeras tentativas humanas de destruí-la ou descredibilizá-la, e dessa unidade entre Família e Igreja depende a manutenção da boa estrutura eclesial, como constataremos a seguir.

## 5.3. A Família E A Manutenção Da Igreja

A sociedade atual sofre com graves problemas, tais como: auto índice de violência, corrupção, prostituição infantil, tráfico de drogas, dentre outros. Todas essas circunstâncias são apontadas como um reflexo da falta de estrutura familiar, pois, não somente os teólogos, como também, sociólogos, antropólogos e psicólogos, concordam que a família é a base estrutural da sociedade. Rui Barbosa considerava a família como a “célula mãe da sociedade”, de modo que a prática comportamental do indivíduo no âmbito social está na maioria das vezes diretamente ligado, ao processo educacional que este recebeu no círculo familiar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa falta de estrutura na família afeta todas as instituições, tanto sociais, quanto políticas e eclesial, e por essa razão a Igreja não está isenta de sofrer as consequências desse problema. Consideramos a saúde da família indispensável para um crescimento com qualidade nas Igrejas, pois, se tivermos na sociedade, ainda que restrita ao círculo cristão, crianças educadas a luz da Palavra de Deus, estaremos preparando-as para enfrentarem as demais fases de sua vida de modo equilibrado, proporcionando assim, às comunidades eclesial membros conhecedores da verdade, com um padrão moral elevado, o que afetará diretamente a estrutura social de forma

positiva, já que os índices de violência, corrupção, abortos, estupros, divórcios, dentre outros problemas serão minimizados.

As Igrejas precisam atentar para esse detalhe, pois, o cuidado com a manutenção da boa estrutura da família é papel da Igreja. Isso inclui a instituição do matrimônio; orientação aos pais na educação dos filhos; instrução aos jovens em assuntos como: sexo, namoro, noivado e casamento; e ainda, proporcionar mecanismos para a manutenção e restauração dos relacionamentos familiares. A Igreja deve ser uma extensão da Família, mas também, um agente de propagação da mensagem do Evangelho e ainda, ser capaz de conduzir o homem em direção ao seu Salvador, e somente assim o plano perfeito de Deus haverá sido completado onde nos tornaremos membros de uma mesma família, àquela que viverá eternamente na sua presença.

## REFERÊNCIAS

APLICAÇÃO PESSOAL: **Bíblia de Estudo**. Rio de Janeiro – RJ: CPAD, 2004.

BENTHO, Esdras Costa. **A Família no Antigo Testamento: História e Sociologia**. Rio de Janeiro – RJ: CPAD, 2006.

DIAS, Maria Luiza. **Vivendo em Família: Relações de afeto e de conflito**. 7.<sup>a</sup> ed. São Paulo –SP: Moderna, 1992.

GRUDEM, Waine. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

NARRAMORE, Bruce. **Socorro: temos Filhos. Como criar seus filhos: um guia prático**. São Paulo – SP: Ed. Mundo Cristão, 2000.

PACKER, James I. TENNEY, Merrill C. WHITE, Willian. **Vida Cotidiana nos Tempos Bíblicos**. São Paulo – SP: Vida, 1984.

PRADO, Danda. **O que é a Família**. 11.<sup>a</sup> ed. São Paulo – SP: Brasiliense, 1989.

THOMPSON, Frank Charles. **Bíblia de referência Thompson: Com versículos em cadeia temática**. São Paulo – SP: Ed. Vida, 1997.

TIBA, Içami. **Quem Ama, Educa**. São Paulo – SP: Ed.Gente, 2002.

WRIGHT, H. Normam e OLIVER, Gary. **Criando Filhos Emocionalmente Saudáveis**. Niterói – RJ: Ed. Textus, 2000.

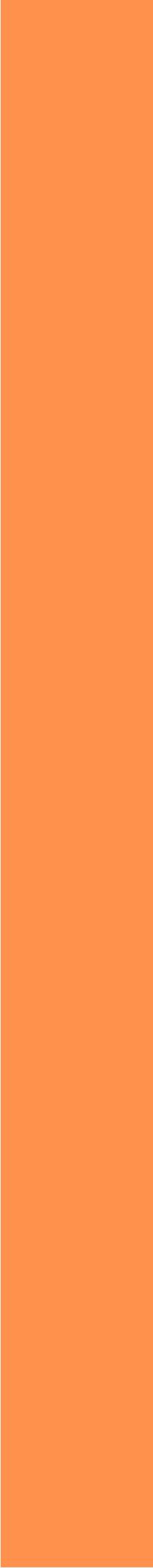


## *Capítulo 4*

---

# **O ENSINO TEOLÓGICO DO SEMINÁRIO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DE MACAPÁ E O DESAFIO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

Weverton Gleison Mendes Costa



## O ENSINO TEOLÓGICO DO SEMINÁRIO DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS DE MACAPÁ E O DESAFIO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

*Weverton Gleison Mendes Costa<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este artigo oferece uma análise reflexiva sobre as ações tomadas de uma determinada instituição religiosa, frente ao enfrentamento da intolerância religiosa. Desta forma, o referido artigo tem por finalidade apontar por meio de pesquisa bibliográfica como a Igreja Assembleia de Deus interpreta a intolerância religiosa, bem como, que ações são tomadas para o enfrentamento da intolerância religiosa, segundo o ensino teológico oferecido e praticado no Seminário Teológico das Assembleias de Deus, o Setad, no município de Macapá. Parte-se do que é exposto no teor doutrinário e teológico, e o que a igreja mantenedora tem absorvido e praticado como referência de ações positivas para a construção de uma sociedade local mais justa, igualitária e respeitável para com as diferenças que se acentuam na cultura religiosa e pluralismo religioso amapaense. Entender a cultura religiosa, seus desdobramentos, sua cooperação pelo diálogo e tolerância, representa uma porta que se abre para a transformação social e espiritual que tanto se espera entre a igreja evangélica e a sociedade em geral. A metodologia abordada é de cunho qualitativo servindo-se da pesquisa bibliográfica e análise documental como forma de investigação.

**Palavras-Chave:** Assembleia de Deus. Teologia. Intolerância Religiosa. Diálogo. Doutrina.

### ABSTRACT

This article offers a reflexive analysis on the actions taken by a particular religious institution, in the face of facing religious intolerance. Thus, the article aims to point out through bibliographical research how the Church Assembly of God interprets religious intolerance, as well as, what actions are taken to combat religious intolerance, according to the theological teaching offered and practiced at the Theological Seminary of the Assemblies of God, the Setad, in the city of Macapá. It is based on what is exposed in the doctrinal and theological content, and what the maintaining church has absorbed and practiced as a reference of positive actions for the construction of a more just local society, egalitarian and respectful to the differences that are accentuated in the religious culture and religious pluralism amapaense. Understanding religious culture, its unfolding, its cooperation through dialogue and tolerance, represents a door that opens for the social and spiritual transformation that is so much expected between the evangelical church and society in general. The methodology is qualitative using bibliographical research and document analysis as a form of investigation.

**Keywords:** Assembly of God. Theology. Religious intolerance. Dialogue. Doctrine

---

<sup>1</sup> Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá; especialista em Gestão Escolar com ênfase em administração, supervisão, orientação e inspeção escolar (Faculdade Iguaçú/PR); pós-graduado em Teologia e História das Religiões (Faculdade Iguaçú/PR); pós-graduado em Docência do Ensino Superior e Teologia. Atualmente é coordenador pedagógico na educação básica da Secretaria de Estado da Educação do Amapá.

## 1. INTRODUÇÃO

No mundo pós-moderno existem muitos desafios a serem resolvidos ou amenizados através de soluções pertinentes e favoráveis ao diálogo, respeito mútuo, reciprocidade e alteridade<sup>2</sup>. Dentre os desafios atuais e que muito tem-se falado e vivido no presente século é a questão da intolerância religiosa. Sendo, pois, um tema e assunto de suma importância na esfera social, democrática, cultural e religiosa da sociedade brasileira, requer-se aqui, especial atenção em como a igreja evangélica tem se posicionado frente às divergências e desafios que se apresentam fora de seu padrão cultural dogmático e espiritual.

Visto que toda religião tem sua própria fundamentação doutrinária, é imprescindível procurar observar em como se traçam os dogmas, as doutrinas dentro de uma vertente teológica. Haja vista que toda religião observa seus valores e princípios ensinados e praticados de acordo com sua teologia e doutrina.

Desta forma, o referido artigo tem por finalidade apontar por meio de pesquisa bibliográfica como a Igreja Assembleia de Deus interpreta a intolerância religiosa, bem como, que ações são tomadas para o enfrentamento da intolerância religiosa, segundo o ensino teológico oferecido e praticado no Seminário Teológico das Assembleias de Deus, o Setad, no município de Macapá. Espera-se que este trabalho possa demonstrar as práticas que estão sendo construídas, ou devem ser realizadas, ao longo de um processo em construção na identidade do povo evangélico assembleiano e que o campo teológico pode contribuir com a cultura de paz, através da alteridade no contexto da diversidade religiosa.

## 2. O SEMINÁRIO TEOLÓGICO DA ASSEMBLEIA DE DEUS

O Seminário Teológico da Assembleia de Deus (SETAD) é uma instituição teológica já conhecida em todo o Brasil na denominação das Assembleias de Deus. Tendo como principal característica a autonomia de suas escolas teológicas fundadas nos Estados da Federação, obedecendo o regimento doutrinário e convenções adotados pelas Igrejas mantenedoras.

Em Macapá, o Setad está situado na Rua Tiradentes, nº 532, no centro da cidade. Segundo o Projeto Pedagógico de Curso, documento oficial aprovado em 2022, suas atividades iniciaram-se no dia vinte e nove de novembro de 1999, inicialmente apenas com os cursos básico e médio em Teologia. (SETAD, 2022, p.13)

---

<sup>2</sup> Segundo a definição de Porfírio [s.d.]: “A alteridade é o reconhecimento da individualidade e das especificidades do outro ou de um outro grupo. Exercer a alteridade é agir com empatia, respeito e tolerância. É o reconhecimento de que existem pessoas e culturas singulares e subjetivas que pensam, agem e entendem o mundo de suas próprias maneiras.”

Para Teixeira e Teixeira (2021), as primeiras turmas do novo seminário teológico eram compostas por obreiros, e a finalidade dos estudos era a capacitação ministerial dos mesmos. O Setad foi criado pela necessidade da oferta teológica embasado nas doutrinas existentes nas Sagradas Escrituras, das quais as Assembleias de Deus fazem usufruto. O conteúdo ministrado visava apenas a doutrina, os dogmas e aquilo que a igreja defendia como regras de fé e prática. O foco do ensino era a transmissão de um conhecimento teológico confessional para ser usado na evangelização de novos prosélitos.

### 3. A TEOLOGIA COMO COMPÊNDIO DOUTRINÁRIO DE UMA RELIGIÃO

Na educação formal a única disciplina que está amarrada na legislação máxima do Brasil é o Ensino Religioso, que deve ser pautado segundo os preceitos da laicidade do Estado, respeitando todas as manifestações e diferenças de crenças que compõe a cultura religiosa brasileira. O conhecimento esperado para a sociedade educacional é de uma epistemologia reflexiva. De acordo com Oliveira (2009) o ensino religioso é um conhecimento reflexivo por ter como objeto de estudo a experiência religiosa. Busca-se com isso, a possibilidade de se conhecer o “transcendente”, e é um conhecimento que interage com a pessoa humana na sua totalidade.

Entretanto, fora o ensino religioso, no que tange ao que a escola pública ou privada ensina, existe a epistemologia teológica<sup>3</sup>. Este é um conhecimento mais particular, ensinado e adotado por determinadas crenças e religiões, cujas instituições religiosas dentro de uma teologia sistemática abordam todos os conceitos da dogmática doutrinária, i.é., daquilo que é aceitável em verdade absoluta, fé *sine qua non*. Porém, mesmo dentro de tais verdades, existem várias interpretações e “outras verdades” segundo as linhas hermenêuticas, exegéticas e correntes teológicas; uma vez que, toda doutrina e regras de fé, dentro da cristandade, são extraídas do teor bíblico. Também, dentro do bojo doutrinário, a epistemologia teológica tem buscado o diálogo com outras ciências, tais como a teoria da evolução, a psicanálise freudiana, o marxismo, a antropologia, etc.

Para o Dicionário Brasileiro Globo (1996, p.598), conceitua: “*Teologia*. Tratado de Deus; doutrina que trata das coisas divinas, doutrina da religião cristã; ciência que tem por objeto o dogma e a moral.” A teologia é uma visão de mundo (material e espiritual) de acordo com determinada cosmovisão de um grupo, sociedade ou cultura religiosa. Não necessariamente, segue a mesma visão, interpretação, e observação dos fenômenos naturais ou da realidade, e do abstrato espiritual

---

<sup>3</sup> De acordo com a Enciclopédia Digital *Theologica Latinoamericana* (2021) a “epistemologia teológica” entendida, do ponto de vista da sua realização, é uma tarefa da segunda ordem, uma vez que supõe a realização concreta do teologizar, vivência que procura compreender. Do ponto de vista de seu impacto, no entanto, é uma questão de primeiro nível, pois afeta a perspectiva e o modo como devem ser abordados os temas próprios da disciplina.

que outros povos, culturas e grupos sociais adotam como verdades ou possibilidades. Desta forma, a teologia não é uma ciência universal, adotada de apenas um dogma ou dogmas absolutos e verdadeiros; pois sua gênese segue o referencial de cada religião.

O compêndio é o resumo de doutrinas, sumário, a síntese (FERNANDES, LUFT, GUIMARÃES, 1996, p.167). Portanto, pode-se dizer que a teologia é o compêndio e o sumário daquilo que a religião adota como verdades absolutas. Crenças daquilo que é aceito como doutrina, dogma, algo inquestionável e irrevogável.

Toda religião segue um padrão de fé, e esse padrão de fé é exposto como doutrinas dentro da teologia. A doutrina religiosa é a regra a ser seguida pelos fiéis, que regem suas vidas e ações cotidianas seguindo um paradigma aceito, muitas vezes, universalmente, e outras vezes, apenas regionalmente (cultura local). Para Alves (2009, p.97), a Doutrina é:

O conjunto de conhecimentos que fundamentam a tradição religiosa. Todos os fundamentos da doutrina emanam do texto sagrado, podendo ser orais ou escritos. O uso da escrita possibilitou o surgimento das sagradas escrituras, que, por sua vez, propiciaram o surgimento da teologia, que tem a função de fixação doutrinal e definição dogmática. Ela faz a intermediação entre o exercício da razão e o exercício do poder. A doutrina religiosa tem a função de ser civilizadora da humanidade, por esclarecer muitas dúvidas, por dar aos homens um sentido de organização da vida, tanto individual quanto coletiva, e de criar normas e regras que facilitam a vida em comunidade.

A doutrina sistemática é a organização por temas de tudo aquilo que fundamenta a fé segundo a revelação do texto sagrado, a Bíblia. “A religião expressa sua ordem máxima nos sistemas teológicos, ou seja, quando a doutrina é sistematizada e passa a ser o norte de toda a estrutura da tradição religiosa” (ALVES, 2009, p.97). A teologia é o conjunto das verdades que a fé aceita, de maneira expressa epistemologicamente, é o conhecimento que fundamenta a religião; e esse conhecimento é transmitido aos fiéis “por meio do ensino, da pregação, das normas de conduta e da catequese” (ALVES, 2009, p.97).

A religião para ser compreendida precisa da teologia, pois é na teologia que seus dogmas passam para o mundo da racionalidade com a finalidade de tornar compreensíveis os fundamentos da crença e dialogar com várias manifestações culturais, antropológicas, sociológicas, políticas e religiosas. A teologia tem seu espaço teórico, mas que exige a fundamentação prática do fiel. Viver aquilo que crê, e demonstrar por meios de ações que sua vida está pautada na doutrina professada (*modus operandi*).

A Assembleia de Deus, a Pioneira, de Macapá, tem historicamente, como base doutrinária a Teologia Pentecostal, isto é, tem adotado uma interpretação peculiar às principais doutrinas bíblicas.

Como exposto no PPC (SETAD, 2022, p.9): “[...] desta forma, consolida-se com profundidade na corrente de pensamento teológico que faz oposição ao Calvinismo, o Arminianismo (característica tradicional das igrejas de tradição pentecostal de confissão arminiana)”.

A confessionalidade é uma característica das religiões que se opõe ao conceito de laicidade. Segundo Borges (2013) a laicidade é a ausência do controle religioso da política, das artes, das ciências e da educação. Tal movimento surgiu no século 16, cuja ideia fundamental era que cientistas, educadores, artistas e políticos deveriam trabalhar sem favorecimento ou perseguição devido suas posições religiosas. Religião estaria voltada para a vida privada em detrimento de não interferir na política. Como consequência, a laicidade é esperada onde existe a liberdade de expressão da diversidade religiosa. Laicidade é entendida como secularismo. Na política, tem o sentido de neutralidade. Mas, o de fato o que é a confessionalidade?

A confessionalidade é um conjunto de crenças, princípios, símbolos e práticas que se explicitam na vida de uma pessoa ou instituição. É a atitude de assumir e confessar como valioso um conjunto de valores, princípios de conduta e também respostas para os questionamentos da vida. [...] é, portanto, a impossibilidade da neutralidade. O ser humano não consegue deixar de formular questões ou aceitar, impassivelmente, respostas que são impostas a ele. A confessionalidade está ligada à própria racionalidade humana. [...] todo ser humano possui um conjunto de crenças. [...] está ligada à identidade. (BORGES, 2013, n.p.)

A Religião do Cristianismo é mantenedora de várias igrejas, e cada uma delas tem sua própria regra, doutrina, dogma; e divergem em vários pontos cruciais da fé cristã, como a teologia católica romana e a teologia assembleiana pentecostal. A teologia assembleiana, assim, é entendida como aquilo que seja verdadeiro, que define o que a igreja Assembleia de Deus é, com quem ela se relaciona ou pode romper.

A teologia evangélica assembleiana tem espaço para dialogar com a intolerância religiosa? O que é ensinado no bojo doutrinário dentro do seminário teológico? Há espaços neste ensino confessional para a compreensão do que é ou apresenta-se diferente? Quais são as ações adotadas para apaziguar as intrigas, as diferenças, o fanatismo exacerbado que interfere na prática do respeito e tolerância ao espaço sagrado do próximo?

#### **4. ENTENDENDO A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

O mundo atual está em constante transformação social, moral, cultural, e principalmente, na forma em que interpreta o fenômeno religioso. A pós-modernidade trouxe novas propostas de se

entender as coisas tanto empiricamente quanto epistemologicamente; tanto material quanto espiritualmente; tanto filosófica quanto teologicamente. As religiões, na pós-modernidade têm demonstrado que perderam forças enquanto instituição de direito e representatividade social, entretanto, permanecem inabaláveis quanto ao caráter da missão espiritual. Santos e Faria (2015, p. 93), apresentam que a identidade religiosa também está passível de modificações:

Acontece que as grandes religiões históricas mantêm suas propostas originais, ou seja, não se deixaram abalar pela avalanche de ideologias fragmentárias que se deram neste período analisado. O que por um lado nos permite contemplá-las como um último recanto de estabilidade tornou-se, para elas, fonte de desaprovação dos fiéis, já não acostumados com tais dogmatismos.

Ao passo que a sociedade muda, os conceitos e tradições religiosas tendem a acompanhar esse movimento de transformações que caracterizam o dinamismo da história humana. Pois, antes, os valores eram pré-estabelecidos, nas famílias e comunidades havia o “pertencimento religioso”, onde se desenvolviam a pessoa cidadã e fiel. Quando esse horizonte cultural tende a quebrar-se, a ruptura com o passado e a tradição traz novas ideologias que nem sempre serão aceitas pelas tradições mais ortodoxas. Assim, Santos e Faria (2015) argumentam que o processo atual da religião na pós-modernidade consiste no fato de que os sujeitos não abrem mão de sua “liberdade”, e essa negação de pertencimento a uma causa religiosa ou referentes ao conteúdo de fé, é a procura do sujeito em busca da sua autossatisfação. É importante considerar esses aspectos, porque é devido a esses e outros fatores que no contexto religioso surge a “intolerância religiosa”.

De acordo com Steck (2013, p.1) “o direito de criticar dogmas e encaminhamentos é assegurado como liberdade de expressão”. Não se pode ultrapassar essa linha da crítica para a violência. Pois, agressões, ofensas e tratamento injusto a alguém em função de crença ou arreligiosidade é crime inafiançável e imprescritível.

Steck (2013) conceitua a intolerância religião como um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou mesmo a quem não segue uma religião. Sendo, pois um crime de ódio contra a liberdade e a dignidade humana. Martins e Silva (2020) comentam que tais atitudes, estão arraigadas na cultura brasileira e, estão vinculadas ao racismo, portanto, um desrespeito aos Direitos Humanos.

O Projeto de Lei nº 4.159, de 2015, de autoria da Deputada Federal Laura Carneiro, em seu artigo 2º, traz uma nova concepção do que seja intolerância religiosa, ao legislar que: “Considera-se intolerância religiosa, para efeitos desta Lei, o cerceamento à livre manifestação religiosa, bem

como o assédio em ambientes de trabalho, instituições educacionais, estabelecimentos de saúde ou quaisquer outros ambientes públicos ou privados.”

Para Silva (2018, p.64):

A intolerância religiosa tem nuances e intensidade diversas: inclui desde manifestações de desrespeito, não reconhecimento do direito da liberdade religiosa, da existência institucionalizada e prática ritualista coletiva, ao ódio, perseguição religiosa destruição de patrimônios da humanidade e massacres em nome de Deus.

Evidencia-se que são vários os contextos onde se manifestam casos de intolerância religiosa. Do simples fato da não aceitação ou reconhecimento que o indivíduo tem em manifestar sua liberdade religiosa, do desrespeito aos espaços sagrados e seus ritos, da perseguição religiosa convertida em atrocidades em nome de Deus. O Brasil é um país diversificado, dotado de pluralidades religiosas e culturas diversas, por este motivo é um Estado laico; neutro nos aspectos da religiosidade do cidadão, porém, com ações positivas e jurídicas para garantir o direito às manifestações religiosas de quaisquer naturezas. Entretanto, a intolerância religiosa continua constantemente executada nos dias contemporâneos. A própria Carta Magna, de 1988, garante a proteção aos cultos e crenças:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religioso e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

Nota-se o total desrespeito aos lugares sagrados, sacerdotes, e pessoas que professam determinadas religiões; por este motivo, a intolerância deve ser confrontada com a tolerância, a busca pelo respeito. A intolerância religiosa é uma forma de “cultura do cancelamento”, isto é, prefere separar-se daquilo que se considera intolerável, ou o horror ao diferente, cancelando-o com ofensas, injurias e agressões. No Brasil, a intolerância religiosa vai de encontro à polarização política, às ideologias de gênero, à homofobia.

Existe um dom inalienável de Deus, que é o livre arbítrio, a vontade própria. As pessoas são livres para amar Jesus, para seguirem-no, para oferecerem-lhe pousada, como são livres também para rejeitá-lo. [...] a questão da intolerância religiosa é tão séria que faz brotar vigorosamente uma semente maligna, que induzirá um grupo específico, uma denominação

ou seita específica a falar exatamente isto: “quem não é por nós é contra nós”. Porém, o princípio de Jesus foi o inverso. Ele disse: “Pois quem não é contra nós é por nós [...]” (Marcos 9.40.”. (VALADÃO, 2011, p.16,17, grifos do autor)

Valadão evidencia o ocorrido com muitos grupos religiosos, isto é, o constrangimento de terceiros por não aceitarem o que é diferente, oposto, antagônico à um ideal defendido. A exemplo da rejeição do Evangelho de Cristo que muitos cristãos não aceitam e tomam atitudes drásticas na finalidade de corrigir o que acham inaceitável no campo do dogmatismo doutrinário e religioso. Espera-se ações de respeito mútuo até no modo como as pessoas creem.

Segundo Silva (2018) a intolerância religiosa manifesta-se na esfera das relações humanas alicerçadas em anseios e crenças de cunho religioso. Todo ato é justificado em nome de Deus; chega-se a admitir uma guerra espiritual, onde na esfera humana os guerreiros são homens e mulheres que se detestam e não se toleram.

Para Pancera (2016) a religião na vida de uma pessoa torna-se importante porque ela orienta moralmente a vida das pessoas, pois o ser humano pauta sua vida em valores. Assim, a religião traz esse papel formativo. A religião apresenta a crença; esta determina o que na religião possui valor, verdade e dogma. Quando a crença é imposta, limitando o entendimento de que existe apenas uma verdade absoluta, impossibilita o diálogo; neste sentido, gera-se o conflito, e o mais cruel deles, a intolerância religiosa.

A legislação brasileira defende a liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Porém, existem instituições que continuam defendendo suas interpretações teóricas acerca de como se deve ser e viver como únicas fontes de verdades absolutas, e esquecem que existem outras formas e maneiras de se entender o mundo, sua história, sua cultura e religiosidade. O Decreto nº 592, de 6 de julho de 1992, instituiu o Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos, e em seu art. 18, preceitua:

1. Toda pessoa terá direito a liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Esse direito implicará a liberdade de ter ou adotar uma religião ou crença de sua escolha e a liberdade de professar sua religião ou crença, individual ou coletivamente, tanto pública como privadamente, por meio do culto, da celebração de ritos, de práticas e do ensino.
2. Ninguém poderá ser submetido a medidas coercitivas que possam restringir sua liberdade de ter ou de adotar uma religião ou crença de sua escolha.
3. A liberdade de manifestar a própria religião ou crença estará sujeita apenas a limitações previstas em lei e que se façam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral públicas ou os direitos e as liberdades das demais pessoas.

A Lei nº 11.635/07 instituiu o dia 21 de janeiro como o “Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa”. Segundo Steck (2013) esta lei foi uma homenagem a Gildásia dos Santos e Santos, a Mãe Gilda, do terreiro Axé-Abassá de Ogum, de Salvador, que sofreu um infarto fulminante após ler uma matéria no jornal Folha Universal a acusando de charlatanismo. Este dia memorável é uma lembrança do que não se pode fazer, pois na intolerância não se dialoga com o bom senso, com o respeito às diferenças de crença e opinião. E este é um passo que muitos cristãos precisam aprender para viver numa comunidade genuinamente fraterna.

## **5. A ASSEMBLEIA DE DEUS DE MACAPÁ E O DESAFIO DA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

É importante frisar a origem das Assembleias de Deus. Uma denominação historicamente caracterizada pelo fervor evangelístico e avanço das periferias brasileiras aos centros das grandes cidades. “A Igreja Assembleia de Deus, pertence a primeira onda do Pentecostalismo no Brasil. [...] foi fundada em 1911 por dois missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren”. (ULRICH, FREITAS, OLIVEIRA, 2017, p.38).

De Belém do Pará, a igreja expandiu-se para todos os estados do Brasil, movida pelo ímpeto missionário. A cada dia a jornada de trabalhos dos missionários suecos crescia mais, e isto desenvolveu um avassalador crescimento da igreja, primeiramente, na Região Norte do Brasil.

Este ímpeto missionário nem sempre apresenta um respeito às diferenças. Neste sentido, acontecem ataques de intolerância religiosa, especialmente, contra as religiões de tradição africana. O “ide a todos os lugares e fazei discípulos” faz parte da gênese das igrejas cristãs, e muito, fortemente, das igrejas Assembleias de Deus. (ULRICH, FREITAS, OLIVEIRA, 2017, p. 39)

O crescimento da maior igreja evangélica brasileira, nos seus primórdios não se preocupou em entender essa pluralidade religiosa da cultura brasileira, uma vez que, interpreta serem “pagãos” ou “pecadores” todos os que não professam a fé cristã adotando os méritos de Jesus Cristo, como única ponte entre os homens e Deus.

No Amapá, a denominação pentecostal foi a primeira igreja evangélica a estabelecer-se no Estado, e segundo o presidente da igreja pastor Iaci Pelaes dos Reis, hoje a igreja possui cerca de 180 mil pessoas congregadas nas Assembleias de Deus de todo o Estado do Amapá. A matéria do jornal Diário do Amapá, publicada no aniversário do Centenário da Assembleia de Deus no Amapá, em 24 de junho de 2017, destaca a história da igreja, descrevendo que:

No ano de 1916, o evangelista Clímaco Bueno Aza, desembarcou no porto localizado nas proximidades da Fortaleza, trazendo bíblias e outros livros cristãos a fim de desenvolver seu trabalho de colportagem (vendedor que distribui mercadorias de porta em porta, geralmente livros religiosos). No dia 27 de junho de 1917, o evangelista Manoel José de Matos Caravella dá continuidade ao trabalho iniciado pelo Clímaco Bueno Aza, fundando as Assembleias de Deus no Amapá. Na época, Macapá resumia-se a uma pequena vila com quase mil habitantes, dispostos no entorno do Forte. Ao longo de um século a igreja tem promovido o evangelismo, a paz, amor e a fraternidade em todos os municípios e tem desempenhado um importante papel espiritual, social e cultural. Para todos os fiéis, a comemoração é uma forma de agradecer a Deus e manifestar a identidade dos assembleianos.

Hoje, a Assembleia de Deus no Amapá é uma denominação, que passou por várias mudanças na questão administrativa e rupturas; pois ocorreram cismas durante sua trajetória nas terras tucujus, dando origem às duas maiores igrejas Assembleias de Deus no Estado: as Assembleias de Deus, a Pioneira, que era presidida pelo pastor Dr. Oton Miranda de Alencar até o primeiro semestre de 2022, e hoje, seu atual presidente é o pastor e promotor de justiça Dr. Iaci Pelaes; e as Assembleias de Deus, CEMEADAP, presidida pelo pastor Lucifrançis Barbosa Tavares; atual presidente do campo ministerial do município de Santana.

Como já exposto, a doutrina das Assembleias de Deus é de linha confessional, de caráter pentecostal arminiano. O ensino teológico oferecido a seus fiéis tem um caráter peculiar da teologia confessional, mas que dá aberturas para compreender-se o diferente, entender a linha do ponto de equilíbrio.

Assim como no Brasil, na cultura macapaense existe uma diversidade religiosa que cresce a cada ano. Segundo Martins e Silva (2020, p.2), “com o passar dos anos, a diversidade foi aumentando ao ponto de haver várias vertentes dentro de uma mesma crença, e isso é motivo de conflitos ideológicos e causa de discriminação em vários grupos”.

Para que a igreja Assembleia de Deus possa contribuir com a amenização e solução de problemas dentro do campo religioso, ela deve voltar-se a procurar entender porque surge a intolerância religiosa e quais suas motivações. Martins e Silva (2020) comentam que umas das maneiras de atenuar esse problema é a pessoa procurar conhecer mais sobre a cultura e a crença do próximo, para poder ter uma opinião destituída de preconceito. O caminho para isto é a educação e o incentivo à tolerância nas escolas, famílias e igrejas.

O que a denominação Assembleia de Deus tem realizado para discutir o tema da “intolerância religiosa”, haja vista, que na cultura amapaense, e principalmente, na capital do

Estado, tem surgido atos de vandalismos contra templos e lugares sagrados de outras instituições religiosas, principalmente de matriz africana.

Reis e Carmo (2015) apontam que a população amapaense é predominantemente católica, correspondendo a 64% da população; os evangélicos somam 28%; os espíritas 0,4%; os sem religião somam 6% do total. Em todo o Estado do Amapá, a igreja com maior membresia é a Assembleia de Deus, com 100.821 fiéis, segundo dados do IBGE, realizado em 2010. A Universal (10.101); os Adventistas (9.461); Igreja Quadrangular (6.468), e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (3.146). É acentuada a queda que o catolicismo teve no Estado, pois segundo dados do IBGE, de 2000, os católicos correspondiam a 73% da população, e os evangélicos apenas 19%. Os adeptos de religiões de matrizes Africanas eram representados por 121 pessoas.

O que se vê nesses dados coletados é a diversidade que se estabelece no campo religioso amapaense no que diz respeito às religiões. O monopólio religioso permanece ainda com os católicos e evangélicos. No campo da religião evangélica, Reis e Carmo (2015, p.189) comentam que “os pentecostais e neopentecostais exercem forte influência, a Assembleia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus mobilizam números significativos de fiéis que frequentam os templos e investem forte no proselitismo dentro de todo o Estado”.

O crescimento nos últimos anos dos evangélicos assembleianos, principalmente em Macapá, capital do Estado do Amapá, traz consigo também aspectos da intolerância religiosa, e isto se deve ao fato de muitos cristãos receberem apenas um tipo de ensino ao longo de seu proselitismo religioso. Não considerar a existência de outras correntes doutrinárias e a presença de diversas religiões gera o campo minado da intolerância religiosa.

O curso de Teologia oferecido pelo Setad, é um curso livre confessional, e este curso expressa tudo o que é as Assembleias de Deus, o que ela pensa, crê, defende e quer ensinar à sociedade amapaense. Clarifica ainda mais, quando o Projeto Pedagógico do Curso Livre de Teologia (SETAD, 2022, p. 9), esclarece que tal curso:

[...] objetiva principalmente a formação ministerial do Teólogo(a), não deixando de considerar, sua formação acadêmica, a base humanista, engajamento comunitário, social, espiritual e intelectual e que seja protagonista de transformação, na busca de uma sociedade mais justa e fraterna.

A Instituição Teológica dá margens para se estudar e procurar entender outras teologias que são antagônicas ao pensamento evangélico pentecostal. Pode-se alinhar a isso as formas de manifestações religiosas, em seu *modus operandi*, cultura religiosa, ritos e significados visando

ações de tolerância religiosa; pois, quando manifesta em seu documento “a busca de uma sociedade mais justa e fraterna” está querendo amenizar o perigo do fanatismo religioso.

No mesmo documento, na página 33, o objetivo geral do Curso de Teologia é:

[...] formar bacharel em Teologia, com clareza de seu papel socio-espiritual dentro da cultura cristã e evangélica, com capacidade de se inserir em diversas realidades com sensibilidade para interpretar o divino e sua relação com a humanidade; com visão da contribuição que a aprendizagem da Teologia pode oferecer à formação dos indivíduos para o exercício de sua fé cristã e cidadania; assegurando que o conhecimento teológico confessional pode e deve ser acessível a todos; *com consciência de seu papel na superação dos preconceitos*, orientado sob a Palavra de Deus, que inclui a todos, mas objetiva a transformação do indivíduo interna e exteriormente. (SETAD, 2022, p.33,34, grifo nosso)

Os fiéis e a liderança são preparados para superar os preconceitos. E um dos mais ferrenhos que vêm acontecendo nos últimos tempos, é a intolerância religiosa. Na escola teológica, a consciência cristã deve ser pautada no “amor ao próximo”, pois sem amor não tem como se chegar a uma real transformação do caráter humano interna e exteriormente. Toda crença está sujeita a uma subjetividade; e, segundo Santos e Faria (2015, p.90) “o sujeito procura apenas a satisfação de sua subjetividade.

Outro ponto interessante a salientar no PPC do Curso de Teologia, está inserido nos valores defendidos pela Instituição:

São a dignidade do ser humano, *o pluralismo democrático*, a transparência e responsabilidades nas relações institucionais e comunitárias, *o respeito à individualidade e diversidade de ideias*, o espírito de equipe e criatividade, a ortodoxia cristã evangélica pentecostal, e o compromisso com o meio ambiente. (SETAD, 2022, p.11, grifo nosso)

O pluralismo democrático aponta para valores que fazem parte do Estado laico, portanto tem tudo a ver com a dignidade do ser humano, isto é, direitos humanos sendo defendidos. O respeito à individualidade e diversidade de ideias, também vão de encontro com o respeito às opiniões divergentes daquelas defendidas pela crença evangélica, demonstrando que a igreja procura preparar seus líderes e fiéis para o diálogo com aquilo que seja contrário aos preceitos defendidos apologeticamente.

O Seminário Teológico, em 2018, conseguiu parceria com a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) para a realização de Cursos de Extensão, através do Centro de Estudos de Religiões, Religiosidades e Políticas Públicas (CEPRES), um grupo de pesquisa voltado para as áreas de História, Sociologia e Ciências da Religião, cujo mesmo é representado pelo seu diretor geral, o

prof. Dr. Marcos Vinicius de Freitas Reis, Diretor do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da UNIFAP, no biênio de 2020-2022. (SETAD, 2022)

Em meados de novembro de 2019, foi realizada nas dependências do SETAD a primeira Mesa Redonda com o tema *(In)Tolerância Religiosa*, um projeto de extensão na Disciplina de “Epístolas Paulinas”, e cujos colaboradores foram acadêmicos da turma 2017-2019; contando com participação especial de diversas autoridades religiosas convidadas e representantes de vários segmentos de manifestações e crenças religiosas e filosóficas presentes na religiosidade macapaense. O SETAD, se prontificou em integrar em seu currículo a disciplina de “Sociologia da Religião” em caráter de OPTATIVA, atendendo assim, a um pedido formal do Centro de Estudos e Religiões, Religiosidades e Políticas Públicas (CEPRES-UNIFAP) à Coordenação Pedagógica do SETAD. (SETAD, 2022)

É nítida a realização da busca do diálogo em parcerias com outras instituições que fomentam a discussão, análise, defesa e divulgação das igualdades e diferenças das variadas manifestações religiosas, que por sua vez, precisam ser tolerantes e respeitadas umas com as outras através da alteridade, respeito mútuo e reciprocidade.

## 6. A TEOLOGIA PRÁTICA NA DEFESA DA TOLERÂNCIA RELIGIOSA

Segundo o Ministério Público do Rio de Janeiro (2016) a liberdade de crença e de não crença, a liberdade de expressão, faz parte dos direitos humanos fundamentais que devem ser preservados pelo Estado laico, atrelam-se a estes outros direitos e, a tolerância deve ser aperfeiçoada para preservar as diferenças, uma vez que isso, é indispensável no regime democrático; pois a laicidade do Estado deve preservar os direitos fundamentais.

A teologia prática é o ensino doutrinário que deve ser posto em ação pelo cristão no seu dia a dia. É pôr em prática a teoria apreendida para mostrar à sociedade que sua vida de fato segue os princípios de sua religião. O conhecimento doutrinário das Assembleias de Deus pondera muito bem os conceitos do “comportamento cristão” e o “amor ao próximo”. Clarificando esses conceitos dentro do entendimento teológico. Segundo Vine, Unger e White Jr (2010, p.483), tem-se no grego os substantivos correspondentes a “comportamento”:

1. *anastrophe*, literalmente, “virada, retrocesso”, é traduzido por “conduta”, “trato”, “maneira de viver”, “procedimento”, “vida”. (Gl 1.13; Ef 4.22; 1 Tm 4.12 [...]).
2. *katastema*, cognato de *kathistemi*, denota “condição ou constituição de algo, ou comportamento” (Tt 2.3).

Ambos os substantivos trazem a ideia de uma vida diferenciada, onde o cristão deve proceder na sociedade e na igreja com uma vida comportamental sadia espiritualmente e na sua maneira de viver. O comportamento do cristão deve ser dirigido pelos valores cristãos; todavia, esses valores devem refletir a necessidade de transformações sociais. O objeto do evangelho é a transformação das pessoas, principalmente interiormente; com essa metodologia de vida e projeto a longo prazo, não se pode dar lugar à intolerância religiosa.

A palavra amor aparece tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento das Escrituras Sagradas. O substantivo hebraico *'ahabãh* “amor”. Aparece nas Escrituras cerca de 55 vezes e representa vários tipos de “amor”. Em 1 Sm 18.3, *'ahabãh* quer dizer “amor” entre amigos, a exemplo da amizade mútua entre Jônatas e Davi; em Deuteronômio 7.8, a palavra se refere ao amor divino. (VINE, UNGER, WHITE JR, 2010).

No Novo Testamento, encontram-se o verbo grego *agapaõ* “amar”, e o substantivo grego *agape* “amor”. Ambos os termos: a) descrevem a atitude divina para com Jesus Cristo; para com o gênero humano, em geral; para os que aceitam a doutrina do cristianismo; b) transmitem a vontade Divina aos seus filhos concernente à atitude dos homens uns para com os outros, e para com todos os seres humanos; c) expressam a natureza essencial da Divindade. (VINE, UNGER, WHITE JR, 2010). O amor cristão é referenciado pelo que se acredita da Divindade e como esta revela-se na Sua essência. O cristão deve ser voluntarioso, altruísta, filantropo. Sem tais ações, isto seria a negação do amor divino.

O amor cristão, quer exercido para com os irmãos, quer para com os homens em geral, não é um impulso dos sentimentos, nunca flui com as inclinações naturais, nem se gasta somente naqueles por quem se descobre ter um pouco de afinidade. O amor busca o bem-estar de todos (Rm 15.2), e não faz mal a ninguém; o amor busca a oportunidade de fazer o bem ‘a todos, mas principalmente aos domésticos da fé’. (VINE, UNGER, WHITE JR, 2010, p.395)

O “comportamento cristão” designa como viver em sociedade e entre a família espiritual, isto é, a vida moldada pela ética e a moralidade cristã; o “amor cristão”, amor ao próximo é a demonstração desse comportamento, é a fé imposta em ação. Não se pode amar a Deus sobre todas as coisas e odiar ao próximo, seria uma visão utópica e mentirosa daquele que professa o cristianismo como sua religião.

Para que se chegue a essas atitudes louváveis e esperadas de quem é religioso, e principalmente, praticante do cristianismo evangélico, é mister que haja uma transformação na

mentalidade da pessoa humana, não somente no seu comportamento, mas na sua maneira de entender as coisas.

O termo hebraico *nāham* quer dizer “arrepender-se” em cerca de 40 vezes e “consolar” em cerca de outras 65 vezes no Antigo Testamento. Relaciona-se com uma mudança ou disposição do coração, uma mudança de mente, de propósito ou uma ênfase na mudança da conduta pessoal. (VINE, UNGER, WHITE JR, 2010). A Assembleia de Deus em Macapá deve procurar essa transformação de caráter executando o que se evidencia nas Escrituras, pois o texto sagrado ensina que todo ser humano deve procurar uma mudança em sua maneira de viver e pensamentos.

O verbo grego *metanoēō*, “perceber depois”, significa “mudar de mente ou propósito”, sempre está apontando para uma mudança para o melhor; isto é, o ser humano arrependido busca encontrar-se, em novidade de vida, fazendo aquilo que agrada a Deus. O substantivo grego *metanoia*, “reflexão tardia, mudança de mente, arrependimento”, significa que Deus espera o arrependimento total de todos os seres humanos das suas más ações; é uma exigência divina; somente através do arrependimento é expressa a misericórdia divina. (VINE, UNGER, WHITE JR, 2010).

A pessoa que tem a vida transformada pelo evangelho de Cristo, deve ser uma pessoa que emite amor, perdão e respeito ao próximo; mesmo que este tenha ideias e atitudes contrárias. Quem ama não pode destilar ódio ao próximo, rejeitar as opiniões que lhe pareçam contrárias. As atitudes louváveis do verdadeiro cristão expressam o evangelho do amor, da caridade, da aproximação de todas as culturas e formas de se entender o sobrenatural segundo a ótica de cada religião, a fim de entender onde está a diferença e suas igualdades, pois é assim que se consolida a fraternidade e o reconhecimento dos limites individuais e coletivos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhece-se que as ações tomadas pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus, a Pioneira, no município de Macapá, para combater a intolerância religiosa são poucas, morosas, porém, louváveis. A partir do momento que uma igreja histórica, cujo teor doutrinário era nitidamente reconhecido como “fundamentalista” e “rígido”, passa a desenvolver ações dentro de seu campo teológico, (modificando conceitos ou moldando-os para entender, dialogar com fatos e fenômenos abordados na ciência secular, social, política, cultural e religiosa), essas mudanças devem ser notadas. Todos os passos que uma igreja ou religião dá para amenizar as mazelas sociais é um ponto positivo.

A doutrina religiosa professada pelos assembleianos jamais modificará em detrimento de novas opiniões contrárias à sua profissão de fé; entretanto, os assembleianos, a título de comparativa de religiões estão buscando dialogar com outros movimentos, entender o fenômeno religioso à luz da cultura local; e estas atitudes no campo da investigação epistemológica e teológica traz luz para o esclarecimento de outras realidades existentes fora do seu campo dogmático.

As lideranças religiosas devem ser audaciosas, corajosas, para quebra o tabu da ideologia religiosa e enfrentar com alteridade o reconhecimento do valor cultural religioso que faz parte do patrimônio cultural macapaense. Não quer dizer que necessite unir-se a outras lideranças religiosas ou representantes de movimentos religiosos em eventos ecumênicos, mas buscar atitudes respeitáveis, compreensíveis e de neutralidade quando o espaço do outro estiver em ascensão.

Para tolerar o que se considera intolerável, ou deixar de ser intolerante a tudo que provém da cultura religiosa, é mister que se abduque de algo, do preconceito, do ódio, do racismo religioso, de si mesmo em detrimento do outro. Amor ao próximo não se pede, se dá, se doa.

Por ser vítima de intolerância religiosa ao longo de mais de 100 anos em terras tucujus, já é a hora, da Assembleia de Deus entender que, em pleno século do terceiro milênio, não se tem mais espaço para ser intolerante com os outros; haja vista, que seu líder anterior, assumiu uma cadeira de grande importância no Estado do Amapá – Ouvidor.

Sua instituição de ensino teológico tem demonstrado um ensino de qualidade para a sociedade cristã e sociedade em geral; e quando edita um novo PPC trazendo concepções de cunho científico que apontam para a pesquisa e investigação das consequências da intolerância religiosa está divulgando algo histórico, que passa a dar credibilidade no ensino confessional ao permitir-se ser questionado no que tange ao seu fazer teológico em detrimento de uma teologia prática mais completa, ampla, dinâmica, inclusivista e menos intolerante.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz Alberto Sousa. **Cultura religiosa:** caminhos para a construção do conhecimento. Curitiba: Ibpx, 2009.

ASSEMBLEIA de Deus no Amapá comemora 100 anos com vasta programação. **Diário do Amapá.** 2017. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/assembleia-de-deus-no-amapa-comemora-100-anos-com-vasta-programacao/> Acesso em 25 de out. de 2022.

BORGES, Inez Augusto. O que é confessionalidade? In: **O que é isso?** Revista Nossa Fé, 1º trimestre. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

BRASIL. Casa Civil. **Decreto nº 592**, de 6 de julho de 1992. Atos internacionais. Pacto internacional sobre direitos civis e políticos. Promulgação. Brasília, 1992. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/d0592.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm) Acesso em 10 nov. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 11.635**, de 27 de dezembro de 2007. Institui o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Brasília, 2007. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/lei/111635.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/111635.htm) Acesso em 10 nov. 2022.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei nº 4.159**, de 2015. Estabelece diretrizes básicas para as ações de enfrentamento de intolerância religiosa e a implementação de cultura de paz e dá outras providências. Brasília, 2015.

Epistemologia Teológica. **Theologica Latinoamericana, Enciclopédia Digital**, 2021. Disponível em: <http://teologicalatinoamericana.com/?p=1536>. Acesso em 08 de nov. 2022.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, E. Marques. **Dicionário Brasileiro Globo**. Ed. 45. São Paulo: Globo, 1996.

MARTINS, Karine Aparecida Paiva; SILVA, Cláudia Nivalda de Lima. **Intolerância Religiosa e os Direitos Humanos**. 2020. Disponível em: <https://www.unifenas.br/extensao/publicacoes/XVIIIcongressodireito/anais/09.pdf> Acesso em 01 de nov. 2022.

Ministério Público do Rio de Janeiro. **Combate à intolerância religiosa e defesa do Estado laico**. 2016. Disponível em: <http://www.mprj.mp.br/areasdeatuacao/direitoshumanos/areasdeatuacao/combateaintoleranciareligiosaedefesadoestadolaico> Acesso em: 10 nov. 2022

PANCERA, Carlos. **Intolerância religiosa se deve à descrença na democracia**. Jornal Edição do Brasil, 2016. Disponível em: <https://edicaodobrasil.com.br/2016/11/27/intolerancia-religiosa-se-deve-a-descrenca-na-democracia/> Acesso em 01 de nov. 2022.

PORFÍRIO, Antônio. “Alteridade”. Brasil Escola. [s.d.]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>. Acesso em 5 nov. 2022.

REIS, Marcos Vinicius de Freitas; CARMO, Arielson Teixeira. O campo religioso amapaense: uma análise a partir do Censo do IBGE de 2000 e 2010. **Revista Eletrônica Observatório da Religião**, vol. 2, nº 2, 2015, p.175-197.

SETAD. Assembleia de Deus, a Pioneira. **Projeto Pedagógico de Curso**. Macapá, 2022. (não publicado)

SILVA, Ednilson Turozi. **Ensino Religioso: fundamentos epistemológicos**. Curitiba: Ibplex, 2009.

SILVA, Antônio Ozaí da. Sobre a Intolerância Religiosa. **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 17, n. 203, 2018, p. 63-95. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42312>

STECK, Juliana Monteiro. **Intolerância Religiosa ainda é desafio à convivência democrática.** Revista Eletrônica Agência Senado, 2013. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-ainda-e-desafio-a-convivencia-democratica> Acesso em 05 nov. 2020.

TEIXEIRA, Mara Rubia Moraes; TEIXEIRA, Maria Rosa Moraes. **Setad-Macapá: capacitando obreiros para a seara.** 2021, 47f. Monografia – Seminário Teológico das Assembleias de Deus. Macapá, 2021. (Não publicado).

ULRICH, Claudete Beise; FREITAS, Arlette; OLIVEIRA, Marcela Nascimento de. Romper com a intolerância religiosa: Deus ama as pessoas estrangeiras... **Revista Eletrônica In Totum**, Faculdade Unida de Vitória, v.4, n. 2. 2017, p.38-43.

VALADÃO, Márcio. **Intolerância Religiosa.** 2. ed. Belo Horizonte, MG: Igreja Batista da Lagoinha, 2011.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

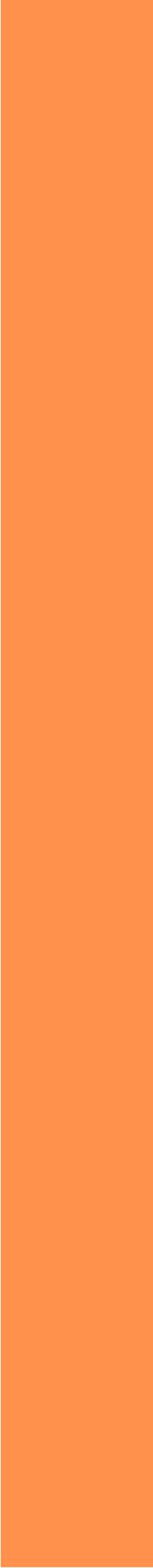


## *Capítulo 5*

---

# **MINISTÉRIO COM CRIANÇAS: REFLEXÕES MISSIONOLÓGICAS**

Waldirene dos Santos Cancela Bruce



## MINISTÉRIO COM CRIANÇAS: REFLEXÕES MISSIOLÓGICAS

*Waldirere dos Santos Cancela Bruce<sup>1</sup>*

### RESUMO

Fazer missões com crianças é uma urgência para a igreja contemporânea. A chamada janela “Quatro por catorze”, que representa a faixa etária decisiva para que alguém chegue ao conhecimento de Cristo e se decida por aceitá-lo como Senhor e Salvador, não pode ser desprezada por aqueles que desejam cumprir fielmente o “Ide” de Cristo. Falsas religiões têm apostado pesado no lançamento de desenhos, filmes, brinquedos e produtos diversos que objetivam tornar o Ocultismo, o Satanismo, os ideais filosófico-religiosos da Nova Era, o álcool e as drogas, bem como o homossexualismo e a promiscuidade sexual algo natural. A Igreja precisa suprir a lacuna moral e espiritual deixada pela família e pela escola. Estratégias missiológicas como o culto infantil, a Escola Bíblica Dominical, a Escola Bíblica de Férias e o Núcleo Missionário Infantil tem se mostrado eficazes na obra de evangelização e discipulado dos pequeninos.

**Palavras-chave:** crianças; discipulado; evangelismo.

### ABSTRACT

Make missions with children is contemporary urgency to church. The called window "Four by fourteen", which represent the age group decisive for that someone to come to the knowledge of Christ and decide to accept it as Lord and Savior, can't be ignored by those who wish enforce faithfully the "Go" of Christ. False religions has invested heavy in a release of cartoons, films, toys and various products that purpose turn the occultism, Satanism, the ideals philosophical-religious of the New Age, the alcohol and drugs, as well as homosexuality and promiscuity sexual something natural. The Church needs to meet the moral and spiritual blank left by family and by school. Missiological strategies such as children's cult, Biblical School Sunday, the Bible School of Vacation and Missionary Nucleus Children's has seen effectives in the work of evangelization and discipleship of the children.

**Keywords:** Children; Discipleship; Evangelism.

### 1. INTRODUÇÃO

Cumprir a Grande Comissão dada por Jesus implica em levar o genuíno Evangelho de Jesus Cristo a todas as pessoas, em todos os lugares, sob quaisquer circunstâncias. E isto inclui as crianças, “pois o Reino do Céu é das pessoas que são como estas crianças.” (BÍBLIA, Mateus 19:14, p. 959).

---

<sup>1</sup>Missionária, Líder de Ministério com Crianças e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico da Assembleia de Deus (SETAD). E-mail: walbruce@yahoo.com.br

Jesus tinha um amor especial pelas crianças a ponto de repreender os discípulos que queriam afastá-las de si. Por isso, como discípulos de Jesus, é necessário demonstrarmos esse amor compartilhando Cristo e Sua palavra com eles. Se as crianças não forem ganhas para Cristo e ensinadas nas doutrinas bíblicas, o futuro da igreja e da civilização estará em perigo.

Por muito tempo se pensou que as crianças eram adultos em miniatura e, portanto, eram tratadas como tais. Contudo, pesquisas no campo da Psicologia e da Pedagogia, especialmente os trabalhos de Piaget e Vygotsky desfizeram este mito. Hoje, se sabe que a criança possui necessidades específicas, com níveis crescentes de desenvolvimento cognitivo e socio afetivo, o que as faz aprenderem e interagirem com o ambiente de maneira peculiar a sua faixa etária.

É preciso saber como ensinar verdades morais e espirituais para a geração mais jovem. Requer-se obreiros capacitados para evangelizar e discipular os pequeninos. A Igreja precisa investir em estrutura física, formação de recursos humanos e programas específicos que atendam à faixa etária de zero a onze anos, pois esta é uma fase crítica na formação do caráter do indivíduo.

A obra missionária infantil clama por obreiros que ganhem e discipulem os pequeninos, tornando-os também cidadãos dos céus.

## **2. MINISTÉRIO COM CRIANÇAS: UM CHAMADO ESPECÍFICO**

Sabe-se que o Espírito Santo equipa sua Igreja com dons que a habilitam a cumprir sua missão na Terra. Requer-se, portanto, de obreiros e obreiras que tenham um chamado específico para trabalhar com os pequeninos.

É comum achar que qualquer um pode liderar crianças e por isso em muitas Igrejas o ministério infantil tem sido colocado sob a responsabilidade de jovens, adolescentes e até de outras crianças.

Não basta boa vontade e empolgação para que os objetivos da missão infantil sejam alcançados de maneira eficaz.

É de bom alvitre que este importante trabalho de cuidar da vida espiritual dos pequeninos seja confiado a obreiros maduros, experientes e que tenham formação compatível com a função. O ideal é que este obreiro ou obreira tenha chamada específica de Deus, aliada a conhecimentos bíblico-teológicos básicos, noções de pedagogia, habilidade para artes, em especial teatro, música, e, linguagens plástica e corporal.

## 2.1. Requisitos Comportamentais

É indispensável que o líder de ministério com crianças desenvolva algumas características comportamentais tais como ter amor e interesse por elas, ter espírito de liderança, ser organizado, praticar o que ensina, cuidar de sua aparência pessoal e não desanimar diante de opiniões de pessoas que fazem oposição ao seu trabalho.

Ninguém pode ensinar o que não aprendeu, estudou, leu, ouviu ou exercitou. Um bom músico, por exemplo, é aquele que se treina no instrumento por horas e horas, muitas vezes renunciando ao lazer, ao descanso e atividades extras.

Como exemplo para as crianças, o ministro de crianças, assim como qualquer outro líder deve ser disciplinado, pois nada é de graça. Ninguém pode ser o que não se esforçou ou se submeteu a ser pela disciplina. Talvez o mais vívido exemplo de disciplina e resignação seja o do atleta que, para alcançar o prêmio, subjuga seu próprio corpo e o submete a longos e pesados treinamentos. O apóstolo Paulo utiliza esta metáfora:

Todo atleta que está treinando aguenta exercícios duros porque quer receber uma coroa de folhas de louro, uma coroa que, aliás, não dura muito. Mas nós queremos receber uma coroa que dura para sempre. (BÍBLIA, 1Coríntios 9:25, p. 1165)

## 2.2. Requisitos Pedagógicos

Não é possível realizar um trabalho eficaz com crianças sem conhecer um pouco da psicologia infantil. É necessário entender como a criança aprende e interage positivamente com o ambiente.

O uso de recursos audiovisuais, teatro, músicas com gestos, técnicas de contação de histórias são detalhes importantes que farão toda a diferença no processo ensino-aprendizagem. Pesquisas apontam que o indivíduo aprende muito mais quando ouve, vê e pratica aquilo que está sendo ensinado. Para as crianças, as atividades artísticas como dramatização, recorte e colagem, pintura, escultura, coreografia, etc. são bastante eficazes para este mister. Beechick afirma:

É de extrema importância para os professores conhecer os estágios pelos quais a criança passa durante o desenvolvimento de sua habilidade artística. É essencial ter este conhecimento se quisermos guiá-las fazendo o melhor uso as atividades artísticas no ensino da Bíblia. (BEECHICK, 2003, p. 81)

Crianças são curiosas e espertas. Elas percebem quando o líder está preparado para ensiná-las ou está simplesmente improvisando.

[...] Muitas pessoas contam histórias para passar o tempo das crianças. Pensando e fazendo assim, qualquer história serve (...). Ao selecionar um tema, enfatize este assunto. As crianças entenderão o recado, certamente. [...] (RANGEL, 2008, p.12)

Deve-se buscar sempre novas maneiras de ensinar as verdades bíblicas, pois o líder que se importa verdadeiramente com seus discípulos, sabe o valor de cada criança para Deus, conforme o que Jesus ensinou: “Assim também o Pai de vocês, que está no céu, não quer que nenhum destes pequeninos se perca.” (BÍBLIA, Mateus 18:14, p. 957).

### **2.3. Requisitos Psicológicos**

A obra missionária possui entraves e oposições naturais internas e externas. Por isso, o obreiro que lida com os pequeninos também precisa gozar de saúde mental. Ele deve estar curado de ansiedade, traumas, complexos, manias e ter autoestima elevada para que possa ajudar a sarar os pequeninos. Deve também estar preparado para as decepções, as crises, a falta de apoio ou as pressões de toda sorte. Queiroz ressalta:

É muito importante o preparo psicológico do missionário, para que ele esteja pronto a enfrentar o choque cultural e as demais dificuldades [...] Se o missionário não estiver preparado, terá muitas dificuldades para exercer o seu ministério, poderá se desanimar e será tentado a abandonar o campo. (QUEIROZ, 1998, p. 194)

### **2.4. Requisitos Espirituais**

Convém que o ministro de crianças conheça as verdades bíblicas fundamentais. Possuir formação teológica não é exigir demais, já que há grande oferta de cursos nesta área, seja no modo presencial ou à distância.

O candidato a ministro de crianças deve ter vida de oração, ser batizado nas águas e no Espírito Santo, buscando os dons, especialmente o “dom de ensinar”, exercendo com excelência, conforme nos ensina o apóstolo Paulo:

Portanto, usemos os nossos diferentes dons de acordo com a graça que Deus nos deu. Se o dom que recebemos é o de anunciar a mensagem de Deus, façamos isto de acordo com a fé que temos. Se é o dom de servir, então devemos servir; se é o de ensinar, então ensinemos. (BÍBLIA, Romanos 12:6-7, p. 1150).

Para quem deseja trabalhar com evangelismo e discipulado de crianças não basta ter curso de Pedagogia, se fantasiar de palhaço e bonequinha ou saber cantar corinhos e contar histórias bíblicas.

### 3. CONHECENDO AS NECESSIDADES ESPIRITUAIS DA CRIANÇA

O missiologista Dan Brewster cunhou a expressão “Janela quatro por catorze”, que representa a faixa etária decisiva para que alguém chegue ao conhecimento de Cristo e se decida por aceitá-lo como Senhor e Salvador. Cerca de oitenta e cinco por cento das conversões acontecem nesta fase da vida. É nesta faixa etária que o inimigo das nossas almas tem encontrado um alvo fácil. A televisão, a Internet, os filmes, os desenhos, os brinquedos e até mesmo professores que não conhecem a Deus e a Sua Palavra tem minado a fé e a esperança de salvação para milhares de crianças e adolescentes.

A Igreja, através da Missão Infantil é peça chave na defesa da fé e no combate ao pecado e às heresias que acorrentam as famílias nos dias atuais, pois tal como adolescentes, jovens, adultos e anciãos, a criança também possui necessidades espirituais. Elas precisam reconhecer que também são pecadoras e que precisam aceitar a Jesus como Senhor e Salvador. Elas precisam aprender sobre valores e limites, pois o sábio Salomão declara: “É natural que as crianças façam tolices, mas a correção as ensinará a se comportarem” (BILIA, Provérbios 22:15, p. 622). Também Drescher reitera:

É fácil para os adultos negligenciarem as necessidades espirituais e preocupações das crianças. É importante que a criança saiba qual a sua posição diante de Deus, sendo essencial que conceitos corretos de Deus sejam ensinados desde cedo. (DRESCHER, 1999, p.93)

O ensino autêntico da Palavra produzirá nelas um caráter compatível com a vontade de Deus que influenciará seu presente e futuro. Crianças que aprendem valores baseados na Bíblia serão melhores filhos, melhores estudantes e se tornaram cristãos autênticos.

#### 3.1. Desenvolvendo O Caráter De Cristo

Por definição, caráter é o conjunto de qualidades boas ou más de um indivíduo que determina sua conduta em relação a Deus, a si mesmo e ao próximo. Já a personalidade de um indivíduo é a somatória de seu temperamento e do seu caráter.

Pelt explica:

A personalidade agradável se refere apenas ao comportamento exterior, mas o caráter se baseia na excelência moral. Relaciona-se com a honra, o domínio próprio, a consideração aos demais, a lealdade religiosa, os ideais altruístas, a consciência e a habilidade para inibir os impulsos negativos. (PELT, 2006, p. 63)

Podemos extrair da Bíblia preceitos que orientam o caráter do ser humano:

- a) o Decálogo (*cf.* Êxodo 20);
- b) a mensagem dos profetas (*cf.* Isaías 10:1-2; Habacuque 2);
- c) os ensinamentos de Jesus (*cf.* Mateus 5-7).

Para que qualidades e bons hábitos sejam inculcados nas crianças, de forma que o resultado venha na forma de bons procedimentos e decisões é necessário que elas também passem pelo novo nascimento. Elas precisam confessar a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador.

Após a conversão, o processo de santificação possibilitará à criança implementar as decisões positivas e corretas, escolhidas pela inteligência. Este processo também formará crianças amáveis, estudiosas, verdadeiras, ou seja, que queiram fazer o bem.

Crianças de bom caráter são mais equilibradas e felizes, porque têm força de vontade para se superarem e vencerem frustrações e problemas. A educação do caráter é também a melhor prevenção contra drogas, alcoolismo, homossexualismo e outros desvios de conduta.

É preciso entender, no entanto, que somente o Espírito Santo, com seu poder transformador, pode arrancar o caráter doentio, a insensibilidade moral no que concerne aos princípios e valores antibíblicos de crianças que foram criadas em um ambiente não cristão e colocar no seu lugar o caráter de Cristo, um novo coração, disposto a obedecer a Deus.

### 3.2. Vivenciando A Prática Devocional

Crianças também devem aprender a ter seu tempo devocional. Elas devem ser estimuladas a falar com Deus, amar ao próximo, amar a Deus, ofertar, ler e obedecer a sua palavra.

Não se pode esquecer do papel fundamental da família no cultivo de uma vida devocional. O apoio dos pais e responsáveis é condição indispensável para que a criança seja educada espiritualmente, conforme afirma Kemp:

Quando Deus diz que devemos ensinar sua palavra aos nossos filhos, não está falando de algo que pode ser feito em uma classe da escola bíblica dominical, durante uma hora por semana. Trata-se de um estilo de vida (...). Ele tem em vista uma vida diária com a Palavra de Deus, como uma coisa natural, procurando nela sabedoria para os problemas da vida e transmitindo essa sabedoria aos filhos para que possam ser perfeitos (maduros) e

perfeitamente habilitados. (KEMP, 2008, p.12)

Fora do ambiente da Igreja, pouco ou nada se sabe a respeito da oração. Alguns sabem até rezar, mas ter uma conversa sincera com Deus é algo impensável. Por isso, o líder que quer ganhar os pequeninos para Cristo deve mostrar-lhes o verdadeiro valor da oração e da adoração através de seu próprio exemplo. A oração não pode ser encarada como um castigo ou algo sofrido, mas como um tempo de intimidade com o Pai celeste.

### **3.3. Aprendendo A Valorizar E A Viver Missões**

Quando se pergunta a uma criança o que ela quer ser quando crescer, normalmente se houve as mesmas respostas: professor, médico, enfermeira, policial, bombeiro, juíza, jogador de futebol, etc. Isto acontece por que a maioria das crianças não é ensinada sobre a responsabilidade de alcançar o mundo perdido.

É preciso fornecer informações exatas sobre o trabalho missionário: quem são esses obreiros, o que fazem, onde vivem e qual a cultura e costumes deste local. Além disso elas podem ser inspiradas com músicas, cartazes e história que falem de missionários do passado e dos dias atuais.

As crianças podem ser estimuladas a se comprometerem com missões orando pelos missionários, escrevendo cartas ou mandando e-mails de estímulo ou ainda contribuindo com seu próprio dinheiro. Mas a principal forma é treiná-las para testemunhar de Cristo aos seus amiguinhos.

## **4. ESTRATÉGIAS DE EVANGELISMO E DISCIPULADO DE CRIANÇAS**

Para que as crianças sejam alcançadas para o Senhor é necessário conhecer um pouco de sua Psicologia e elaborar um planejamento específico que atenda às necessidades de cada faixa etária, adaptando conteúdos, usando técnicas e recursos de ensino que torne relevante para elas a comunicação das verdades espirituais.

### **4.1. Fases Do Desenvolvimento Da Fé Dos Pequeninos**

Para Tuler (2003), o professor de crianças deve entender que o desenvolvimento da fé dos pequeninos se processa por fases.

De zero a onze meses o conceito-chave é confiança. Seus relacionamentos mais significantes são com a mãe e o pai. Para uma criança desta faixa etária, somos as mãos e o rosto de Jesus.

Na faixa etária de um a dois anos o conceito-chave é autonomia. Seus relacionamentos mais significantes são com os pais e professores da Escola Dominical. Estas crianças aprendem através de encenações de histórias bíblicas. Elas já são capazes de entender que Deus criou todas as coisas. Elas compreendem que a Bíblia é o Livro de Deus, um livro maravilhoso, cheio de histórias especiais. São aprendizes tátil-cinestésicos, ou seja, aprendem sobre Jesus enquanto se movimentam. Elas já podem aprender a orar.

Ao chegar à idade entre três a quatro anos, o conceito-chave da criança é amor e iniciativa. Seus relacionamentos mais significativos são com os professores da Escola Dominical, o seu pastor e a família. Elas gostam de frequentar a própria igreja. Gostam de recontar histórias e as atitudes de Jesus. Aprendem a fazer mímicas de histórias bíblicas e se interessam por saber mais de Deus, mas ainda confundem Jesus e Deus. Elas desenvolvem uma consciência sensível e perguntam sobre Jesus mais para interagirem com os professores do que para ouvirem respostas. Desenvolvem conhecimentos bíblicos e permanecem aprendendo a respeito de Jesus enquanto se movimentam. Desenvolvem bons hábitos da vida cristã. Nesta fase já estão aptas a receber Jesus como seu Salvador pessoal.

Entre cinco e seis anos o conceito-chave passa a ser amor e diligência. Os relacionamentos mais significantes se ampliam e abrangem sua vizinhança, sua escola e sua igreja. Elas já são capazes de compreender o conceito de Deus como Criador. Costumam fazer muitas perguntas. Temem a Deus porque Ele vê tudo que fazem. Desenvolvem o conceito de Deus e Jesus como pessoas reais e também identificam os personagens da Bíblia como reais, com suas virtudes e defeitos. Consideram a oração importante e orgulham-se da capacidade de ler em sua própria Bíblia. Começam a compreender o conceito de adoração e podem ser envolvidas em atividades simples, como ajudar nas atividades da classe. Quase metade das crianças nesta fase passam da aprendizagem bíblica tátil-cinestésica (manipulação e movimentos) para a leitura visual (palavras e imagens).

Ao chegarem à faixa etária compreendida entre os sete e oito anos o conceito-chave passa a girar em torno de aprender a amar. Elas já são conscientes dos conceitos de certo e errado e por isso desejam ser boas. Começam a perceber a influência da consciência e os erros dos outros. São capazes de sentir vergonha, podem admitir seus erros, mas frequentemente transferem a culpa de seus erros para outros. Têm seu interesse por Deus aumentado gradativamente. Estão amadurecendo os conceitos acerca da morte e da ressurreição de Jesus. Já estudam a Bíblia sozinhos e usam de modo coerente o conteúdo das Escrituras e o que ouvem na Igreja. Já possuem um desenvolvimento significativo na área do pensamento simbólico e ampliam sua visão de mundo.

Entre nove e onze anos o conceito-chave é justiça. Os relacionamentos mais significativos ficam restritos a grupos de mesmo nível, igreja e modelos de lideranças seculares. Estas crianças correspondem ao ensino sobre o caráter de Deus e aprendem mais facilmente a respeito da vida cristã por intermédio de projetos do que por exposição. Começam a constatar que devem seguir suas próprias convicções acerca de Jesus. Propõe perguntas mais difíceis do que as dos adultos. Nesta faixa etária já são capazes de compreender o plano da salvação e também entendem o propósito da oração. Em seus desenhos aparecem constantemente os heróis da Bíblia e da igreja local. Possuem uma necessidade de pertencer ao grupo. Personalizam sua sexualidade a partir de uma perspectiva cristã. Adquirem uma compreensão básica da ética bíblica e por isso são capazes de julgar suas próprias ações à luz das atitudes de Jesus.

#### 4.2. Culto Infantil

Para muitos o culto infantil serve apenas para a retirada da criança de dentro da igreja a fim de não “incomodar” o culto. É claro que o culto planejado para adultos e inócua no que diz respeito ao alcance das necessidades dos pequeninos.

Em muitos casos o culto infantil é feito de forma errônea. Pessoas bem intencionadas, mas despreparadas, em um ambiente sem o mínimo de conforto, usando entretenimentos como jogos, filmes ou brincadeiras que não estão de acordo com a palavra de Deus ou que não possuem objetivos claros de evangelização ou discipulado são fatores negativos que precisam ser observados e corrigidos.

##### *a) Objetivos*

O momento do culto infantil deve servir para que as crianças aprendam a Palavra de Deus e conheçam Seu plano maravilhoso para suas vidas.

Ele também é uma ótima ferramenta para treiná-las a serem instrumentos de Deus para ganharem outras crianças e até mesmo seus familiares.

É preciso semear e plantar uma geração de vencedores, de verdadeiros adoradores. Investir nas crianças é uma verdadeira expressão de amor. Elas tem necessidades espirituais como qualquer outra pessoa. Precisam aprender desde cedo a orar, louvar, ofertar, serem gratas em tudo, memorizar versículos, manusear a Bíblia e a ter reverência diante de Deus e dos ambientes de culto.

##### *b) Resultados*

Se este culto for cuidadosamente planejado, em atitude de adoração, tendo como fundamento as verdades bíblicas, os valores morais e os princípios da pedagogia, seus bons

resultados são incontestáveis. Crianças que foram cuidadas espiritualmente desde a mais tenra idade e que tiveram acompanhamento específico no culto são hoje adolescentes, jovens e adultos compromissados com a obra de Deus. Eles são cristãos autênticos, não são murmuradores, são assíduos à Escola Dominical e ao culto de doutrina, aprenderam a ser fiéis ofertantes e dizimistas, isto é, dão menos trabalho aos seus líderes e pastores. Isto ratifica o que disse o sábio Salomão: “Eduque a criança no caminho em que deve andar, e até o fim da vida não se desviará dele.” (BÍBLIA, Provérbios 22:6, p. 621).

### *c) Cuidados*

Faz-se necessário tomar alguns cuidados no trato com as crianças. Muitos as tratam como se fossem dementes. Elas são pequenas e inexperientes, nas não são bobas. Atitudes como se fazer de palhaço ou se dirigir a elas falando sempre no diminutivo (salinha, cultinho, igreja, biblinha, etc.), por exemplo, pode causar repulsa e perda da atenção do público infantil. Rangel e Xavier explicam:

Nos dias de hoje, criança não é mais tão criança assim. Basta olharmos o tipo de programação infantil que há na televisão. Os desenhos, as músicas, enfim: está tudo mudando muito. A criança tem amadurecido com muita rapidez (RANGEL; XAVIER, 2006, p. 2).

Deve-se procurar linguagem simples, sem muitos sinônimos. Além disso, é útil ter cuidado com palavras com duplo sentido que, às vezes, tem conotação sexual e podem ser inadequadas para a situação.

Por fim é importante ter claro que o culto infantil, realizado em conjunto com adultos deve ser um meio-termo entre as atividades regulares das crianças e aquilo que os adultos praticam, com o diferencial de que as músicas, a mensagem e o tempo da programação devem ser adaptados a elas.

### *d) Roteiro*

Um culto infantil com duração de uma hora pode ser assim estruturado:

- Boas-vindas (2-3 min.): as crianças devem ser acolhidas para que se sintam amadas e importantes para Deus;
- Louvor (10 min.): os cânticos podem ser ministrados durante toda a programação e não todos de uma só vez;
- Oração (3-5min.): as crianças podem compartilhar motivos de louvor e pedidos de oração;

- Memorização do versículo do dia (7-10 min.): deve-se utilizar um versículo que esteja de acordo com o tema da lição; é útil o apoio de cartazes, cores ou letras isoladas que ajudem no processo de associação do texto à ideia central;
- Lição bíblica (15-20 min.): manter o foco no ensino principal; no encerramento da lição, se fazer uma aplicação para as crianças salvas e um apelo às não salvas;
- Revisão/avaliação (5-10 min.): perguntas sobre a lição; sobre o versículo do dia e sobre os cânticos;
- Momento missionário (5-10 min.): mostrar às crianças quem é o missionário e o que ele faz; interceder por nações e motivos missionários específicos;
- Encerramento e avisos (2-3 min.): distribuições de brindes, lembretes e oração final. É opcional o oferecimento de um lanche.

### 4.3. Escola Bíblica Dominical (ebd)

A Escola Bíblica Dominical está inserida num amplo contexto educacional denominado Educação cristã.

A educação cristã, como instrumento de formação e aperfeiçoamento do caráter cristão, não ocorre apenas no ambiente da Escola Bíblica Dominical, mas em todos os setores e seguimentos da igreja local.

O renomado mestre da Palavra, Pastor Antônio Gilberto já dizia: “Escola Dominical é o povo do Senhor, no dia do Senhor, estudando a Palavra do Senhor, na Casa do Senhor”. Ela prega enquanto ensina e ensina enquanto prega.

#### *a) A EBD foi feita para as crianças*

A EBD, nos moldes como a conhecemos hoje, foi criada pelo jornalista episcopal Robert Raikes, nos idos de 1780, na cidade de Gloucester, no Sul da Inglaterra. Seu objetivo era retirar das ruas de sua cidade crianças que, nas manhãs de domingo, faziam arruaça e praticavam delitos. Embora tenha começado a trabalhar em 1780, foi somente em três de novembro de 1783, após três anos de oração, observações e experimentos, que Robert Raikes resolveu divulgar os resultados de sua obra pioneira, publicando em seu jornal, o que Deus operara e continuava a operar na vida daqueles meninos de Gloucester. Esta foi a data escolhida como o dia da fundação da Escola Dominical. Sua ideia deu certo e se espalhou por toda a Europa, alcançando não apenas crianças, mas também adolescentes, jovens e adultos.

No Brasil, a primeira Escola Dominical foi realizada em Petrópolis-RJ, no dia 19 de agosto de 1885, pelos missionários escoceses e Robert Sara Kalley, que ministraram naquela manhã para cinco crianças.

Não há como separar a EBD do ministério infantil. Ela ajuda a ganhar a alma dos pequeninos, pois evangeliza enquanto ensina. Ela educa, ou seja, desenvolve a capacidade física, intelectual, moral e espiritual da criança, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento. Dito chinês se as crianças forem ensinadas, não será necessário corrigir os adultos. E certamente não poderá haver Palavra melhor do que a Palavra de Deus.

Pois toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus e é útil para ensinar a verdade, condenar o erro, corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver. E isso para que o servo de Deus esteja completamente preparado e pronto para fazer todo tipo de boas ações. (BÍBLIA, 2Timóteo 3:16-17, p. 1234)

A Escola Dominical contribui na formação crianças piedosa. Ela ensina a estes como se adestrarem na piedade até que venham a ficar, em todas as coisas, semelhantes ao Senhor Jesus. Ela complementa a educação cristã ministrada nos lares, haja vista que esta atribuição é de responsabilidade primordial dos pais, conforme Moisés ensinou aos filhos de Israel:

Guardem sempre no coração as leis que eu lhes estou dando hoje e não deixem de ensiná-las aos seus filhos. Repitam essas leis em casa e fora de casa, quando se deitarem e quando se levantarem. (BÍBLIA, Deuteronômio 6:6-7.)

O Senhor ordenou que todos, inclusive as crianças, deviam aprender a temer ao Senhor mediante o estudo da Lei. O Pentateuco estabelecia:

Reúnam todo o povo—homens, mulheres, crianças e os estrangeiros que moram nas cidades onde vocês vivem—para que ouçam a leitura, aprendam a Lei, temam o Senhor, nosso Deus, e obedeçam fielmente a tudo o que a Lei manda. Assim os seus descendentes que ainda não conhecerem a Lei de Deus também ouvirão a leitura e aprenderão a temer o Senhor [...] (BÍBLIA, Deuteronômio 31:12-13.)

A maioria de nossas crianças recebe pouca ou nenhuma instrução na Palavra de Deus no lar e muito menos na escola secular. Em função de que a Bíblia perdeu seu lugar no seio da família, a igreja ficou com a grande responsabilidade de prover educação religiosa dos pequeninos. Todo o impacto desta responsabilidade caiu sobre a EBD e seus professores.

Além de aproximar pais e filhos na comunhão do corpo de Cristo, a EBD introduz crianças no conhecimento bíblico, afastando-os da ociosidade e das más companhias. A grande vantagem da Escola Dominical é que ela possui um currículo bíblico bem estruturado segundo a faixa etária correspondente. Cada Igreja deveria ter pelos menos duas classes infantis, uma para as crianças menores e outra para as maiores. O acompanhamento de profissionais da Pedagogia e Orientação Educacional traria grande proveito para o trabalho.

*b) Planejando uma aula de EBD relevante*

Gilberto, no *Manual da Escola Bíblica Dominical: pela excelência do ensino da palavra de Deus*, deixa claro que ainda que o professor de crianças tenha longos anos de experiência, ele não deverá entrar em classe sem antes planejar a aula. Por mais formal que a elaboração de um plano de aula pareça, ele não dispensa a oração nem a direção do Espírito Santo. Agindo assim, tem-se uma garantia de que as aulas vão ganhar qualidade e eficiência.

Mas o que é um Plano de Aula? O plano de aula pode ser entendido como a previsão de conteúdos e atividades de uma ou de várias aulas que compõem uma unidade de estudo (trimestres, no caso das lições bíblicas). Ele deve conter os seguintes elementos básicos: (i) identificação; (ii) objetivos; (iii) conteúdo; (iv) estratégias ou técnicas de ensino-aprendizagem; (v) recursos didáticos; e, (vi) avaliação.

Na identificação se indica a Igreja, o nome da classe, o nome do professor, a data da aplicação e o tema da lição.

Nos objetivos se define aonde se quer chegar, o que deseja ser alcançado. Os objetivos devem ser claros e bem definidos. As lições bíblicas de mestre, para facilitar a vida dos professores, trazem os objetivos já definidos, o que não impede que os mesmos possam ser redefinidos, à medida que o professor perceba tal necessidade.

O conteúdo, no caso das lições de EBD, já é pré-estabelecido conforme o currículo de cada faixa etária. Este conteúdo abrange temas relacionados à Bíblia Sagrada que incluem o estudo teológico sistemático, introdução e comentários dos livros da Bíblia, família cristã, vida cristã, temas da atualidade e outros.

As estratégias ou técnicas de ensino-aprendizagem são caminhos a serem percorridos pelo professor, visando o alcance dos objetivos estabelecidos. Dentre as várias técnicas ou estratégias previstas, se pode citar: aulas expositivas (palestra); perguntas e respostas; seminários; júri simulado; estudo de caso; debate; etc. Para um melhor conhecimento destes métodos de ensino, sugere-se a consulta a livros da área da Pedagogia, tais como Didática ou Metodologia do Ensino.

Os recursos didáticos compõem a parte tangível do ensino, ou seja os materiais auxiliares do ensino “que facilitam a assimilação da mensagem que se pretende comunicar” (TULER, 2003, p. 39).

Existe uma grande variedade destes recursos, que vão desde o quadro branco com marcador, até o uso de computadores e projetores de última geração. A previsão para o uso dos recursos didáticos, precisa estar dentro da realidade e disponibilidade de cada igreja e professor.

A avaliação define as maneiras de se verificar a eficácia do processo-ensino aprendizagem ou de a comprovação de que os objetivos foram alcançados. A avaliação pode ser feita através de questionários, perguntas diretas, avaliação no final do trimestre, observação etc. Do ponto de vista da Educação Cristã, uma vida transformada, que resulta numa mudança de caráter, comportamento, envolvimento no serviço cristão e maior comunhão com Deus e com o próximo é, sem dúvida alguma, a maior prova de que os objetivos da prática pedagógica foram atingidos.

#### **4.4. Escola Bíblica De Férias (ebf)**

A Escola Bíblica de Férias é uma ótima ferramenta para o discipulado das crianças de nossa Igreja, bem como para evangelizar aquelas que ainda não conhecem a Jesus. Ela se desenrola no período máximo de uma semana, sempre no recesso escolar e é baseada em um tema específico, subdividido em até cinco lições.

Há um vasto repertório de temas disponíveis em livrarias evangélicas e sites da Internet, muitos deles até gratuitos. Os kits abrangem todo o material didático necessário (resumo das histórias, atividades práticas, cartazes, gravuras, músicas relacionadas ao tema, etc.).

Para sua eficácia, tal qual na EBD, é imprescindível o planejamento prévio e uma equipe atuante que abranja as seguintes atividades: coordenação pedagógica, secretaria, tesouraria, devocional, contação de histórias, atividades lúdico-recreativas, lanche e limpeza.

#### **4.5. Núcleo Missionário Infantil**

Os núcleos missionários, ou células, são pequenos grupos de evangelismo e discipulado implantados fora das quatro paredes do templo. Ela não é uma estratégia recente, pois já existia desde os tempos da Igreja Primitiva. O texto escrito pelo Apóstolo Lucas nos declara: “E, todos os dias, no pátio do Templo e de casa em casa, eles continuavam a ensinar e a anunciar a boa notícia a respeito de Jesus, o Messias” (BÍBLIA, Atos 5:42, p. 1097)

Eles são um tipo de estratégia bastante eficiente pois alcança qualquer faixa etária, dentro do seu ambiente mais peculiar, a residência ou local comunitário. Suas reuniões devem ser objetivas,

não ultrapassando a duração de uma hora, mantendo o foco em compartilhar as verdades do evangelho com as crianças não crentes e consolidando a fé daquelas que já aceitaram a Jesus.

Para que ele seja implantado se requer a figura de um líder hábil, um auxiliar, um secretário, uma casa hospedeira e os convidados. As reuniões devem ser regulares, uma vez a cada semana, em horário propício a ambas as partes, num período não superior a sessenta minutos.

*a) Vantagens*

Os núcleos missionários implantados em casas de famílias não evangélicas tem a vantagem de alcançar crianças que dificilmente viriam ao templo por causa da distância, do horários dos cultos ou mesmo devido à proibição de seus pais ou responsáveis.

O pequeno grupo rompe o preconceito dos pais não crentes com relação à liturgia realizada nos templos evangélicos. Além disso esta estratégia cria um vínculo sadio entre a Igrejas, as crianças e suas famílias, propiciando a ampliação do alcance da mensagem de Cristo às demais pessoas que residem na referida casa.

Em suma, o núcleo missionário infantil faz a ponte entre a comunidade e a Igreja.

*b) Objetivos*

Dentre os objetivos do núcleo missionário infantil, podemos relacionar:

- comunhão: ensinar a conviver em família, exercitando a fraternidade e a generosidade;
- edificação: ajudar uns aos outros a crescer, a conhecer a Deus e a vencer as dificuldades;
- serviço: ajudar uns aos outros naquilo que for preciso e possível de ser feito.
- evangelismo: alcançar outras crianças através dos eventos-ponte (cineminha, piquenique, passeio, etc.) e levá-las para a Igreja.

*c) Roteiro*

A reunião de núcleo missionário infantil deve ter duração máxima de uma hora e por isso precisa ser cuidadosamente planejada, seguindo um roteiro como o sugerido abaixo:

- *Oração inicial (5 min.):* as crianças devem ser estimuladas a também orar, repetindo as palavras do líder do núcleo;
- *Quebra-gelo (5 min.):* maneira descontraída de falar do assunto de cada lição. Pode ser uma dinâmica de grupo, experiência ou comentário de um fato ocorrido na semana;
- *Louvor (5 min.):* cânticos relacionados à história do dia. Eles devem ser alegres, com palmas, gestos, coreografias. Deve-se utilizar CD ou violão e as crianças também podem acompanhar com instrumentos rítmicos;

- *História do dia (10 min.):* ler o texto bíblico, colocando emoção, fazendo gestos, dando vida aos fatos narrados, fazendo as crianças se sentirem dentro da história. É útil a utilização de gravuras, cartazes, fantoches, “sacola das boas novas”, “livro sem palavras”, etc.

- *Aplicação (5 min.):* relacionar a história do dia com a vida prática das crianças, estimulando-as a participarem dando suas opiniões e fazendo perguntas. É uma oportunidade de conhecer melhor as crianças;

- *Momento da brincadeira (10 min.):* é preciso brincar com as crianças, pois a brincadeira é uma forma de aprendizado para elas. Ao final da brincadeira deve-se falar sobre a moral da brincadeira.

- *Evangelismo (10 min.):* é o momento em que o líder compartilha estratégias para o crescimento do núcleo. A “cadeira vazia” é mantida para que o grupo foque na frutificação. Aqui também pode ser feito o apelo aos não evangélicos, mas sem pressioná-los. O importante é que eles retornem na próxima semana.

- *Intercessão (5 min.):* momento de orar pelos componentes do núcleo, pela “cadeira vazia”, familiares e vizinhos. Um livro de oração é muito útil. Ali se registram os pedidos e também as respostas às orações.

- *Comunhão (5 min.):* momento de amizade, companheirismo e conhecimento mútuo.

Ao final do programa é opcional oferecimento de um lanche rápido que pode ser fornecido pelo líder, pelo anfitrião ou através da contribuição de cada membro do núcleo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A declaração que diz: “– A criança é o futuro da Igreja!”, apesar de parecer algo correto, pode ter o efeito contrário, levando as lideranças do povo de Deus a deixarem para depois um trabalho mais específico e intenso no que diz respeito às crianças, especialmente quando se refere a um ministério pastoral e evangelístico voltado para elas.

Tanto o evangelismo quanto o discipulado de crianças precisa ser mais valorizado dentro das igrejas evangélicas. Ele deve ser exercido com responsabilidade cristã, por pessoas treinadas e capacitadas do ponto de vista teológico, pedagógico e espiritual. A igreja, através da Missão Infantil, possui alta responsabilidade para com os pequeninos, suprimindo as carências espirituais e morais deixadas pela família e pela escola.

Ter programações específicas para as crianças é algo importante, mas não se deve tirar as crianças do culto apenas com o objetivo de não atrapalharem os pais em sua adoração a Deus. O objetivo dever ser claro: ensiná-las a Palavra do Senhor e o seu plano maravilhoso de salvação. As

crianças possuem necessidades espirituais, físicas e emocionais que devem ser supridas tanto pela Igreja, quanto pela família e pela escola.

Preocupar-se com a inclusão dos pequeninos nos programas e projetos da Igreja a fim de levantar uma geração piedosa e cheia do poder de Deus implica em investir pesado neste ministério imediatamente, seja na infraestrutura quanto na formação de recursos humanos especializados.

O culto infantil, a Escola Bíblica Dominical, a Escola Bíblica de Férias e o Núcleo Missionário Infantil são ferramentas indispensáveis na tarefa de alcançar os pequeninos para Cristo. Eles devem ser cuidadosamente planejados, não desprezando o valor da oração e da direção do Espírito Santo, o Dono da obra.

Líderes de ministério com crianças não podem de forma alguma descuidar da responsabilidade em preparar as crianças para viverem num mundo globalizado, cuja ênfase é a busca por mais conhecimento, sem esquecer-se do desenvolvimento do seu caráter. Esta missão, apesar de difícil, tem de ser fiel e integralmente cumprida, a fim de que as crianças conheçam a Jesus, se convertam e se destaquem como suas testemunhas.

## REFERÊNCIAS

BEECHICK, Ruth. **Como ensinar crianças do Jardim de Infância: compreendendo e educando crianças de 4 e 5 anos**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003, p. 81.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NTLH**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005, p. 171-1234.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Recursos para o Ministério com Crianças**. Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Hagnos, 2003.

DRESHER, John. **Sete Necessidades Básicas da Criança**. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 93.

GILBERTO, Antônio. **Manual da Escola Bíblica Dominical: pela excelência do ensino da palavra de Deus**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1997.

KEMP, Judith. **Meu Filho, Meu Discípulo**. São Paulo: Hagnos, 2005, p.12.

PELT, Nancy Van. **Como formar filhos vencedores: desenvolvendo o caráter e a personalidade**. Tradução: Sueli Oliveira. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006, p. 63-83.

QUEIROZ, Edison. **A Igreja local e missões: incluindo uma estratégia missionária para a Igreja local**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 184-195.

RANGEL, Rawderson; XAVIER, Manoel. **Manual Prático para o Culto Infantil**. 1ª edição. Curitiba: AD Santos Editora, 2006, p.3-16.

RANGEL, Rawderson; XAVIER, Manoel. **Manual Prático para o Culto Infantil**. Volume 2 - 7ª edição. Curitiba: AD Santos Editora, 2008, p.12.

TULER, Marcos. **Manual do professor de escola dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

TULER, Marcos **Recursos didáticos para a Escola Dominical**: ferramentas indispensáveis ao ensino bíblico infanto-juvenil. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

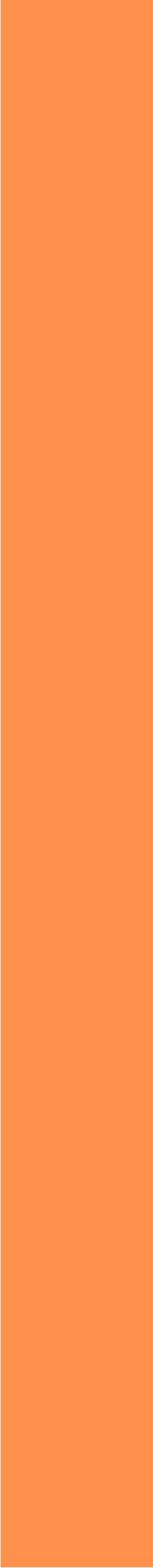


# *Capítulo 6*

---

## **EVANGELHO DE JOÃO: UMA ABORDAGEM PARACLETOLÓGICA**

Kleyzer Coughlan de Alencar Bruce



## EVANGELHO DE JOÃO: UMA ABORDAGEM PARACLETOLÓGICA

*Kleyzer Coughlan de Alencar Bruce<sup>1</sup>*

### RESUMO

Dentre os Evangelhos, João se destaca pela profundidade devocional, espiritual e teológica, especialmente no que tange à Cristologia, Paracletologia e Soteriologia. Ele foi escrito para combater as heresias que já assolavam a Igreja do primeiro século da era cristã. O objetivo principal de João é mostrar que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, o Salvador do mundo. Outro propósito de seus escritos é prover a certeza de que os discípulos de Cristo jamais estariam órfãos em sua caminhada espiritual, já que o Espírito Santo lhes seria posto por Ajudador ou Consolador, lembrando-lhes os ensinamentos do Mestre da Galileia e capacitando-os ao cumprimento da tarefa de alcançar o mundo inteiro com a mensagem transformadora do Evangelho. Desde o Antigo Testamento o Espírito Santo se manifestou na história da humanidade, ainda que de maneira gradativa, quer seja criando, ungindo pessoas para tarefas específicas, dirigindo o seu povo e inspirando profetas e escritores bíblicos. Em o Novo Testamento o Espírito Santo atinge o ápice de sua revelação, sendo João o primeiro a trazer à luz os detalhes de sua pessoa divina, seu querer, seu modo de agir e seu papel na obra de salvação da humanidade perdida.

**Palavras-chave:** Evangelho de João; Espírito Santo; Cristologia; Soteriologia.

### ABSTRACT

Among the Gospels, John stands out by devotional depth, spiritual and theological, especially in relation to Christology, the Paracletology and Soteriology. It was written to combat heresies that now played the church of the first century of the Age Christian. The main purpose of John is to show that Jesus is the Messiah, the Son of God, the Savior of the world. Another purpose of his writes is to provide the certainty that Christ's disciples never be orphans in their walked spiritual, now that the Holy Spirit then would be put by Helper or Comforter, reminding the teaching of the Master of the Galilean and empowering them to fulfill of the task to reach the whole world with the message transformer of the Gospel. Since Ancient Testament the Holy Spirit was manifested in human history, still that gradually, creating, anointing people for specific tasks, addressing his people and inspiring prophets and biblical writers. In a New Testament the Holy Spirit reaches the apex of his revelation, being John the first to bring into the open details of his divine person, his want, his way of act and his role in the work of the salvation lost humanity.

**Keywords:** Gospel of John; Holy Spirit; Cristology; Soteriology.

---

<sup>1</sup>Pastor Evangélico, Licenciado Pleno em Matemática (UNIFAP), Bacharel em Teologia (SETAD) e Especialista em Ensino Religioso (FATECH). E-mail: kleyzer@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

A Paracletologia, do grego *παράκλητος* (*'parákleτος'*: aquele que ajuda a alguém) e *λόγος* (*'lógos'*: estudo, tratado), é a área de conhecimento teológico que estuda de forma sistemática temas relacionados ao Espírito Santo. Seu fundamento escriturístico inicia-se no Antigo Testamento, nos relatos da criação, na trajetória dos patriarcas e nas mensagens dos profetas de Judá e Israel.

No ministério de Cristo a ideia do Espírito Santo apresentado como pessoa divina, e não somente como “força ativa impessoal” ou “poder” de Deus, se consolidou. O evangelho de João captou a ênfase que o Mestre da Galileia atribuiu ao Espírito Santo como Deus e como partícipe imprescindível no plano de salvação da humanidade, quer seja na conversão, na justificação, na regeneração, na santificação e na glorificação, além de capacitar a Igreja no cumprimento da Grande Comissão, ou seja, na evangelização e no discipulado de todos os povos, tribos, línguas e nações (*cf.* Mateus 28:19,20; Marcos 16:15; Atos 1:8).

Clemente de Alexandria, ainda no século II d. C., observou que os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas não possuíam o mesmo ponto de vista de João, ou seja, enquanto este apresentava o ministério de Jesus por meio de verdades espirituais recebidas do Senhor, os conteúdos daqueles geralmente se constituíam de relatos biográficos. Ao mesmo tempo, há no Evangelho de João um destaque especial sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo, o “outro Consolador” ou “outro Auxiliador”, que o Pai enviaria para lembrar aos discípulos os ensinamentos de Jesus, revesti-los de poder e guiá-los em toda a verdade.

## 2. VISÃO PANORÂMICA DO EVANGELHO DE JOÃO

João, o evangelho preferido de Martinho Lutero, é provavelmente o mais comentado dentre todos os evangelhos. Considerado como possuidor de extrema profundidade devocional, espiritual e teológica, destaca-se dos Evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) por suas peculiaridades. A maior diferença se faz notar nos longos discursos de Jesus, desconhecidos dos sinóticos e característicos de João.

Os relatos dos sinóticos mostram Jesus mais presente na Galileia, enquanto que em João, Jesus aparece quase sempre em Jerusalém, na Judeia, ora no meio do povo, participando das festas religiosas judaicas, ora recolhido em oração no monte das Oliveiras.

Outra característica importante é que nos sinóticos os discípulos levam muito tempo para compreender quem é Jesus e confessá-lo como Messias, enquanto que em João, pessoas como

André, Filipe, Natanael e a mulher samaritana sabem imediatamente quem Ele é e o reconhecem como o Salvador, o Filho de Deus, o Rei de Israel, cuja vinda havia sido prometida pelo Senhor através de seus santos profetas.

Mateus, Marcos e Lucas destacam Jesus como pregador de multidões. Já em João ocorre o destaque para os diálogos particulares, como no caso de Nicodemos, Pilatos ou Pedro, por exemplo. Nos três primeiros evangelhos Jesus ensina sobre o Reino de Deus (ou dos Céus) por meio de parábolas. No quarto evangelho o Nazareno ensina por meio de discursos e diálogos que tratam de seu relacionamento com o Pai, da vida eterna, da vida cristã e do Espírito Santo.

### 2.1. Autoria, Local E Data

Do próprio evangelho se extraem importantes informações a respeito de sua autoria. Em João 21:20-24 se lê que ele foi escrito pelo discípulo a quem Jesus amava. Este mesmo discípulo estava ao lado de Jesus na última ceia (*cf.* João 13:23). Ele também é o discípulo que estava diante da cruz de Jesus e a quem o Mestre confiou os cuidados de sua mãe terrena (*cf.* João 19:26). Provavelmente também é ele a testemunha da morte de Cristo (*cf.* João 19:35).

Juntamente com Pedro ele corre para o túmulo na manhã do dia da Páscoa e se convence de que o túmulo está vazio (*cf.* João 20:2). Quando Cristo ressuscitado preparou uma pesca maravilhosa para os apóstolos — especialmente para Pedro — esse discípulo é o que primeiro reconhece a Jesus (*cf.* João 21:7).

Vale ressaltar que o escritor do quarto evangelho reivindica o privilégio de ter sido testemunha ocular do ministério de Jesus (*cf.* João 1:4), além de demonstrar um estilo semítico em sua redação e possuir conhecimento acurado sobre os costumes dos judeus. Ele também atesta ser profundo conhecedor da topografia da Palestina. Além disso, há o relato de detalhes vívidos que só poderiam ser esperados da parte de alguém que conviveu com Jesus.

A única dúvida que pode pairar é o real motivo da ausência da citação de seu próprio nome no texto sagrado, o que pode ser justificado por razões de extrema modéstia ou mesmo por uma elegância de estilo.

Aliando tais argumentos às tradições da igreja primitiva, deduz-se que João, um pescador da Galileia, irmão de Tiago e filho de Zebedeu, foi quem escreveu o quarto evangelho. De particular importância é o testemunho de Irineu, discípulo de Policarpo, o qual, por sua vez, fora discípulo do próprio apóstolo João.

A maioria dos especialistas nos escritos do Novo Testamento é da opinião que este evangelho foi produzido no final do primeiro século da era cristã, sendo então posterior a Marcos –

o primeiro evangelho – a Mateus e a Lucas. O local mais provável onde João o teria escrito é a cidade de Éfeso, capital da província romana da Ásia.

## **2.2. Destinatários**

Os destinatários imediatos dos escritos do Novo Testamento podem ser classificados em quatro grupos representativos: judeus, romanos, gregos e Igreja. Daí se entende o porquê da necessidade de quatro Evangelhos: um para cada grupo, de acordo com seu caráter, suas necessidades e seus ideais.

Mateus escreve aos judeus, apresentando Jesus como o Rei Messias. Marcos escreve aos romanos, apresentando-o como o Servo sofredor e Lucas, por sua vez, escreve aos gregos mostrando Cristo como o Homem perfeito. João se dirige à Igreja do primeiro século revelando Jesus como o Filho de Deus e proclamando as verdades mais profundas do Evangelho tanto no que diz respeito à divindade de Cristo, quanto à pessoa e obra do Espírito Santo. A este respeito Pearlman afirma:

Cristãos de todas as partes, de Igrejas estabelecidas pelo trabalho dos apóstolos, passaram a solicitar uma declaração das verdades mais profundas dos ensinamentos de Jesus. João escreveu seu evangelho para satisfazer a esse apelo [...] As doutrinas sobre alguns dos temas mais profundos do Evangelho – a preexistência de Cristo, a encarnação, a relação com o Pai, a pessoa e a obra do Espírito Santo – indicam que foi escrito para um povo espiritual. (PEARLMAN, 2006, p. 265)

## **2.3. Esboço Do Livro**

Pearlman (2006, p. 265-279) propõe a divisão didática do Evangelho de João nos seguintes tópicos e subtópicos:

### **I. Prefácio (1.1-18)**

1. A manifestação de Cristo na eternidade (1:1-5)
2. A manifestação de Cristo no tempo (1:6-18)

### **II. A manifestação de Cristo ao mundo (1:19–6:71)**

1. O testemunho de João Batista (1:19-34)
2. O testemunho dos primeiros discípulos (1:35-51)
3. O primeiro milagre e primeira purificação do Templo (2)
4. Entrevista com Nicodemos (3:1-21)
5. O testemunho de João a seus discípulos (3:22-26)
6. O ministério de Jesus em Samaria (4:1-43)
7. A cura do filho do oficial do rei (4:43-54)

8. A cura do paralítico, seguida por um discurso (5)
9. Multiplicação dos pães; discurso sobre o pão da vida (6)

### III. Rejeição às reivindicações de Cristo (7:1–12:50)

1. Jesus na festa das cabanas (7)
2. A mulher adúltera (8:1-11)
3. Discursos sobre a luz do mundo e a liberdade espiritual (8:12-59)
4. A cura de um cego de nascença (9)
5. O discurso do bom pastor (10:1-21)
6. Jesus na festa de dedicação (10:22-42)
7. A ressurreição de Lázaro (11:1-46)
8. A rejeição final de Cristo pela nação (11:47-12:50)

### IV. A manifestação de Cristo a seus discípulos (13–17)

1. Discursos de despedida (13–17)
2. A oração intercessória (17)

### V. A humilhação e glorificação de Cristo (18–21)

1. A traição e prisão (18:1-18)
2. O julgamento perante Caifás e Pilatos (18:19–19:16)
3. A crucificação (19:17-42)
4. A ressurreição (20:1-10)
5. A manifestação de Jesus aos seus discípulos (20:1a–21:25)

#### 2.4. Mensagem

O amor de Deus é a principal mensagem deste evangelho (*cf.* João 3:16).

Um dos pilares do relacionamento entre o Pai Celeste e a humanidade foi, é e sempre será o amor. O Deus que é o Senhor supremo do Universo e da humanidade é um Deus de amor.

João replica este ensinamento ao escrever sua primeira epístola, dizendo: "... Quem ama é filho de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não o conhece, pois Deus é amor." (BÍBLIA, 1João 4:7-8, p. 1278).

Esta verdade basilar do caráter de Deus é reiterada pelo apóstolo Paulo, quando expressa: "Mas Deus mostrou o quanto nos ama: Cristo morreu por nós quando ainda vivíamos no pecado" (BÍBLIA, Romanos 5:8, p.1141).

Partindo deste princípio, João complementa que o amor de Cristo e o amor por Cristo unem as pessoas em uma comunidade, como um rebanho que possui um só pastor (*cf.* João 10:16).

João ainda desenvolve o conceito de vida eterna (*αιώνιος*, ‘*aionios*’) cujo sentido é duplo. Primeiramente é a vida verdadeira que começa agora mesmo (*cf.* João 5:24), quando a pessoa crê em Jesus (*cf.* João 3:36; 6:40,47). Em segundo lugar é a vida após a morte, vida com Deus para sempre (*cf.* João 10:28).

## 2.5. Gênero Literário

Hörster (1996) destaca que o evangelista João usa um estilo inconfundível, que também é reconhecível na primeira carta de João. Ele convida o leitor à reflexão. Para ele, João não foi escrito para pessoas com pressa, mas para aqueles que procuram algo para meditar profundamente. O estilo é reforçado no prefácio, mas também é encontrado em muitos outros lugares do evangelho, principalmente nos discursos e na oração sacerdotal (*cf.* João 17).

Jesus, sendo um oriental, fala em estilo de meditação. Vemos em João uma forma de pensar em círculos, como é comum na retórica oriental. Ela não é retilínea, objetiva, como seria de se esperar da retórica grega. A forma semítica trabalha mais com repetições, afirmações paralelas e alusões a coisas já ditas. Temos, portanto, no evangelho de João, a pregação de Jesus em uma linguagem que se adequa perfeitamente aos leitores de fala grega. Mesmo assim, o autor manteve o estilo de Jesus, que correspondia à forma oriental de desenvolver o pensamento.

## 2.6. Contexto Histórico-religioso

Entre os estudiosos do Novo Testamento, tornou-se predominante a convicção de que o pano de fundo religioso do evangelho de João é, sobretudo, o Gnosticismo, do grego *γνώσις* (‘*gnosis*’: conhecimento), que negava a encarnação histórica e autêntica de Jesus, tornando sem efeito Sua obra salvífica realizada em favor da humanidade perdida. Silva define:

O Gnosticismo, doutrina filosófico-religiosa surgida no primeiro século da história da Igreja, que misturava ensinamentos da filosofia grega com elementos da religião babilônica (leitura dos corpos celestes); cerimonialismo judaico (guarda de dias, meses e anos); dualismo persa (mau e bom, luz e trevas) e doutrinas cristãs, defendia que Deus era um ser inacessível [...] (SILVA, 2006, p. 61)

Haviam pelo menos duas ramificações desta heresia. A primeira corrente, o Gnosticismo Docético, ensinava que Jesus teria sido apenas um fantasma com aparência humana. Seus adeptos não admitiam que o sofrimento e morte de Cristo tenham sido reais, pois um ser espiritual não pode

sofrer e tão pouco morrer. Já a segunda corrente, o Gnosticismo Cerentiano, separava Jesus (uma pessoa humana) de Cristo (um espírito angélico). Para os cerentianos era impossível que um espírito pudesse assumir uma forma humana, pois se corromperia. Logo, eles acreditavam que Cristo (espírito) havia possuído temporariamente Jesus (corpo) a fim de realizar os sinais registrados nos Evangelhos.

O teólogo liberal Rudolf Karl Bultmann, ao comentar o evangelho de João, destaca haver semelhanças entre ele e os escritos gnósticos, ao encontrar o mesmo dualismo luz-trevas, de cima-de baixo, morte-vida, Deus-mundo. Ele também pontua que o conceito da verdade tem importância especial nesses escritos, assim como relacionamento com o ser supremo e também com as outras pessoas. Ele ainda ressalta que esses escritos também falam de um personagem de salvação, um enviado celestial, que desce como a revelação, atrai as centelhas de luz divina e as leva de volta para Deus. Para ele, o paralelismo com o prólogo de João não pode ser ignorado. No entanto, ao contrário do que Bultmann pensava, os escritos de João combatem de maneira contundente os falsos ensinamentos gnósticos – ainda que mascarados de “verdade” – através da exposição da doutrina da plena humanidade de Cristo e o mistério da sua encarnação, sem, contudo, negar sua plena divindade. No prólogo do seu evangelho, ele revela:

No começo, aquele que é a Palavra já existia. Ele estava com Deus e era Deus [...] A Palavra se tornou um ser humano e morou entre nós, cheia de amor e de verdade. E nós vimos a revelação da sua natureza divina, natureza que ele recebeu como filho único do Pai. (BÍBLIA, João 1:1,14).

Outra heresia divulgada nesta época chamava-se Ebionismo. O Ebionismo era ensinado por um grupo de judeus convertidos ao Cristianismo que rejeitavam a divindade de Jesus. Eles acreditavam que Jesus era um mero homem, mas sem pecado, fruto da relação natural entre José e Maria. Seu ministério e os sinais que ele operou foram fruto de dons sobrenaturais do Espírito Santo, adquiridos após o batismo no Jordão. Além dos ebionitas negarem a deidade de Jesus, faziam a Igreja incorrer no pecado da idolatria, adorando um homem que não era Deus.

O Evangelho segundo João foi escrito com objetivo de refutar tanto o Gnosticismo quanto o Ebionismo. Daí a ênfase na divindade de Jesus.

### 3. A REVELAÇÃO PROGRESSIVA DO ESPÍRITO SANTO NAS ESCRITURAS

A doutrina da Trindade, e por consequência a doutrina do Espírito Santo, faz parte da revelação progressiva que Deus manifestou a respeito de Si mesmo nas páginas das Escrituras Sagradas, tendo como ápice a época dos escritos do Novo Testamento.

No tempo em que Moisés escreveu o Pentateuco as religiões conhecidas eram politeístas. Deste modo, a triunidade e a unicidade do Ser divino por certo poderiam causar muita confusão na mente dos judeus recém-resgatados da influência da idolatria, pois sob a liderança de Moisés o povo rompeu com todas as formas de politeísmo que conheceram no Egito.

Portanto, ao longo da história bíblica, Deus vai paulatinamente descortinando diante de seu povo e de toda a humanidade os atributos, a vontade, os sentimentos e o modo de agir do Santo Espírito.

#### 3.1. O Espírito Santo Na Percepção Do Antigo Testamento

Apesar de serem encontrados poucos substratos nas Escrituras veterotestamentárias sobre os atributos da divindade do Espírito Santo (רוּחַ הַקֹּדֶשׁ, 'Ruach haKadosh'), percebe-se em diversos livros Sua maravilhosa atuação, o que permite inferir inúmeras das manifestações de Suas obras. Sobre esta constatação Farrand comenta:

O que é ressaltado a respeito do Espírito Santo [...] na totalidade do Antigo Testamento, é decididamente mais aquilo que Ele *faz* do que aquilo que Ele *é*. O antigo Testamento praticamente nada diz a respeito da personalidade do Espírito Santo, mas está cheio das obras do Espírito, a partir dos atos criados em Gênesis (FARRAND, 2012, p. 108, grifo do autor)

A primeira menção bíblica ao Espírito de Deus encontra-se no livro do Gênesis, onde se lê que "... o Espírito de Deus se movia por cima da água." (BÍBLIA, Gênesis 1:2, p. 13). Esta citação demonstra Sua participação ativa na Criação, em perfeita harmonia e cooperação com o Pai e o Filho.

No livro de Salmos, um belo hino de louvor descreve a Criação como obra do Espírito Santo, conferindo a Ele tanto o *status* de autor, como de sustentador de todas as coisas, quando declara: "Porém, quando lhes dás o sopro de vida, eles nascem; e assim dás vida nova à terra." (BÍBLIA, Salmos 104:30).

Davi reconheceu que sem a sua presença, sua vida não tinha sentido, sua alma estava perdida. Em sua oração de contrição, o rei salmista clamou:

Ó Deus, cria em mim um coração puro e dá-me uma vontade nova e firme. Não me expulses da tua presença, nem retires de mim o teu santo Espírito. Dá-me novamente a alegria da tua salvação e conserva em mim o desejo de ser obediente. (BÍBLIA, Salmos 51.10-12)

Ao Espírito (רוּחַ, *'Ruach'*: vento, respiração, influência) é atribuída a capacidade de trazer novamente à vida, ou de ressuscitar, que é o sentido bíblico de “avivamento”. A referência mais explícita sobre o avivamento produzido pelo Espírito Santo, encontrada no Antigo Testamento, está na “Visão do vale dos ossos secos” dada pelo Senhor ao profeta Ezequiel:

Então o Senhor me disse: – Homem mortal, profetize para o vento; diga que o Senhor Deus está mandando que ele venha de todas as direções para soprar sobre esses corpos mortos a fim de que vivam de novo. Então profetizei conforme a ordem que eu havia recebido. A respiração entrou nos corpos, e eles viveram de novo e ficaram de pé. (BÍBLIA, Ezequiel 37:9-10)

O Antigo Testamento, pelas razões anteriormente expostas, apresentava uma visão estritamente monoteísta da divindade. Como o Decálogo regulamentava a adoração exclusiva a Deus, a percepção da teologia judaica tornava inadmissível a existência de “outra” pessoa divina. O primeiro mandamento já preconizava: “Não adore outros deuses; adore somente a mim” (BÍBLIA, Êxodo 20:3.).

Em sua oração matinal, todo judeu praticante faz a seguinte declaração extraída da Torá: “Escute Israel! O Senhor é nosso Deus, o Senhor é Um” (*cf.* Deuteronômio 6:4).

Observa-se que, apesar do pecado da idolatria ser um mal recorrente ao longo da história hebraica, o cativo babilônico (605-536 a.C.) extirpou definitivamente este câncer espiritual do coração da nação eleita. Talvez por isso, a ideia de Trindade não coubesse na cosmovisão teísta do judaísmo, e por isso, o Espírito Santo é compreendido apenas como a sabedoria, o conhecimento, a capacidade ou o poder de Deus (*cf.* Isaías 9:11) que habilitava reis, sacerdotes, profetas e líderes do Antigo Testamento a cumprirem os desígnios divinos.

Ladd esclarece:

O *ruach Yahveh*, no Antigo Testamento, não é uma entidade separada, distinta; é o poder de Deus – a atividade pessoal na vontade de Deus, atingindo um objeto moral e religioso. O *ruach* de Deus é a fonte de tudo o que está vivo, de toda a vida física [...] Também é a fonte de todas as preocupações e indagações religiosas, despertando líderes carismáticos, como juizes, profetas ou reis. (LADD, 2001)

Farrand ainda acrescenta:

O Espírito Santo começou a lidar com os homens imediatamente após a queda [...] Embora pouca coisa seja dita especificamente a respeito do Espírito Santo nas referências a estes homens, sabemos que foram guiados por Ele à medida em que obedeciam a Deus. O Espírito de Deus opera nas vidas dos homens sem chamar a atenção a Ele mesmo. (FARRAND, 2012, p. 108)

### 3.2. O Espírito Santo Na Percepção Do Novo Testamento.

Em contraste com o Antigo Testamento, em que o Espírito de Deus era dado por medida, ou seja, de maneira estrita e temporária a fim de que reis, sacerdotes, profetas ou líderes do povo de Deus exercessem seus ofícios, no Novo Testamento o Espírito é dado indistintamente e abundantemente a todos aqueles que, após passarem pelo novo nascimento, O buscam e permitem que Ele opere através de suas vidas.

Se por um lado, na Antiga Aliança (Lei), é dada ao Espírito Santo a ênfase em “vir sobre os homens” para o exercício de tarefas específicas, na Nova Aliança (Graça) Ele passa a “habitar o íntimo” dos discípulos de Jesus, conforme o que foi prometido por Jesus antes de Seu sacrifício na cruz do Calvário:

O mundo não pode receber esse Espírito porque não o pode ver, nem conhecer. Mas vocês o conhecem porque *ele estará em vocês e viverá em vocês*. – Não vou deixá-los abandonados, mas voltarei para ficar com vocês.” (BÍBLIA, João 14:17-18, grifo nosso).

Somente os salvos podem receber a “segunda bênção”. Apenas aqueles que já se converteram e tiveram suas vestes espirituais lavadas pelo sangue de Cristo podem se tornar templos do Espírito Santo.

O mundo não vê porque esta é principal objeção do homem carnal que se levanta contra os ensinamentos acerca do Paráclito Divino. Apesar de não O percebermos com os olhos naturais, podemos reconhecer sua presença quando Ele age nos corações dos homens. Sua presença não traz apenas a paz e o gozo celeste, mas produz na vida dos crentes uma nova natureza que muda radicalmente sua maneira de agir, falar e pensar, tornando-os a cada dia mais parecidos com Cristo, cumprindo-se o que ensinava o apóstolo Paulo: “Mas o Espírito de Deus produz o amor, a alegria, a paz, a paciência, a delicadeza, a bondade, a fidelidade, a humildade e o domínio próprio...” (BÍBLIA, Gálatas 5:22-23).

De modo inverso, o homem do mundo, que nunca teve qualquer experiência com o Espírito Santo, nada conhece a respeito dEle. Para conhecer e dar valor às coisas espirituais é necessário que haja uma mudança de coração, de mentalidade. O apóstolo Paulo ensinava aos cristãos de Corinto:

Mas quem não tem o Espírito de Deus não pode receber os dons que vem do Espírito e, de fato, nem mesmo pode entendê-los. Essas verdades são loucura para essa pessoa porque o sentido delas só pode ser entendido de modo espiritual (BÍBLIA, 1Coríntios 2:14).

A Igreja do primeiro século já provava de manifestações geradas pelo Espírito, intensificadas a partir do Pentecostes (*cf.* Atos 2). Aqueles crentes afirmaram que Ele dirige a evangelização (*cf.* Atos 16:6); conduz o crente (*cf.* Romanos 7:14); intercede (*cf.* Romanos 8:26-27); conduz a comunidade cristã (*cf.* Atos 13:4; 15:28; 20:28); impulsiona a profecia (*cf.* Atos 11:27-28; 21:11); ordena (*cf.* Atos 11:12; 13:2); dá carismas ou dons (*cf.* 1Coríntios 12:7-11); se expressa com frases coerentes (*cf.* Atos 8:29); pode-se resistir a Ele (*cf.* Atos 7:51), etc. Também é identificado como Deus (*cf.* Atos 5:3-4; 28:25-26; Hebreus 3:7-11; 2Coríntios 3:17), incluindo-se em fórmulas trinitárias (*cf.* 2Coríntios 13.14; 1Coríntios 12.1-7).

O Espírito Santo age na Igreja especialmente através dos dons ou carismas dados aos crentes não por merecimento, mas por graça, conforme sua única e exclusiva vontade. Sobre este aspecto, o apóstolo Paulo é categórico em dizer que “Ele dá um dom diferente para cada pessoa, conforme ele quer.” (BÍBLIA, 1Coríntios 12:11, p. 1168). Os dons do Espírito de Deus são incontáveis, pois sua sabedoria é “multiforme” (*cf.* Efésios 3:10). Entretanto, o texto sagrado elenca pelo menos vinte e dois dons que podem ser didaticamente classificados e enumerados assim:

**a) Dons de serviço ou dons operacionais** (*cf.* Romanos 12:6-8): [1] dom de profetizar (*pregação*), [2] dom de servir (*diaconia*), [3] dom de ensinar (*discipulado*), [4] dom de exortar (*ânimo*), [5] dom de repartir (*contribuição*), [6] dom de presidir (*autoridade*) e [7] dom de exercer misericórdia (*socorro*);

**b) Dons de manifestação ou dons espirituais** (*cf.* 1Coríntios 12; 14): [8] dom da palavra da sabedoria, [9] dom da palavra do conhecimento, [10] dom de discernimento de espíritos, [11] dom da variedade de línguas; [12] dom da interpretação de línguas; [13] dom da profecia; [14] dom da fé; [15] dom de operações de milagres ou maravilhas; [16] dons de curar;

**c) Dons de ministério ou dons ministeriais** (*cf.* Efésios 4:11-13): [17] dom de apóstolo; [18] dom de profeta; [19] dom de evangelista; [20] dom de pastor; [21] dom de mestre.

**d) Dom supremo** (*cf.* 1Coríntios 13): [22] dom do amor (*ágape, o amor sacrificial*).

Estes dons possuem propósitos bem definidos nas escrituras e os cristãos são exortados a buscá-los com fervor a fim de que por meio deles o Corpo de Cristo – a Igreja – seja edificado. Alencar enumera pelo menos quatros destes propósitos:

Deus quer que esses dons estejam presentes na igreja até a volta de Cristo com a finalidade

de: 1) Manifestar a graça, o poder e o amor do Espírito Santo entre seu povo; 2) Ajudar a tornar mais operante a pregação do evangelho aos perdidos; 3) Fortalecer e edificar espiritualmente tanto o individual como o coletivo; 4) Equipar eficazmente o crente na batalha espiritual contra Satanás e as hostes infernais. (ALENCAR, 2013, p.174-175)

### 3.3. O Espírito Santo Na Percepção Dos Evangelhos

A revelação trazida pelo Novo Testamento, em especial nos Evangelhos, causa a mudança de paradigma quanto à compreensão da pessoa e obra do Espírito Santo. Ele é apresentado aos seus leitores como um Ser pessoal e não apenas uma força ativa impessoal.

Tanto os sinóticos, quanto João concordam que Jesus foi revestido pelo Espírito a fim de cumprir sua missão messiânica e que esta tarefa incluía uma dotação geral do Espírito e que os seus discípulos seriam capacitados pelo Espírito para fazer face a quaisquer dificuldades que pudessem encontrar.

Segundo Pearlman, “Os discípulos, mediante seu contato pessoal com Cristo, e o seu recebimento do poder milagroso (Mt 10.1), conheciam as manifestações do Espírito” (PEARLMAN, 1982, p. 141).

Dentre as muitas provas, os evangelistas destacam que Ele ensina e recorda (*cf.* João 14:26), dá testemunho (*cf.* João 15:26), conduz à verdade (*cf.* João 16:13), glorifica (*cf.* João 16:14), revela (*cf.* Lucas 2:26), etc.

Precisamente por seu caráter divino, não se deve blasfemar contra ele, pois Ele tem um nome comum com o Pai e com o Filho (*cf.* Mateus 28.19-20) e por isso deve ser reverenciado. A este respeito o evangelista Marcos adverte: “Mas as blasfêmias contra o Espírito Santo nunca serão perdoadas porque a culpa desse pecado dura para sempre.” (BÍBLIA, Marcos 3:29, p. 981).

## 4. ÊNFASES PARACLETOLÓGICAS NO EVANGELHO DE JOÃO

No evangelho de João o Espírito Santo recebe um destaque especial. Assim como nos demais evangelhos, Ele desce e permanece em Jesus desde começo do seu ministério (*cf.* João 1:31), denotando que o Pai dá a Jesus do Seu Espírito sem medida (*cf.* João 3:34). A partir do capítulo 14 de seu evangelho, João passa a descortinar aspectos descritivos que até então nenhum escritor bíblico havia mencionado e que só seria complementado um pouco mais tarde, através da consolidação da Teologia Paulina.

Nenhum dos outros evangelistas faz declarações tão completas como as que vemos neste

evangelho, sobre a divindade de Cristo, a justificação pela fé, os ofícios de Cristo, *a operação do Espírito Santo* e os privilégios dos que crêem. Sem dúvida, Mateus, Marcos e Lucas não silenciaram sobre estes grandes ensinamentos. Mas, no Evangelho de João, eles se destacam (RYLE, 2013, p. 5, grifo nosso).

Em João, Jesus apresenta o Espírito Santo como “o outro Consolador”. A expressão grega aqui é *ἄλλος παράκλητος* (*‘állos parákletos*: outro [da mesma natureza] consolador), usada por Jesus para mostrar que Deus enviaria o Espírito Santo a fim de ser de modo invisível e espiritual aquilo que Ele próprio havia sido para os discípulos de modo visível e literal, durante os três anos e meio de convivência. A respeito disto Pearlman explica: “O Espírito, portanto, vem como ajudador e advogado, preenchendo as necessidades dos apóstolos que se sentiam tão fracos e indefesos ao pensar na partida de Cristo” (PEARLMAN, 1982, p. 141).

Em grego *παράκλητος* (*‘parákletos*), que deriva do verbo *παρακαλέω* (*‘parakaléo*: ajudar ou confortar), às vezes transliterado como “paráclito”, quer dizer ajudador ou advogado, no sentido forense, ou seja, alguém chamado para ficar ao lado de uma pessoa para ajudá-la de qualquer modo, especialmente em processos penais. Esta mesma palavra também é aplicada em 1João 2:1 para designar a pessoa de Cristo, que é o advogado de seus discípulos diante do Pai nos céus.

Hoje, o Espírito Santo é para os crentes o que Jesus era para os apóstolos. Ryle enfatiza:

Temos um Amigo na corte celestial, um Advogado junto ao Pai, e, se O honrarmos entregando ao Pai em nome de Cristo todas as nossas súplicas, temos a sua promessa de que serão respondidas. Mas precisamos estar seguros de que as coisas que lhe pedimos têm em vista o bem de nossas almas e não os benefícios temporários. (RYLE, 2013, p. 189)

#### 4.1. O Espírito Santo E A Obra Redentora

O evangelista João ratifica a participação do Espírito no plano divino de salvação da humanidade. É o Espírito Santo quem convence, limpa, transforma e santifica o pecador, tornando-o filho de Deus e capacitando-o a produzir o fruto do Espírito, revelando ao mundo o caráter de Cristo. Somente através dEle o ser humano recebe a capacidade de ser tudo aquilo que Deus quer que sejamos.

##### 4.1.1 O Espírito Santo e o convencimento do pecador

Em João 16:8-11 fica evidente que a ação diretiva do Espírito na obra redentora está ligada ao convencimento do pecador. Primeiro Ele reprova ou convence de pecado. Em segundo lugar o Espírito convence da justiça e, por último, convence do juízo. Ladd entende que “Se a função

primária, do Espírito, em relação aos crentes, é a de mestre e intérprete, em relação ao mundo ele é um acusador.” (LADD, 2001, p. 281).

Jesus esclarece: “Quando o Auxiliador vier, ele convencerá as pessoas as pessoas do mundo de que elas têm uma ideia errada a respeito do pecado e do que é direito e justo e também do julgamento de Deus.” (BÍBLIA, João 16:8).

*a) Convencimento do pecado*

A obra de convicção do pecado é obra peculiar do Espírito, que pode fazê-la eficazmente. O Espírito Santo adota o método de condenar primeiro o pecado e depois consolar.

Em geral, existe uma compreensão errada do que é o pecado. Os devassos afirmam que o pecado não existe e que cada um é livre para fazer o que a sua consciência mandar. Outros, os ascetas, afirmam que “tudo” é pecado e acabam vivendo sob uma religiosidade opressora e estéril.

O Espírito convence o mundo do pecado. Ele não se limita a simplesmente dizê-lo. O Espírito convence de que cada pecado tem nome e precisa ser confessado de maneira objetiva Àquele que pode perdoar (*cf.* 1João 1:9). Ele mostra que o pecado é um fato e que por causa da imundícia que ele provoca, faz os seres humanos serem aborrecidos por Deus. A ação do Espírito mostra que a fonte do pecado é a natureza humana corrupta e que seu fim é a morte eterna (separação de Deus).

O mundo põe sua confiança nas boas obras dos homens, mas o Espírito demonstra que todo o mundo é culpável perante Deus e que só por meio de Cristo alguém pode se tornar aceitável diante do Pai das Luzes.

*b) Convencimento da justiça*

Ele convence o mundo da justiça, pois Jesus de Nazaré foi Cristo, o justo. Além disso, dá a certeza de que a justiça de Cristo nos é imputada para justificação e salvação.

As pessoas do mundo pensam que podem, por sua própria justiça (boas obras ou sacrifícios), agradar a Deus e alcançar a salvação. Mas o Espírito veio para convencer que o padrão de justiça é muito elevado para qualquer mortal. Ele mostra de onde se obtém a justiça e como podem os pecadores ser aceitos por justos segundo o critério de Deus. A ressurreição e ascensão de Cristo provam que o resgate foi aceito e consumada a justiça por meio da qual os crentes foram justificados.

*c) Convencimento do juízo*

O Espírito convence do juízo porque o príncipe deste mundo já está julgado. Tudo estará bem quando for rompido o poder do que tem feito todo o mal. Como Satanás já foi vencido por Cristo, isto nos dá confiança, porque nenhum outro poder pode resistir ante Ele. Algumas pessoas pensam que são tão pecadoras que não há solução para o seu dilema espiritual. O Espírito veio para convencê-las de que estão erradas. E igualmente estão errados aqueles que acham que não haverá um ajuste de contas. Pensam que a vida acaba com a morte e não se apercebem das consequências eternas do pecado.

O Espírito mostra que os ímpios serão condenados e os justos poupados. Sem a revelação clara de nossa culpa e perigo nunca entenderíamos o valor da salvação de Cristo, mas quando se nos dá a conhecer corretamente, começamos a entender o valor do Redentor.

#### 4.1.2 O Espírito Santo e o Novo Nascimento

João é o único evangelista a relatar que Nicodemos, um fariseu, membro do Sinédrio, visitou Jesus a fim de conhecê-lo. Durante esta visita Jesus lhe declara que precisava nascer de novo. Nicodemos pensou imediatamente no seu nascimento natural, mas o Mestre esclareceu que se tratava de um nascimento de outra espécie, o nascimento espiritual, ao afirmar: “Quem nasce de pais humanos é um ser de natureza humana; quem nasce do Espírito é um ser de natureza espiritual.” (BÍBLIA, João 3:6, p. 1059).

A regeneração é uma grande mudança realizada no coração do pecador pelo poder do Espírito Santo. Isto significa que algo é feito em nós e a favor de nós, pois o ser humano é incapaz de mudar sua natureza pecaminosa mediante seus próprios esforços.

A obra regeneradora do Espírito Santo se compara à lavagem com água, uma provável alusão à ordenança do batismo. Não se quer dizer com isso que sejam salvos apenas aqueles que são batizados, pois é somente o novo nascimento, operado pelo Espírito, e dramatizado no batismo em águas, quem torna os pecadores remidos súditos do Reino dos Céus.

Jesus recorre a um jogo de palavras para explicar a Nicodemos que o nascimento espiritual é um processo misterioso, que é visto somente pelos resultados que produz. “O vento sopra onde quer, e ouve-se o barulho que ele faz, mas não se sabe de onde ele vem, nem para onde vai...” (BÍBLIA, João 3.8, p. 1060).

A palavra grega usada nesse texto é *πνεύμα* (*‘pneuma’*) e significa vento, respiração ou espírito.

O que Jesus quer dizer é que o vento sopra de onde quer e para onde quer, pois Deus o dirige. O Espírito envia suas influências ocultas aonde, quando, e a quem quer, na medida e grau

que lhe apraz. Embora as causas sejam ocultas, os efeitos são evidentes, quando a alma é levada a lamentar-se pelo pecado e a respirar segundo Cristo.

#### 4.1.3 O Espírito Santo e a Santificação

Em João 13.1-16 o evangelista registra o ato do “lava pés”. Ao lavar os pés dos seus discípulos Cristo mostra a importância da humildade e o valor da lavagem espiritual operada pelo Espírito Santo mediante o contato com a Palavra de Deus, que purifica a alma do pecado.

Somente os que são espiritualmente lavados por Cristo têm parte nEle. A todos os que Cristo reconhece e salva, também os justifica e santifica. Todos os que desejam verdadeiramente ser purificados, devem buscar a santificação por completo. O crente verdadeiro é assim lavado pelo Espírito Santo e pela Palavra quando recebe a Cristo para sua salvação.

### 4.2. O Espírito Santo E Sua Ação Na Igreja

Através dos escritos do evangelista João se percebe a estreita ligação entre a ação do Espírito Santo, o crescimento, o aperfeiçoamento e o fortalecimento da Igreja de Cristo. Baseado nas profecias do Antigo Testamento (*cf.* Ezequiel 47:1-12; Zacarias 14:8), Jesus declarou que a obra que o Espírito faria no interior de seus discípulos iria muito além de qualquer outra experiência prévia, dizendo: “Como dizem as Escrituras Sagradas: ‘Rios de água viva vão jorrar do coração de quem crê em mim’.” (BÍBLIA, João 7:38, p. 1067).

Esta “água viva” não pode ser algo diferente do Espírito que passa a habitar no coração dos crentes e os habilita a também outorgarem este fluir da graça de Deus a outras pessoas.

#### 4.2.1 O Espírito Santo como Mestre e Guia

O Evangelista João registra em seus escritos que Jesus desejava ensinar muitas outras coisas aos seus discípulos, mas estes ainda não estavam prontos para recebê-las. Isto só poderia ocorrer após o derramamento do Espírito da verdade, no Pentecostes.

Ele é chamado de Espírito da verdade, pois dá testemunho da verdade e guia os homens a uma revelação mais ampla da verdade redentora. Jesus prometeu: “Eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Auxiliador, o Espírito da verdade, para ficar com vocês para sempre.” (BÍBLIA, João 14:16, p. 1079). Ele estava assegurando que o Espírito Santo ensinaria todas as coisas e os faria lembrar tudo quanto havia dito aos seus discípulos (*cf.* João 14:26).

Jesus ainda declarou: “Porém, quando o Espírito da verdade vier, ele ensinará toda a verdade a vocês. O Espírito não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que ouviu e anunciará a vocês

as coisas que estão para acontecer.” (BÍBLIA, João 16:13, p. 1081). Sobre a busca por esta verdade Ryle aconselha:

Desejamos compreender com mais clareza as doutrinas do Evangelho? Oremos diariamente para que o Espírito Santo nos auxilie com seu ensino. O ministério dEle consiste em iluminar nossas almas, abrir os olhos de nosso entendimento e guiar-nos em toda a verdade. (RYLE, 2013, p. 196)

#### 4.2.2 O Espírito Santo como Inspirador de Missões

Testemunhar de Cristo não é algo fácil, pois requer autoridade, manifestação de sinais e persistência em anunciar ao mundo pecador a verdade do Evangelho, denunciando o pecado e quase sempre andando na contramão da multidão que vive uma vida hedonista, relativista e pragmática. O poder, a autoridade, a unção e o conhecimento necessários aos discípulos de Cristo na obra evangelizadora são providos pelo Espírito Santo.

Ele quem chama, dá as estratégias e coopera na árdua tarefa de anunciar o Evangelho, confirmando a palavra dos pregadores com os sinais que se seguem. Jesus deixou isto bem claro quando afirmou:

Quando chegar o Auxiliador, o Espírito da Verdade, que vem do Pai, ele falará a respeito de mim. E sou eu quem enviará esse Auxiliador a vocês da parte do Pai. E ***vocês também falarão a meu respeito*** porque estão comigo desde o começo.” (BÍBLIA, João 15:26-27, grifo nosso)

#### 4.2.3 O Espírito Santo e a Unidade da Igreja

Cristo orou pela unidade da sua Igreja e esta unidade também é obra do Espírito Santo (*cf.* João 17:20-23). Por analogia, da mesma forma que o óleo lubrifica e diminui o atrito entre as engrenagens de uma máquina, o Espírito Santo torna a convivência entre os irmãos pacífica e suaviza os desgastes naturais dos relacionamentos, cumprindo assim o que disse o salmista: “... que o povo de Deus viva unido como se todos fossem irmãos!” (BÍBLIA, Salmos 133:1).

##### *a) Unidos pelo vínculo do amor*

O Espírito Santo é quem gera amor no coração dos crentes para que vivam em unidade, apesar das diferenças. Ele ensina a perdoar e capacita os fortes tolerar os deslizes dos fracos, tratando-os com amor e misericórdia. Jesus, no evangelho de João também ensina: O meu mandamento é este: amem uns aos outros como eu amo vocês. Ninguém tem mais amor pelos seus

amigos do que aquele que dá a sua vida por eles. [...] O que eu mando a vocês é isto: amem uns aos outros. (BÍBLIA, João 15:12,13,17)

O apóstolo Paulo comunga desta opinião quando escreve aos cristãos em Roma, dizendo que "... Deus derramou o seu amor no nosso coração, por meio do Espírito Santo, que ele nos deu." (BÍBLIA, Romanos 5:5).

*b) Unidos por meio do Espírito de Cristo*

Jesus, em sua oração sacerdotal, orou ao Pai, dizendo: "E peço que todos sejam um. E assim como tu, meu Pai, estás unido comigo, e eu estou contigo, que todos os que crerem estejam unidos a nós..." (BÍBLIA, João 17:21). Esta unidade promovida pelo Espírito de Cristo gera um sentimento de pertencimento, identidade e cooperação mútua entre os irmãos. Pearlman argumenta:

Os membros da Trindade têm um só propósito e desejo na sua obra visando a salvação humana; cada Pessoa da Trindade tem Seu ofício distintivo, porém, onde um opera, os demais colaboram também. É este o alto ideal colocado diante da Igreja – muitos membros vinculados pelo único Espírito e cooperando para a mesma finalidade. (PEARLMAN, 1982, p.162)

Os cristãos podem conhecer a unidade entre eles se viverem unidos a Jesus. Na alegoria da Videira Verdadeira (*cf.* João 15), o Espírito é a santa seiva que corre da raiz, passa pelo caule e atinge cada ramo que permanece ligado a este caule que é Cristo. Cada ramo ou galho que vive unido à videira, também está, por conseguinte, unido com todos os outros ramos que compõem o mesmo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever seu relato a respeito de Jesus, o evangelista João selecionou cuidadosamente sua matéria, enfatizando as palavras e as obras de Deus, às quais ele chama de sinais. Estava claro em sua mente que seu objetivo primordial era levar seus leitores a crerem que Jesus é o Filho de Deus, utilizando seus escritos como postulados apologéticos contra as heresias dos gnósticos e ebionitas, cujos ensinamentos eram contrários à divindade de Cristo e a eficácia de sua obra redentora.

João conduz seus leitores a perceber que a inequívoca sabedoria e autoridade com que Jesus ministrava, além dos variados milagres que Ele operou, incluindo sua própria ressurreição, são provas incontestes de Sua deidade.

O "discípulo amado" também deixa claro que a revelação da divindade de Jesus só pode ser recebida por ação do Espírito Santo na mente e no coração do ser humano. Por isso, se percebe que o Evangelho de João é o que mais fala a respeito da Terceira Pessoa da Trindade. A ideia de um Espírito como pessoa divina é descortinada por Jesus neste Evangelho. Depois de prevenir a

respeito da perseguição que seus discípulos sofreriam após seu retorno ao Pai, o Mestre faz a promessa da vinda do Consolador, o Espírito que não os deixaria desamparados ou desorientados, mas que estaria sempre com eles e os conduziria à plena verdade.

O Evangelho de João apresenta o Espírito Santo sob um prisma até então desconhecido. Ele é revelado como o Consolador, o Ajudador ou Advogado que preencheria as necessidades dos apóstolos que se sentiam fracos e indefesos ao pensar na partida de Cristo.

O Espírito Santo seria de modo invisível e espiritual aquilo que Cristo tinha sido para eles de modo visível e literal durante os três anos e meio de seu ministério terreno. Ele exerceria ainda uma tríplice missão: trazer às pessoas incrédulas a convicção de seus próprios pecados, afastando-as do domínio de Satanás e conduzindo-as ao aconchego de Jesus Cristo, através da proclamação das “boas-novas” por meio dos discípulos que, cheios de poder e autoridade, testemunhariam do Filho de Deus pelo mundo inteiro.

A Igreja hodierna vive a “Era do Espírito”, marcada pela manifestação profusa do seu agir, sinal irrefutável da iminente volta de Jesus para arrebatá-lo Seu povo. Faz-se necessário, portanto, que cada crente conheça mais profundamente esta Pessoa Divina, busque o batismo com Espírito Santo e seus inefáveis dons. É preciso entrar em águas mais profundas a fim de que uma vida cheia do Espírito, que produza frutos dignos de arrependimento, e que seja capaz de cumprir com êxito a Grande Comissão.

Enfim, por tudo o que foi exposto, é inegável reconhecer que estudar, praticar e ensinar o evangelho de João é algo indispensável na caminhada cristã, pois ele fornece a base bíblico-teológica para que a Igreja viva na dimensão do Espírito e assim conheça e prossiga em conhecer ao Senhor, realizando a cada dia a Sua boa, perfeita e agradável vontade.

## **REFERÊNCIAS**

ALENCAR, Oton Miranda de. **Comentário Exegético da I Carta aos Coríntios**. Brasília: Inove Editora, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NTLH**. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

FARRAND, William. **O Espírito Santo – Consolador, Mestre e Guia**. Campinas: Instituto Cristão Internacional, 2012.

HOOVER, Richard. **Evangelhos e Atos – As Narrativas da Vida de Jesus e o Nascimento da Igreja Primitiva**. Pindamonhangaba: Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, 2008.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e Síntese do Novo Testamento**. Tradução: Valdemar Kroker. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1996.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução: Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Hagnos, 2001.

PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia livro por livro**. Tradução: N. Lawrence Olson. São Paulo: Editora Vida, 2006.

PEARLMAN, Myer. **João: Ouro para te enriquecer**. Tradução: Gordon Chown. Pindamonhangaba: Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, 1982.

RYLE, John Charles. **Meditações no Evangelho de João**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.

SILVA, Isaiás Rosa da. **Cristologia – Jesus, o Deus que se fez homem e habitou entre nós**. Pindamonhangaba: Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, 2006.

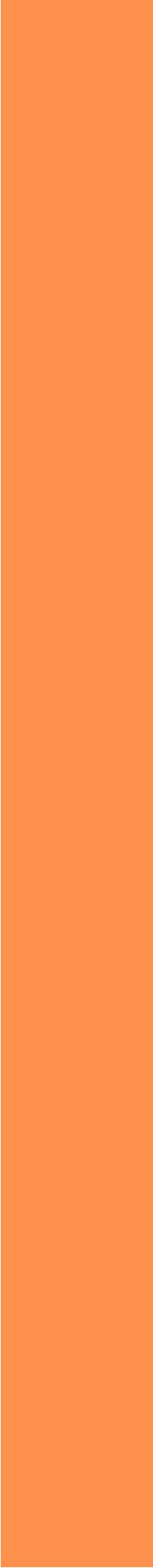


# *Capítulo 7*

---

## **EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DO DILÚVIO BÍBLICO UM TESTEMUNHO PLANETÁRIO**

Waldir Marques Gibson



## EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DO DILÚVIO BÍBLICO

### UM TESTEMUNHO PLANETÁRIO

*Waldir Marques Gibson<sup>1</sup>*

#### RESUMO

As Sagradas Escrituras estão repletas de registros que desafiam nosso entendimento e nossa fé, registros como: a abertura do mar vermelho, a queda dos muros de Jericó, entre muitos outros, encontram respaldo sólido no sobrenatural poder de Deus, porém, poucas são as possibilidades confiáveis de pesquisa e comprovação desses registros do agir de Deus, de todos os relatos bíblicos o dilúvio descrito em Gênesis, é sem dúvida, o de maior potencial de comprovação científica, visto a magnitude global e catastrófica do evento. Assim a expectativa sobre evidências comprobatórias desse evento é gigantesca, visto que estariam espalhadas por todo o planeta, em ambientes como o subsolo, superfície dos continentes e até mesmo submersas na costa oceânica, além de registros culturais sobre o evento diluviano em vários povos antigos, alguns já instintos e outros ainda existentes, como povos indígenas em várias regiões da terra, inclusive indígenas em nosso país. Assim, nos desafiamos a demonstrar com argumentos científicos que não há contradições ou inconsistências no relato bíblico, desde as dimensões e navegabilidade da arca, passando pela capacidade de abrigar adequadamente os animais especificados por Deus, até o cenário catastrófico descrito em Gênesis cap. 7 e 8, Juntamos evidências dessa natureza não visa combater o ceticismo de muitos, apesar de implicitamente servi a esse propósito, mas sobre tudo demonstrar que existe fidelidade nos relatos bíblicos e que Deus fez questão de deixar para a humanidade, o registrado físico da desolação promovida pelo dilúvio, para testemunho de seu poder e soberania.

**Palavras-chave:** gênesis; dilúvio; poder; soberania.

#### ABSTRACT

The Holy Scriptures are full of records that challenge our understanding and our faith, records such as: the opening of the Red Sea, the fall of the walls of Jericho, among many others, find solid support in the supernatural power of God, however, there are few possibilities reliable research and proof of these records of the act of God, of all the biblical reports the flood described in Genesis, is undoubtedly the one with the greatest potential for scientific proof, given the global and catastrophic magnitude of the event. So the expectation about supporting evidence for this event is huge, since they would be spread across the planet, in environments such as the subsoil, surface of the continents and even submerged in the ocean coast, in addition to cultural records about the flood event in several ancient peoples, some already instincts and others still exist, like indigenous peoples in various regions of the earth, including indigenous people in our country. Thus, we challenge ourselves to demonstrate with scientific arguments that there are no contradictions or inconsistencies in the biblical account, from the dimensions and navigability of the ark, through the

---

<sup>1</sup> Licenciado pleno em matemática e física, Universidade Federal do Amapá-UNIFAP (1998), Engenheiro elétrico, Universidade Federal do Pará-UFPa (2003), Especialização em gestão, planejamento e educação profissional - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos -NAEA/UFPa (2004), Bacharel em teologia, SETAD. E-mail: waldir.gibson2017@gmail.com

ability to adequately house the animals specified by God, to the catastrophic scenario described in Genesis chap. 7 and 8, Gathering evidence of this nature does not aim to combat the skepticism of many, although it implicitly served this purpose, but above all to demonstrate that there is fidelity in the biblical accounts and that God made a point of leaving humanity, the registered physicist of desolation promoted by the flood, to testify to its power and sovereignty.

**Keywords:** genesis; flood; power; sovereign.

## 1. INTRODUÇÃO

A história da humanidade é constituída de vários hiatos ao longo de sua jornada, alguns gigantescos, muitas são as tentativas do homem em desvendar sua própria origem e história, dentro desse contexto, muitas são as perguntas enigmáticas: Como surgiu o universo? Como surgiu a vida e sua complexidade? Como e quando surgiu o homem? Qual o destino final da humanidade? Em busca de respostas a perguntas como estas, várias esferas do conhecimento humano apresentam propostas, algumas fechadas em si, visto o caráter absoluto e soberano de suas propostas, como é o caso das explicações baseadas na ortodoxia religiosa e outras inacabadas que, em geral, apontam um caminho ou caminhos para possíveis verdades, em geral hipóteses que deságuam em teorias, mas até onde essas cosmovisões podem convergir e concatenar informações?

Até onde a visão teológica da criação e de fatos históricos pode servir de base para a investigação científica? Até onde a ciência tem confirmado os relatos bíblicos a respeito da criação e de fatos históricos registrados nas Escrituras Sagradas? Dentro desse ensaio de possibilidades positivas da verdade, nos cumpre aqui contrastar os relatos bíblicos com as informações produzidas pela ciência, em nosso caso, mais especificamente nos aspectos geológicos, paleontológicos e culturais que possibilite uma análise referente ao dilúvio bíblico relatados de Gênesis 7 e 8, foco de nosso estudo, visando não conduzir a um propósito de crença ou ideológico, mas primordialmente expor e tecer observações sobre as informações que corroboram ou divergem no âmbito bíblico e no campo da ciência moderna, estas evidências, certamente espalhados pelo mundo, são testemunhos vivos da história de nosso planeta e das primeiras civilizações que nele habitaram.

Como precisamos ser objetivos em nossa argumentação e análise, partiremos de uma análise do ambiente pré-diluviano, evoluindo para o grande evento catastrófico do dilúvio bíblico, na tentativa de visualizarmos como seria nosso planeta logo após esse evento, contrastando o cenário descrito nos capítulos 7 e 8 de Gênesis, com evidências científicas conhecidas e registros históricos culturais sobre o tema.

Descrito em proporções universais, o dilúvio provavelmente causou profundas modificações geomorfológicas em nosso planeta, além de ter produzido um incrível número de registros

geológicos e paleontológicos, logo após o evento e ao longo do tempo, baseado nisso, são muitas e significativas às evidências impressas em registros geológicos e paleontológicos, além de históricos culturais de civilizações antigas, que nos dará suporte para tecer paralelos entre o que a ciência de base não naturalista sustenta e os registros bíblicos sobre o dilúvio.

## 2. A TERRA QUE NÃO CONHECEMOS

### 2.1. Afinal Homem, Macaco Ou Rato?

Sabemos que não há consenso ou convergência entre ciência evolucionista moderna e religião quanto à origem do homem, para ciência evolucionista, visão Darwinista, somos fruto de um processo de evolução de cerca de seis milhões de anos, a partir de um ancestral primata que evolucionou passando por diversas transformações, ditadas pela necessidade de adaptação até o modelo de homem atual (Homo Sapiens), porém, quando examinamos o texto Bíblico lemos:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (GÊNESIS 1.26,27)

Nesses versículos, vemos inequivocamente que Deus criou o homem a Sua imagem, essa característica é frisada três vezes nesses dois versículos, deixando claro que fomos criados a imagem de um Ser Supremo, Todo Poderoso e Perfeito, portanto que não está sujeito a nenhuma evolução, quando Deus nos confere concomitantemente semelhança, isso nos garante que conforme Ele somos concebidos inicialmente perfeitos e acabados, sem necessidade de evolução, aptos a reinar, como coroa da criação, sobre a obra de Deus aqui na Terra, dotados de volição, inteligência, capacidade criativa e inventiva, temor a Deus, valores morais, senso de justiça, dentre outras características concedidas pelo Criador no ato da criação e não adquiridas ao longo do tempo, afinal por que só um representante dos primatas entre tantos outros evoluiria? Por que outros primatas ou até mesmo outras espécies, entre 7,5 milhões de espécies estimadas no planeta não evoluíram dando origem a raças inteligentes semelhantes ao homem?

A ciência nos garante que temos nosso genoma 98,7% igual ao bonobo e 99% idêntico ao de um chimpanzé, e a mesma ciência garante que o homem e chimpanzé pertencem ao mesmo tronco de evolução, tendo ambos o mesmo ancestral comum e que a separação evolutiva teria ocorrido entre 4 a 7 milhões de anos atrás, ou seja, em algum momento da história evolutiva dois seres de uma mesma matriz, geraram dois outros seres, um fadado a ser tornar chimpanzé, semelhante a

outros animais, e outro destinado a se tornar, sem dúvida, o ser mais fabuloso e inteligente que habita esse planeta, o que teria acontecido a essa desafortunada mãe para gerar uma linha de evolução desaguando em um ser tão próximo geneticamente do homem e diametralmente desprovido de suas capacidades e habilidade? A resposta a tudo isso é simples ter proximidade genética não implica em naturezas semelhantes e nossa natureza é a única nesse planeta moldada à semelhança de Deus, portanto só nós somos herdeiros reduzidos de suas virtudes e capacidades, recentemente o renomado médico Drauzio Varella publicou um artigo, onde afirma que: *“Semelhança genética entre homens e ratos é tamanha que, de 30 mil genes, apenas 300 os diferenciam.”* (DRAUZIO, 2020, p.1)

Tanta afinidade genética (99%), pra tão pouca semelhança de existência, precisamos entender que o genoma é um código genial pelo qual o Criador autenticou cada elemento de sua obra e não um agente determinante do produto final. Nunca fomos semelhantes a qualquer primata, fomos criados da forma que somos hoje, ressalvadas nossas variações de raça, fruto da miscigenação étnica.

Fig. 1 – O Rato e o Homem



Fonte: <https://www.ovnihoje.com>  
acesso 14 fev 2021

Fig. 2 – Híbrido macaco-humano



Fonte: <https://www.ovnihoje.com>  
acesso 14 fev 2021

## 2.2. Como Eram Os Homens Pré-diluvianos

Lemos em Gênesis “E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Gênesis, 6:5). Porém, além de maus, como eram os homens pré-diluvianos? Seriam ancestrais primitivos do homem moderno? Habitariam em abrigos rústicos e naturais? Homens desprovidos de tecnologias e habilidades? Ou seres humanos como os de hoje, providos de talentos, habilidades e técnicas apuradas?

Visando responder a esses questionamentos, podemos examinar as Sagradas Escrituras, em Gênesis 2:5, está relatado que o jardim plantado por Deus dava provimento ao homem, porém, já havia previsão que o homem iria lavrar a terra, o que pressupõe habilidade para tal, na descrição

da queda do homem está escrito: “No suor do teu rosto comerás o teu pão,...” (Bíblia, Gênesis, 3:19), após o castigo e banimento do homem do Éden, observamos que o homem é obrigado a produzir seu provimento, quando seguimos investigando relatos bíblicos pré-diluvianos, vemos que Caim e Abel, a primeira geração de nascidos, já dominavam técnicas de agricultura (Caim) e criação de animais (Abel), no caso de Caim observamos que após ser amaldiçoado, marcado e ser posto como errante no mundo, edifica uma cidade, um pouco mais a frente.

Em Gênesis 4:20-22, no registro dos filhos de Lameque, descendente de Caim, o sétimo depois de Adão, somos informados que seus três filhos e seus descendentes, também são dotados de habilidades agropecuárias e técnicas artífices especiais: Jabal e os seus eram criadores de gado e moravam em tendas; Jubal e sua descendência, eram instrumentistas de corda e sopro, e Tubalcaim era “mestre de toda a obra de cobre e ferro” (Gênesis, 4:22), vale ressaltar que estas atividades exigem habilidades e técnicas apuradas, não é simples construir ou tocar instrumentos musicais, nem tão pouco obter metal fundido a partir do minério bruto, nesse caso, Tubalcaim deveria ter conhecimento artesanal de metalurgia, forja e cutelaria.

Além desses exemplos, não podemos esquecer que Noé e as pessoas que o auxiliaram na construção da arca, uma embarcação de grande porte, dominavam a arte da carpintaria naval e certamente de construção de máquinas e arranjos rústicos, além de confecção de ferramentas manuais, para auxiliá-los na construção da embarcação.

Por tudo isso, não nos parece sensato arrazoarmos que a população pré-diluviana era primitiva no sentido de desprovida de cognição, recursos ou habilidades, bem diferente da epopeia evolutiva e tecnológica atribuída ao homem pela ciência, o qual teria evoluído por milhões de anos, a partir de um ancestral primata que habitavam em arvores, até o surgimento do primeiro hominídeo apoiado sobre as pernas (australopiteco), muito tempo depois teria surgido outro representante hominídeo que teria adquirido habilidade incipiente de modificar os recursos disponíveis a seu favor (homo habilis), seguindo a lenta e gradativa sina evolutiva, até a chegada do representante do homem moderno (homo sapiens) dotado de notável inteligência e capacidade criativa.

Certamente o testemunho bíblico e a teoria científica são incongruentes, assumimos a soberania e o pleno poder de um Deus criador ou aceitamos o processo natural de evolução das espécies, apesar da tentativa de alguns estudiosos bíblicos, ao longo dos séculos, em harmonizar as duas visões, assumindo que não há literalidade nos seis dias da criação, atribuindo a esses uma linguagem alegórica, correspondentes a seis períodos bem maiores de evolução, porém, essa visão ainda é conflituosa para a ortodoxia e para o evolucionismo científico, visto que tal visão fere a supremacia da criação de Deus, como todo poderoso, inferindo a ideia da necessidade da maturação temporal de sua obra. Ainda que esse tipo de interpretação busque estabelecer algum equilíbrio

entre a religião e a ciência, a caminhada se mostra ainda longa, certamente estamos muito longe de um consenso entre essas cosmovisões de conteúdo.

### 2.3. Uma Única Porção De Terra

No livro de Gênesis, podemos ler as expressões “apareça o continente” e “e ao continente Deus chamou terra” (Gênesis, 1:9-10), transparecendo a ideia de uma única porção de terra, um único continente no início da criação, o que corrobora com a teoria geológica defendida por Alfred Wegener, conhecida como Pangeia, onde se defende a hipótese da pré-existência de um único supercontinente no chamado período cretáceo (entre 136 e 65 milhões de anos), esse supercontinente teria aos poucos se fragmentado, dando origem aos continentes atuais, a não ser pela questão temporal, a teoria geológica parece estar de acordo com o relato bíblico, no tocante a formação inicial de uma única porção de terra, a respeito desse assunto Adauto Lourenço discorre:

A teoria de um supercontinente no passado da história do planeta Terra é aceita pelos criacionistas e os naturalistas. Discorda-se do processo e do tempo da separação continental. Um movimento lento e gradual como o que se observa hoje não produziria as cadeias de montanhas, nem o talude continental, nem a quantidade de sedimentos encontrados nas regiões costeiras dos continentes. (LOURENÇO, 2007, p.217)

Cientistas Criacionistas apontam que a fragmentação do supercontinente e seus efeitos seriam consequência direta do catastrófico dilúvio bíblico, pairando dúvida se teríamos nesse evento, um fenômeno concomitante ao cataclismo principal ou a posteriori, mediante essa possibilidade nos cumpre a seguinte pergunta: as Sagradas Escrituras relatam a fragmentação do supercontinente?

A princípio, não encontramos nenhuma defesa teológica a esse questionamento, porém, nos permitimos citar um comentário intrigante em Genesis 10:25, quando se fala de Pelegue um dos filhos de Éber, um dos descendentes de Sem, onde se lê “porque nos seus dias a terra foi dividida”, o nome do filho de Éber, Pelegue (Peg) remete a dividir ou separar, o que parece marcar um evento memorável, da mesma forma, a palavra utilizada para indicar a divisão no texto bíblico é nifəlegah - observamos que o verbo utilizado (פלג) é o mesmo que dá origem ao nome do filho de Éber, utilizado no mesmo sentido, o texto não parece indicar uma divisão no sentido de repartir, distribuir; compartilhar ou dar parte da terra sob posse entre pessoas ou povos, como aparece em outras passagens, como é o caso de 1 Crônicas 23:6; onde é utilizado o termo chalaq - מהלקות ou até mesmo em Genesis 1:7, onde a palavra hivdil - הבדיל é utilizada para indicar separação, no sentido de estabelecer limites. No caso de Genesis 10:25 o narrador parece interromper a lista genealógica,

para frisar um evento impar referente ao período de nascimento de Pelegue, o que remete a possibilidade da divisão do continente uno, após o evento do dilúvio, possivelmente uma consequência da catástrofe.

De maneira geral, a Bíblia parece revelar muitas informações que corroboram com o conhecimento científico, apesar da Bíblia não ser um livro científico há muito de conhecimento nela, afinal fazer ciência é uma tentativa embaçada de entender as Leis pelas quais Deus criou e rege o universo, não devemos ver antagonismos entre fé e ciência, só dois caminhos que levam a mesma verdade, a saber DEUS.

A Bíblia é um livro baseado em relatos históricos [...]. Sua mensagem histórica é relevante não somente pelo conteúdo preciso e altamente didático, mas pela relevância do seu autor: o Deus que não pode mentir. A história nela escrita é autêntica e verdadeira, não possuindo o menor traço de distorção. O que foi relatado na Bíblia é exatamente o que aconteceu. (LOURENÇO, 2013, p.23)

Fig.03- Pangeia



Fonte: depositphotos, 2017

### 3. A CONSTRUÇÃO E VIABILIDADE DA ARCA

#### 3.1. A Construção Da Arca

No capítulo seis do livro de Gênesis, o Criador declara sua decepção frente à corrupção da conduta moral da humanidade e ao mesmo tempo revela uma semente de esperança personificada em um homem, Noé, que “...achou graça aos olhos do Senhor.” (Bíblia, Gênesis, 6:8), de certo Noé foi um refrigério aos olhos de Deus para que pudesse declinar de sua decisão inicial de exterminar toda criação, estabelecendo um plano de salvação e recomeço a vida na terra. Novamente a misericórdia e os planos de Deus se mostram personificados em um único homem, assim como foi no começo da criação com a linhagem de Sete, mais tarde com Abraão na formação de uma Nação Santa, porém, havia necessidade de um plano de salvação maior e universal e isso se cumpriu na obra vicária de Jesus Cristo, seu filho unigênito, como remidor de todos os povos, mediante a fé em

sua palavra e a graça proveniente de Deus. A decisão de Deus de recrutar Noé como liderança no cumprimento de seus planos, o impõe uma grande obra a ser feita, assim declara Deus a seu servo:

E desta maneira a farás: De trezentos côvados o comprimento da arca, e de cinquenta côvados a sua largura, e de trinta côvados a sua altura. Farás na arca uma janela, e de um côvado a acabarás em cima; e a porta da arca porás ao seu lado; far-lhe-ás andares, baixo, segundo e terceiro. (Gênesis, 6:15-16)

A partir da ordem e das especificações das dimensões e detalhes da embarcação idealizada pelo Senhor, Noé e os seus dedicam-se em cumprir rigorosamente a construção da arca, o que lhes custou quase 120 anos de intensa dedicação, certos do cumprimento da promessa de Deus quanto ao destino da humanidade.

### 3.2. As Dimensões Da Arca

O côvado é um dos padrões de medida mais antigos da humanidade, estima-se que essa medida tenha surgido no Egito por volta de 3000 a.C, a exemplo de outras medidas, como: palmo, pé, polegada, braça, etc., o côvado é um padrão antropométrico (medida baseada no corpo humano).

Um côvado corresponde ao comprimento que vai do cotovelo até a ponta do dedo médio de uma pessoa adulta, devido à diferença de estatura, vários padrões foram adotados por civilizações distintas, as medidas adotadas variam entre 43 a 57 cm, em geral adota-se o valor médio dessas medidas, assim a arca teria em metros as seguintes dimensões 150m de comprimento, 25m de largura e 15m de altura, considerando que existiam três andares, temos uma área disponível de 11.250 m<sup>2</sup>, encerrando um volume da ordem de 56.250 m<sup>3</sup>, equivalente a um navio atual de cargas, ao longo da história muitas foram as tentativas de estudar a viabilidade naval da arca de Noé.

Mas apesar do nome, não devemos esquecer que essa embarcação foi projetada pelo próprio Deus, todos os estudos relacionados a estabilidade e navegabilidade da arca, apontam pra uma embarcação segura, estável e navegável, encontrando abrigo técnico no que se refere a sua viabilidade estrutural. Recentemente o milionário holandês Johan Huibers, construiu em tamanho real uma réplica da embarcação descrita na Bíblia, inicialmente o objetivo do construtor era de abrigar 3.000 pessoas em seu interior, hoje o idealizador mantém a arca como um zoológico aberto a visitas.

Fig. 4 – Réplica da arca de Nôe de Johan Huibers



Fonte: [idealista](#), 2018

### 3.3. Quantos Animais A Arca Seria Capaz De Transportar?

Henry Madison Morris e John C. Whitcomb, autores do livro “The Genesis Flood - 1961” (A inundação de Genesis), sem tradu o para o português, apontam que a arca teria capacidade de abrigar 35 mil animais, com o tamanho médio de uma ovelha e flutuaria suportando um peso equivalente a 50.000 toneladas, como o peso dos 35 mil animais, com um peso médio de 23,5 kg, representaria em torno 822,5 toneladas, considerando que o consumo médio de alimento por animal seja 1,5 kg por dia, m dia compatível com os maiores Parques Zoológicos do mundo, seria necessário 19.687,5 toneladas pra alimentar esses animais nos 375 dias estimados para o dilúvio, totalizando em torno de 20.510 toneladas, representando 41% da capacidade de arca.

Porém, essa disponibilidade seria capaz de abrigar todos os animais especificados por Deus que entrariam na arca? Bem o texto bíblico diz:

E de tudo o que vive, de toda a carne, dois de cada espécie, farás entrar na arca, para os conservar vivos contigo; macho e fêmea serão. Das aves conforme a sua espécie, e dos animais conforme a sua espécie, de todo o r ptil da terra conforme a sua espécie, dois de cada espécie virão a ti, para os conservar em vida. (Gênesis, 6:19-20)

Com base no texto, deveriam entrar mamíferos, aves, r pteis e anfíbios, atualmente esses animais somados, representariam um total em torno de 33.100 espécies, como seriam dois de casa espécie, seriam por volta de 66.200 animais, logo, segundo a previsão de Henry e John, o espaço disponível seria insuficiente para levar a totalidade de animais atuais, abrigando cerca de 53 %, dessas espécies, praticamente a metade delas.

Porém, dois aspectos não foram considerados nesse raciocínio, o primeiro é que muitas das espécies hoje existentes são apenas varia es dentro de grupos morfologicamente e geneticamente semelhantes, distinguindo-se entre si por pequenas diferenças de cor e tipo de pelagem ou penagem, essa variedade aumenta gradativamente ao longo do tempo, hoje   possível manipular geneticamente espécies semelhantes, dando origem novas espécies, certamente essa variedade era bem menor a pelo menos 4348 anos atrás data provável do dilúvio, pois segundo estudos bíblicos o

dilúvio teria ocorrido no ano 1652 depois da criação.

Outro aspecto não considerado por Henry e John é que sua estimativa prevê o transporte de animais adultos e não de filhotes das espécies existentes por ocasião do dilúvio, o que tornaria a acomodação e manuseio desses animais bem melhor, esses dois aspectos mudam nossa visão quanto ao número de animais que poderiam entrar na arca e ao espaço ocupado por eles, diminuindo drasticamente a quantidade de alimento necessário, tornado totalmente viável a acomodação de todas as espécies a serem embarcadas.

Outra forma de analisar o potencial de acomodação da arca, seria consideramos a área disponível e contrasta-la com o porte médio das espécies, como já vimos, a área estimada seria de 11.250 m<sup>2</sup>, considerando novamente 33.100 espécies, destas, a ampla maioria das espécies são de pequeno porte, dentre os mamíferos existem cerca de 2.000 espécies de roedores, que representam 35% do total de mamíferos; dentre as aves temos 10.426 espécies; no grupo dos répteis estão catalogadas 10.300 espécies e por últimos os anfíbios somam 6.500 espécies, totalizando 29.226 espécies de pequeno porte, isso representa aproximadamente 88,3 % do total das espécies que teria entrado na arca, com isso os animais de médio e grande porte representariam somente 11,7% dos animais na arca, então nos cumpre adotar, com boa margem, que cada espécie ocuparia, em média, uma área de 0,16 m<sup>2</sup> (40x40cm), equivalente, por exemplo, ao espaço ocupado por um gato ou um coelho, como teríamos 66.200 animais (dois pares de cada espécie), juntos ocupariam uma área de 10.592 m<sup>2</sup>, valor compatível com a área disponível no interior da arca, isso para o número de espécies atuais, sem as considerações anteriores, quanto as famílias e suas pequenas variações e a possibilidade de ter sido embarcados filhotes e não animais adultos.

Nas últimas décadas é crescente a defesa de uma nova corrente de pensamento científico criacionista, conhecido como Baraminotologia, oriunda do termo Baramin, palavra originada de dois outros termos em Hebraico, Bara (בָּרָא) - algo criado e min (מִין) – tipo, essa corrente tem como base a ideia que, no ato da criação, Deus criou **tipos básicos** de animais com potencial genético capaz de produzir nos descendentes outras variedades, dentro da mesma família ou gênero, o potencial genético seria menor descendência após descendência desses tipos básicos, assim os descendentes seriam recombinações de material genético e não criação de algo novo, dando origem a toda variedade dentro do mesmo grupo, essas recombinações, tornariam os indivíduos mais específicos, com pouca possibilidade de recombinação, correspondentes as espécie atuais na classificação taxonômica.

Na verdade, a classificação feita em 1942, por Ernst Mayr define espécie como um grupo de organismos com capacidade de acasalar entre si e geram descendência fértil, estando isolado, em termos reprodutivos, de outros grupos. Porém, esta classificação não é completamente satisfatória,

mesmo entre os biólogos, pois animais classificados em diferentes “espécies” e até mesmo gêneros, acasalam e geram descendência (hibridação), nesse tipo de reprodução podemos ter como descendência indivíduo viável (fértil) Ou estéril.

Assim, os tipos básicos seriam indivíduos equivalentes ao topo das famílias ou dos gêneros, uma espécie de matriz genética de cada grupo, havendo ainda falta de consenso sobre a posição assumida por esses tipos básicos, dentro da atual classificação taxonômica. Partindo desse conceito de “espécie” indicativa de “tipo básico”, muitos refizeram a recontagem do número de animais que teriam entrado na arca, o que reduziu significativamente esse número, o escritor criacionista John Woodmorappe, em sua obra “*Noah’s Ark: a feasibility study- 1996* “ – (Arca de Noé: um estudo de viabilidade), baseado no texto Bíblico em Gênesis 7:2-3:

De todos os animais limpos tomarás para ti sete e sete, o macho e sua fêmea; mas dos animais que não são limpos, dois, o macho e sua fêmea. Também das aves dos céus sete e sete, macho e fêmea, para conservar em vida sua espécie sobre a face de toda a terra. (GÊNESIS. 7:2-3)

Catalogou todas as espécies puras e impuras, dentro de seus respectivos gêneros, chegando ao número de 16.000 animais que Noé teria levado na arca, já o professor Aduino Lourenço, baseado na ideia de tipo básico associado as famílias, reduz ainda mais esse número de animais, apontando apenas em torno de 400 tipos básicos, novamente com base em Gênesis 7:2-3, chega num total na arca 1400 animais, incluindo os do registro fóssil, a aceitação destes números, tonaria o interior da arca um amplo espaço para os animais.

Assim, considerando a mesma área disponível, teríamos para a hipótese de John Woodmorappe, uma área média por animal de aproximadamente  $0,7 \text{ m}^2$  ( $\approx 84 \times 84 \text{ cm}$ ), para hipótese de Aduino Loureiro essa área média saltaria para algo em torno de  $8 \text{ m}^2$  ( $\approx 2,83 \times 2,83 \text{ m}$ ), nessas condições, a missão de Noé e sua família de acolher e alimentar essas “espécies” durante o período do dilúvio seria perfeitamente viável.

Acreditamos que a ideia de tipos básicos, se justifica claramente em Noé e sua família, pois seriam provavelmente de um único grupo étnico, representantes das diversas etnias hoje existentes, há pouco tempo foi realizado o estudo de mapeamento do DNA mitocondrial, que aponta que todos os representantes da raça humana teriam vindo de uma única representante feminina, provavelmente africana, isso reforça a ideia de um tipo básico com potencial genético capaz de gerar por recombinação genética uma variedade de indivíduos oriundos da mesma matriz genética.

Deus é sinônimo de onisciência, símbolo maior de sabedoria e inteligência, logo, teria uma solução mínima e brilhante para o problema da arca, a exemplo do que observamos muitas vezes

nas Sagradas Escrituras, Deus fazendo prodígios como o mínimo de recursos, foi assim com Abraão no projeto de uma grande nação, com Gideão contra os Midianitas e com Davi contra os Filisteus e os Amalequitas.

#### 4. MERGULHANDO NAS ÁGUAS DO DILUVIO

##### 4.1. A Origem E Destino Da Água Do Dilúvio

Quando levantamos discussões sobre o dilúvio Bíblico, é comum ouvirmos perguntas do tipo: de onde veio toda a água? Ou pra onde foi a água do dilúvio? Perguntas como essas são facilmente respondidas quando examinamos a relato da criação e temos também uma boa visão científica.

Na verdade a água do dilúvio não veio de lugar algum, nem tão pouco foi produzida de forma sobre natural exclusivamente para o evento do dilúvio, ela sempre esteve abundantemente em nosso planeta, tanto que no segundo dia da criação, Deus teve que separar o grande volume existente em duas formas (dois estados físicos) líquida e gasosa, abaixo e acima do firmamento (Gênesis 1:6),

Essa passagem Bíblica, revela algumas implicações, a primeira em relação ao quantitativo colossal de água que ocupou a parte abaixo do firmamento, era tanta que toda a parte sólida do planeta estava submersa, logo em seguida o Criador tem que juntar a água num só lugar para haver terra seca (Gênesis 1:9-10), certamente podemos inferir que Deus precisou colocar o excedente da água que cobria a parte sólida em algum lugar (princípio da impenetrabilidade da matéria), e como a água em questão teria que ocupar algum lugar abaixo do firmamento, só nos resta o subsolo para acomodá-la, o mesmo lugar de onde foi retirada durante o evento catastrófico do dilúvio, ou seja, o volume de água para cobrir os continentes sempre esteve aí, desde a fundação de nosso planeta, outro ponto que chama atenção é que o volume acima do firmamento seria insuficiente para causar uma convulsão a nível global.

A água presente na atmosfera (vapor d'água) equivale a 0,001% do total existente no planeta, esse percentual corresponde ao volume aproximado de  $13 \times 10^{12} \text{ m}^3$  (treze trilhões de metros cúbicos), quase a totalidade da água em nosso planeta está na superfície ou no subsolo, em Gênesis está escrito “romperam todas as fontes do grande abismo” ou em outras traduções “todas as fontes das grandes profundezas jorraram” (Gênesis, 7:11).

Água que o Senhor havia colocado no subsolo para que pudesse haver parte seca que foi liberada para superfície, de forma turbulenta, semelhante as grandes erupções vulcânicas, fazendo toda a obra da criação experimentar as condições do planeta, antes do segundo dia da criação, a fim de se cumprir o que Deus decretou cerca de 120 anos antes, as fontes subterrâneas eram as únicas reservas de água capaz de inundar por completo a terra, as janelas do céu abertas, correspondente

aos quarenta dias ininterruptos de precipitação, certamente teve sua contribuição, principalmente nas condições climáticas, mas não teria potencial pra promover uma inundação global, trata-se de um detalhe incomum registrado no evento e não sua causa fundamental.

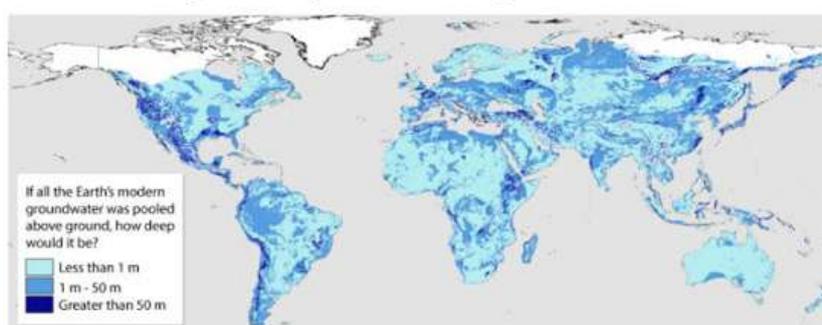
O rompimento produziria uma rachadura praticamente ininterrupta na crosta do planeta. Para que a água chegasse à superfície, por meio da rachadura, uma pressão lateral seria produzida nas paredes opostas, produzindo um movimento horizontal de afastamento das duas partes em relação à rachadura. Ocorreria uma erosão acentuada das paredes laterais da rachadura e da parte superior do reservatório subterrâneo. Isto explicaria o porquê do formato quase vertical do Talude Continental e o suave declínio das Plataformas Oceânicas e o encaixe do contorno continental (LOURENÇO, 2007, p.219)

Izabela Prates publicou em MundoGeo um resumo do estudo, originalmente publicado na Nature Geoscience, especializada em publicações científicas, produzido por um grupo de Hidrólogos da Universidade de Vitória, no Canadá, liderados por Tom Gleeson, visando compor o mapa-múndi das águas subterrâneas, a estimativa apresentada é da ordem de  $23 \times 10^{18}$  m<sup>3</sup>, ou seja, vinte e três quintilhões de metros cúbicos de águas subterrâneas no planeta, segundo a reportagem,

“se fosse possível retirar essa água e depositá-la sobre a parte seca da Terra, ela poderia produzir um dilúvio que cobriria todos os continentes com uma profundidade de 180 metros ou poderia elevar os níveis do mar em 52 metros se fosse espalhada sobre o globo inteiro.” (Mundo Geo, 2015, p.34).

Acreditamos que os valores e os comentários falam por si, ao que parece os mananciais subterrâneos conservam seus potenciais catastróficos, todavia a melhor resposta para perguntas como: para onde foi a água do dilúvio? Seria olhe em volta, parte dela ainda estão nos mares, oceanos e polos, e a parte que não se vê, foi drenada após o fenômeno, de volta ao subsolo em quantidade igualmente gigantesca.

**Fig. 5** – mapa-múndi da água subterrânea



Fonte: Nature Geoscience, 2015

## 4.2. o Maior Fenômeno Natural Na História Da Humanidade

Um fenômeno extraordinário como o dilúvio, de forma alguma poderia ocorrer sem deixar registros contundentes em todo o globo, porém, nos cumpre perguntar quais seriam esses registros? e de que natureza? Nesse ensaio nos concentraremos em evidências geológicas e paleontológicas, porém faremos um pequeno registro histórico de alguns povos ao redor do mundo cujas civilizações existem registros de um fenômeno único e colossal correspondente ao dilúvio bíblico, povos espalhados por toda terra guardam registro com algumas diferenças nos relatos e personagens, porém conservam a essência da ocorrência, como ilustração, podemos citar: Dilúvio mesopotâmico de Atrahasis; Dilúvio mesopotâmico de Gilgamesh.

O dilúvio na mitologia grega; O dilúvio na mitologia hindu Matsya; O dilúvio na mitologia inca Viracocha; Versão Polinésia e Aborígene; Versão Inca; Versão Asteca; Versão Druida; Versão dos índios americanos; Versão Iraniana; Versão indígenas brasileiros e por último para coroa a lista uma versão dos índios Palikur do Amapá, que habitam o extremo norte do estado, na foz do rio Amazonas na região de fronteira do Amapá com a Guiana Francesa, conhecida como mito Palikur, esse relato cultural indígena dá conta da origem das montanhas da região, tendo o episódio do dilúvio como referência pra sua formação.

## 4.3. Evidências De Um Dilúvio Universal

Na seara geológica e paleontológica não são poucas as evidências que apontam para um evento diluviano universal, reforçando as histórias espalhadas pelo mundo, certamente a Geografia atual de nosso planeta é consequência de mudanças Geomorfológicas, provocada por diversas catástrofes naturais, onde o evento do dilúvio seria o maior delas.

Dentre as evidências podemos citar um dos maiores acidentes geológicos do mundo, que grita em testemunho a catástrofe global que o criou, o Grand Canyon nos Estados Unidos da América, porém, evidências como as encontradas no Grand Canyon, foram catalogadas em muitos lugares do mundo, como na china, nas montanhas da Antártida, no monte Líbano, dentre outros. Visando dotarmos de argumentos, listamos algumas evidências que testemunham a favor de nossa tese.

### 4.3.1 Cemitérios fósseis:

Cemitérios fósseis são encontrados em todos os continentes, com impressionantes números de ossos de diversas espécies, inclusive de animais típicos de outras regiões, isso nos faz acreditar que em algum momento houve uma mortandade global e súbita que produziu o acúmulo destes

restos de animais, soterrados rapidamente em ambientes muito úmidos, facilitando o processo de fossilização. Vale ressaltar que só uma pequena parte desses animais teve seus restos mortais conservados, a maioria certamente sofreu decomposição natural. O escritor Bill Bryson, aponta todo fóssil como um pequeno milagre, ele estima que apenas um osso em cada um bilhão vire um fóssil (BRYSON, 2005).

Ao lado da rodovia Pan-Americana, no deserto do Atacama, no norte do Chile, local hoje conhecido como Cerro Ballena "Colina da Baleia", foi descoberto um misterioso cemitério de baleias, em torno de 40 baleias, além disso, os cientistas encontraram, entre estes fósseis, outros de predadores marinhos e também de herbívoros. Nicholas Pyenson, um paleontologista do Museu Nacional Smithsonian de História Natural, afirma "Encontramos criaturas extintas como a baleia-morsa - que desenvolveram uma face parecida com a de uma morsa. E também havia estas 'preguiças aquáticas' bizarras" (PYENSON, BBC News, 2014).

Outros Cemitérios fósseis abrigam restos mortais humanos, como os trinta fósseis de esqueletos humanos em Lagoa Santa, em Minas Gerais. Outro cemitério monumental fossilizado está em Agate Springs, Nebraska, que abriga milhares de ossos de mamíferos, incluindo rinocerontes, camelos, porcos gigantes. As condições do local e dos ossos, indicam que tudo foi depositado ali pela água, pouco tempo depois que os corpos tinham sofrido decomposição suficientemente para as correntes arrancar-lhes as partes. Outros locais semelhantes a esses já foram encontrados na África, na Itália (Cicília), dentre outros locais.

Fig. 6 - Cemitério de fósseis Agate Springs



Fonte: Jonathan S. Garcia , 2018

#### 4.3.2 Vastas áreas de sedimento depositadas em curto espaço de tempo

Existem Vastas áreas rochosas no Grand Canyon que podem ser rastreadas por todo o continente, e em alguns casos esse rastreamento se estende entre continentes, a análise Geomorfológica dessas formações indica uma deposição num curto intervalo de tempo, como é o caso do "Redwall Limestone" esses estratos podem ser rastreados dos Estados Unidos ao Canadá e se estendem através do Oceano Atlântico, chegando até mesmo a Inglaterra; outro bom exemplo

dessas formações são os Leitões de Giz da Inglaterra, conhecida como Falésias Brancas de Dover, esse extrato pode ser observado da Europa até o Oriente Médio, e também são encontradas na parte ocidental da Austrália e na região centro oeste dos Estados Unidos. O “Coconino Sandstone” no Grand Canyon, foram formados com uma deposição rápida de milhões de metro cúbicos de areia em uma extensão de cerca de 16.000 Km.

Fig. 7 - Redwall Limestone, Coconino Sandstone e Falésias Brancas de Dover



Fontes: naturalhistory, 2013; viajali, 2020

#### 4.3.3 A Formação do Carvão Mineral e do Petróleo

As reservas de carvão mineral, petróleo, gás natural e outros combustíveis fósseis, normalmente seriam definidos como a deposição lenta de restos de plantas e animais, nas camadas terrestres anteriores ao atual período geológico (ao longo de milhares ou milhões de anos). sua decomposição teria ocorrido pela ação de bactérias, pressão e calor. Porém, como explicar o volume estratosférico dessas reservas, normalmente contidas em poços, minas e grandes reservatórios continentais e oceânicos, espaçados em todo o globo, só os quinze países com as maiores reservas atuais do mundo de petróleo, somam a incrível marca de 1,4 bilhões de bários em suas fontes, já as reservas de carvão mineral estão estimadas da ordem de sete trilhões de toneladas em toda a Terra, isso sem contar que desde a revolução industrial, essas reservas têm sido intensivamente exploradas.

Se esses materiais fossem obtidos por deposições lentas de matéria orgânica, ao longo de milhões de anos, deveríamos esperar porções bem menores e distribuídas em níveis bem distintos, visto que só uma pequena parte da biomassa existente teria passado por esse processo, a quase totalidade, a exemplo do que acontece hoje, teria se decomposto naturalmente, o que contradiz a quantidade desses produtos em seus reservatórios, mais racional seria pensar que um grande volume de matéria orgânica foi depositado nesses ambientes de uma só vez, passando por processos de transformações conforme as condições características de cada ambiente.

Fig. 8 - Mina de carvão; floresta de carvão; poço de petróleo



Fontes: *Veladimir Romano*, 2018 ; *Juliana Tiraboschi*, 2012 ; *Viktor Vares*, 2012

#### 4.3.4 O Encaixe dos Continentes

Essa evidência geográfica, como já abordada anteriormente nesse ensaio, tem ressonância em teoria científica, a única divergência é quanto a data e ao agente causador da separação, porém, não se conhece em âmbito científico ou histórico outro fenômeno, a não ser o dilúvio, capaz de produzir um desastre geológico dessa magnitude, acreditamos que o romper dos mananciais das profundezas desencadeou outros fenômenos geológicos em grandes proporções, como erupções vulcânicas, maremotos, abalos sísmicos, tanto no período como após o dilúvio, essa titânica liberação de energia provavelmente foi suficiente pra abrir fendas continentais, que ao longo do tempo provocou o desmembramento do continente uno.

Vale registrar que o processo de separação não deve ter ocorrido concomitante ao fenômeno principal, nem tão pouco de forma rápida, tendo se concretizado algum tempo após o termino do fenômeno, caso contrário não haveria tempo para o repovoamento em todas as regiões do planeta, ao menos por parte das espécies que saíram da arca, e observamos exatamente isso, animais típicos de algumas regiões e continentes, o que nos leva a inferir que a separação dos continentes ocorreu durante o processo de repovoamento.

#### 4.4.4 Fósseis Marinhos Encontrados em Montanhas em todos os continentes

Fósseis de animais marinhos são encontrados em regiões bem acima do nível do mar, como o Grand Canyon localizado a mais de 1600 metros acima do nível do mar, em outras regiões foram encontradas depósitos de hulha, vestígios de antigas florestas, vegetais aquáticos e terrestres sepultados, como é o caso de Guanaco na Argentina, a uma altitude de 3.962 m.

Em 2019 foram encontrados Fósseis de três elefantes pré-históricos numa remota região da Cordilheira dos Andes no Peru, em geral, encontramos depósitos de ossadas de animais antediluvianos em muitas montanhas, como Monte Branco, Himalaia e Cordilheiras dos Andes.

Nos rochedos e colinas do estado de Wyoming, nos Estados Unidos, podemos encontrar em pedaços de rocha folhas de sequoias, moscas com asas estendidas, peixes e conchas, demonstrando

que somente um dilúvio poderia ter ocorrido para depositá-los no alto das montanhas e tê-los fossilizados com tamanha preservação.

Fig. 9 - Fósseis encontrados em montanhas



Fontes: pinterest, 2020; Pedro Tinoco, 2019

#### 4.4.5 Grandes áreas de florestas fossilizadas

Não é raro a ciência noticiar descobertas de florestas inteiras fossilizadas, registros paleobotânicos ocorrem em todo o mundo, em 2017 foi descoberto em Moçambique, a maior floresta fossilizada da África, o achado se localiza na província de Tete, em Moçambique, segundo Ricardo Araújo, paleontólogo do Instituto Superior Técnico e do Museu da Lourinhã, foram encontrados “troncos fossilizados de grandes dimensões e densamente povoados ao longo de mais de 75 quilômetros, troncos de mais de 12 metros de altura, o que quer dizer que as árvores teriam o triplo da altura, e com dois metros de diâmetro” (ARAÚJO, 2017, p. 45).

Outra floresta, considerada a maior encontrada até o momento, localiza-se no sul da cidade de Illinois, nos Estados Unidos, a uma profundidade que variam de 75 a 240 metros, o local ainda foi pouco estudado, porém, os cientistas acreditam que a floresta se estende por mais de 160 quilômetros. No Brasil, o Monumento Natural das Arvores Fossilizadas, no município de Filadélfia, do estado de Tocantins, compreende uma área protegida de 32 mil Hectares, o local é de grande relevância científica, em função do ótimo estado de conservação dos fósseis. Outras ocorrências como estas podem ser encontradas na África do Sul, Namíbia, Antártida e Zâmbia, dentre outras.

Isso demonstra que no passado, grandes biomas passaram por uma grande catástrofe, equivalente a um gigantesco soterramento, que não só determinou sua extinção, como proporcionou condições favoráveis para fossilização de grande parte da biomassa existente. Compatível com um dilúvio universal.

Fig. 10 - Árvores Fossilizadas-TO/ fóssil de folhas- Illinois (USA)



Fonte: Acervo Semades , 2012

#### 4.4.6 Sedimentos transportados por longas distâncias

Em muitas camadas rochosas temos a formação por sedimentos, extraídos por corrosão de locais geograficamente distantes que foram transportados por longas distâncias, através de arraste rápido de líquido, novamente temos no “Coconino Santstone” um bom exemplo desse fenômeno, as características físicas de sua formação apontam para corrosão e transporte a partir da zona norte dos Estados Unidos e do Canadá. Além disso, o registro de ondas de arraste em camadas rochosas do Grand Canyon, revelam um vasto e poderoso movimento de correntes marítimas, com superior agressividade.

Fig. 11 - Registro de ondas de arraste em camadas de rochas



Fonte: Petróleo e Ecologia, 2013

#### 4.4.7 Erosões rápidas ou ausência de erosões entre estratos rochosos

A estratigrafia do Grand Canyon indica marcas delgadas entre as camadas rochosas, indicando praticamente a falta de erosão entre elas, denotando que foram depositadas umas sobre as outras em curto espaço de tempo e não ao longo de períodos geológicos.

Fig. 12 - Estratigrafia do Grand Canyon



#### 4.4.8 Estratos sucessivos dobrados sem sinais de fraturas entre eles

Normalmente camadas rochosas não dobram uma sobre as outras sem sofrerem fraturas visíveis, pois são corpos mássicos e de dureza elevada, porém, no Grand Canyon e outras falhas geológicas existentes, podemos ver sequencias de estratos rochosos, camada sobre camada, perfeitamente dobrados, indicando que foram depositados rapidamente e dobrados quando ainda apresentavam plasticidade, em outros lugares do mundo, essas formações apresentam pequenas dimensões entre as camadas e outras muito extensas, perfeitamente acomodadas umas sobre as outras.

Fig. 13 - Camadas de rochas curvadas



Fonte: yewenyi, 2005 ; pinterest, 2019

Frente a todas essas evidencias e outras que a extensão deste registro não permite abordar, alguns preferem acreditar em interpretações antibíblicas dos fatos narrados nas Sagradas Escrituras, apesar de todo esforço em refutar os argumentos e informações narradas em Gênesis, sobre esse evento: os motivos de Deus, o tempo de construção, o material empregado, as dimensões e capacidade da arca, o romper dos mananciais subterrâneos, o tempo de precipitação da chuva, a amplitude do evento, dentre outras, ninguém foi capaz de inviabiliza-los sobre nenhum aspecto, todos os protótipos da arca segundo as especificações bíblicas se mostraram plenamente de acordo com a estabilidade e navegabilidade exigida, contudo alguns defendem a hipótese de um fenômeno

local, restrito a região da narrativa bíblica, incompatível com o volume de água advindo do subsolo (todas as fontes), o tempo de precipitação (40 dias e 40 noites), a duração do evento ( $\approx 375$  dias) e a altitude alcançada pelas águas (15 côvados  $\approx 6,7$  metros acima do monte mais alto). Isso sem levar em consideração que Deus, simplesmente levaria Noé e sua família a um lugar seguro, não havendo necessidade de empreender em torno de 120 anos de esforço na construção de uma arca para enfrentar um dilúvio local, isso seria uma afronta à onisciência do Pai, com muito menos tempo.

Noé teria achado um lugar isento das chuvas para abrigar os seus e os animais, sem se preocupar com a construção de uma embarcação gigantesca, isso sem contar que um dilúvio local, limitaria vestígios ao local do evento e não em todas as regiões do planeta, inclusive locais hoje desabitados, como é o caso dos polos.

Contra tudo que tenta contradizer o registro deixado por Deus para a humanidade, está o testemunho natural e os relatos históricos culturais do evento, marcando claramente que a justiça de Deus já se voltou contra a humanidade e toda sua criação, expressando inequivocamente a soberania de Deus sobre sua criação, conforme está escrito “O senhor o deu, o Senhor o Levou; louvado seja o nome do Senhor” (JÓ, 1:21).

Não obstante a tudo isso, reconhecemos também a fidelidade da palavra de Deus quanto a aliança estabelecida com Noé “Estabeleço minha Aliança convosco: tudo o que existe nunca mais será destruído pelas águas do Dilúvio; não haverá mais outro dilúvio para devastar a terra!” (GENESIS, 9:11), pois em toda a história do homem há inúmeros registros de inundações por todo o mundo, porém, nenhum outro evento em escala global.

Finalmente usando uma frase de um dos maiores, se não o maior cientista dos últimos séculos, Albert Einstein “Deus não joga dados com o universo”, parafraseando esse pensamento, Deus não aposta com o universo ou o deixa a própria sorte, Ele o criou, o sustenta e o rege magistralmente segundo sua vontade, e as marcas de seus desígnios estão registradas em sua palavra e na sua criação. LOUVADO SEJA SEU SANTO E BENTITO NOME!

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso planeta é a perfeita expressão da obra e do poder de Deus, harmônico, milimetricamente projetado e sustentável em todos os seus detalhes, o poder e os mistérios que envolvem sua criação em parte foram revelados ao homem, porém, a plenitude desse conhecimento pertence a Deus, e como tal, inatingíveis a nossa ciência.

Tentar trazer à luz da ciência todas as verdades da criação seria revelar a fase de Deus e suas Leis, porém, isso não é permitido ao homem, como antes foi dito não me permito ver antagonismo

entre a fé e a razão científica, somente dois caminhos que, quando bem usados, conduzem a mesma verdade, a primeira tendo como base a “garantia do que se espera e a prova do que não se vê” (HEBREUS, 11:1).

Enquanto que a segunda é firmada naquilo que se pode medir o provar, uma tendo plena luz no plano espiritual e outra tateando na escuridão terrena, essas são as diferenças, porém, ambas são dádivas de Deus ao homem, uma para vislumbrarmos a Glória de Deus e o que ele tem preparado para nós na eternidade e outra para servir de auxílio e benção durante nossa vida terrena.

Acreditando nessas afirmações, estamos convencidos que nosso ensaio sobre o evento do dilúvio foi bastante satisfatório, o levantamento bibliográfico de informações e as evidências de natureza arqueológica e paleontológica nos fornecem base suficiente pra defender um evento diluviano fiel aos registros bíblicos, ou seja, aniquilador e global, consideramos que esse estudo pode ser ampliado se laçarmos mão de outros dispositivos e recursos de análises, distribuídas em outras áreas de conhecimento, como a investigação detalhada de registros extra bíblicos de povos antigos e estudos Geofísicos sobre nosso planeta, o que nos daria a possibilidade de ampliar nossa seara de investigação e consolidar ainda mais nossas hipóteses.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **Bíblia Corrigida Fiel**: A.T. e N.T. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Corrigida Fiel. Brasília: Sociedade Bíblia Trinitariana do Brasil, 2007.

BAPTISTA, Silvia Mello Silva. **O Arquétipo do caminho**: Gilgamesh e Parsifal de mãos dadas. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo: Cultrix, 1995.

HOOKER, J. T. **Lendo o passado**: a história da escrita antiga, do cuneiforme ao alfabeto. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

LOURENÇO, Adauto. **Gênesis 1 e 2**: A mão de Deus na criação. 2ª edição. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.

LOURENÇO, Adauto. **Como tudo começou**: Uma introdução ao Criacionismo. 1ª edição. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2007.

MAHER, K; CHAMBERLAIN, C.P Hydrologic **regulação do intemperismo químico e do ciclo geológico do carbono**. *Science* 343, 1502-1504 (2014).

RODOVALHO, Robson. **Ciência e fé**: O reencontro pela física quântica. Rio de Janeiro: Texto Editores LTDA, 2013.

TAMEN, Pedro (trad.). Gilgamesh, **rei de Uruk**. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

THOMPSON, John A. **A Bíblia e a Arqueologia**: Quando a ciência descobre a fé. São Paulo: vida cristã editora, 2006.

SPALDING, Tassilo Orpheu. **Dicionário de mitologia**. São Paulo: Cultrix, 1999.

# *Capítulo 8*

---

## **PASTORAL E RELACIONAMENTO FAMILIAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Jardel França

## PASTORAL E RELACIONAMENTO FAMILIAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Jardel França<sup>1</sup>

### RESUMO

Os desafios e as perspectivas do relacionamento familiar e do ministério devem ser entendidos a partir das definições do que é pastorear pessoas com excelência, isto é, do cuidado com aqueles que receberam a Cristo como Senhor e Salvador, dando-lhes alimento espiritual através do ensino da Palavra de Deus, visitas e aconselhamento, sem que haja prejuízos para a família do pastor, especialmente cônjuge, filhos e aqueles que estão sob sua liderança doméstica. Este trabalho é fruto de uma revisão bibliográfica e reflexões pessoais apoiadas em fontes bíblicas, devocionais e científicas. Investiga até que ponto os relacionamentos familiares tem sofrido influências da Pós-modernidade, mediante algumas de suas principais bandeiras: a liquidez de valores, o feminismo, o homossexualismo, o individualismo e o hedonismo. Discute alguns mitos em torno do ministério pastoral, da figura do pastor e de sua família. Traça o perfil bíblico de relacionamento entre o ministro, esposa e filhos, além de apontar possíveis caminhos para a conciliação entre as tarefas ministeriais e as responsabilidades familiares do obreiro.

**Palavras-chave:** ministério pastoral; relacionamento familiar; pós-modernidade.

### ABSTRACT

The challenges and perspectives of family relationships and ministry must be understood based on the definitions of what it means to shepherd people with excellence, that is, care for those who have received Christ as Lord and Savior, giving them spiritual food through teaching of the Word of God, visits and counseling, without causing harm to the pastor's family, especially spouse, children and those under his domestic leadership. This work is the result of a bibliographical review and personal reflections supported by biblical, devotional and scientific sources. It investigates the extent to which family relationships have been influenced by Postmodernity, through some of its main banners: the liquidity of values, feminism, homosexuality, individualism and hedonism. Discusses some myths surrounding the pastoral ministry, the figure of the pastor and his family. It outlines the biblical profile of the relationship between the minister, wife and children, in addition to pointing out possible ways to reconcile ministerial tasks and the worker's family responsibilities.

**Keywords:** pastoral ministry; family relationship; postmodernity.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação profissional do PROFEPT; Licenciado em Educação Física, com ênfase em educação física escolar pela UNOPAR; Pós-graduado em Educação física escolar e inclusão pela UNIASSSELVI; Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior; Pós-Graduado em Liderança e Gestão de equipes; Bacharel livre em Teologia pelo SETAD. E-mail: jardelfrance@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, quando se ouve falar de ministério pastoral de sucesso, qual a primeira coisa que vem à mente? Certamente o tamanho da igreja, o desenvolvimento do ministério local ou rendimentos das ofertas e dízimos. Pouco se observa se esse pastor tem uma família equilibrada, se é divorciado, se seus filhos são cristãos, se sua esposa é cristã, entre outros. Não que isso seja errado, mas que o sucesso eclesiástico e financeiro deveria andar de mãos dadas com o sucesso no relacionamento familiar.

Os desafios e as perspectivas do relacionamento familiar e do ministério devem ser entendidos a partir das definições do que é pastorear pessoas com excelência, isto é, do cuidado com aqueles que receberam a Cristo como Senhor e Salvador, dando-lhes alimento espiritual através do ensino da Palavra de Deus, visitas e aconselhamento, sem que haja prejuízos para a família do pastor, especialmente cônjuge, filhos e aqueles que estão sob sua liderança doméstica.

Os mitos e as verdades sobre o(a) pastor(a) e sua família serão abordados de maneira a elucidar o papel da sua família, uma vez esta, em muitos casos, é bastante visada e exigida, levando assim a vida do pastor a um caos ou a uma vida de vitórias e sucesso, dependendo da sua atitude.

Uma vez que há uma grande influência na sociedade da pós-modernidade, dos valores relativizados, surge a questão: até que ponto o ministério pastoral influencia o relacionamento familiar em meio aos conceitos pós-modernos?

A questão pós-moderna é atual e vem influenciando em muito as relações sociais, atingindo assim os filhos, os cônjuges e aquilo que eles acreditam. A ideia deste artigo é apresentar alternativas e possibilidades da sobrevivência da família tradicional evangélica em meio às relações impregnadas pelos ideais pós-modernos.

O objetivo deste artigo é apresentar desafios e as perspectivas que estão em voga na labuta do pastor, relacionado ao seu ministério e sua família, enumerando fatores que tem influenciado o destempero familiar de muitos pastores, assim como esses fatores influenciam positivamente e negativamente no desempenho nas atividades pastorais.

Por fim, apresentar-se-á alguns conselhos bíblicos que resultam em um ministério pastoral bem-sucedido e um relacionamento familiar alicerçado, apontando caminhos de como é possível conciliar vida pastoral e família, sem agredir um ao outro e ser desafiado a manter um equilíbrio ente relação ministério pastoral e relacionamento familiar.

## 2. MINISTÉRIO PASTORAL: MITOS E VERDADES

A Declaração de Fé das Assembleias de Deus define o pastor como “... alguém consagrado para exercer a função de apascentador do rebanho de Deus” (SOARES, 2021, p. 16). A Bíblia nos mostra que o ministério pastoral é muito importante quando diz: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho no qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (Atos 20.28 NAA).

No decorrer da História alguns mitos em torno do ministério pastoral e da figura do pastor e de sua família têm sido desenvolvidos. Um dos mitos é de que o pastor não peca. Este mito é uma realidade em nossos dias, pois para muitas pessoas e membros das igrejas, o pastor é uma pessoa infalível. É certo que o pastor é uma figura importante e deve ser exemplo do seu rebanho, mas também é um ser humano sujeito às paixões carnis e passivo de cometer erros (Tg 5.17-NAA).

A verdade que se contrapõe a esse mito é que como um homem simples e falho, o pastor e sua família carregam uma responsabilidade maior do que aquelas dadas às demais famílias. Segundo o Pr. Josué Gonçalves, “O pastor e sua família têm desafios próprios de uma família que foi escolhida e chamada por Deus para uma missão diferente daquela dada às outras famílias.” (GONÇALVES, 2012, p.14).

Outro mito é o de que pastor não trabalha. Este mito é espalhado por pessoas que consideram o ministério pastoral como não trabalho, como se todos os pastores fossem preguiçosos. É bem verdade que o ministério pastoral tem sido usado por muitos “pastores” como meio de ficarem ricos à custa das ovelhas. Mas, a verdade sobre o trabalho do verdadeiro pastor é que ele é uma das pessoas que mais trabalha dentre os muitos ofícios existentes. Dormem tarde, levantam pela madrugada, cuidam de suas famílias, cuidam das igrejas, exercitam o trabalho de visitas e ainda, muitos deles, são bivocacionados, trabalhando fora para complementar a renda em seus lares.

O mito de que casar com pastor é garantia que não haverá problemas também povoa o e inconsciente coletivo. É fato que o verdadeiro pastor fará com que sua vida conjugal seja uma bênção, mas longe de ser algo sem problemas, uma vez que as pessoas envolvidas são humanas e falíveis. A verdade sobre essa questão versa sobre os “pastores” que não honram o ministério. Devido a esses ditos “pastores”, as pessoas têm descreditado de todos que exercitam esse ministério.

De acordo com Pr. Hernandes Dias Lopes, em tempos passados casar com um pastor era uma questão de honra e prestígio. Ele assim afirma:

Em um passado não muito distante, quando uma jovem se candidatava para se casar com

um pastor, isso era como um passaporte para um casamento feliz. Hoje, casar-se com pastor é um contrato de risco. Há muitos pastores que são um fenômeno no púlpito, mas têm um desempenho pífio dentro de casa. São amáveis com as ovelhas e truculentos com a esposa. Há muitos pastores em crise no casamento. Há muitos filhos de pastor revoltados e até decepcionados com a igreja. (LOPES, 2008, p.12).

Vimos assim que, a bem da verdade, o pastor verdadeiro sempre fará o possível e buscará os meios para um casamento feliz, enquanto que os falsos mancharão a imagem do verdadeiro.

Por fim, destaca-se o mito de que todo pastor é avarento e ladrão. Para muitas pessoas todo pastor é ávido pelo desejo de ficar rico. Essas teorias infundadas perpassam em muito pelo advento do Neopentecostalismo e da Teologia da Prosperidade, onde a ênfase é dada à conquista de bens materiais e muitos de seus líderes visam e trabalham exclusivamente para este fim.

A verdade que desbanca este mito é que a maioria dos ministros do evangelho são pastores de verdade que honram e amam o ministério, e que muitas vezes tiram do seu próprio bolso para ajudar o necessitado e suprir as necessidades da obra. Para os tais a Bíblia Sagrada diz: “Não ligarás a boca ao boi que debulha. E: Digno é o obreiro do seu salário.” (1Tm 5.18 NAA).

Ministério pastoral não é um conto mitológico. É uma realidade pura, simples e verdadeira. Não é brincar de ser ministro. É servir no trabalho do SENHOR com amor e dedicação. Não é fonte de lucro, mas enriquece aqueles que o exercem com retidão. Não necessariamente com riquezas materiais e sim com as espirituais. Ministério pastoral não é apenas terreno. É muito mais espiritual, sobrenatural, pois servimos e somos súditos do Rei dos reis e Senhor dos Senhores, que está nos céus.

### **3. O PASTOR, SEUS FILHOS E OS DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE**

Os desafios surgem em todas as áreas de nossa vida e cabe a nós superá-los. Fazer parte da família do pastor já é, a priori, um grande desafio. A família do pastor é sempre a mais visada na Igreja e na comunidade, sendo a primeira a ser elogiada, mas também a primeira a ser criticada. O pastor, sua esposa e seus filhos estão na vitrine, na frente, no púlpito.

Segundo o pastor Josué Gonçalves “a família é a alma de seu ministério”. Ele ainda afirma que “a família do líder é como um farol que não pode ser escondido” (GONÇALVES, 2012, p. 27, 28).

A convivência da família do pastor na pós-modernidade não é fácil, uma vez que até mesmo a definição desse sistema não é fácil de descrever, pois engloba inúmeras variantes em seu conceito. O professor Joel Montanha afirma que,

Na pós-modernidade o ser humano é dirigido pela ética do prazer imediato, subjetivo, fracionado, que o induz levar sua liberdade sem limites. É o hedonismo, essa antiga corrente filosófica, que deifica os desejos, proclama uma liberdade que libera os nossos impulsos para encontrar gratificação a qualquer preço, defende o prazer como o caminho certo para se atingir a felicidade (MONTANHA, 2016, p. 152).

O carro-chefe da pós-modernidade é a globalização, que em si não é maléfica, mas o pós-modernismo se apropriou dessa ferramenta para lançar seus dardos inflamados nas relações coletivas. E isso vai de encontro com o que a Bíblia diz sobre a família do pastor.

Algumas características da família dos pastores e pastoras estão descritas em Tito 1.6: “alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, que tenha filhos crentes que não são acusados de devassidão, nem são insubordinados”. Um paradoxo em relação ao Pós-modernismo.

Diante dessas informações podemos afirmar que um dos desafios que podemos apontar é o avanço tecnológico mundial, que é algo bom para as relações sociais, mas de alguma maneira tem se tornado um desafio para as famílias tradicionais. O advento da internet, dos aplicativos e das redes sociais tem transformado o mundo, tem diminuído o espaço-tempo, banalizando a pornografia, o homossexualismo e introduzindo o mundanismo cada vez mais cedo nas casas.

Hoje muitos pastores e pastoras têm colocado celulares com Internet nas mãos de seus filhos, como um passatempo ou uma maneira de acalmar a criança. Justamente o que a cultura pós-moderna quer, pois essa cultura deseja retirar toda e qualquer influencia cristã da criação dos filhos. Alguns líderes inclusive colocam a responsabilidade de educar e orientar seus filhos sobre a igreja, a escola, etc. Enquanto líderes do lar, não podemos permitir que o sistema pós-moderno tome a dianteira do relacionamento familiar.

Outro desafio é no campo da educação. Como a Pós-modernidade lida com a relativização e o hedonismo, essa troca de conhecimento tem se tornado um enorme desafio para as famílias dos pastores e pastoras, uma vez que o enfrentamento é certo, e se não prepararmos nossos familiares de maneira adequada, perderemos para a educação ateuista, materialista, relativizada, que deseducam sexualmente os estudantes e promovem a libertinagem. Além disso, nossas escolas tem sido dominadas por uma cosmovisão antibíblica, através da relativização das drogas, do sexo, do modelo familiar, da fé, a banalização do sagrado e o desrespeito às autoridades.

No desenrolar do desafio da Educação, vem o desafio de criar e manter nossos filhos nos caminhos do Senhor, sem deixá-los desconectados daquilo que a boa globalização, a verdadeira ciência e a verdadeira tecnologia nos oferecem.

É fato que a família do(a) pastor(a) sempre é muito visada em suas ações e acabam colocando um fardo muito pesado sobre eles. Alguns desses familiares acabam até odiando e se afastando da igreja por conta das cobranças, pressões e críticas exageradas.

Ressalta-se ainda que na Pós-modernidade predomina o passageiro, o relativo, a incerteza, o individualismo, o descartável. Esses são valores contrários ao que temos como princípios bíblico-cristãos. Pois as famílias cristãs devem estar embasadas em princípios sólidos e concretos como o amor, a paz, o respeito. Além do mais é necessário ao ser humano um contato duradouro e permanente com Deus.

Diante do exposto, que alternativas podem ser propostas para um enfrentamento bíblico e eficaz?

Em primeiro lugar Bíblia orienta aos pastores cuidarem do seu próprio lar (Tito 1.5-6 NAA), isto é, “Quando se trata de família, não existe a história de ‘cada um por si’. Embora a responsabilidade de cada um diante de Deus seja individual, precisamos aprender a lutar por nossos familiares, especialmente aqueles que possuem a incumbência de governar o lar.” (SUBIRÁ, 2013, p. 453). Neste sentido a Bíblia assevera: “Ensine a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele.” (Pv 22.6-NAA).

Lembremo-nos que a família do pastor deve ser tratada com respeito e amor pela igreja, ajudando seus membros a caminharem firmes. Mas também, “a vida moral de um pastor perpassa, em muito, pelo seu relacionamento familiar, e hoje tem se levantado uma geração de pastores que não tem honrado esse ministério.” (LOPES, 2008, p. 12).

O pastor e seu cônjuge são responsáveis por criarem e orientarem seus filhos, contra as mazelas da Pós-modernidade. É necessário criarmos nossos filhos com um caráter íntegro, forte, temente e que se desvia do mal. Ao construirmos as bases alicerçais dos nossos filhos, bem sólidas, certamente eles saberão discernir o que é bom do nocivo quando lhe forem propostos.

Nesse contexto, cada pai e mãe, precisa separar tempo para cuidar de seus filhos. A “falta de tempo” por conta do excesso de trabalho (ativismo) dos pais, inclusive dos pastores e pastoras, tem sido uma arma usada pelo sistema pós-moderno para alienar os filhos. É necessária nessa relação entre pais e filhos a definição de limites (valores), uma vez que a “Modernidade Líquida”, segundo Zygmunt Balman, é uma negação da verdade e de valores.

Os pais devem exercer a autoridade dada por Deus em relação aos seus filhos. Se na pós-modernidade essa questão da autoridade é relativa, na Bíblia ela é absoluta. Já ensinava o apóstolo Paulo: “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo”. (Efésios 6:1 NAA). Deus colocou os pais para serem canais de benção na vida dos filhos, orientando-os, ouvindo-os, amando-os e não os irando.

As atitudes dos pais em relação aos seus filhos, darão à seus filhos uma boa ou má compreensão do mundo. Por isso, é imprescindível que cada pai e mãe busque o diálogo com seu filho(a), o alimente com a Palavra de Deus, pois certamente isto o ajudará a superar o Secularismo e o enfraquecimento da fé cristã.

#### 4. O PASTOR E SEU RELACIONAMENTO CONJUGAL

O relacionamento conjugal deve ser pautado essencialmente pelo amor, uma vez que a partir do amor é possível a convivência equilibrada e saudável, derivando assim o respeito, a submissão, a parceria, o afeto, o companheirismo.

É fato que a Pós-modernidade tem tentado desidratar os relacionamentos conjugais, inserindo o feminismo, a insubordinação, o desrespeito, o homossexualismo e mesmo a desconstrução dos valores e do próprio conceito bíblico de família. Mas a Bíblia nos orienta a mantermos nossos relacionamentos conjugais pautados na palavra de Deus. E nesse diapasão, não há espaço para machismo ou feminismo. Há espaço para o amor, respeito, alegria, cumplicidade, fidelidade.

O relacionamento conjugal de um pastor(a) é algo valoroso, por isso mesmo é de suma importância o cuidado com o casamento. A Bíblia assevera que “Digno de honra entre todos seja o matrimônio, bem como o leito conjugal sem mácula; porque Deus julgará os impuros e os adúlteros.” (Hebreus 13:4 - NAA).

A cada dia que passa os pilares da família são colocados a prova em face das situações complexas que afetam os relacionamentos conjugais, tais como problemas na comunicação, desemprego, enfermidades, conflito de gerações, crise de autoridade, infidelidade, etc.

Segundo o pastor Josué Gonçalves, problemas matrimoniais no ministério pastoral é um tema urgente a ser tratado. Ele afirma:

Uma pesquisa feita nos Estados Unidos pelo Instituto de Crescimento de Igreja, do Seminário Fuller, na Califórnia, que revela dados impressionantes que vale a pena conhecermos. Esse estudo diz que: 80% dos pastores creem que o exercício do ministério enfraqueceu sua vida familiar e, conseqüentemente, seu casamento (GONÇALVES, 2012, p.29).

A ideia de ser um pastor de sucesso no ministério e um fracasso no casamento não é bíblica, uma vez que a Bíblia assevera que pastor(a) precisa ser aprovado em tudo. Ela afirma: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a

palavra da verdade” (2Timóteo 2:15). Não há aprovação divina para um pastor que negligencia o relacionamento conjugal. Erradamente, alguns pastores e pastoras colocam seus ministérios a frente de seus cônjuges. Deveriam eles fazer o inverso, sendo um exemplo no casamento e uma bênção no ministério. Sobre isso corrobora Gonçalves, dizendo:

É preciso aprender, de uma vez por todas, que a família é o laboratório em que são criados todo homem e toda mulher de Deus. Deus não prepara líderes para colocá-los sobre um grupo ou sobre um povo sem antes aprová-los dentro de suas próprias casas, na liderança e condução de sua própria família. Pensar que o Senhor passará por cima do cuidado que nosso lar exige a fim de colocar-nos à frente de um trabalho é um pensamento antibíblico. Mais que isso: é anticristão imaginar que o Senhor relevará nossa família por considerar nosso ministério de maior importância (GONÇALVES, 2012, p.47).

A vida corrida do pastor, a rotina agitada na igreja externa, tem sido uma armadilha para o desprezo da igreja interna, ocasionando, muitas vezes, o divórcio. Não que trabalhar para Jesus seja um fardo, mas a pretexto de fazer a obra de Deus, sob a forma de ativismo, incorremos no abandono da vida conjugal, do sexo, do diálogo e da vida comum do lar.

O pastor Hernandes Dias Lopes afirma que em seus aconselhamentos ele tem visto essas atitudes. Ele recomenda os cônjuges pastorais a darem a devida importância aos seus relacionamentos conjugais, dizendo:

O casamento não é um apêndice na vida. Trata-se da essência da própria existência. Marido e mulher têm uma relação mais sólida do que a relação com os filhos. Marido e mulher são uma só carne. Os filhos nascem, crescem, casam-se e batem asas do ninho. Mas marido e mulher continuam construindo sua história. A relação deles só deve terminar com a morte. (LOPES, 2008, p.12).

Valorizar o cônjuge é estar antenado e atento às necessidades do outro. Muitos pastores e pastoras, sob o pretexto de “fazer a obra” tem deixado de lado a vida a dois. Assim, quando não dão a devida atenção ao cônjuge, abrem uma enorme brecha para a operação da carne e da influência maligna e isso gera problemas sérios sobre essa questão.

O pastor Josué Gonçalves ainda assevera que em muitos desses casos, um dos cônjuges, em detrimento dos seus muitos compromissos, dão o pior momento ao seu consorte. Ele afirma:

O que tem sobrado para ela e seus filhos é o pior tempo dele. Ele dá à sua família o tempo quando seu corpo já está exausto, nervoso, apreensivo. E a consequência são palavras duras (para não dizer “coices”), incompreensão, falta de afeto e muito mais (GONÇALVES,

2012, p. 101).

É fato que estar casado e feliz não quer dizer que não haverá momentos de dificuldades na vida conjugal. Em muitos momentos da vida a dois surgem problemas sérios, mas o amor deve ser o remédio para curar nesses momentos. Um relacionamento saudável é essencial para o bom desenvolvimento ministerial, pois um cônjuge comprometido é um excelente alento para tempos difíceis e conseqüentemente para uma mente saudável, disposta e criativa.

Os momentos a dois e a intimidade do casal de pastores tem sido influenciado pelo *modus vivendi* de um dos cônjuges, isto é, em alguns casos a saúde mental do pastor não o deixa ter um relacionamento estável, vida sexual saudável, incorrendo em problemas no casamento com relação a sua vida sexual, o que pode resultar em separação.

A vida conjugal do pastor precisa prioridade em seu ministério pastoral. Com isso devemos ter cuidado com os sintomas que a pós-modernidade tem causado, tais como relacionamentos líquidos, sem alicerce e não duradouros. Além disso, a infidelidade, a pornografia, o consumismo e o enfraquecimento da fé são exemplos de ações que os tempos pós-modernos tem trazido à realidade dos relacionamentos.

É imprescindível firmar os passos e os relacionamentos na Palavra de Deus e nos seus conceitos sólidos e confiáveis. É preciso que amemo-nos uns aos outros, sejamos fiéis à Palavra de Deus e ao Deus da palavra.

Por fim, se deve observar o que a Palavra de Deus recomenda:

O marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher, e da mesma forma a mulher para com o seu marido. A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher. (1Coríntios 7:3,4 - NAA).

## 5. CONCILIANDO MINISTÉRIO PASTORAL E RELACIONAMENTO FAMILIAR

Partindo do pressuposto de que é possível conciliar ministério pastoral e relacionamento familiar, passamos a apresentar algumas sugestões de atitudes do pastor e de sua família para um bom convívio e o alcance do sucesso ministerial e familiar.

A conciliação perpassa, em primeiro lugar, pelo tempo em família. Se o desafio é encontrar tempo livre na vida do pastor, então o pastor deve remir seu tempo fazendo as suas listas de prioridades, anotando na agenda seus compromissos, sempre levando em conta que o tempo para

sua família, seja ele diário, semanal, mensal ou anual é sagrado, pois eles são sua prioridade. De acordo com Souza Filho (2012, p. 142), “A boa administração da casa trará reflexos imediatos na casa de Deus”.

O cuidado pessoal do pastor que é essencial. A Bíblia diz em 1Timóteo 4:16: “Tem cuidado de ti mesmo e do teu ensino; persevera nesses deveres, pois agindo assim, salvarás tanto a tua própria vida quanto a todos que te derem ouvidos”. Como vamos cuidar de nós mesmos se não temos tempo para isso? O cuidado do pastor perpassa pelos aspectos físico, mental e espiritual.

A vida de oração a sós com Deus e também com a família também é de suma importância. Existem pastores que gostam de pregar no templo, mas não gostam de pregar e orar em casa, com a família. É necessário que o pastor cuide da sua saúde e de sua família. Existem ainda pastores que nem sabem quando o filho está doente, ou quando fazem aniversário ou em que série estudam. Outro aspecto importante são as atividades físicas e de lazer, tão necessárias para a saúde do corpo e interação familiar.

### **5.1. Dia da Família**

Desenvolver atividades coletivas em família é uma excelente estratégia para criar uma oportunidade de estar mais próximo a esposa e filhos. O dia da família pode acontecer uma vez por semana. O intuito é que o pastor não institua apenas para ele e sua família, mas para toda a sua igreja. Que seja um dever de cada líder familiar separar aquele dia para a família. É certo que haverá vários desafios, pois muitos trabalham fora e chegam à noite, mas a princípio essas pessoas podem agendar para outro dia de folga ou se prepararem para quando retornarem dos trabalhos.

Esse dia da família, não é algo para se ficar ocioso. É um momento de sua família com Deus, uma vez que nesse dia não haverá culto na igreja, mas pode haver na sua casa. O dia da família deve funcionar levando em consideração cada contexto familiar. As atividades serão desenvolvidas em conjunto pelos membros da família. É possível que nesse dia tenha atividades extras além do culto, como cinema, passeio, esportes entre outras, sendo tudo para glória de Deus.

### **5.2. Prioridades ministeriais**

Cuidar de ovelhas é a missão principal de um pastor. Sabemos que não é uma missão fácil, uma vez que há diversas ovelhas com características distintas. A ideia é que ao cuidar das ovelhas o pastor deve ensiná-las a ter certa autonomia, isto é, que fique cada vez mais apta para resolver suas próprias questões, trazendo até o pastor apenas as demandas mais complexas.

É preciso ressaltar que o pastor não pode e não deve querer fazer o trabalho da igreja sozinho. Por isso são necessários os parceiros de ministério a quem ele pode delegar algumas

funções dentro da congregação, evitando carregar o fardo sozinho. O ato de cuidar não significa necessariamente estar perto o tempo todo, mas sim presente, mesmo que por alguma razão, esteja distante.

É preciso que os pastores entendam que não é possível agradar a todos na igreja. Sempre terá alguém insatisfeito, mas quando se está na direção de Deus não deve haver preocupação pois a Bíblia diz:

Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, não por força, mas espontaneamente segundo a vontade de Deus; nem por torpe ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores sobre os que vos foram confiados, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando se manifestar o sumo Pastor, recebereis a imarcescível coroa da glória. (1Pedro 5:2-4 - NAA).

### **5.3. Planejando as férias**

Hoje em dia, na vida de pastores, falar em férias até tem se tornado mais frequente, inclusive incentivado por algumas lideranças. Mas a maioria ainda não se deu conta de que férias é algo necessário, sadio, e que não há pecado em tirá-la. Segundo Souza Filho (2012, p.151) é necessário planejar suas férias, consultando e conversando com os auxiliares mais próximos que irão lhe auxiliar nessa tarefa.

Há pastores que tiram férias com a família e vão é pregar em igrejas, deixando suas famílias em hotéis ou casas de amigos. Isso é um erro. Para Souza Filho (2012, p.152), “Férias é um período de descanso em família, em que o obreiro se recupera mental e fisicamente para o ano todo”. Se queres pregar pregue para sua família, no recanto do seu sossego.

### **5.4. A vida íntima do pastor**

A conciliação das atividades ministeriais e a frequência sexual no casamento é de suma importância para o sucesso conjugal. Segundo o pastor Hernandes Dias Lopes, o sexo no casamento é uma benção. Ele afirma:

“O prazer não é pecaminoso, mas santo e bom. O marido sensível está atento a esse direito de sua mulher. Há algumas culturas que, ainda hoje, usurpam esse sagrado direito da mulher. Li, algures, que, em certa cultura africana, as jovens adolescentes têm seu clitóris arrancado com uma faca, porque julgam que a mulher honesta não pode sentir prazer sexual. Isso é uma agressão abominável e um preconceito vil. Paulo, no século 1, proclama que a mulher tem o mesmo direito sexual que o homem. Muitos maridos, ainda hoje, são despercebidos ou insensíveis às necessidades sexuais do seu cônjuge. Desconhecem ou desprezam o fato de que o sexo para a mulher não é apenas o ato sexual, mas envolve o romantismo, o carinho e o afeto (LOPES, 2008, p. 21,22).

Aconselhamento conjugal é uma missão do pastor, então ele deve cumprir essa missão a partir de uma vida íntima exemplar. A vida de muitos casais é desmantelada pela falta de um dos cônjuges no gabinete pastoral em momentos de aconselhamento, principalmente do sexo oposto. É necessário entender que o ministério é do casal, não apenas de um dos cônjuges.

### 5.5. Valorizando o cônjuge

Os cônjuges devem se valorizar mutuamente, cuidando, honrando e respeitando. Em muitos casos há cônjuges que acham que tudo o que ele ou ela faz é apenas por si, esquecendo-se de dar honra a quem ficou em oração, cuidando da casa, cuidando do lar ou exercendo alguma atividade laborativa com vistas a complementar a renda familiar. Ainda outros se utilizam do púlpito para se vangloriar de seus méritos, se esquecendo de quem o ajudou a chegar ali. É fundamental valorizar o cônjuge, sempre afirmando o quanto ele ou ela é importante no sucesso do ministério.

A valorização do cônjuge ainda perpassa a identificação das necessidades do outro. Homens gostam de ser reconhecidos por suas qualidades e são mais objetivos. Mulheres gostam de ser ouvidas e são mais subjetivas, valorizando detalhes e a lembrança de datas especiais como aniversário, aniversário de casamento, dia dos namorados, etc. Essas percepções dão ao casal uma intimidade e compreensão do outro que os ajudam a resolver qualquer situação no relacionamento.

Valorizar o cônjuge também é reservar um tempo de qualidade para estarem a sós e desenvolverem intimidade, comunhão, alimentando sonhos e projetos, muitos são os cônjuges que nem mesmo sabe algo simples do parceiro(a) como o tamanho do calçado, pois para esse conhecer do outro é necessário estar junto, perto, atento as necessidades, qualidades e deficiências.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aliançar o ministério pastoral e relacionamento familiar em tempos pós-modernos é um desafio que precisa ser superado, uma vez que são duas áreas da vida do pastor(a) que são de essencial importância e intercambiáveis. Ao passo que os dois se unem em Cristo, é necessário atenção e cuidado para não amar mais um e menosprezar o outro.

Ao ponto que discurremos nas pesquisas, constatou-se que os mitos em torno do ministério pastoral, tais como: “pastor não peca”, “família do pastor é perfeita”, “pastor(a) não trabalha ou é avarento”, são as causas de muitos fatores embaraçosos para pastores e pastoras. Mas, em contraponto a essas maneiras equivocadas de pensar, se evidenciou que o pastor(a) e demais membros de sua família são pessoas comuns, que se doam ao ministério, às vezes em detrimento de seu próprio conforto e que precisam da ajuda da igreja no desenvolvimento dessa árdua missão.

Quanto aos filhos dos pastores e suas relações com a pós-modernidade pode ser observado que os mesmos são colocados em situações complicadas e que também muitos tem sido influenciado pela liquidez de valores, causando assim danos a família do(a) pastor(a). Enquanto pais e mães que militam na obra de Deus, é necessária uma percepção mais apropriada aos nossos filhos, mais atenção ao que eles estão fazendo, ao que assistem, as suas amizades e ao seu relacionamento com Deus e com a igreja. É necessário ter sempre em mente que os filhos devem estar acima dos amigos e que são merecedores de momentos a sós com seus pais a fim a fim de construir um relacionamento pessoal e sólido na família. Não é desprezar os amigos, mas sim priorizar os filhos.

Quanto a relação conjugal do(a) pastor(a) e as possíveis conciliações para um ministério de sucesso é possível concluir que o(a) pastor(a) precisa de ações práticas quando o assunto é relacionamento conjugal. Uma vez que se um(a) obreiro(a) não se fizer um bom esposo(a) como pode dizer que tem um ministério excelente? A Pós-modernidade tem tentado inserir valores contrários à Palavra de Deus nos relacionamentos familiares, uma vez que nessa era pós-moderna nada é feito para durar, o que é justamente o oposto de um relacionamento onde Cristo é a terceira dobra, o objetivo é durar até que a morte os separe.

Para que o relacionamento conjugal dure é necessário observar alguns princípios, tais como: colocar Deus acima das pessoas. Deus tem sempre que ser o principal nos relacionamentos, uma vez que sem ele tudo desmorona.

Em segundo lugar, é preciso colocar o cônjuge acima dos filhos. Em nossos dias há pais e mães que postam que seus filhos são “seu tudo”, são seu “porto seguros”, “sua vida”, mas esse lugar deve ser o de Deus, e nesse diapasão o cônjuge deve vir após Deus, no relacionamento conjugal. Não é que os filhos serão desprezados, mas sim que o cônjuge será priorizado em relação aos filhos. Todos devem ser amados, com as suas devidas importâncias.

Em terceiro lugar é preciso colocar os relacionamentos acima das coisas. Ter bons relacionamentos é muito bom. Relacionamentos que incentivam a proximidade de Deus, o cuidado da família e dedicação ao o trabalho do Senhor. Bens são importantes, mas não mais importantes que os relacionamentos. O que se tem hoje é a coisificação das pessoas e a valorização exacerbada das coisas.

Por fim, conciliar a vida ministerial e familiar é o que Deus quer que se faça. Ele incumbe seus discípulos dessa missão: “Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente. (1Timóteo 5:8-NAA). Nunca se deve desistir da família, imaginando estar fazendo o bem para a obra de Deus. Ele quer que o cuidado com a família se reflita no cuidado da igreja de Deus.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida, Versão: Nova Almeida Atualizada – 3ª edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BUSH, Ashley; BUSH, Daniel. **75 hábitos dos casais felizes**: como manter a chama acesa e reforçar os laços diariamente. Tradução: Simone Reisner. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

CAVALHEIRO, Emerson de Moura; MELLO, Celso Ricardo de Jesus; ROSA, Luiz Augusto. **O ministério pastoral e os desafios na relação familiar**. In: Revista de Iniciação Científica FABAD, v. 1, n. 01, 2020.

GONÇALVES, Josué. **O pastor, sua família e seus desafios**. Bragança Paulista, SP: Editora Mensagem Para Todos, 2012.

LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor**: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. **Casados & Felizes**: não permita que seu casamento vire uma mala sem alça. São Paulo: Hagnos, 2008.

MONTANHA, Joel. **O desafio da família na pós-modernidade**. In: Azusa: Revista de Estudos Pentecostais. Joinville, v. 7, n.2, p. 153-174, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/151> acesso em: 06/09/2021.

OLIVER, Willie; OLIVER, Elaine. **Esperança para a Família**: o caminho para um final feliz. Tradução: Cecília Eller Nascimento. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

PETERSON, Eugene. **A vocação espiritual do pastor: redescobrimo o chamado ministerial**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

SOARES, Esequias. **Declaração de fé das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2021.

SOUZA FILHO, João Antonio. **Teologia Pastoral 1**: Teologia prática para o exercício do ministério. 3ª edição. Apucarana: CETADEB, 2012.

STRONG, Joyce. **Líderes à beira do abismo**. Belo Horizonte: Betânia, 1999.

SUBIRÁ, Luciano. **O propósito da família**: a importância da visão familiar na relação com Deus. Curitiba: Editora Orvalho, 2013.

VALIM, Cinara Costa de Souza; BUHR, João Rainer. Uma análise dos desafios das famílias envolvidas no ministério pastoral. **Revista Cognition**, v. 1, n. 2, p. 68-86, 2019.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**. Antigo Testamento. Volume II, Histórico. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006.

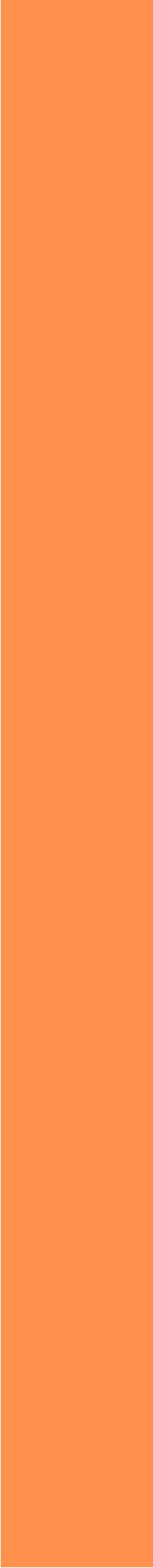


# *Capítulo 9*

---

## **INTEGRAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS NOVOS CONVERTIDOS NO NOVO TESTAMENTO**

Weld Nunes dos Santos



## INTEGRAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DOS NOVOS CONVERTIDOS NO NOVO TESTAMENTO

*Weld Nunes dos Santos*<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente tema Integração e consolidação dos novos convertidos no Novo Testamento é pensar na conservação dos resultados ao pensar em evangelização. A Bíblia informa que foi essa prática da igreja primitiva. Em atos 14,21, Barnabé e Paulo voltaram logo às cidades onde haviam confirmado os discípulos. Ainda que não apareça na Bíblia o termo integração, temos firme fundamento bíblico para usá-lo, porque ele traduz uma ideia básica encontrada em todo Novo Testamento. É o processo de tomar criancinhas espirituais, educá-las e levá-las a um estado de maturidade e adulta comunhão com Cristo e de serviço eficiente na igreja. O principal objetivo é analisar a importância dos novos convertidos na igreja local, o procedimento metodológico utilizado foi a revisão de literatura, visando em empreender o hábito de realizar o discipulado de forma diferente.

**Palavras-chave:** Igreja; Cristo; Discipulado; Integração; Almas

### ABSTRACT

The present theme Integration and consolidation of the new converts in the New Testament is to think of the conservation of results when thinking about evangelism. The Bible informs that it was this practice of the early church. In Acts 14.21 Barnabas and Paul returned soon to the cities where they had confirmed the disciples. Although the term integration does not appear in the Bible, we have a firm biblical foundation for using it, because it translates a basic idea found throughout the New Testament. It is the process of taking spiritual children, educating them and bringing them into a state of maturity and adult fellowship with Christ and efficient service in the church. The main objective is to analyze the importance of the new converts in the local church, the methodological procedure used was to review literature along with its theoretical references, aiming to undertake the habit of performing discipleship differently.

**Keyword:** Church; Christ; Discipleship; Integration; Souls.

### 1. INTRODUÇÃO

A integração e consolidação dos novos convertidos têm deixando de ser o principal foco das igrejas na era moderna. Devido a não importância da missão e a falta da preparação para o evangelismo e consolidação de novos convertidos, essa tão enorme carência é grande e uma

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia SETAD e FATECH; Pós-graduação em Metodologia do Ensino Religioso Fatech; Pós-graduação em Ciências da Religião e Educação Fabad; Formação pedagógica em ciências da religião Unibf; Licenciatura em ensino religioso (Cursando). Faculdade Única. E-mail welddos@gmail.com

realidade nas igrejas. É evidente que novos métodos de evangelismo tanto pessoal como em grupo têm crescido, mostrando a real emergência de integrar não somente novos membros nas igrejas, mas converter pessoas ao evangelho e consolidá-las.

O papel de evangelizar e consolidar pessoas ao cristianismo são evidentes no novo testamento e nas epístolas Paulinas, o próprio Jesus Cristo e os seus discípulos evangelizavam e difundiam as boas novas, era o principal foco da igreja primitiva no tempo dos apóstolos, o trabalho de consolidar pessoas era indispensável, o que resultava no crescimento da igreja e do Reino de Deus.

O ensino da evangelização incentiva o novo crente a evangelizar pessoas descrentes, ficando claro para o novo convertido a importância da propagação do evangelho e a consolidação de novos membros não somente adeptos de uma igreja, mas convertidos a Cristo Jesus. Na igreja atual a distribuição de literaturas evangélicas pode ser feito em qualquer lugar, mas a verdadeira mudança é trabalhada na convivência diária no discipulado.

A importância de integrar pessoas ao evangelho é enorme, os métodos empregados são inúmeros: equipes de visitação, células missionárias, evangelismo em massa, cruzadas evangélicas, evangelismo pessoal e outros meios mostrando a importância de resgatar vidas e firmá-las em Cristo.

A ideia do discipulado como algo necessário e prioritário para a igreja a fim de sanar esse problema. Seria bom se pudessemos observar o discipulado não como um método ou uma estratégia, mas como uma filosofia para ser incorporada em nova vida em nosso ministério. Portanto, uma igreja pode fazer tudo, mas, se deixar de evangelizar, discipular e consolidar os resultados do evangelismo, fracassou na sua missão.

## **2. O SIGNIFICADO DO DISCIPULADO**

Há cerca de dois mil anos, Jesus, antes de ascender aos céus, após ter vencido a morte por meio de sua ressurreição, encerra seu ministério terreno com uma última ordem de comando aos seus seguidores, “Fazei Discípulos” (Mt 28.19,20). Vive-se em flagrante desobediência ao mandamento do discipulado. Resolveram-se reinterpretá-lo a nosso modo e conveniência. O esforço atualmente não está direcionado para fazer discípulos, mas para fazer o “crente funcional”, fazendo um paralelismo com o que retrata Rubens Alves, quando fala sobre o homem moderno diante da tecnologia.

O sistema religioso de poder e comercio necessita do “crente funcional”, com baixa capacidade critica, e desempenha sua função de comunicador de objetos, ritos e palavras de

conforto e esperança, mediante promessas descontextualizadas, em trocas de ofertas generosas de recursos financeiros, recebidas pelos líderes como bênçãos de Deus. Esta influencia contemporânea, infelizmente, tem atingido líderes das igrejas históricas e traz uma febre por crescimento e por números. A busca pelo sucesso, sendo uma tendência contemporânea, adentra as arraias da igreja de Cristo, trazendo com elas muitas dores.

Discípulo era a palavra favorita de Cristo para aqueles cuja vida estava ligada entranhadamente com a dele. A palavra grega traduzida como “discípulo”, *mathetês*, é usada 269 vezes nos Evangelhos e em Atos. Significa pessoa “ensinada” ou “treinada”.

O Cristianismo não é religião, mas um relacionamento com o Deus pessoal e vivo. As disciplinas cristãs, então, devem ser praticadas com o maior prazer e dedicação, sabendo que nos levarão a Cristo e a sermos como Jesus Cristo. Estão expostas algumas definições de discipulado:

Discípulo é o crente que está crescendo conforme Cristo, dando frutos no evangelismo e fazendo o aconselhamento pessoal deles para garantir sua permanência... O aconselhamento pessoal é estabelecer um relacionamento espiritual entre um crente maduro e um crente novo, visando ajudar o segundo em seu crescimento e nutrimento espirituais. (KUHNE, 1982, p.18)

Para Velosso, discípulo significa:

A prendedor, seguidor, comprometido com Jesus Cristo, num crescente processo de aprendizagem a respeito desse compromisso, aumentando o seu conhecimento da Palavra e num relacionamento crescente com os demais membros do corpo, demonstrando isso ao mundo, com uma vida caracterizada pelos frutos do Espírito. (VELOSSO, 1992, p.35)

Fazendo uma exegese desta palavra podemos observar que *Mathetês* é um substantivo que significa “aprendiz”, “aluno”, “discípulo” e o verbo *Manthanō* que tem a conotação “aprender”. No Antigo Testamento a palavra *Manthanō* se emprega 40 vezes como tradução de um equivalente hebraico. Emprega-se 28 vezes para interpretar o hebraico *lâmad* “acostumar-se a”, familiarizar-se com”, “aprender”.

O uso teologicamente relevante de *manthanō* é especialmente claro em Deuteronômio, onde Israel está em grande perigo de se esquecer da bondade de Javé, de não prestar mais atenção à vontade de Javé, e de assim abdicar da sua eleição e das promessas divinas da salvação (cf Dt 6.10-12; 8.17; 9.4-6; 11.1). Israel mais uma vez precisa aprender a obedecer e a levar a efeito a vontade revelada de Deus (Dt 4.10; 14.13; 17.19; 31.12,13).

Em cada um destes casos o objeto de manthanō é “temer ao Senhor Deus”. A aprendizagem é o processo mediante o qual a experiência do amor de Deus é traduzida, pelos aprendizes, em obediência à Tora de Deus (cf Dt 4.14). Significa entender plenamente a Torá que, em Deuteronômio, é a história total das ações salvíficas da vontade de Deus. Este entendimento levará a uma aceitação interior da vontade de Deus (cf Dt 30.14)

Mathetês se acha na LXX apenas nas leituras alternativas de Jr 13.21; 20.11; 26.9, e, portanto, tem fraca atestação. Mesmo o substantivo hebraico, que corresponde ao Verbo lâmad, *talmíd*, “aluno”, que desempenha um papel tão importante no uso rabínico posterior, apenas se acha em I Cr 25.8. O que o israelita individual tem que aprender a respeito da vontade de Deus não o transforma em “aluno” diante do seu “mestre”, Deus. Isto porque, mesmo como aprendiz, o individuo sempre permanece uma parte do povo escolhido, entre o qual cada indivíduo descobre na palavra divina a autoridade daquele que o elegeu.

Isto exclui qualquer possibilidade de um relacionamento discípulos-mestre entre os homens, pois até o sacerdote e o profeta não ensinam com sua própria autoridade. Isto se mostra, por exemplo, no fato de que todos os que atendiam a Moisés e aos profetas não são chamados “alunos”, mas, sim, “servos”. O exemplo disso Josué é o servo de Moisés (Ex 24.12; Nm 11.28); Eliseu é o servo de Elias (I Rs 19.19); Geazi é o servo de Eliseu (2 Rs 4.12); Baruque é o servo de Jeremias (Jr 32.12,13).

Não há lugar para estabelecer um relacionamento entre o mestre e o discípulo, nem há a possibilidade de se estabelecer a palavra humana lado a lado com a Palavra de Deus proclamada, nem de procurar garantir a força da palavra divina ao basear-la na autoridade de uma personalidade.

O aluno no grego, e o *talmíd* rabínico se apegavam pessoalmente ao mestre deles, e esperavam ensinamentos objetivos, visando eles mesmos se tornarem mestres ou rabínicos. Na chamada ao discipulado feita por Jesus, porém, não se trata de um relacionamento de aprendizagem do qual o discípulo posteriormente pode separar-se como mestre (Mt 23.8) Seguir a Jesus como discípulos exige sacrificar incondicionalmente a vida inteira (Mt 10.37; Lc 14.26,27; Mc 3.31-35) para a totalidade de sua vida (Mt 10.24,25; João 11.16). Ser um discípulo significa ser vinculado a Jesus e cumprir a vontade de Deus (Mt 12.46-50). Isto significa que durante o ministério terrestre de Jesus, o discípulo tinha, bem literalmente, de seguir a Jesus e aceitar a situação de renúncia, de perambular com Ele (Mt 8.20,21)

Para entender o discipulado de Jesus, é importante reconhecer que a chamada para ser discípulo sempre inclui a chamada ao serviço. Este serviço leva o discípulo aos mesmos perigos aos

quais foi exposto seu Mestre (Mc 10.32) Segundo (Mc 1.17; Lc 5.10), os discípulos devem ser pescadores de homens.

Esta é uma frase coloquial, que significa que tendo em vista a chegada iminente do Reino de Deus, os discípulos devem apanhar homens para o reino vindouro, por meio de pregarem o evangelho e trabalharem em nome de Jesus (Mt 16.15). O fato de Jesus ser o Cristo dá-lhe todo o poder para chamar e exigir obediência a sua palavra.

O chamado ao discipulado é, portanto, comprometimento exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todos os legalismos mediante a graça daquele que chama. É chamado da graça, mandamento gracioso. Fica além do antagonismo de lei e evangelho. Cristo chama; o discípulo segue; isso é graça e mandamento num só. “E andarei com largueza, pois me empenho pelos teus preceitos” (Salmo 119.45). O discipulado é comprometimento com Cristo; por existir Cristo, tem que haver discipulado. Uma concepção de Cristo, um sistema doutrinário, um conhecimento religioso, geral de graça ou de perdão, não implicam necessariamente no discipulado; na realidade, excluem-no, são lhe hostis.

Cristianismo sem Jesus Cristo vivo, permanece necessariamente um cristianismo sem discipulado; e cristianismo sem discipulado é sempre cristianismo sem Jesus Cristo; é uma ideia, um mito. Um cristianismo no qual só existe Deus Pai, mas não existe Cristo como filho vivo, exclui o discipulado. Somente por o filho de Deus ter sido feito homem, por ele ser Mediador, é que o discipulado constitui o relacionamento correto com ele. Porque o discipulado está relacionado com o Mediador que é Jesus Cristo. (BONHOEFFER, 2001, p.21)

Devido à impropriedade da idéia da obediência como consequência da fé, e para salientar a unidade imperecível de fé e obediência, deve-se acrescentar à frase “só o crente é obediente” esta outra frase: “Só o obediente é que crê”. Se, na primeira, a fé é premissa da obediência, na segunda, a obediência é premissa da fé. Exatamente da mesma forma que a obediência é considerada consequência da fé, cumpre considerá-la também como premissa da fé. Só o obediente é que crê.

É necessário prestar obediência a uma ordem concreta, para poder haver fé. Há que se dar um primeiro passo obediente, para que a fé não se transforme numa piedosa ilusão ou na graça que chamamos barata. Tudo depende do primeiro passo, que se distingue qualitativamente de todos que seguem. O primeiro passo de obediência impõe a Pedro abandonar as redes e saltar do barco, e ao jovem rico, abandonar sua fortuna. A fé somente é possível nesta nova existência que a obediência criou.

O chamado concreto de Jesus e a obediência simples têm sentido irrevogável. Jesus chama a uma situação concreta em que a fé se torna possível; por essa razão chama de forma tão concreta, e

concretamente também quer ser compreendido, por saber que só na obediência concreta o ser humano fica livre para fé.

O chamado ao discipulado está no contexto do anúncio da paixão de Jesus. Jesus está para sofrer e ser rejeitado. E esse o imperativo da promessa de Deus, para se cumprirem as Escrituras. Paixão e rejeição não são o mesmo. Jesus podia ser o Cristo festejado ainda na paixão. Ser crucificado é sinônimo de sofrer e morrer rejeitado e repudiado por força da necessidade divina. A igreja se scandalizou com o Cristo sofredor. Ela não quer ser semelhante ao Senhor, e, como igreja de Cristo, não quer permitir que ele lhe imponha a lei do sofrimento. (LITTLE, 1976, p.70)

A cruz é a compaixão com Cristo, sofrer com Cristo. Somente a união com Cristo, tal como esta se verifica no discipulado, está, de fato, sob a cruz de Cristo. “Tome a sua cruz” Ela já está preparada desde o início; falta apenas a levar. Porém, para que ninguém pense que tem que sair a procurar voluntariamente do sofrimento, Jesus diz que existe uma cruz já preparada para cada um de nós, uma cruz a nós destinada e atribuída por Deus. Cada qual tem que suportar a medida de sofrimento, dando-lhe, inclusive, a graça do martírio; a outro, porém, não permite que seja tentado além de suas forças.

O discipulado é união com Cristo sofredor. Por isso nada há de estranho no sofrimento do cristão, antes é graça, é alegria. Os protocolos dos primeiros martírios da igreja testemunham que Cristo transfigura o momento extremo do suplício com a certeza indescritível de sua proximidade e comunhão. Assim, nos tornemos mais atrevidos, sofridos por amor a Cristo, os mártires experimentaram a máxima alegria e bem-aventurada da comunhão com Cristo. Suportar a cruz lhes revelou como a única maneira de triunfar sobre o sofrimento. (BONHOEFFER, 2001, p.46)

A reflexão sobre o discipulado é especialmente uma característica do Evangelho de João. Não somente as categorias do círculo mais estreito e dos mais largo de discípulos apontam, fundamentalmente, além deles mesmos para a comunidade cristã à qual João se dirigiu (João 6.60; 61:66), *mathetês* em João frequentemente é simplesmente um termo para “cristão” (João 8.31; 13.35; 15.8). Além disso, já que há total falta de qualquer palavra para representar a igreja, tal como *ekklesiá*, a palavra *mathetai* vem representar a comunidade reunida. Ou, na terminologia de João, significa aqueles que saíram da esfera das trevas para esfera da luz.

Tozer (1980) disse que há três características da pessoa crucificada com Cristo: “Olha apenas em uma direção, não se deixa vencer e ela não tem planos próprios”. Este último significa, que temos que perecer para nós mesmos, o que quer dizer negar os nossos próprios interesses

entrando em conflitos com os propósitos de Deus para nossas vidas. Muitos podem fazer a obra de Deus, mas não conhecer o Deus da obra. O próprio Jesus se negou aqui na terra, para que a vontade do Pai fosse cumprida na vida dEle (João 4.34; 5.19; 8.26; Fl 2.3-11).

Cristo insiste em que Ele precisa ser o foco exclusivo de nossa vida. “Assim, pois, todo aquele dentre vós que não renuncia a tudo quanto possui, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14.33). Fazer uma entrega irrevogável a Cristo como Senhor é essencial para o discipulado bíblico, mas não é suficiente. Essa entrega precisa ser renovada diariamente. Reavalie o seu caminhar com Cristo, à luz dessas definições bíblicas de discipulado, pois você mesmo precisa primeiro ser um discípulo, antes de poder discipular outros.

Muitos pastores entendem o discipulado de forma diferente do que Jesus entendeu. Aham que o discipulado é um trabalho desenvolvido durante um período de cerca de três meses, para ajudar novos convertidos-especialmente aqueles que estão se preparando para o batismo. Mas precisamos enxergar o discipulado de uma maneira radicalmente diferente, procurando a perspectiva do próprio Jesus. Para o Senhor, o discipulado é a formação dos principais líderes da igreja, que vão se reproduzir, formando outros. (KORNFIELD,1996 p.72).

Jesus investiu nesses homens de tal forma que eles foram o alicerce para um movimento multiplicador que chegaria a todas as nações e até “o final do século”. Assim, o discipulado não é um programa. Não é uma série de módulos. Não é um livro. Não é um novo sistema de cultos nos lares.

O discipulado é uma relação comprometida e pessoal em que um discípulo mais maduro ajuda outros discípulos de Jesus Cristo a se aproximarem mais dele e assim se reproduzirem. Pode incluir programa, módulos, livros e encontros semanais nos lares, mas, essencialmente, se o discipulado perder de vista o relacionamento comprometido e pessoal, deixa de ser um discipulado bíblico (FIORENZA, 1996, p.73)

Podemos aceitar as palavras de Morre (1983) quando ele afirma que “discípulo é um aprendiz ou um aluno que aceita os ensinamentos de Cristo não apenas em relação à fé, mas também à maneira de viver”. Ser discípulo de Cristo é envolver-se numa escolha ponderada, numa renúncia definida e numa obediência determinada. A disponibilidade de obedecer a Jesus é muito mais difícil que a capacidade de segui-lo. Conseguimos amar, mas muitas vezes não estamos dispostos a isto. Se a salvação é pela graça, o discipulado vale tudo o que temos.

Portanto, o dever do discípulo não consiste em manter e passar adiante qualquer ensino específico acerca de Jesus. A essência do discipulado se acha no cumprimento, pelo discípulo, do seu dever de ser testemunhas do seu Senhor durante toda a sua vida, ou seja, o seu Testemunho.

### 3. INTEGRAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

Trinta e dois anos depois da ressurreição de Jesus, os primeiros cristãos já haviam atingido todo o mundo pagão do seu tempo com a mensagem do evangelho detalhes, sem rádio, sem imprensa ou outros meios modernos de comunicação usados em nossos dias na pregação. Crentes que testemunharam era naqueles dias a regra geral, e não uma exceção. Eram homens dominados pelo Espírito Santo. Tinham algo em suas vidas que evidentemente está faltando hoje em dia. Talvez fosse o toque pessoal no ensino e na instrução dos crentes o que efetuava deles verdadeiros gigantes espirituais.

O Senhor Jesus Cristo e o apóstolo Paulo dão exemplo deste método de integração. Sua missão no mundo era dupla. Viera “buscar e salvar o que se havia perdido”, salvar através de sua morte pelos nossos pecados. Antes de consumir esta missão vicária, durante cerca de três anos mais ou menos, ele treinou um grupo de homens para testemunhar de sua vida, de sua morte e de sua ressurreição. A cruz, no plano de Deus, viria somente depois que seu filho tivesse preparado homens para proclamar as boas novas de salvação ao mundo. Jesus sabia que a sua vida exemplar diante dos discípulos era para eles estão importantes quanto as suas palavras

Através do contato pessoal diário, Jesus pôde conhecer seus discípulos: suas necessidades e seus desejos, suas fraquezas e seus pontos fortes. A este princípio fundamental da integração, sendo o contato pessoal visando treinamento e ensino, podemos chamar de o princípio do “com ele”. Jesus tinha muitos seguidores e discípulos, mas, dentre eles, Jesus escolheu doze para serem seus apóstolos (Lucas 6.13). Observemos por que: “para que estivessem com ele, e os mandasse a pregar” (Marcos 3.14). O senhor tinha dois objetivos em mente quando separou os doze para um contato pessoal e íntimo: desejava com eles partilhar sua vida e seu ministério.

Assim como o Senhor Jesus ensinava e preparava seus apóstolos mediante contato pessoal, assim devemos fazer em nosso ministério “fazer discípulo” de uma pessoa é levá-la à experiência de ter Jesus como Senhor e centro de sua vida. Ser discípulo implica num ato de entrega e num processo de obediência. Um homem é discípulo de Cristo quando permanece em sua palavra, glorifica o Pai e dá muito fruto (João 8.31; 15.8).

Também no ministério de Paulo é dominante esse aspecto do contato pessoal. Em Atos 20.4 há uma lista de sete homens que viajavam com Paulo e aos quais os grandes apóstolos transmitiam os mistérios da vida cristã. Evidentemente Paulo apreciava a companhia de outros crentes. Escrevendo à igreja de Roma ele manifesta o desejo de observar os crentes daquela igreja a fim de que pudessem ser fortalecidos na fé. Um exemplo impressionante do profundo interesse que Paulo tinha pelo contato pessoal na integração acha-se registrado no capítulo 14 do livro de Atos.

Como Jesus e como Paulo julgou necessário gastar tempo em companhia de seus discípulos, assim devemos, através do contato pessoal, projetar na vida de outros as nossas experiências com Cristo e o nosso ministério. O contato social e casual durante os trabalhos da igreja é insuficiente para causar impacto. Os líderes da igreja que gastam tempo no treinamento de crentes constroem para a eternidade.

Ganhar e edificar andam sempre junto nas páginas das Escrituras. Não há no Novo Testamento nenhum exemplo de evangelismo sem conseqüente edificação. Eles são os dois gumes da espada de Deus para atingir os homens e para fazê-los verdadeiros discípulos de Jesus. Da mesma forma que a sementeira, a rega e a ceifa no evangelismo exigem tempo, assim a integração não se faz num abrir e fechar de olhos. Não é um ato, mas um processo que exige esforço, paciência e boa vontade. Não há caminho rápido para alcançar a maturidade espiritual e para o aperfeiçoamento do crente. (BURROUGHS, 1962, p.92)

Morre fez um comentário dizendo:

Nenhuma outra matéria é mais largamente ensinada e ilustrada no Novo Testamento do que a integração pessoal, conjugada e constante na igreja. A maioria das cartas de Paulo, Pedro e João são cartas que visam à integração dos novos na fé. Paulo escreveu: “O qual nós anunciamos admoestação a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria para apresentarmos todo homem perfeito em Cristo” (Col 1.28). O termo anunciamos indica a proclamação da mensagem evangelística; o termo ensinando indica que os ganhos pela mensagem eram levados, via um processo de instrução e adestramento, à plenitude de vida em Cristo”. (MORRE, 1978, p.11)

Segundo os padrões do Novo Testamento vejamos algumas coisas que não é integração: é dar ao recém batizado uma palavra de incentivo sobre a leitura da Bíblia, nem lhe enfatizar o imperativo da mordomia, por importantes que sejam essas coisas. Não é sobrecarregá-lo de panfleto e folhetos. Integração é mais do que conseguir que o novo crente seja assíduo aos cultos e se torne aluno da Escola Bíblica Dominical; é mais que lhe fazer repetido convites para participar das atividades da igreja. Tudo isto é importante, sem dúvida, mas não vão ao encontro das mais profundas necessidades do recém convertido nem está nos moldes escriturísticos do verdadeiro fazei discípulos.

Integração é uma palavra muito usada em nosso tempo, porém, no Novo Testamento não a encontramos. Foi sempre uma preocupação dos crentes primitivos a integração do novo crente. A igreja de Jesus Cristo só cresceu porque foi dada uma grande importância no desenvolvimento pessoal dos novos crentes.

A intenção da igreja primitiva em cumprir o mandado de Jesus era dar aos indivíduos uma oportunidade válida de aceitarem a Jesus Cristo; e o alvo de quem o recebesse era de obedecer ao Senhor; esses novos crentes eram persuadidos a reconhecerem a Jesus Cristo como Senhor e Salvador e ainda o servir fielmente em comunhão com os santos.

Como disse: Armstrong (1994, p.19) “O que nos interessa muito é compreender que a integração significa educação. Foi por meio de Jesus que a educação hebraica e judaica começou a caracterizar-se por longo tempo, assumindo marcas identificadas como a educação Cristã”. No Novo Testamento toda a integração é dirigida no sentido das necessidades individuais. Através da pregação, do ensino, do treinamento da igreja, podem ser aplicados princípios de integração a grupos, mas sempre dentro do contexto da individualidade de cada membro do grupo.

Aprofundar as convicções dos novos crentes era o principal alvo de Jesus para que se integrassem nessa nova causa. Jesus usou muitas técnicas para ajudar seus alunos a verificarem e a reformularem suas crenças e convicções. Para sondar seus pensamentos e sentimentos íntimos, Jesus usou a técnica de fazer perguntas; o objetivo mais claro do discipulado de Jesus; era treinar seus alunos para continuarem seus ensinamentos depois dele.

Jesus tinha um objetivo por excelência nos seus ensinamentos, ele deseja a mudança de vida do indivíduo, e não apenas o seu intelecto e emoções. Este propósito de Jesus estava dentro de todos os outros objetivos.

[...] Parece que através de seu ministério havia um padrão geral em seu ensino. Na primeira parte de seu ministério, ensinava principalmente a indivíduos, depois ensinou as multidões, e no final de seu ministério, voltou a trabalhar com pessoas individualmente. Talvez o aspecto mais importante de seu ministério é que soube aproveitar todas as oportunidades que teve para ensinar (ARMSTRONG, 1994, p.25)

Jesus não foi um bom mestre pelo fato de que seus discípulos foram bons alunos. Ele foi mestre mesmo seus discípulos sendo homens limitados. Apesar de seus discípulos terem suas limitações, Jesus ensinou-lhes conceitos que mudaram o mundo. Este exemplo de integração é consolidação que temos em Jesus, onde ele tornou um grupo de homens, pouco desenvolvido, que aparentemente não teria êxito, em um grupo de pessoas bem desenvolvidas e que deve servir de inspiração para o trabalho de integração hoje.

Jesus foi o fator principal para os seus discípulos assumirem a responsabilidade com o novo crente. A lição importante que os discípulos aprenderam de Jesus foi que a igreja ou discipulado de Jesus tem uma grande responsabilidade com os novos crentes. Através da convivência com seus discípulos, Jesus era um modelo Vivo para eles. Tanto sua vida como seus ensinamentos foram

ensinados para eles. Para que os novos crentes de Jerusalém fossem integrados na igreja, houve a necessidade de que todos os crentes se envolvessem nessa comunhão, motivados pelo exemplo que Jesus lhe deixou.

A integração é ensinar o novo crente a andar e conviver com Jesus no Espírito Santo. A própria igreja de Jerusalém não podia ensinar o que ainda não havia aprendido. A importância da igreja na integração é tão óbvia que pode parecer desnecessário ser objeto de cogitação. Apesar disso, certos aspectos da responsabilidade da igreja precisam ser enfatizados. A natureza da igreja precisa ser examinada, porque a sua natureza é básica. (BLACKMON, 1982, p.25,26).

O Novo Testamento em várias analogias para esclarecer a natureza da igreja. Duas dessas analogias são “o corpo de Cristo” e “a família de Deus”. Ambas enfatizam a necessidade de um relacionamento dinâmico entre o todo e cada parte individualmente. A igreja que gera um novo ser em Cristo, deve reconhecer a responsabilidade que tem para com esse recém-nascido. Em Mateus 28.19,20, mandamento que frequentemente chamamos a grande comissão, Jesus nos mandou fazer discípulos, batizando-os e ensinando-lhes todas as coisas. Apenas um verbo aqui é imperativo. Todo o trecho, contudo, tem força de mandamento. O Novo Testamento, especialmente o livro de Atos, nos mostra que os discípulos aceitaram como mandamento às palavras de Jesus. Reconheceu a importância de fazer discípulos, batizar e ensinar.

O Novo Testamento também deixa claro que eles aceitaram a ordem em que esses preceitos foram dados. Em todos os casos no Novo Testamento, as igrejas seguiram a ordem. Primeiro proclamavam o evangelho. Em segundo lugar, os convertidos foram imediatamente batizados e em terceiro lugar receberam instrução. Para a igreja do Novo Testamento, o batismo nunca foi separado da conversão. Em Atos 2.41 lemos “foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra”.

Que o batismo faz parte da confissão original do convertido e não deve ser considerado um ato secundário, ou uma coisa que fazemos demoradamente. Não é apenas uma atitude que a igreja toma como resultado de um mandamento dado por Jesus. Ele continuou dizendo que o batismo não é evidência de maturidade cristã, mas o sinal de início cristão. (SOBRINHO, 1998, p.72)

É claro que isso não quer dizer que qualquer pessoa que se apresente deve ser batizada porque se diz convertida. Não lemos em Atos 2.41 que “todos foram batizados”, mas “foram batizados os que de bom grado receberam”. As palavras traduzidas “receberam” tem a ideia de

receber com uma fé simples. Também pode ter a ideia de receber alegremente de coração. A primeira ideia realmente se ajusta mais com o contexto. Quando é possível perceber que alguém esteja provavelmente recendo Cristo com uma fé simples, então a pessoa deve ser batizada, sem demora, conforme o Novo Testamento. Se for possível fazer essa percepção de que a pessoa está recebendo com sinceridade o evangelho não for segura, a espera para o batismo deve ir até o momento em que a decisão se manifeste com firmeza de convicção.

Strong, (1907) no início deste século, escreveu não haver indicação “qualquer que o mandamento de batismo limitado, ou deve ser limitado na sua aplicação. O mandamento tem que ser considerado uma ordem universal”. Enfatizou Strong que essa ordem nunca foi e nunca será cancelada. Graham, (1974, p.75). “O Novo Testamento ensina que todos que aceitam Cristo com uma fé simples devem logo ser batizados e não coloca limite nessa aplicação”.

O assunto do batismo é importante para o novo crente e para a igreja. Sempre foi importante. Como sempre aconteceu, ainda hoje é pelo batismo que o novo crente, a igreja e o mundo reconhecem a identificação do batizado com Cristo e com a igreja local. Sem batismo, ninguém é aceito como uma parte do povo de Deus na igreja. Sem fazer parte desse povo, dessa família de Deus, o novo crente não pode crescer espiritualmente conforme Cristo quer.

Com a comunhão nutritiva tão importante, ele crescerá. É por isso que C.Peter Wagner no seu estudo sobre o crescimento da igreja na América Latina destaca a falta de ênfase em batismo como um dos fatores impedindo melhor conservação dos decididos. Não deve ser minimizada a importância do batismo na integração. O batismo é importante na integração do novo crente devido à natureza da igreja.

Fazendo uma análise da igreja primitiva podemos dizer, que um dos efeitos do crescimento da igreja, ainda na sua infância, era o sentimento de reverência ou temor da parte do povo. Lucas quer dizer que a população não cristã sentia uma certa apreensão diante de um grupo em cujo meio aconteciam eventos sobrenaturais (At 5.5,11; 19.17) Prodígios e sinais, as palavras são aquelas empregadas para descrever as obras poderosas de Jesus, estavam sendo operados pelos apóstolos e Lucas passaria relatar exemplos específicos.

A igreja de Jerusalém foi preparada por Cristo mesmo para essa comunhão. Conner chamou a igreja de uma comunhão espiritual na sua natureza fundamental. Sem dúvida os cento e vinte membros originais em Jerusalém foram pessoas espiritualmente preparadas. Alguns seguiram a Cristo por três anos. Possivelmente outros só começaram a segui-lo pouco antes da sua crucificação. Eles aprenderam, porém, a amar reciprocamente e o que significa amor mútuo e interesse mútuo. O senhor Jesus os preparava para ter comunhão espiritual. (MARSHALL, 1982, p.201)

A necessidade de fortalecer espiritualmente a igreja local é básica. Para Conner, comunhão na igreja e sua espiritualidade são intimamente ligadas. Para a igreja realmente crescer em um aspecto, tem que crescer no outro. As organizações e atividades da igreja devem ser avaliadas nesse sentido. O que não contribui para comunhão espiritual precisa ser eliminado. O que contribui será fortalecido. A igreja que quer se fortalecer espiritualmente começará por se examinar nesse ponto fundamental.

Finalmente, a integração não é um ato, mas um processo. Deve ser parte importante e séria do programa da igreja. Ainda que se possa ganhar uma pessoa para Cristo em poucos minutos, o desenvolvimento dessa alma demanda semanas, meses e anos. Geralmente quando Deus faz algo permanente e duradouro, gasta tempo nisso. Ele trabalhou com Abraão por mais de uma geração, antes de achar que o “amigo de Deus” estava pronto para receber o filho da promessa. Portanto, a instrução que Jesus, os Discípulos e Paulo deram tem como finalidade preparar líderes para serem aplicados na integração e consolidação dos novos crentes.

#### **4. O DISCIPULADO CRISTÃO NAS CARTAS PAULINAS**

As igrejas hoje não convocam mais as pessoas para que se tornem discípulos de Jesus. Ser cristão passou a significar frequentar uma igreja evangélica e ir para o céu depois da morte. O ministério da igreja consiste apenas em tentar resolver problemas como, por exemplo, apaziguar crises conjugais, curar doenças, esclarecer dúvidas existenciais, consolar na dor e no sofrimento, e arrumar emprego, e não tem mais nada a ver com discipulado. O Novo Testamento apresenta o discípulo como um aprendiz de Jesus Cristo em sua vida diária. Um discípulo é simplesmente alguém que decidiu ser como outra pessoa e passou a viver sob as condições que possibilitariam aprender a viver como outra pessoa vive.

A segunda carta do apóstolo Paulo a Timóteo consta entre os mais brilhantes tratados de liderança e prática pastoral de todos os tempos. Apresenta conselhos claríssimos a respeito do que se espera de um cristão verdadeiramente comprometido com o reino de Deus. (II Tm 1.14; 2.3,8, 9; 3.13,14; 4.12). A grande questão é como podemos cumprir esta tarefa no dia-a-dia de uma igreja local. Como podemos elevar nossas igrejas da categoria de agências de prestação de serviço religiosos para a dimensão de comunidade discipuladora. Como podemos estimular as pessoas a se comprometerem com Jesus, de modo que aprendam a fazer as coisas como ele faz e ser como ele é. A própria recomendação apostólica contém caminhos e respostas.

Billy Graham (1974) disse que “a Bíblia não nos foi dada para informação, mas, sim, para a nossa transformação”. É exatamente isso o que o apóstolo Paulo está dizendo a Timóteo: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a

educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda a boa obra”. (ITm 3.16,17) Perfeito e perfeitamente habilitado para toda a boa obra podem ser resumidos nos desafios de ser como Cristo e efetuar mais por Cristo. Nesse caso, o discipulado é um relacionamento através do qual o caráter de Cristo é formado e forjado na vida do cristão (Gl 4.19). Discipulado não é uma expressão que coloca discípulo e discipulador olhando um para o outro, mas ambos olhando para Jesus, autor e consumidor da nossa fé (Hb 11.3). O discipulado não é desafiado a tornar-se igual ao seu discipulador, mas igual a Cristo, refletido na vida do discipulador. Esta é a idéia de “sede meus imitadores como eu sou de Cristo” (I Co 11.1), expressão que todo aquele que se atreve a discipular pessoas deveria conseguir usar em relação a si.

Considerando que o discípulo deve ver a vida de Cristo refletida na vida do discipulador, o próprio apóstolo Paulo lembrar a Timóteo que não deveria se balizar apenas “pelo que de mim ouviste” (ITm 2.2), mas principalmente pelo que viu em sua vida, enquanto acompanhou de perto “a doutrina, procedimento, intenções, fé, longanimidade, amor, perseverança”, e até mesmo a maneira como Deus livrou o apóstolo de todas as suas angústias, perseguições e tribulações (I Tm 3.10-12). O modelo do discipulado foi estabelecido por Jesus, quando “convidou doze para que estivessem com ele” (Mc 3.14). Por esta razão, Paulo, apóstolo, exorta a Timóteo que lembre não apenas do que aprendeu, mas também e, principalmente, de quem aprendeu (ITm 3.14; 1.5). Portanto, o processo do discipulado pressupõe um relacionamento pessoal entre discípulo e discipulador.

A Escritura inspirada por Deus ensina não apenas em que crer, mas também como se comportar. O discipulado não é uma questão subjetiva, de foro íntimo, de crenças no coração, que ninguém pode atestar ou verificar. O discipulado de Cristo é uma questão prática, pois “a fé sem obras é morta” (Tg 2.17) e, como já foi dito, porque é morta não é fé, é fétida. Seguir a Cristo é mais do que conhecer suas palavras é obedecê-las, como o sábio que construiu a casa sobre a rocha (Mt 7.24,25). As dimensões do discipulado envolvem o crer e o fazer.

Um discípulo é mais do que um simples aluno. Ser um discípulo é assumir um compromisso de vida com seu mestre. Somos discípulos de Cristo porque aprendemos dele, andamos com ele, vivemos nele e para ele. Então, discípulo de Cristo é aquele que aprende com Cristo e vive para ele. O discipulado cristão consiste na jornada da vida cristã através da ajuda mútua entre os crentes em Cristo. (LUÍZ, 1999. p. 12).

O discipulado cristão exige um relacionamento de amor. A prática do amor passa a ser o vínculo primordial do aperfeiçoamento cristão. Deste modo, a lei do discipulado cristão é “Amemo-nos reciprocamente”. O discipulado cristão visa ao relacionamento de amor que permite o

crescimento do crente em sua identificação com a imagem de Deus por meio de Cristo como testemunho para aqueles que vivem longe de Deus.

Quando pensamos em discipulado, definimos dois elementos distintos: o discípulo e o mestre. Considerando o processo contínuo da aprendizagem, somos, então, discipulados e discipuladores, isto é, somos acompanhados e também somos acompanhadores no relacionamento cristão. Estamos sempre ensinando e estamos sempre aprendendo.

“Discipulado é um ato recíproco entre discipulado e o discipulador. todo discípulo deve ser, ao mesmo tempo, um bom aluno e um bom professor. O mestre e o discípulo são figuras que nortearão a visão do discipulado cristão. Se somos discípulos de Cristo devemos aprender com ele, ter as suas marcas e as características de um discipulador”. (LUÍZ, 1999. p.17).

O discípulo é aquele que estabelece uma aliança com o mestre. Receber Cristo como nosso Mestre implica que não poderemos agir com infidelidade para com ele. Jesus, mesmo amando-os profundamente, percebeu que dentre os seus discípulos alguém, a quem muito amava, não estava ligado a ele. Ser discípulos de Cristo, portanto, é estabelecer uma relação de obediência com os ensinamentos de Deus para o homem. O imperativo do amor é uma exigência moral e espiritual para com Deus. Certamente, o meio de Deus nos livrar do mal neste tempo é através de seu amor para conosco e deste amor sendo operacionalizado na vida dos crentes, levando outros a Deus através de sua fé em Jesus Cristo.

Alguém disse “há muitos bebês espirituais em nossas igrejas, mas há poucos pais e mães espirituais assumindo responsabilidade por eles”. O discipulado implica no acompanhamento eficaz conduzindo as pessoas a uma maturidade espiritual e liderança cristã. Nossas comunidades precisam de discipuladores que exerçam a função de pais espirituais acompanhando os novos crentes em Cristo, demonstrando o amor cristão, ensinando-lhes os princípios da Palavra de Deus, como exercer liderança e como testemunhar aos outros do poder de Deus na sua vida.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Deve haver envolvimento da igreja toda no sentido de tomar o novo crente num discípulo amadurecido. A igreja contribuirá de todo o seu programa de trabalho. Os cultos, a Escola Bíblica Dominical, a Escola de Treinamento, o relacionamento entre os crentes podem levar o crente novo a entender melhor da vida cristã. Mesmo assim, há outras oportunidades que a igreja pode oferecer. A

aula especial para o recém-convertido é essencial. Se os núcleos nos lares foram tão importantes na igreja primitiva, as igrejas deveriam reexaminá-los e pôr em prática também.

A igreja recebeu um mandamento de Cristo. Nunca pode ser exagerada a importância de doutrinar o crente novo. Temos que doutriná-lo, fazendo o melhor possível no acompanhamento dessa responsabilidade. Esforce inteligentemente garante excelentes resultados. E todos os dias acrescentavam o Senhor à igreja aqueles que haviam de salvar. (Atos 2.47).

Muitos pastores e igrejas fazem bonitos planos. Ostentam cartazes artisticamente preparados com um organograma bem ilustrado. Providenciam excelente treinamento. Depois de tudo montado, alguém se lembra de que a igreja votou sobre outra ênfase. Enquanto se decide, o trabalho fica paralisado. Outro se lembra de um compromisso anteriormente assumido, pede desculpas e deixa vazio o seu cargo. Daí a pouco ninguém mais se lembra do significado daquele belo cartaz colorido com um organograma tão bem feito. Como resultado, ninguém realiza nada.

A ação do discipulado contribui para o nosso fortalecimento na medida da comunhão e participação mútua no amor, responsabilidade, aceitação, admoestação e edificação. A unidade exige a responsabilidade de todos. Amor mútuo, responsabilidade mútua, exortação mútua. Assim como Paulo confirma, “sede submissos reciprocamente” (Ef 5.21).

Portanto, através da aplicação dos princípios de integração encontrados no Novo Testamento o pastor poderá conservar os membros que provavelmente se afastariam da igreja, poderá aprofundar a espiritualidade dos membros ativos, poderá reforçar seu ministério com os obreiros leigos e perpetuar nos crentes sua visão de ganhar a comunidade e o mundo para Cristo. Com certeza se procedermos desta forma estará apressando a volta do Messias.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Hayward. **Bases da Educação Cristã**. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida, Versão: Almeida Revista e Atualizada. SBB. 2ª Edição: São Paulo. 2017

BLACKMON, Denis Lester. **Integração Total dos Novos Convertidos**. São Paulo: Junta de Evangelismo, 1982.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2001,

BURROUGHS, P.E. **Como Ganhar vidas para Cristo**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista. 1962.

FIORINZA, Elisabeth Schussler. **Discipulado de Iguais**. Rio de Janeiro: Vozes. 1995.

- FALCÃO, Sobrinho João. **A Túnica Inconsútil: Doutrina da Igreja**. Rio de Janeiro: Juerp. 1998.
- GRAHAM, Billy. **Que Mais lhe Falta?** São Paulo: Vida Nova. 1974.
- LITTLE, Paul. E. **Como Compartilhar Sua Fé**. São Paulo: Vida Nova. 1976.
- LUIZ, Roberto. **Compromisso**. Revista. Rio de Janeiro. Juerp, Ed, Abril, n. 29, 1999.
- MOORE, Waylon.B. **Multiplicando Discípulos**. Rio de Janeiro: Juerp, 1983.
- MOORE, B. Waylon. **Integração Segundo o Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.
- PRICE, J.M. **A Pedagogia de Jesus: Mestre por Excelência**. Rio de Janeiro: Juerp, 1993.
- KUHNE, Gary W. **O Discipulado Dinâmico**. Belo Horizonte: Betânia, 1982.
- KORNFELD, David. **Ultrapassando Barreira**. São Paulo: Vida Nova. 1995.
- KORNFELD, David E. **Crescendo no Evangelismo Pessoal**. São Paulo: Editora Sepal. 1996.
- TOZER, A. W. **Mais Perto de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 1980.
- VELLOSO, Ary. **Discipulado: Crescimento da Igreja Local**. São Paulo: Editora Cresça. 1992.

# ***Capítulo 10***

---

## ***A GLOSSOLALIA NO CONTEXTO DO PENTECOSTES: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA E HISTÓRICA***

Irenilda Monção de Oliveira Lima

## A GLOSSOLALIA NO CONTEXTO DO PENTECOSTES: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA E HISTÓRICA

*Irenilda Monção de Oliveira Lima<sup>1</sup>*

### RESUMO

Este artigo investiga a glossolalia, ou dom de línguas, descrita no livro dos Atos dos Apóstolos no contexto do dia de Pentecostes, com foco na sua relevância teológica e histórica. O problema central abordado é a compreensão e interpretação desse fenômeno espiritual, tanto no momento histórico do Pentecostes quanto nas suas implicações para a teologia cristã ao longo do tempo. A hipótese principal é que a glossolalia desempenhou um papel fundamental na formação da identidade e missão da igreja primitiva, servindo como um sinal de poder divino e um meio de edificação comunitária. Os objetivos do estudo são analisar a manifestação da glossolalia em Atos dos Apóstolos, investigar suas interpretações teológicas históricas. Os resultados indicam que o dom de línguas foi crucial para a experiência espiritual dos primeiros cristãos e influenciou a prática e a doutrina da igreja ao longo dos séculos e até os dias atuais. As considerações finais destacam que a glossolalia continua a ter um impacto significativo na espiritualidade cristã atual, refletindo a importância do Pentecostes para a compreensão do agir do Espírito Santo e da missão da igreja.

**Palavras-chave:** glossolalia, Pentecostes, Atos dos Apóstolos, teologia cristã, manifestação espiritual.

### ABSTRACT

This article investigates the glossolalia, or gift of tongues, described in the book of the Acts of the Apostles in the context of the day of Pentecost, focusing on its theological and historical relevance. The central problem addressed is the understanding and interpretation of this spiritual phenomenon, both in the historical moment of Pentecost and its implications for Christian theology over time. The main hypothesis is that glossolalia played a fundamental role in forming the identity and mission of the early church, serving as a sign of divine power and a means of community building. The objectives of the study are to analyze the manifestation of glossolalia in the Acts of the Apostles, investigate its historical theological interpretations. The results indicate that the gift of tongues was crucial to the spiritual experience of early Christians and influenced church practice and doctrine throughout the centuries and up to the present day. The final considerations highlight that glossolalia continues to have a significant impact on current Christian spirituality, reflecting the importance of Pentecost for understanding the action of the Holy Spirit and the mission of the church.

**Keywords:** glossolalia, Pentecost, Acts of the Apostles, Christian theology, spiritual manifestation.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia. Especialista em Teologia Eclesiástica. E-mail: irenemoncao@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A glossolalia, ou dom de línguas, é um fenômeno religioso descrito na Bíblia, no livro dos Atos dos Apóstolos, que narra o que aconteceu no dia de Pentecostes. A Glossolalia desde o início da Igreja primitiva tem sido um motivo de controvérsias entre teólogos. Com o passar do tempo também entre psicólogos e denominações religiosas. Tudo isso porque a mesma é um evento sobrenatural que muitos tentam explicar de alguma forma, por isso, ela divide opiniões;

Uns a reputaram como doutrina. Outros, a carimbaram como uma euforia emocionalista e alguns não acreditam em sua existência, questionando sua origem e existência. Afinal o que é a Glossolalia? Como se manifesta? Qual a validade na vida dos cristãos? Ela pode ser falsificada e o que os diversos teólogos falam sobre ela?

A falta de debates acerca do tema gera muitas incertezas, e afeta uma das principais doutrinas pentecostais que é Pneumatologia, doutrina que estuda as ações e manifestações do Espírito Santo, no qual se encontra a manifestação da Glossolalia.

Apesar dos adventos das redes sócias e debates teológicos a questão da glossolalia ainda é um tema a ser estudado nos dias atuais, afinal muitos a conhecem popularmente como: línguas Estranhas sem saber o nome correto nos textos Bíblico.

Além disso, é essencial investigar como a glossolalia tem sido interpretada ao longo da história da teologia cristã e como suas implicações têm influenciado as tradições e práticas contemporâneas. A compreensão do dom de línguas no contexto do Pentecostes oferece uma perspectiva profunda sobre a relação entre o fenômeno espiritual e a formação da identidade e da missão da igreja.

Este estudo se propõe a analisar os aspectos teológicos e históricos da glossolalia, destacando sua relevância para a compreensão da experiência cristã primitiva e suas repercussões para a teologia e prática religiosa até os dias atuais. Ao fazê-lo, busca-se oferecer uma visão abrangente que ilumine tanto a importância do Pentecostes quanto as contínuas interpretações e aplicações do dom de línguas na vida da igreja.

Por estas questões, há a necessidade de tal pesquisa sobre o assunto, na tentativa de responder tais perguntas e também abordarei a importância da glossolalia para os pentecostais e como ela persistiu desde os tempos da igreja primitiva até os dias de hoje.

## 2. O QUE É GLOSSOLALIA

Conforme o dicionário Houaiss (2001) é a suposta capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso (como no milagre do Pentecostes). Para a Psicologia é um distúrbio de linguagem observado em certos doentes mentais que crê inventar uma linguagem nova.

De acordo com Champlin (1995) a palavra deriva do grego que significa “falar em línguas” (laleo=falar; e glossa= língua). Contudo a glossolalia é a capacidade sobrenatural de falar numa língua até então desconhecida do falante, é registrada pela primeira vez no dia de Pentecostes (atos2:4). Posteriormente o apóstolo Paulo referiu-se á glossolalia como Dom especial do Espírito, conhecido a alguns cristãos, devendo ser praticado para edificação da Igreja.

Segundo Champlin (1991), na sua Enciclopédia de “Bíblia Teologia e Filosofia”, refere-se a um tipo de declaração estáticas, algumas vezes formadas de silabas sem sentidos, mas sempre envolvendo alguma língua antiga ou moderna. Humana ou angelical. Trata-se de um fenômeno que o cérebro é capaz de reproduzir. Mais, nesse caso, apesar de muito agitar a pessoa, \_não é sinal de qualquer experiência religiosa.

### 2.1. COMO SE MANIFESTA?

Segundo Champlin (1991), os cristãos dizem que o Espírito Santo é o causador dessa experiência, mas um iogue ou um santo homem pode falar em níveis de consciência superior. Sócrates, por sua vez, fala sobre a mente universal. Todos, porém, indicam algum estado transpessoal. Experiências similares ao Batismo cristão no Espírito ocorrem no Kundalini dos hindus, embora sem acompanhamento das línguas, visto que, segundo ele crê, esse tipo de efeito superior não é esperado entre Eles.

Os elementos que aparecem deferem de acordo com as expectativas, ao mesmo tempo em que o âmago da experiência é universal e não sectário. Na Índia, um acontecimento secundário, um sinal, como as línguas, pode acompanhar o Kundalini chamam-se Kriya. Esse elemento é interessante, mas, não é a substância da mesma experiência. Lene, pois, acredita que é mister distinguir entre a formação religiosa e cultural de cada indivíduo, que tem interpretações específicas e parciais, e a experiência Mística, que tem uma amplitude universal.

Apesar das informações citadas, o falar em língua segunda a Bíblia, proferido no livro de atos, estar totalmente ligado ao batismo com o Espírito Santo, Em (atos 2:4). Deixa claramente que o falar em línguas dos cristãos primitivos veio após eles terem sido cheios do Espírito. Este pode sobrenatural o impulsionou a falar em novas línguas, Lucas o autor de Atos relata em seu livro que

muitos se admiravam (estrangeiros de diversas partes do mundo que estavam em Jerusalém, próximo ao cenáculo), pois, ouviram e testificavam que eles falam em suas línguas de origem, sendo (os que falavam, em sua Maioria) israelitas e pessoas de baixa renda, pescadores, viúvas e outros, que nunca aviam saído de Israel, ou estudado as línguas de outros povos.

Segundo Bérghsten (1999), escreve a glossolalia (o falar em línguas) era um dom mais conspícuo popular dos primeiros anos da igreja. Parece que foi o acompanhamento regular e a evidência do Espírito Santo sobre os crentes.

Observando essas palavras observa-se que o Espírito se manifestou de duas formas: primeira como evidência do batismo com o Espírito Santo e como dom para edificação dos batizados.

### **3. A GLOSSOLALIA, DESDE O TEMPO DA IGREJA PRIMITIVA ATÉ O TEMPO DE HOJE**

Alguns argumentam que a manifestação do falar em línguas limitou-se a época dos apóstolos. Aconteceu para ajudá-lo a estabelecer o Cristianismo uma novidade naquela época. Não existe limite à continuidade dessa manifestação no Novo Testamento. Agostinho (354-430), o notável teólogo do Cristianismo, escreveu: ainda fazemos como fizeram os apóstolos, quando impuseram as mãos sobre os samaritanos, invocando sobre eles o Espírito mediante a imposição das mãos. Espera-se por parte dos convertidos que falem em novas línguas.

Irineu (115-202d.C.), notável líder da igreja que por sua vez era discípulo de Policarpo, que por sua vez foi discípulo do apóstolo João. Irineu escreveu: “Temos em nossas igrejas muitos irmãos que possuem dons espirituais e que, por meio do Espírito, falam toda sorte de línguas”.

#### **3.1. A GLOSSOLALIA PARA OS PENTECOSTAIS.**

A glossolalia, ou dom de línguas, é um fenômeno central para a teologia pentecostal, frequentemente interpretado como uma manifestação direta do Espírito Santo. Segundo Tuner (1999), a glossolalia representa uma experiência de comunicação direta com o divino, que transcende a linguagem humana comum e permite uma forma elevada de expressão espiritual. Para os pentecostais, esse fenômeno não é apenas um aspecto do culto, mas uma prova tangível da presença do Espírito Santo em suas vidas. Tuner (1999) argumenta que, nesse contexto, a glossolalia serve como um meio de edificação pessoal e comunitária, estabelecendo uma conexão íntima e imediata com Deus.

A compreensão pentecostal da glossolalia está profundamente enraizada no relato do dia de Pentecostes, conforme descrito no livro de Atos dos Apóstolos. Segundo Bruner (1993), o evento de Pentecostes é interpretado como o cumprimento da promessa de Jesus sobre o envio do Espírito Santo, que se manifesta através da capacidade de falar em línguas desconhecidas. Bruner (1993), enfatiza que a glossolalia é vista como um sinal de que o Espírito Santo foi derramado sobre os crentes, marcando o início da missão global da igreja. Para os pentecostais, este evento não é meramente histórico, mas um padrão para a experiência espiritual atual.

A teologia pentecostal distingue a glossolalia de outras formas de expressão espiritual, considerando-a um dom espiritual especial e não uma habilidade adquirida. Segundo Perlman (1970), os pentecostais acreditam que a glossolalia é um dom gratuito do Espírito Santo, conferido aos crentes como um sinal de confirmação da plenitude espiritual e da presença divina. O autor citado acima sugere que esse dom é um meio de expressão que permite aos indivíduos transcender as limitações da linguagem humana e experimentar uma forma direta de adoração e intercessão.

O fenômeno da glossolalia também tem implicações significativas para a prática e a doutrina da igreja pentecostal. Como argumenta Bérghsten (1999), a glossolalia não apenas confirma a presença do Espírito Santo, mas também fortalece a coesão e a identidade da comunidade pentecostal. O mesmo autor observa que a prática da glossolalia serve para unificar os crentes em torno de uma experiência compartilhada e fortalecê-los espiritualmente, promovendo uma sensação de pertencimento e apoio mútuo dentro da congregação.

Adicionalmente, a glossolalia é vista como um meio de edificação pessoal e comunitária. De acordo com Bruner (1983), o uso das línguas em contextos de adoração e oração proporciona uma forma de edificação espiritual que é particularmente valorizada pelos pentecostais. Bruner (1983), argumenta que a prática da glossolalia fortalece a vida espiritual dos indivíduos e da comunidade ao proporcionar uma experiência de contato direto com o divino, que é considerada essencial para a vida cristã vibrante e ativa.

Entretanto, a glossolalia não é isenta de controvérsias e desafios. Em sua análise crítica, Tuner(1999) aponta que a prática da glossolalia pode gerar divisões dentro da comunidade cristã, especialmente quando diferentes tradições interpretam o fenômeno de maneiras variadas. Embora a glossolalia seja central para a teologia pentecostal, sua prática e interpretação podem criar tensões entre os pentecostais e outras tradições cristãs que não compartilham da mesma ênfase na experiência do Espírito Santo.

Em conclusão, a glossolalia continua a desempenhar um papel fundamental na teologia e na prática pentecostal. Através das perspectivas de diversos estudiosos, é possível compreender a importância da glossolalia não apenas como uma manifestação espiritual, mas também como um

elemento central da identidade e da prática pentecostal. Sua análise revela como a glossolalia contribui para a edificação pessoal e comunitária, ao mesmo tempo em que apresenta desafios e oportunidades para a vivência da fé cristã no mundo contemporâneo.

### **3.2. A MISSÃO DAS LÍNGUAS**

Com todas as qualificações necessárias, os pentecostais acreditam, finalmente, que devem permanecer fiéis à sua nomenclatura. O batismo pentecostal e glossolálico no Espírito santo\_ para serem leais à Bíblia, ao seu movimento, à sua missão mundial e, não como consideração mínima, sua missão à igreja inteira, especialmente ao protestantismo para o qual, naturalmente, sente responsabilidades especiais.

Para Horton (2002), os pentecostais acreditam que sempre que seu distintivo glossolálico é minimizado, o resultado é que periclitam sua existência e seu ministério como um movimento. A experiência tem comprovado, que sempre tem havido um enfraquecimento quanto a este aspecto, cada vez menos crentes têm sido realmente batizados no Espírito Santo e o testemunho (pentecostal) tem tendido a perder o fogo que lhe deu à luz e que conserva com vida.

Os pentecostais acreditam que é precisamente esta experiência \_o batismo no Espírito Santo com evidência das línguas que é o tesouro do pentecostalismo, a ser contribuído à igreja universal e , nas palavras de Horton (2002), é bem possível que seja o destinado portão de entrada para o âmbito total de uma experiência no Espírito Santo tão íntima e poderosa como aquela que foi desfrutada pela igreja primitiva. Esta experiência pode fornecer, pelo menos, um portão de entrada para a compreensão do significado interior do movimento pentecostal.

## **4. QUAL A VALIDADE NA VIDA DOS CRISTÃOS?**

### **4.1. A LÍNGUA ESTRANHA COMO UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO A DEUS:**

A língua estranha tem uma finalidade muito além daquelas que é ser sinal do recebimento do batismo com o Espírito Santo. Conforme (1Co 14.2) o que fala língua estranha não fala aos homens se não a Deus, e em espírito fala de mistério. Assim, embora aquele que fala não entenda o que está falando, o seu espírito está falando de mistério com Deus, isto é, a língua estranha torna-se um meio de comunicação com Deus.

#### 4.2. EDIFICAÇÃO ESPIRITUAL:

O falar em língua promove edificação individual do cristão segundo (1Co 14.4) Como mensagem profética, se associa ao dom de Interpretação: Nesse ponto, é bom observa que existem tipos de língua estranha.

a) Sinal ou evidência do Batismo no Espírito Santo. É dada a cada crente quer recebe o batismo no Espírito.

b) Dom de variedade de línguas: Nem todos possuem esse dom (1 Co 12.29). Mas quem o possui, dirige-se a igreja em línguas estranhas. Nesse caso, a interpretação faz-se necessário, para que a congregação entenda a mensagem (1 Co 14.5,27). Havendo interpretação. A igreja receberá uma mensagem profética. Por essa razão, a Bíblia incentiva os que falam em línguas a orarem para que recebam o dom de interpretar (1Co 14.13).

c) As línguas como sinal de revestimento de poder: Goppett (2002), da universidade de Yele, em seu livro Teologia do Novo Testamento, escreve: o espírito era considerado como dom especial que nem sempre acompanhava o batismo e a fé. Os samaritanos não foram considerados como tendo o Espírito santo quanto Creram na palavra de Deus.

Eles haviam crido e foram batizados, mais foi somente quando Pedro e João impuseram as mãos sobre eles que o dom do Espírito foi derramado. Evidentemente, aqui se vê algum revestimento ou experiência especial. Para os Cristãos falar em Línguas Pela Primeira Vez Significa não só o batismo com o Espírito mais também um revestimento de Poder.

### 5. A GLOSSOLALIA PODE SER FALSIFICADA?

Há evidências que a glossolalia por ser algo sobrenatural pode ser sim falsificada, o falar em línguas poder ser de caráter emocional e dos demônios.

#### 5.1. LÍNGUAS EMOCIONAIS

São aquelas que a pessoa cria em sua mente um idioma, ou repete as palavras que ouviu de uma pessoa que realmente foi batizada, com intuito de muitas vezes simplesmente aparecer. Não existe nela nem um indício de batismo com Espírito Santo nem alegria e nem modificação em seu comportamento posterior ex; uma pessoa que estava triste no ambiente, acha que falou em outra língua pela primeira vez, e continua com o mesmo sentimento de tristeza no coração e no rosto, e difícil alguém que passou por uma experiência sobrenatural como o falar em línguas continue da mesma foram a que estava antes, comumente nessas manifestações as pessoas (Que falam em

línguas pela primeira vez), sentem-se alegres, renovadas, cheias de um poder sobrenatural e uma alegria incomparável.

## **5.2. LÍNGUAS DE DEMÔNIOS**

Geralmente este tipo de manifestação da língua por demônios é muito sombrio, não a sinal de vida nas pessoas, pois geralmente está, está possessa, as línguas não são claras e sim obscuras, parecem gemidos, e causam certo medo, a pessoa não expressar alegria, e ao serem tocadas agem com brutalidade manifestando a possessão. Com que objetivo um demônio imitar línguas estranhas, para confundir as pessoas que as ouvi, pois, ao vê as atitudes provocadas pela pessoa possessa, pode tirar conclusões precipitadas do batismo com o Espírito Santo e o dom das línguas.

## **5.3. ARGUMENTO PENTECOSTAL**

O simples fato de alguém falar “noutras línguas” ou exercitar outra manifestação sobrenatural não é evidência irrefutável da obra e da presença do Espírito Santo. O ser humano pode imitar as línguas estranhas como fazem os demônios. A Bíblia nos adverte a não cremos em todo espírito, e averiguarmos se nossas experiências espirituais procedem realmente de Deus (I Jo 4.1).

De acordo com Perlman (1995), somente devemos aceitar as línguas se elas procedem do Espírito Santo, como em Atos 2.4. Esse fenômeno, segundo o livro de Atos, deve ser espontâneo e resultado do derramamento inicial do Espírito Santo. Não é algo aprendido, nem ensinado, como, por exemplo, instruir crentes a pronunciar sílabas sem nexos.

O Espírito Santo nos adverte claramente que nos últimos dias surgirá apostasia dentro da Igreja (I Tm 4.1-2); sinais e maravilhas operados por satanás (Mt 7.22-23; II Ts 2.9) e obreiros fraudulentos que fingem serem servos de Deus (II Pe 2.1-2). Se alguém afirma falar em outras línguas, mas não é dedicado a Jesus Cristo, nem aceita a autoridade das Escrituras, nem obedece à Palavra de Deus, qualquer manifestação sobrenatural que nele ocorra não provém do Espírito Santo (I Jo 3.6-10; 4.1-3; Gl 1.9).

## **6. AS DISCUSSÕES DOS DIVERSOS TEÓLOGOS**

Os grandes teólogos consideram o tema Glossolálico complexo, pois, não existe um meio racional para explicar corretamente esta manifestação das línguas estranhas no meio Evangélico, por isso a uma grande variedade de Opiniões.

6.1 **Myer Pearlman.** Relata: “Temos que notar alguns fatos importantes sobre o falar em línguas. O que produz esta manifestação? O impacto do Espírito de Deus sobre a Alma Humana. É tão direto e com tanto poder, que a pessoa fica extasiada, falando de modo sobrenatural. Isto pelo fato da mente ficar totalmente controlada pelo Espírito. Para os discípulos, era evidência de estarem totalmente controlados pelo poder do Espírito prometido por Cristo. Quando uma pessoa fala em língua que nunca aprendeu, pode ter a certeza de que algum poder sobrenatural assumiu o controle sobre ela.”

6.2 **Leonhard Goppelt.** Argumenta que a glossolalia não é a expressão mais genuína do Espírito, ele escreve: “Paulo, porém, afirma que é a profecia. Pois sentido e critério do culto é a manifestação de Deus aos Homens. Ao estranho que entra no culto, a glossolalia deve parecer “loucura”. A palavra profética, porém, atinge-o, revela-lhe a existência sub specie Dei, de sorte que pode chegar a confessar: ‘Deus está em vosso meio!’” Assim ele explica que foi manifesto o caráter de culto da reunião da comunidade assim como está escrito em (1Co 14,23-25).

6.3 **Henry I. Lederle.** Portanto, reconhece a glossolalia (o falar em outras línguas) como um dos “aspectos legítimos da nossa fé apostólica”, mas rejeita a doutrina das línguas como única evidência do batismo no Espírito santo.

Uma das questões que mais sofre divergências é: a glossolalia como a única evidencia do batismo com o Espírito Santo. Já que não adianta questionar a sua existência, nem a sua origem por meios racionais. Por isso a respeito deste assunto a várias opiniões.

6.4 **Carl Henry.** Articula essa posição teológica: a presente controvérsia focaliza-se em grande medida na declaração dos carismáticos de que as línguas são evidência do batismo no Espírito. Esse ponto de vista não recebe nenhum apoio de colunas históricas da fé cristã como Lutero, Calvino, Knox, Wesley, Whitefield, Edwards, Carey, Judson e outros.

6.5 **Bruner.** Em harmonia à sua convicção de que o batismo no Espírito Santo e a conversão cristã são a mesma coisa, também nega a língua como evidência. Porém, do outro lado Howard Ervin afirma que a glossolalia é a prova indubitável externa do batismo com Espírito Santo. Juntamente com ele esta.

6.6 **J.R. Williams,** “O falar em outras línguas era a evidência nítida de que o Espírito santo havia sido outorgado”.

6.7 **F.F Bruce**. Parece concordar com isso ao comentar as experiências dos samaritanos. E desta mesma forma A. T Robertson e Donald Gee também concordam que a glossolalia é manifestada pela primeira vez e esta totalmente ligada ao batismo com o Espírito Santo.

6.8 **R. N. Champlin**. Este se refere glossolalia como uma pequena parte do reino de Deus, o início de grande coisas que Deus tem para nós, pelo fato de que quem ouvi, as línguas não as entende, assim ela não tem validade para quem as ouvi a não ser se tiver quem a Interprete.

Ele afirma que é errado glorificar as línguas como se por elas mesma, fossem algo de grandioso. Se houver alguma grandeza, em uma pessoa ou em um acontecimento, isso se deve a alguma espiritualidade mais profunda, ou por as línguas, quando do pentecoste, tiveram um efeito evangelizador. Possibilitaram que alguns ansiassem a tantos em tão pouco tempo. Todavia, também serviram de sinal da realidade da descida do Espírito Santo.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas opiniões acerca do falar em língua, porém segundo muitos teólogos cristãos o falar em língua é uma dádiva concedida por Deus, nos dada por intermédio do Espírito Santo, para aqueles que a buscam de coração, para edificação e fortalecimento espiritual de uma Nova vida em Cristo.

Apesar da polemica que envolve o falar em línguas como evidência inicial do batismo no Espírito Santo, o Estudo deixa claro que o falar em línguas está ligado a ação do Espírito, manifestado como evidência do batismo ou como dom, deixando claro que nomeio Pentecostal a glossolalia possui uma grande utilidade na vida dos cristãos, pois na fé cristã, tudo que Deus nos concede, possui propósito e finalidade. Desta forma o falar em língua é de grande valor espiritual.

Portanto concordamos em partes com R.N. Champlin, no que tange o fato da autoglorificação as línguas, compreendemos que elas são importantes mais que o Espírito possui muito mais a nos oferecer, e que o falar em línguas é apenas uma parte das grandezas que Deus têm para nos dar.

Concluindo este artigo, com a certeza que essa pesquisa da grande relevância para o meio teológico, pois, assim como muitos cristãos na atualidade, não possuía o conhecimento das questões que abordavam a glossolalia, nem o batismo com o Espírito, isto fez-me, Despertar para a questão, para firmeza da fé e certezas naquilo que creio.

Afinal terei que defendê-la com argumentos sólidos, principalmente ao que se retrata ao Pai, Filho e Espírito Santo. A questão da glossolalia está em meio das principais doutrinas Bíblicas, por isso, entendemos que não existe uma forma científica de explicar o falar em línguas, porém, não se pode negar a sua existência, pôs através da busca por uma experiência sobrenatural muitas pessoas tem experimentado e desfrutado desta experiência sobrenatural.

## **REFERÊNCIAS**

- BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida, Versão: Almeida Revista e Atualizada. SBB. 2º Edição: São Paulo. 2017
- BÉRGSTEN, Eurico, **Introdução a Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.
- BRUNER, Frederick.D. **Teologia do Espírito Santo**. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- CHAMPLIN, Russell.N.e BENTES, J.M. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia**, vol, 3. São Paulo: Candeia, 1991.
- CHAMPLIN, Russell. N. **Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. Vol, 5. São Paulo: Candeia, 1995.
- DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GOPPETT, Leonard. **Teologia do Novo Testamento**. 3.<sup>a</sup> edição, São Paulo: Teológica, 2002.
- HORTON, Stanley.M. **Teologia Sistemática**. 7.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2002
- PERLMAN, Myer. **Atos e a Igreja fez Missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995
- PERLMAN, Myer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1970.
- TUNER, Donald. D. **A Doutrina do Espírito e a Igreja**. São Paulo: IBR, 1999.



---

# OS DESAFIOS DA TEOLOGIA NOS DIAS ATUAIS

---

**CARLOS ANDRÉ DOS SANTOS SILVA**  
**ORGANIZADOR**

Apresentamos o primeiro volume do e-book "**Os desafios da Teologia nos dias atuais**", fruto do trabalho dos autores do **Seminário Teológico Assembleia de Deus – SETAD**. Esta compilação de estudos foi criada visando fornecer uma análise abrangente dos principais obstáculos enfrentados pela teologia no mundo atual. **A obra reúne contribuições valiosas de ex-alunos, pastores e professores da área, cada um trazendo uma perspectiva única e enriquecedora.**

O e-book é destinado a um **público diversificado, como estudantes de teologia, pastores, professores, membros da igreja e a comunidade em geral**. O nosso objetivo é refletir sobre as questões teológicas atuais. Consideramos que a compreensão dos desafios contemporâneos pode contribuir para a prática e o estudo da teologia, fornecendo novas ferramentas e abordagens para lidar com as complexidades.

Cada capítulo deste e-book **visa analisar um aspecto específico dos desafios teológicos**, que abrange desde questões acadêmicas até práticas ministeriais. **Os autores, por meio de sua experiência e conhecimento, oferecem visões valiosas que não apenas iluminam os desafios enfrentados, mas também sugerem caminhos possíveis para superá-los.**

Agradecemos a todos os colaboradores, os pastores, professores e os ex-alunos que depositaram a sua confiança neste projeto de **EXPANSÃO TEOLÓGICA VOLUME 1**. Cremos que "**Os desafios da Teologia nos dias atuais**" contribuirá para uma compreensão e prática mais eficientes da teologia, apoiando, dessa forma, **a missão de transformar vidas através da Palavra de Deus.**

**“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; [...]”**. (Romanos 1.16)

Em breve, lançaremos um segundo volume. Apresente a sua pesquisa teológica para todos os que amam a Palavra de Deus.

*Pr. Prof. Carlos André dos Santos Silva*



**EDITORA ENTERPRISING**

www.editoraenterprising.net  
E-mail: [contacto@editoraenterprising.net](mailto:contacto@editoraenterprising.net)  
Tel. : +55 61 98229-0750  
CNPJ: 40.035.746/0001-55

